

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Ana Paula Barbosa

Significações de funcionários da Educação sobre a sua formação por meio do
Profuncionário: o impacto em sua atividade profissional

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Ana Paula Barbosa

Significações de funcionários da Educação sobre a sua formação por meio do
Profuncionário: o impacto em sua atividade profissional

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

São Paulo
2018

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá.*

CAMINHOS DO CORAÇÃO, GONZAGUINHA

Dedico este trabalho a todos os profissionais da
educação que estão em busca de uma educação de
qualidade para todos.

Bolsista CAPES 1º e 2º semestre de 2017 e CNPq (Processo 130111/2018-0) 1º semestre de 2018.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar, carinhosamente chamada de Ia, que eu tanto admiro, por indicar sempre os melhores caminhos para esta pesquisa, por possibilitar que ela fosse concretizada. Por estar sempre junto, por contribuir imensamente com o meu desenvolvimento, sempre compartilhando o seu conhecimento e a sua sabedoria de maneira leve e descontraída.

Aos meus pais, Lourdes e Isaias pelo imenso amor e que sempre deram muito valor aos estudos e direta e indiretamente me incentivaram a continuar sempre estudando.

Às minhas irmãs, Márcia e Shirley, pelo apoio, incentivo e por estarem sempre presentes e torcendo por mim. A Márcia, em especial, pela contribuição direta com esta pesquisa, ao fazer as transcrições das entrevistas.

Ao Prof. Dr. João Monlevade pela acolhida, pelo envolvimento com esta pesquisa e pelas inúmeras e valiosas contribuições durante todo o processo da pesquisa, inclusive na banca.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Ronca, por acolher a pesquisa e a pesquisadora, por participar da banca, pelas pertinentes e significativas indicações e contribuições para este estudo e por todo o aprendizado propiciado, inclusive pelos momentos *cult* das aulas.

Aos amigos e colegas do GADs, pelas discussões, apoio e pelos momentos de descontração durante os dois anos na PUC.

Aos amigos e colegas da minha turma por terem compartilhado tantos momentos e por todo o aprendizado. Especialmente à Ana Helena pela parceria desde o início do mestrado e à Marina, por todo o companheirismo, pela amizade e pelas longas conversas.

Aos amigos doutorandos, Agda, Fábio, Luciana e Sayuri, pela amizade, disponibilidade, e como pares mais experientes, por compartilharem seus conhecimentos sobre o mundo acadêmico e por contribuírem com esta pesquisa e com o meu aprendizado.

Aos professores do PED, principalmente aos que lecionaram para mim, pois com certeza aprendi e me desenvolvi muito através das aulas e dos estudos propostos.

Aos funcionários e educadores da PUC, especialmente, ao Edson, pela sua atenção e disponibilidade.

Aos educadores, funcionários da educação básica, que participaram desta pesquisa e contribuíram imensamente, especialmente as duas participantes entrevistadas, Júlia e Mirtes, que me receberam muito bem e sem elas essa pesquisa não teria se concretizado.

Aos meus colegas de trabalho do IFSP, principalmente ao Canato e a Josi, pela contribuição com o projeto de dissertação, pelas conversas e pelos apontamentos.

Ao IFSP por me conceder afastamento no último ano, e assim, pude me dedicar integralmente à pesquisa.

À CAPES e ao CNPq pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

BARBOSA, Ana Paula. **Significações de funcionários da Educação sobre a sua formação por meio do Profuncionário: o impacto em sua atividade profissional**. 2018. 195 fls. Dissertação de Mestrado (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2018.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo apreender as significações de funcionários da educação da escola básica pública formados no Instituto Federal de São Paulo, *câmpus* São Paulo, sobre o processo de formação no curso técnico de Secretaria Escolar do Profuncionário. Os sujeitos da pesquisa para a primeira etapa foram os alunos da turma de 2014 e para a segunda etapa duas alunas escolhidas deste grupo. Os procedimentos para a produção de informações foram: questionários enviados aos alunos da turma e entrevistas realizadas com duas alunas escolhidas a partir das respostas ao questionário, que foram gravadas e transcritas. Para a escolha destas participantes considerou-se a diversidade entre as respostas, uma concordou com a maior parte das afirmações ao contrário da outra participante. A pesquisa é fundamentada nos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, embasada na teoria de Vigotski, de seus seguidores e de outros autores contemporâneos. A análise dos dados foi realizada a partir do procedimento denominado Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013; AGUIAR et al., 2015). A análise revela a necessidade de formação inicial e continuada para o funcionário da Educação; confirma a relevância de políticas públicas para valorização deste funcionário, tais como formação, piso salarial e plano de carreira; infere que para o real reconhecimento do funcionário como educador é necessário que o próprio funcionário da educação se reconheça como educador, assim como a comunidade escolar e a sociedade; indica que o curso em análise propiciou o entendimento e o respeito a diversidade e, por conseguinte, a melhoria da qualidade das relações. Como último aspecto, mas não menos importante, aponta a necessidade de voltar a atenção à afetividade no planejamento e no desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem, especialmente em cursos na modalidade de Educação a Distância e para a maior articulação entre teoria e prática, desenvolvendo a práxis, em que propicie a reflexão sobre a prática.

Palavras-chave: Funcionários da Educação; Profuncionário; Formação; Sentidos e Significados.

BARBOSA, Ana Paula. **Meanings of Educational employees about their professional education by means of the Profuncionário: the impact on their professional activity**. 2018. 195 fls. Master's Dissertation (Program of Post-Graduate Studies in Education: Psychology of Education). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2018.

ABSTRACT

This research had the objective of recognizing the meanings of the Educational Employees of the public basic school, formed at the Instituto Federal de São Paulo, Campus São Paulo, regarding the education process in the Technical course of the School Secretary of the Profuncionário. The individuals for the first phase of the research were the 2014 class students and for the second phase two students chosen from this group. The procedures to produce information were: questionnaires sent to the class students and interviews with two students chosen based on the answers to the questionnaire, which were recorded and transcribed. The two participants were chosen considering the diversity between the responses, as one agreed with most of the statements while the other participant opposed them. The research is anchored on the assumptions of Socio-Historical Psychology, based on the theory of Vigotski, his followers and other contemporary authors. The data analysis was performed using the procedure called Nucleus of Meanings (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013; AGUIAR et al., 2015). The analysis reveals the need for initial and continuing education for the Educational employee; confirms the relevance of public policies for valuing this employee, such as education, minimum wage and career plan; infers, for the real recognition of the employee as an educator, the need for the educational employee to recognize himself as an educator, as well as the school community and society; indicates the course under analysis provided the understanding and respect for diversity, therefore improving the quality of the relationships. However, it points out the need for attention to affectivity in the planning and development of teaching-learning processes, especially in distance learning courses and to a better articulation between theory and practice, developing the praxis, in that it allows the reflection about practice.

Keywords: Educational employees; Profuncionário; Formation; Senses and Meanings.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

AFUSE	Sindicato dos Funcionários e Servidores da Educação de São Paulo
CEB	Câmara de Educação Básica
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNTE	Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação
CONAFEP	Coordenação Nacional dos Funcionários da Escola Pública
DEFE	Departamento Nacional dos Funcionários da Educação
EAD	Educação a Distância
FME	Fórum Mundial de Educação
IE	<i>International Education</i>
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFBA	Instituto Federal da Bahia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NS	Núcleos de Significação
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
REE-SP	Rede Estadual de Educação de São Paulo
SAE	Sindicato dos Trabalhadores em Escolas Públicas do Distrito Federal
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura geral do curso	40
Quadro 2 – Disciplinas pedagógicas	40
Quadro 3 – Disciplinas técnicas comuns.....	40
Quadro 4 – Disciplinas do curso técnico de Secretaria Escolar	40
Quadro 5 – Nível de concordância às afirmativas que compuseram o questionário	68
Quadro 6 – Áreas de atuação na Escola.....	69
Quadro 7 – Núcleo de Significação 1, entrevistada Júlia	71
Quadro 8 – Núcleo de Significação 2, entrevistada Júlia	75
Quadro 9 – Núcleo de Significação 1, entrevistada Mirtes	83
Quadro 10 – Núcleo de Significação 2, entrevistada Mirtes	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – PESQUISAS JÁ REALIZADAS SOBRE OS FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO	21
CAPÍTULO II – O PROFUNCIONÁRIO COMO PROGRAMA DE FORMAÇÃO. 35	
2.1 A Educação à distância	43
CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	46
CAPÍTULO IV – A PESQUISA.....	56
4.1 Objetivo geral	58
4.1.1 Objetivos específicos	58
4.2 Sujeitos da pesquisa e caracterização	59
4.2.1 Caracterização da escola da Júlia.....	61
4.2.2 Caracterização da escola da Mirtes	62
4.3 Procedimentos para a produção de informações	63
4.3.1 O processo de entrevistas com a Júlia.....	65
4.3.2 O processo de entrevistas com a Mirtes	65
4.4 Procedimento para análise das informações: Núcleos de Significação	65
CAPÍTULO V – ANÁLISES	
5.1 Primeiras análises a partir do questionário.....	69
5.2 Das informações aos dados – a seleção dos Pré-indicadores, construção dos Indicadores e dos Núcleos de Significação	71
5.2.1 Pré-indicadores, Indicadores e Núcleos de Significação construídos a partir das entrevistas realizadas com a participante Júlia.....	72
5.2.2 Pré-indicadores, Indicadores e Núcleos de Significação construídos a partir das entrevistas realizadas com a Mirtes.....	84
5.3 Análises dos Núcleos de Significação	93
5.3.1 Núcleo 1 de Júlia – a experiência é o elemento fundamental para aprimorar a prática, mas e a formação, como está?	93
5.3.2 Núcleo 2 de Júlia – o trabalho de um funcionário na educação: A peculiaridade do ambiente escolar	99
5.3.3 Núcleo 1 de Mirtes – a finalidade da formação para o funcionário da educação: entre as expectativas e a realidade.....	105

5.3.4 Núcleo 2 de Mirtes – o trabalho do funcionário da educação como parte da totalidade da escola – em meio à desvalorização da profissão e aos entraves da escola para estabelecer relações democráticas	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE INTERNÚCLEOS	122
REFERÊNCIAS.....	134
APÊNDICES	142
Apêndice A – Questionário enviado por e-mail.....	142
Apêndice B – Perguntas para a primeira entrevista	145
Apêndice C – Perguntas para a segunda entrevista	146
Apêndice D – Informações da turma de 2014	148
Apêndice E – Transcrição da primeira entrevista com a Júlia (03 de abril de 2018)	149
Apêndice F – Transcrição da primeira entrevista com a Mirtes (04 de abril de 2018)	166
Apêndice G – Transcrição da segunda entrevista com a Júlia (04 de maio de 2018)	174
Apêndice H – Transcrição da segunda entrevista com a Mirtes (03 de maio de 2018)	188
Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	194

INTRODUÇÃO

A escola, ao buscar uma educação de qualidade, na qual os sujeitos envolvidos estejam em prol de um objetivo comum, deve se preocupar com a formação de todos, pois entendemos que a esta compõe uma totalidade e, como tal, todas as partes estão articuladas e se constituem mutuamente. Nesse ambiente escolar, cada sujeito – aluno, professor, funcionário e gestor – participa do processo de formação dos outros sujeitos.

Essa instituição possui papel primordial no ato de educar, sendo que devemos considerar que a educação ocorre em diversos espaços e não somente nas relações professores e alunos, mas também com os demais sujeitos que compõem esse espaço educativo. Assim, há a necessidade de voltarmos o olhar aos outros atores presentes nesses espaços.

As especificidades próprias é que diferem a escola de outras instituições, pelo papel que ocupa e pelo objetivo de formar cidadãos, em que o aluno recebe a formação ao mesmo tempo em que participa, ativamente, desse processo. “Ora, se é verdadeira a singularidade da instituição escola, também os profissionais que nela atuam, por consequência, guardam particularidades que os diferem de outros profissionais” (NASCIMENTO, 2009, p. 377).

Para Vigotski (1989), o sujeito aprende e se desenvolve por meio das relações sociais e culturais com o outro, como explica Sirgado (2000, p. 65).

Quanto ao envolvimento do outro nas relações sociais, a posição de Vigotski é muito clara. Ele afirma repetidas vezes o papel do *outro* na constituição cultural do homem. ‘Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros’, diz ele repetidas vezes, vendo neste princípio a essência do processo de desenvolvimento cultural na sua forma puramente lógica.

Na minha experiência de professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, percebia como os funcionários da educação também tinham o papel de educar, seja ao intervir em uma briga entre crianças no parque da escola ou simplesmente nos diálogos do dia a dia ou, ainda, ao conduzir o momento da alimentação.

Neste estudo denominamos “funcionários da educação” os trabalhadores da escola básica que não são professores e gestores: equipe da cozinha, inspetores de alunos, equipe de conservação e limpeza, secretários e seguranças, entre outros.

Mesmo entendendo que o grupo “funcionários” engloba todos os outros trabalhadores da escola, tais como professores, coordenadores e diretores, optamos por essa denominação ser utilizada pela Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação (CNTE), a partir de 2014. Até então estes eram nomeados de funcionários da escola. Na escola já foram, e por vezes ainda são chamados de “não docentes” (dando ênfase ao que não são). A denominação deste grupo de funcionários não é unânime, tanto em artigos como em documentos oficiais, nos diversos segmentos se referem como profissionais de apoio, técnico-administrativo, funcionários da escola (entre outros) e, inclusive, “não docentes”.

Denominaremos “profissionais da educação” todo o conjunto de profissionais da Educação Básica – professores, pedagogos e funcionários da educação – por ser a nomenclatura atualizada na Lei nº 9.396, em seu art. 61 (BRASIL, 1996).

Desde 2013 sou pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), do Câmpus São Paulo, e trabalhei no curso técnico de Secretaria Escolar do Programa Profuncionário, oferecido por este câmpus, voltado a funcionários da educação da escola pública. Este curso era destinado especificamente para funcionários que atuavam nas secretarias, no entanto, outros profissionais da escola pública também o frequentaram.

Atuei como professora de algumas disciplinas da área pedagógica, no apoio e suporte ao curso e depois como coordenadora de tutores. E essas duas experiências – professora do ensino básico e professora e coordenadora de tutores do curso técnico de Secretaria Escolar – permitiram que eu olhasse para a importância da oferta de cursos específicos voltados para funcionários da educação.

Assim, identificamos na formação dos funcionários da educação mais um caminho necessário para alcançarmos a melhoria da educação, considerando que esses sujeitos também são importantes na construção dessa educação de qualidade. E quando falamos de funcionários da educação, estima-se (MONLEVADE, 2014) que sejam mais de um milhão de pessoas no Brasil. Temos somente estimativas, pois,

diferentemente dos estudantes e professores, os funcionários da educação não são contabilizados pelo Censo Escolar.

Como afirma João Monlevade, sindicalista da educação e estudioso dos processos de identidade, formação e valorização dos funcionários desde 1995:

A escola, não é um campo neutro de aplicação de habilidades profissionais. Cada um dos atores no processo escolar, tanto os que estão em contato direto com os estudantes, em sala de aula, nos recreios, nas cantinas, nos corredores e nos portões, como os que manipulam o registro do planejamento, da execução e da avaliação na secretaria escolar devem estar comprometidos com os objetivos educacionais e integrados numa ação coletiva, que é a ação de educar, diferenciada em cada nível de ensino, mas sempre caracterizada como educação escolar (MONLEVADE, 1995, p. 39).

Ademais, a formação para os funcionários da educação se faz importante para: a valorização do trabalho, o desenvolvimento do sentimento de pertencimento, o constante processo de constituição e reconstituição da identidade dos diversos profissionais que fazem parte do dia a dia escolar, e a promoção do desenvolvimento profissional e pessoal. Segundo Aguiar (2006, p. 152): “As experiências de atualização profissional confrontam-se com os saberes que eles possuem e com as informações que vão sendo adquiridas e articuladas a um processo de valorização identitária e profissional”.

A profissionalização que ocorre na formação de um sujeito em determinada profissão engloba o desenvolvimento das competências daquela profissão e ao mesmo tempo a apropriação daquela cultura profissional. Envolve tanto a aprendizagem de conceitos e habilidades quanto a apropriação de valores e atitudes, ou seja, está além de um conjunto de conhecimentos específicos (MORGADO, 2011).

Morgado (2011) afirma, apoiado em Moreira (2010), que a profissionalização contribui para que o professor desenvolva a sua identidade profissional com a apropriação da cultura, dos valores e das práticas dessa profissão e, ao se identificar como pertencente a um grupo, com a diversidade e com as relações que estabelece junto a seus pares. Da mesma forma, entendemos que o funcionário da educação deva ter o direito de percorrer o caminho da profissionalização e da construção da sua identidade como profissional da educação.

Ainda com Morgado (2011), ao discorrer sobre a construção da identidade docente, dessa vez em consonância com Pimenta e Anastasiou (2008), reconhece

que essa identidade está sempre associada aos valores e à história de vida de cada sujeito e que se transforma e pode ter características diferentes em diversos momentos da vida. O que ocorrerá, também, com o funcionário da educação.

Formações específicas para funcionários da educação são recentes no Brasil. Em 2005, por iniciativa do governo federal, foi instituído o programa Profuncionário, oficializado em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da Portaria Normativa nº 25 (BRASIL, 2007), com o objetivo de promover a formação em nível médio e técnico de profissionais da Educação Básica da esfera pública, por meio de cursos técnicos nas seguintes habilitações: Gestão Escolar, Alimentação Escolar, Multimeios Didáticos, Meio Ambiente e Manutenção da Infraestrutura Escolar. Segundo o site do MEC¹ o objetivo do Profuncionário é a formação de todos os funcionários em nível técnico para o desenvolvimento profissional e o aprimoramento no campo do trabalho e a valorização desse trabalho.

Com a presente pesquisa temos o objetivo de apreender as significações de funcionários da educação – da escola básica pública, das Redes de Ensino do Estado e do Município de São Paulo – formados no curso técnico em Secretaria Escolar do Profuncionário, turma de 2014², do IFSP, Câmpus São Paulo, em relação ao seu processo de formação. Para expor a problemática em estudo e atingir ao objetivo delineado, essa dissertação está organizada em cinco capítulos, além de introdução e considerações finais.

Na Introdução apresentamos o porquê fazer pesquisa com foco no funcionário da educação, entendendo que este faz parte dos sujeitos presentes na escola e, que assim, ao mesmo tempo em que é constituído por ela, a constitui e, por conseguinte, contribui para a formação dos alunos.

Destaca-se o recente reconhecimento do funcionário como parte do grupo de profissionais da educação, a necessidade da sua profissionalização e a formação como um processo necessário. Em seguida, apresentamos uma breve explicação

¹ Disponível em: <<https://www.mec.gov.br>> Acesso em 15 de março de 2017.

² Apêndice D.

sobre o Profuncionário que irá compor esta pesquisa e as motivações pessoais para o envolvimento da pesquisadora com a temática.

No capítulo I, intitulado “Pesquisas já realizadas sobre os funcionários da educação” é apresentado o que já foi pesquisado sobre os funcionários da educação e os principais resultados obtidos, colaborando para saber quem é o profissional, como ele vem sendo tratado pelas políticas e pelas escolas, que papel lhe é dado dentro dos espaços de tomada de decisão na unidade educacional e a questão da formação.

No capítulo II discorre-se sobre “O Profuncionário como programa de formação”, retratando o programa, sua origem, as leis que o regulamentam e as instituições que o oferecem. Nesse capítulo também são apresentadas as especificidades da oferta do curso técnico de Secretaria Escolar pelo IFSP e a sua estrutura.

No capítulo III são apresentados os “Pressupostos teóricos e metodológicos” que fundamentam os processos investigativos desta pesquisa. São explicitadas e articuladas as categorias principais da Psicologia Sócio-Histórica e do Materialismo Histórico Dialético presentes em todo o movimento da análise. São também explicitados os três princípios básicos desenvolvidos por Vigotski, a partir do Materialismo Histórico Dialético, para se fazer pesquisa.

No capítulo IV intitulado “A pesquisa” é explicitado o movimento do presente estudo em ir além da descrição para buscar a essência, ou seja, as mediações constitutivas do que estamos pesquisando. Neste capítulo é apresentado o conceito de pesquisa qualitativa, na qual a pesquisa se baseia, são explicitados os objetivos, os sujeitos e as suas respectivas escolas e, ainda, os procedimentos utilizados para a produção das informações que englobam o questionário enviado ao grupo de funcionários da educação e a formulação das perguntas para as entrevistas semiestruturadas realizadas com as duas participantes, como também os critérios adotados para a sua escolha. Em seguida, apresentamos o procedimento de análise “Núcleos de Significação” (NS), utilizado para a organização e a interpretação das informações construídas nas entrevistas.

No capítulo V, intitulado “Análises” são apresentados os dados e posteriormente a análise e a interpretação elaboradas a partir das informações

produzidas com as respostas ao questionário e, de forma mais aprofundada, a análise e a interpretação das entrevistas realizadas por meio do procedimento de análise de NS, que foram construídos a partir da análise das entrevistas de cada participante separadamente.

Por fim, apresentamos as considerações finais que se constituem na articulação dos Núcleos construídos anteriormente e, que agora na nova condição, dialeticamente articulados e à luz da teoria que embasa todo o trabalho, têm a possibilidade de apresentar explicações mais profundas, que revelem elementos até então pouco apreendidos e explicados sobre o fenômeno estudado.

CAPÍTULO I – PESQUISAS JÁ REALIZADAS SOBRE OS FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO

Na revisão bibliográfica foram feitas buscas em Banco de Teses e Dissertações da Capes, *Scielo*, Teses da USP, biblioteca da Unicamp, biblioteca da PUC/SP e *Google Acadêmico*, com os termos: funcionários da educação; profissionais da educação; profissionais da educação *and/not* magistério; funcionários da escola *and/not* magistério; escola democrática e gestão democrática. Posteriormente, por intermédio do Professor João Monlevade, tivemos o conhecimento de teses recém defendidas e de outras produções em andamento. Até 2017 foram produzidas 10 dissertações e três teses; em 2018 são três dissertações em andamento.

O artigo “Terceirização e democratização da instituição escolar”, de Flávia Werle (2005), destacou que há muitas pesquisas a respeito do trabalho docente, no entanto, há um silenciamento em relação ao trabalho dos funcionários da educação. Nesse artigo, a autora tratou da questão do trabalho de merendeiras e serventes ser tipicamente feminino, e assim fez uma reflexão sobre a “inserção excluída” das mulheres no mercado de trabalho, com salários inferiores e com péssimas condições de trabalho. Afirmou que o trabalho é visto como *habitus primário*, não sendo necessária nenhuma formação específica, e questionou a terceirização desse trabalho, que afasta o profissional das possibilidades de engajamento na atividade tipicamente escolar, ou seja, no ambiente em que se aprende e se ensina o tempo todo.

A pesquisa mostrou como funcionários da educação, no caso as merendeiras, são excluídos por diversas razões, como baixos salários e condições precárias de trabalho, acrescidas da não necessidade de formação específica, o que se alinha com o foco da nossa pesquisa, pois entendemos, com base na legislação atual do art. 62-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que há, sim, necessidade da formação específica para todos os trabalhadores da escola básica. Assim, buscaremos apreender como um curso de formação foi significado por seus alunos que também são funcionários da educação, inclusive, buscaremos compreender se a formação afetou as condições de trabalho, sob o ponto de vista do próprio funcionário.

Leonardo Reis (2015), em sua tese, assim como Werle (2005), pesquisou sobre as merendeiras, enfatizando, especificamente, as matriculadas no curso técnico em Alimentação Escolar, oferecido a estas pelo Profuncionário no Instituto Federal da Bahia (IFBA).

O autor levantou outro ponto que é o das funcionárias da educação, as merendeiras, serem excluídas no próprio processo de formação. Nos institutos federais, para a oferta dos cursos do Profuncionário, os profissionais (coordenadores, professores, tutores e outros profissionais envolvidos) que neles trabalharam eram “contratados” por meio do pagamento de bolsas, portanto, não tinham contrato pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), tampouco eram estatutários. Tratava-se sempre de uma segunda fonte de renda, a considerar a falta de vínculo empregatício e o valor baixo das bolsas, ou seja, caracterizando a precarização do ensino. Ademais, assim como no IFBA, no IFSP tivemos dificuldade para que os setores da instituição olhassem para os alunos desse curso como alunos da escola, logo com os mesmos direitos que os demais, porque eram alunos da Educação a Distância (EAD). É o que registra a fala de uma aluna apresentada na tese de Reis (2015, p. 152).

É como eu acabei de lhe dizer...é como se tivéssemos alugado um espaço e utilizamos o espaço...também não mexem com a gente, não nos hostilizam, né? não há uma...um maltrato, por exemplo, nada disso...mas é realmente...não fazemos parte...o sentimento é esse, de não fazer parte do IFBA...temos o orgulho em dizer que fazemos aqui, porém...é...não há um, como é que eu posso falar... Um sentimento de pertença maior... É como se aqui fosse o ambiente virtual [...].

A pesquisa de Francisco Nascimento (2006), funcionário de escola pública do Distrito Federal, intitulada “Os funcionários da educação: da constituição da identidade à ação como cogestores de educação”, analisou a participação de funcionários da educação na gestão das escolas públicas. Inicialmente, o autor apresentou uma descrição histórica da construção da identidade dos funcionários na educação, no Brasil. Em seguida, se concentrou-se em analisar a possibilidade da sua participação na gestão escolar, por meio dos conselhos de escola e focando a pesquisa em uma cidade de Brasília. Demonstrou como a administração escolar foi baseada na administração empresarial e, somente com o manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, a administração foi vista de forma mais coesa à escola, embora a administração ainda se expresse na figura e no papel central do diretor.

Durante a história dos funcionários da educação no Brasil, eles desempenharam papéis distintos, de acordo com o modelo político e social de cada época. Nas escolas jesuíticas, os religiosos não sacerdotes, chamados “coadjutores” ou escravos africanos, foram os primeiros “funcionários da educação”. Com a expulsão dos jesuítas, estes passaram a ser somente escravos. Já com a República Federativa, os funcionários eram pessoas livres que ingressavam nas escolas, seja pela via clientelística ou por meio de concurso público, e mais recentemente por mediação de empresas terceirizadas (NASCIMENTO, 2006).

A pesquisa proposta por este autor pode contribuir para o entendimento da origem do desprestígio social atribuído ao funcionário da educação, considerando que tal papel foi, por muito tempo, atribuído a escravos. Posteriormente, foi reforçado pela lógica do capitalismo, na qual a atividade intelectual é separada da atividade manual, e aos funcionários da educação foram conferidas atividades entendidas como manuais. Consequentemente, foi lhes negado o direito à formação específica.

Segundo Nascimento (2006), no início os funcionários da educação não se organizavam como uma categoria específica e faziam parte de sindicatos gerais de funcionários públicos, e só depois passaram a fazer parte de sindicatos de professores. Com o movimento de unificação dos trabalhadores da educação, ao final dos anos 1980 e, até então, sem nenhuma instituição que os representasse, surge a Coordenação Nacional dos Funcionários da Escola Pública (CONAFEP), que mais tarde juntou-se a outras instituições de trabalhadores em educação, unificando-os com a criação da CNTE.

No entanto, a filiação dos funcionários da educação em um sindicato, junto com os outros trabalhadores em educação, não foi suficiente para, de fato, incluí-los e, com isso, reforçar sua representação social. Após discussões em congressos da Confederação, foi criado o Departamento Nacional dos Funcionários da Educação (DEFE), em 1995.

Nos conselhos de escola pesquisados por Nascimento (2006), percebeu-se que há a participação dos funcionários da educação em espaços administrativos-operacionais que, em grande parte, se expressaram pela reivindicação de melhores condições de trabalho. No entanto, ocorre pouca participação nos processos pedagógicos, o que este autor atribuiu à falta de uma formação específica como

educadores, bem como de conteúdo das leis que instituem os princípios da gestão escolar. Outras questões apontadas foram a relação de subalternidade dos funcionários com os docentes e que os poucos cursos oferecidos à categoria não englobavam conhecimentos voltados à função social da escola.

Concordamos com Nascimento (2006), pois entendemos que os cursos específicos ofertados a esses profissionais, aliados a práticas de gestão democrática, ampliam as possibilidades de os funcionários participarem de processos pedagógicos nas escolas.

A tese de doutorado de Dante Bessa, defendida em 2017, buscou analisar o processo de reconstrução da identidade de profissionais que participaram do curso técnico de Alimentação Escolar, no âmbito do Profuncionário. O autor aprofunda a questão da identidade profissional e como ela se constrói, por meio da confrontação entre a identidade concebida institucionalmente e a identidade construída na experiência do trabalho e da reconstrução dessa identidade por meio da formação. Afirma a importância da formação em serviço por entender que os profissionais encontrarão diferentes situações de trabalho de um lugar para o outro, e assim: “[...] precisam recriá-los, adequá-los, transformá-los, para poder exercer a profissão” (p. 192). Sua tese confirma a necessidade de voltar o olhar para cursos de formação profissional.

A dissertação de mestrado intitulada “A dimensão educativa do trabalho dos funcionários da educação na perspectiva do projeto político-pedagógico da escola pública: limites e possibilidades”, de Maria Feiges (2003), defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR), tratou da participação – ou não – dos funcionários da educação na elaboração dos projetos políticos pedagógicos. As informações foram obtidas a partir da análise de um projeto de extensão oferecido por esta Instituição a diferentes profissionais da educação – professores, diretores, pedagogos e funcionários da educação – e depois exclusivamente aos funcionários. A autora explicitou a precarização do trabalho na sociedade de forma geral e, especificamente, do funcionário da educação do Paraná.

Nessa pesquisa, ao trazer falas dos funcionários e questionamentos feitos por eles, fica claro o sentimento de exclusão da organização escolar. Os funcionários se compararam a alunos reprovados e questionaram porque os alunos mais pobres são

comumente reprovados. Há também muitas falas que demonstram, com clareza, a discriminação a estes por parte dos professores.

Entendemos que muitas ações devem ser feitas para que os funcionários da educação sejam incluídos no seu ambiente de trabalho, que é a escola, e essas ações devem passar por políticas públicas que visem a sua profissionalização por meio da formação, dos planos de carreira e de políticas de inclusão desses funcionários nos espaços de gestão democrática. A realização da presente pesquisa de mestrado, sem dúvida, tem como meta trazer elementos que possam contribuir para a discussão de estratégias e propostas que visem à qualificação profissional dos funcionários da educação, além de contribuir para o debate do tema em questão, que ainda é pouco abordado na esfera acadêmica, haja vista o número reduzido de pesquisas que encontramos na revisão de literatura.

Em seu estudo, Feiges (2003) discutiu elementos importantes, iniciando pela constituição do trabalho no capitalismo, da exploração e da alienação, seguida das condições precárias do funcionário da educação e da real necessidade de criar plano de carreira e política de formação. Depois ela tratou da gestão democrática como uma prática da escola emancipatória, e para qual há necessidade da participação de todos.

No curso ofertado aos profissionais, objeto de pesquisa de Feiges (2003), eram trabalhados tanto as concepções de participação quanto os diálogos entre funcionários, com a intenção de subsidiar as análises do que seria necessário para uma efetiva participação do funcionário na escola e sobre suas relações de trabalho.

A autora afirmou que o trabalho de um funcionário em uma escola é completamente diferente do trabalho em uma empresa, pois na unidade escolar terá um papel educativo, sobretudo por meio das relações sociais. Ressaltou que a inclusão do funcionário beneficia também o aluno:

Os Conselhos Escolares e os Conselhos de Classe cumprem um papel muito importante na democratização da escola, não apenas no sentido de assegurar a participação representativa de todos os segmentos da comunidade escolar com direito à voz e voto, mas especialmente pelo desafio de construir coletivamente a qualidade social e política da aprendizagem de todos os alunos da escola pública (FEIGES, 2003, p. 58).

Os estudos acima citados tratam da temática “funcionário da educação” e ajudam a elucidar a necessidade de voltar a atenção ao funcionário da escola, ator do

ambiente escolar, junto a alunos, professores e gestores. Os pesquisadores voltam o olhar para questões trabalhistas e de (não) participação destes funcionários na gestão democrática da escola, por meio do conselho ou na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP).

A Constituição de 88 (BRASIL, 1988) prevê, no seu art. 206, que o ensino terá o princípio da “VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei”.

A LDB prevê, nos seus artigos 2º e 14, a gestão democrática no ensino público, com a participação dos profissionais da educação na elaboração do PPP da escola e da comunidade escolar em conselhos escolares ou equivalentes. Determina, no entanto, que cabe aos Sistemas de Ensino, estadual ou municipal, definir as normas para essa gestão (BRASIL, 1996).

A Lei Municipal nº 14.660 (SÃO PAULO, 2007), no seu art. 119, informa como será a composição do conselho de escola, no qual está inserido o funcionário da educação, aqui denominado como “equipe de apoio à educação”. Essa inserção já estava prevista na Lei nº 11.229 (SÃO PAULO, 1992) e eram denominados “equipe auxiliar da ação educativa”. No entanto, os funcionários não eram considerados como integrantes dos profissionais da educação na lei de 1992, já na lei de 2007 passam a fazer parte, incluindo informações quanto ao ingresso, à carreira e à evolução funcional, em que um dos critérios é a apresentação de títulos.

Na legislação referente ao estado de São Paulo, há a Lei Complementar nº 836/1997 e a de nº 958/2004, que altera a primeira. Ambas tratam do plano de carreira para o quadro do magistério e excluem o funcionário da educação do grupo de profissionais da área. Mesmo o documento de Unificação de Dispositivos Legais e Normativos relativos ao Ensino Fundamental e Médio de 2013, não incluiu o funcionário como profissional da educação.

Quanto ao conselho de escola, o funcionário da Rede Estadual de Educação de São Paulo (REE-SP) terá 5% de representatividade na composição, isso frente a 40% de docentes instituído pela lei complementar de 1985, até hoje não alterada.

A LDB (BRASIL, 1996) prevê a gestão democrática, no entanto, deixa a critério de estados e municípios estabelecer como será em cada Sistema de Ensino. Percebe-se que nos documentos oficiais a prefeitura de São Paulo prevê a inserção do funcionário nos conselhos escolares; no estado de São Paulo há a indicação de uma

participação bem tímida do funcionário da escola. Essa ínfima inclusão dos funcionários nos documentos oficiais, no que tange aos conselhos escolares, não garante o acesso a esses (de conselhos) e a outros de gestão democrática. Como constatamos nas pesquisas supracitadas, de fato quase não há a participação dos funcionários da educação em espaços de decisão e no planejamento de ações nas escolas básicas.

A dissertação de mestrado de Guelda Andrade (2005), defendida na Universidade Federal do Mato Grosso, intitulada “O trabalho educativo e o profissional de apoio administrativo educacional de Mato Grosso”, pesquisou sobre os funcionários da educação da escola básica que cursaram ensino superior. Para atingir o seu objetivo analisou o cenário político e econômico e o movimento de contradição das políticas públicas para esses profissionais, a necessidade da formação específica e como a formação (ou a não formação) tem efeito no trabalho educativo e nos espaços de poder da escola.

Assim como Nascimento (2006), Andrade (2005) também apresentou a questão da participação do funcionário da escola nos conselhos escolares e disse que é uma participação quase simbólica. A autora afirmou que as falas dos funcionários, nos momentos em que esteve reunida com eles, eram sempre no sentido de sentirem-se excluídos e desrespeitados.

Andrade fez sua pesquisa no estado do Mato Grosso e apontou a diferenciação na carreira, comparando as tabelas salariais entre os professores e os funcionários e entre os dois grupos de funcionários – o primeiro grupo inclui o pessoal que atua em bibliotecas, secretarias e laboratórios; o segundo grupo engloba os demais funcionários, como faxineiros e merendeiras. As tabelas possuem os mesmos salários para níveis iguais, por exemplo, o valor será o mesmo para o profissional que possui Ensino Médio e está no nível I (referente ao tempo de trabalho, de 1 a 3 anos). No entanto, a tabela de professor inicia nesta etapa do Ensino e engloba níveis até o doutorado. Para os funcionários do primeiro grupo a tabela também começa no Ensino Médio e chega até o mestrado, já o segundo grupo de profissionais inicia no Ensino Fundamental e se estende apenas até o Ensino Médio profissionalizante.

O que confirma a observação de Monlevade (2014) sobre a “subvalorização salarial” nas redes de Educação Básica e na própria política do MEC até hoje, em não

dar cumprimento ao inciso VIII do art. 206 da Constituição de 88, que prevê Piso Salarial Nacional não só aos professores como para todos os profissionais da educação (BRASIL, 1988), citado também na Meta 15 da Lei nº 13005 (BRASIL, 2014) que fixou o Plano Nacional de Educação (PNE).

Concordamos com Andrade (2005) quando afirma que a formação insuficiente do profissional se apresenta em função do desprestígio e invisibilidade social e do não reconhecimento do trabalho educativo na escola atrelada ao desinteresse por parte do Estado. Mas entendemos que é uma via de mão dupla, pois o desprestígio e a invisibilidade social também contribuíram, até pouco tempo, para que não fosse entendida a importância da formação desse profissional. Essa questão reflete as desigualdades estruturais da sociedade dividida em classes sociais. “Nesse sentido, o trabalho manual e o intelectual ocupam diferentes espaços sociais por se definirem segundo hierarquias de poder, bem como posição social que se relacionam à valorização pela renda do trabalho” (ANDRADE, 2005, p. 87).

A produção de informações desse estudo se deu a partir de entrevistas semiestruturadas com três diretoras de escola, seis funcionários da escola (vale ressaltar que destes, três possuem formação no Ensino Superior) e dois líderes de sindicatos, em três escolas diferentes. A autora investigou se os funcionários se sentem educadores, se produzem trabalho educativo no espaço da escola e se a produção educativa se dava a partir da formação.

Uma das falas da funcionária demonstrou a contribuição do Profucionário:

Ah, eu acho assim, eu tenho que ensinar as crianças... em questão da alimentação, né. O que vai fazer mal para elas, é... quando eu vejo comendo alguma coisa que faz mal, eu já vou lá eu falo, porque eu aprendi no curso Profucionário. Antes não, a gente não sabia direito.... Não tinha conhecimento... (ANDRADE, 2005, p. 173).

Esta funcionária entendeu que a formação é importante, parece que se sentiu segura para intervir numa ação junto às crianças, o que antes não acontecia. Andrade (2005) afirmou que ficou aparente que funcionárias que cursaram Ensino Superior e/ou o curso Profucionário se sentiram mais seguras para responder às questões do que as outras funcionárias que estudaram até o Ensino Médio convencional. Os apontamentos dessa pesquisa possibilitaram ver como a formação, mesmo que não específica, pode favorecer um funcionário da educação, pois este se sentirá mais

seguro para participar dos processos educativos da escola, auxilia-o a deixar o sentimento de inferioridade em relação aos outros profissionais que atuam na unidade escolar.

Em outra dissertação, de autoria de Jociane Pedroso, tutora do Profucionário, defendida em 2015 na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica a respeito do Profucionário e de sua implantação neste estado, analisando o contexto da política de formação a partir dos anos 1990 e o processo de profissionalização dos funcionários da educação.

A análise da implementação do programa foi a partir da documentação do próprio Profucionário e das leis sobre educação e as específicas sobre os funcionários, contemplando uma análise da organização pedagógica do curso. Em seu estudo, Pedroso (2015) afirmou que a educação é vista como a responsável por melhorar a vida das pessoas, como se ao elevar a qualidade do ensino por si só as condições de vida melhorassem. No entanto, apoiada em Aguiar e Scheibe (2010), a autora afirma que a valorização do funcionário não se dá com a formação em si, mas deve incluir a carreira, a jornada de trabalho e a remuneração.

Quando se coloca a educação como a única responsável por melhorar a vida das pessoas, desconsideram-se todos os outros fatores que medeiam a qualidade de vida, como as condições de classe social, que incluem questões econômicas e sociais, além de outros fatores como de gênero e raça. É uma visão que apresenta a ilusão de que por meio da educação as pessoas vão automaticamente melhorar de vida.

Pedroso (2015) discorreu, ainda, sobre a criação e a implementação do Profucionário e depois retratou o caso específico do Paraná, como o curso era organizado e como era realizada a formação dos tutores. Ficou claro que a organização da estrutura do Programa se difere nos estados. Em São Paulo e no Paraná as diferenças encontradas estão relacionadas ao papel atribuído aos tutores e ao responsável pela sua formação. Outro aspecto enfatizado na pesquisa é a dificuldade dos alunos em fazer um curso a distância relacionando-a ao tempo que os profissionais estão fora da escola e à rotina de trabalho intensa.

Nós entendemos que a dificuldade de um curso a distância está relacionada, também, com a forma como o curso se desenvolve e como o conjunto de profissionais

envolvidos atuam junto a esses alunos, na maioria há bastante tempo sem estudar. Através da dissertação fica claro que no Paraná a formação do funcionário da educação foi muito mais contundente em relação a São Paulo, pois atenderam a uma quantidade muito maior de funcionários e estabeleceram legislação própria. Outro fator relevante envolve o financiamento deste curso, tal como em São Paulo as escolas utilizadas para as aulas presenciais não recebiam verba, o que dificultava os encontros.

Na pesquisa bibliográfica localizamos um dossiê sobre funcionários de escola, publicado na revista Retratos da Escola, em 2009, com o título Funcionário de Escola: Identidade e Profissionalização. A publicação contém uma entrevista, doze artigos, duas resenhas e dois documentos, mostra um pouco da história desses profissionais e debate questões pertinentes como a formação, a identidade, a profissionalização e a carreira até aquele momento.

A história dos funcionários da educação no Brasil começou com a criação das primeiras escolas. Segundo João Monlevade (2009), a escola formal brasileira iniciou em 1550, com o Colégio dos Meninos de Jesus, em Salvador, Bahia. Os educadores eram os sacerdotes – responsáveis pelo ensino propriamente dito – e os chamados coadjutores que, mesmo não sendo sacerdotes, tinham formação humanística e científica.

Nas escolas, além de cuidar da materialidade dos espaços, também se dedicavam a algumas ações educativas: bibliotecários, inspetores de disciplina, escriturários das avaliações escolares, e até mesmo “repetidores” de lições e mestres de primeiras letras (MONLEVADE, 2009, p. 340).

No entanto, em 1769, com a expulsão dos jesuítas do Brasil, a estrutura escolar foi modificada, assim como o trabalho educacional mais amplo, até então realizado pelos coadjutores.

Nos modelos de escola que se seguiram, o trabalho de apoio realizado pelos coadjutores passou a ser realizado por escravos, com a intenção apenas de apoio material.

Já no período subsequente, a associação mental que se fazia dos outros que trabalhavam nas escolas era com os escravos. Sua identidade se fundia à dos negros, marginalizados da cultura nacional. A invisibilidade era reforçada pelo “não-valor”: por mais importante o seu papel na transmissão de valores, na educação da sociedade, na legitimação e reprodução do modo de

produção escravista, era-lhe negada essa função, hoje tão evidente (MONLEVADE, 2009, p. 342).

Dentre outros motivos, este também contribuiu para o desprestígio do profissional de educação e da sua invisibilidade social. Visto como apenas um profissional de apoio à função principal da escola, recebeu e recebe baixíssimos salários, até pouco tempo desligados de planos de carreira e de qualquer formação específica, à semelhança de outras ocupações de baixo prestígio.

A situação de desprestígio social e do não reconhecimento do funcionário da educação como parte da comunidade escolar não é exclusiva do Brasil. Juçara Vieira (2009), ex-presidente da CNTE e doutora em educação, ao comparar o caso do Brasil com outros países, recorreu a documentos de organizações internacionais – a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Fórum Mundial de Educação (FME) e a *International Education* (IE). A partir do estudo de documentos destas instituições, a autora sugeriu que uma leitura superficial levaria à conclusão de que os funcionários da educação aparecem integrados à paisagem da escola. No entanto, não são sequer vistos.

Para que o funcionário da educação seja visto, ou seja, reconhecido, a nosso ver, é necessário que muitas ações sejam tomadas, passando com certeza por formação, efetivação do piso salarial e carreira. E nas escolas é necessário que seja efetivada a participação desses profissionais em espaços de discussões e tomadas de decisão, como os conselhos escolares e os grupos de elaboração do PPP. Como foi apresentado nos trabalhos de Andrade (2015), Nascimento (2006) e Feiges (2003), a participação desses profissionais, quando acontece, tem sido de forma simbólica.

Para alterar essa condição, não existe um caminho fácil, como afirma Melo (2009, p. 392):

Não é fácil tocar em feridas tão profundas, marcadas pela hierarquia, pelo não ser educador, pelo não poder falar, pelo não poder entrar nos ambientes pedagógicos a não ser para limpá-los e arrumá-los. Chega-se ao extremo de termos funcionários de escola semi-alfabetizados.

É importante que se continue a busca para dar visibilidade ao profissional da educação para que este alcance a profissionalidade e a identidade, por meio, principalmente, de mudanças na carreira, no piso salarial e nas formações e relações no ambiente escolar.

Ao fazer a leitura dos trabalhos encontrados, é possível aferir o quão é recente a oferta sistematizada da formação de funcionários da educação. O entendimento da importância dessa formação começou a ser demonstrada pelos sindicatos e só depois de muitos entendimentos e desentendimentos alguns sindicatos de professores passaram a incluir os demais funcionários da educação. Em poucos casos foram criados sindicatos próprios para estes profissionais.

O olhar mais atento às especificidades desta categoria começou a aparecer com a criação da CNTE e de um departamento específico para funcionários da educação. Em poucos casos subsistiram sindicatos próprios para estes profissionais, como, por exemplo, o Sindicato dos Funcionários e Servidores da Educação de São Paulo (AFUSE) e o Sindicato dos Trabalhadores em Escolas Públicas do Distrito Federal (SAE).

Quando levamos em consideração que na escola há intencionalidade no ato de educar, fica evidente que o papel dos funcionários da educação também deve ser no sentido de educar e contribuir para a formação do aluno. Nascimento (2009) aponta que, no momento atual, a escola tem um papel que transcende a socialização e a atualização de conhecimentos, pois agora também têm relevância os aspectos éticos, morais e coletivos. Assim, os outros espaços da escola – além da sala de aula – devem ser ocupados e os funcionários que ocupam estes espaços devem ser formados para assumirem novas atitudes.

José Valdivino Moraes (2009, p. 402), funcionário da educação no Paraná e diretor da CNTE, corrobora com essa afirmação:

Já foi afirmado que o processo educativo é contínuo e os funcionários suprem parte das necessidades educativas dos estudantes. Não se trata daquela demanda pelo ensino formal, mas, sim, da que diz respeito aos valores, aos comportamentos e às atitudes.

Quando entendemos a importância de outros atores na formação dos alunos, entendemos a importância do funcionário da educação como educador. E ao considerarmos a função da escola como sendo além do ensino de conteúdos, percebemos que a educação ultrapassa o espaço da sala de aula. Paulo Freire (2002, p. 19) afirma:

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja

negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este caso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender.

Como já afirmamos, para reconhecer o profissional da educação temos que ter instituído o piso salarial e o plano de carreira, para que este possa participar ativamente das atividades e da gestão democrática da escola, pois como explicita Moraes (2009), apoiado em Fávero e Semeraro (2002), a participação na democracia subentende a igualdade de condições.

Os artigos “Tutoria no curso de formação: Uma experiência concreta” e “Profucionário: vozes da profissionalização”, também publicados no dossiê, apresentam o Profucionário como um agente que possibilitou ao profissional sair da invisibilidade e promoveu a valorização, entretanto, entendemos e corroboramos com as outras produções analisadas e já citadas no presente trabalho – como Feiges (2003); Monlevade (2009); Nascimento (2006) e Andrade (2005) – que, somente a formação dessa classe de trabalhadores não é o suficiente para promover a profissionalidade, a identidade e a verdadeira inclusão dos trabalhadores nos espaços escolares como educadores e a sua integração junto aos outros profissionais das escolas.

Entendemos que o Profucionário tem forte potencial para contribuir com o objetivo de promover o funcionário da educação, mas como afirma Imbernón (2015, p. 46): “[...] a formação é um elemento importante de desenvolvimento profissional, mas não é o único e talvez não seja o decisivo”.

Para a promoção desses funcionários é necessário, além da formação, a inserção real em espaços de discussão e deliberação dentro das escolas. Com isso, não deixamos de reconhecer a importância deste Programa para a valorização do funcionário da educação e entendemos tratar-se de política de formação que precisa estar articulada a outras ações e políticas.

Em uma pesquisa feita com sindicatos de educação do Brasil, pela CNTE, os respondentes – diretores dos sindicatos ou membros por eles indicados – afirmaram que o principal impacto do Profucionário tem sido o reconhecimento profissional (58,33%), seguido do aumento de remuneração (45,83%). Na mesma pesquisa, no que se refere aos avanços nas políticas educacionais, a política de formação com o

Profuncionário e a criação da área 21 corresponderam a 91,67% das respostas. Quanto ao aspecto negativo, aparecem questões salariais e de carreira e o limite da formação ao nível médio, por não ter formação em nível superior disponível à época (50%) (DOURADO; MORAES, 2009).

CAPÍTULO II – O PROFUNCIONÁRIO COMO PROGRAMA DE FORMAÇÃO

Por entendermos a importância da formação do funcionário de educação, escolhemos como espaço produtor das informações a serem analisadas o curso técnico de Secretaria Escolar do Profucionário. A escolha se deu tanto pela minha proximidade com a oferta do curso pelo IFSP, Câmpus São Paulo, como ao fato de que o processo vivido pelos funcionários no referido curso é favorável à produção de informações sobre a formação de funcionários.

Em 2005 foi aprovado o Parecer CEB/CNE³ nº 16 (BRASIL, 2005), o qual cria a 21ª área profissional: de Serviços de Apoio Escolar, para a formação em nível de médio para a qualificação profissional para as funções do funcionário da educação. O mérito da criação dessa área, segundo Dourado (2009, p. 319) foi “[...] definir as atividades dos funcionários de escola, tirá-los da invisibilidade, acabar com a falácia de que a escola só tem professores e alunos”.

O Profucionário, instituído em 2007, promove cursos de nível técnico para profissionais da educação básica da esfera pública, nas habilitações: Gestão Escolar, Alimentação Escolar, Multimeios Didáticos, Meio Ambiente e Manutenção da Infraestrutura Escolar. Atualmente os cursos são ofertados por meio de algumas Secretarias de Educação e por Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia presentes em todos os estados brasileiros.

A intenção do programa era atender os funcionários da educação que já atuavam nas escolas públicas e faziam parte do quadro efetivo estadual ou municipal, ou seja, não era permitido para terceirizados ou mesmo outros interessados em ingressar na área.

Em 2010, o Decreto nº 7.415 (BRASIL, 2010) instituiu a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica e informou que fomentaria o acesso à formação inicial dos profissionais da educação básica por meio do Profucionário. Por ele se explicitam seis habilitações: Secretaria Escolar; Alimentação Escolar; Infraestrutura Escolar; Multimeios Didáticos; Biblioteconomia e Orientação

³ Câmara de Educação Básica (CEB) / Conselho Nacional de Educação (CNE).

Comunitária. Seis anos depois, este Decreto foi alterado pelo Decreto nº 8.752 (BRASIL, 2016), que ampliou sua abrangência e passou a tratar da política nacional de formação de todos os profissionais da educação básica, incluindo professores, pedagogos e funcionários da educação.

Em seu art. 12, ampliou o público a ser atendido por programas de formação destinados à categoria III, ou seja, aos funcionários da educação, embora sem fazer referência, explicitamente, ao Profucionário:

Art. 12. O Planejamento Estratégico Nacional deverá prever programas e ações integrados e complementares relacionados às seguintes iniciativas:

Formação inicial e continuada em nível médio e superior para os trabalhadores da educação que atuem na rede pública e nas escolas comunitárias gratuitas da educação básica, em funções identificadas como da Categoria III dos profissionais da educação.

No entanto, seria necessário ampliar a oferta desses cursos para interessados em acessar alguma das carreiras de funcionários da educação, como aponta Fátima Cleide, em entrevista a Luiz Fernandes Dourado.

Precisamos consolidar a formação em nível médio, hoje feita pelo Profucionário, em cursos técnicos presenciais nas redes estaduais e federal e a formação de profissionais da educação em nível superior com a graduação de tecnólogos, permitindo, assim, a plena atuação dos novos profissionais (DOURADO, 2009, p. 321).

Dentre as alterações do Decreto nº 8.752 (BRASIL, 2016), está a ampliação dos destinatários da formação: “Art. 1º, 1º parágrafo (...) atuantes nas redes públicas e privadas da educação básica ou a elas destinados”. Anterior a esse decreto, os cursos eram destinados apenas a funcionários da escola pública básica em regime estatutário, com prejuízo dos funcionários de escolas privadas e dos terceirizados e temporários das redes públicas.

No que se refere à formação de funcionários da educação em nível superior, houve uma evolução. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre é, até hoje, a única instituição a oferecer um curso em nível superior destinado aos funcionários da educação, chamado Curso Superior de Tecnologia em Processos Escolares, constante desde 2007 no Catálogo de Cursos Tecnológicos do MEC. Entretanto, a CES/CNE publicou a Resolução nº 02 (BRASIL, 2016), na qual foram aprovados os Cursos Superiores de Tecnologia em Educação e Processos de

Trabalho com habilitação nas diversas funções dos funcionários da educação (atuação na Educação Básica.

Os cursos voltados para os funcionários que trabalham na escola básica possibilitam que estes sejam considerados profissionais da educação, com base no art. 61 da LDB (BRASIL, 1996), alterada pela Lei nº 12.014 (BRASIL, 2009):

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim [grifo nosso].

[...]

Assim, de acordo com o inciso III do referido artigo, os funcionários da educação são considerados profissionais da educação desde que tenham formação específica “em área pedagógica ou afim”. Somente a partir dessa alteração, ocorrida em 2009, os trabalhadores da escola passaram a ser reconhecidos como profissionais da educação.

Francisco das Chagas Fernandes, que exerceu o cargo de Secretário da Educação Básica no MEC, entre 2004 e 2009, em entrevista concedida a Luiz Fernandes Dourado (2009, p. 314), para publicação na revista Retratos da Escola, diz que é justamente a partir da alteração do art. 61 que “[...] profissionais da educação vão além dos professores. Garantiu-se aos funcionários de escola, desde que profissionalizados, a condição de profissionais da educação”.

No *site* do MEC⁴, ao apresentar o Profucionário – identificado como “Programa Indutor de Formação Profissional em Serviço dos Funcionários da Educação Básica Pública, em habilitação compatível com a sua atividade educativa” indica-se que o programa obedece ao disposto na LDB (BRASIL, 1996) em seu no art. 61 e ao

⁴ Disponível em: <<https://www.mec.gov.br>> Acesso em 15 de março de 2017.

parágrafo único de seu art. 62-A incluídos pela Lei nº 12.796 (BRASIL, 2013), que prevê:

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação.

A partir dessa alteração da Lei, percebemos que a formação dos funcionários da educação se expande para a pós-graduação.

O Decreto nº 8.752 (BRASIL, 2016) que institui a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica, traz entre seus princípios, no art. 2º:

I - o compromisso com um projeto social, político e ético que contribua para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e que promova a emancipação dos indivíduos e dos grupos sociais; [...].

V - a articulação entre teoria e prática no processo de formação, fundada no domínio de conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos específicos, segundo a natureza da função; [...].

VII - a formação inicial e continuada, entendidas como componentes essenciais à profissionalização, integrando-se ao cotidiano da instituição educativa e considerando os diferentes saberes e a experiência profissionais;

VIII - a compreensão dos profissionais da educação como agentes fundamentais do processo educativo e, como tal, da necessidade de seu acesso permanente a processos formativos, informações, vivência e atualização profissional, visando à melhoria da qualidade da educação básica e à qualificação do ambiente escolar;

IX - a valorização dos profissionais da educação, traduzida em políticas permanentes de estímulo à profissionalização, à progressão na carreira, à melhoria das condições de remuneração e à garantia de condições dignas de trabalho; [...].

XIII - a compreensão do espaço educativo na educação básica como espaço de aprendizagem, de convívio cooperativo, seguro, criativo e adequadamente equipado para o pleno aproveitamento das potencialidades de estudantes e profissionais da educação básica.

No artigo mencionado há a indicação de valorizar os profissionais da educação e promover formação para que atuem na educação, além de estímulos à profissionalização e à melhoria da remuneração.

Com a crescente ampliação da Educação a Distância, apoiada nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), essa modalidade se torna uma opção para a formação dos profissionais em questão. Inclusive, nas orientações do Profuncionário recomenda-se que os cursos sejam oferecidos – preferencialmente – a distância.

Segundo Gueda Andrade e Silva (2016), o Profucionário foi criado após a experiência do “Projeto Arara Azul”, pioneiro na formação voltada aos funcionários da educação, o qual profissionalizou 98% dos atuantes na Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso, com parceria do Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público de Mato Grosso (Sintep) e da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT).

No PPP do curso técnico de Secretaria Escolar do IFSP, Câmpus Boituva, menciona-se que o Profucionário foi criado após reivindicação da CNTE, e para ser construído teve a colaboração da Universidade de Brasília (UnB), por meio da sua Faculdade de Educação e do Centro de Educação a Distância (CEAD). Também contou com a participação da União Nacional dos Dirigentes Municipais (Undime), do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (CONSED), dos Conselhos Estaduais de Educação e da CNTE.

Primeiramente, em 2005, foi realizada uma experiência-piloto em cinco estados brasileiros, atendendo 5mil funcionários da educação. Em seguida, expandiram para outros 12 estados e atenderam 18 mil funcionários. Em 2008, os Institutos Federais, até então Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFETs), passam a ser responsáveis pela formação de tutores e orientadores dos cursos e a apoiar os estados na implantação dos cursos. Em 2011, estes Institutos passam a ser responsáveis pela execução do Profucionário, portanto, há mudança da responsabilidade do Programa, passando da Secretaria de Educação básica (SEB) para a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC).

Os cursos são atualmente promovidos por algumas Secretarias Estaduais de Educação (SEE) e pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, em várias cidades brasileiras, dentre elas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em São Paulo (IFSP) – Câmpus São Paulo, o qual ofertou o curso de Secretaria Escolar na modalidade a distância. Estive bastante envolvida com o referido curso, tanto como professora formadora e no apoio e suporte ao curso quanto, posteriormente, na coordenação de tutores.

O IFSP começou a ofertar cursos do Profucionário em 2012 em três campus: Boituva, São João da Boa Vista e São Paulo. Por se tratar de um curso à distância, com exceção de São Paulo, os outros dois câmpus tinham diversos polos em várias regiões do estado – em torno de 30 polos). Os polos de apoio eram tanto campus do

IFSP quanto outros espaços, em parcerias com as prefeituras ou com sindicatos dos municípios.

Os cursos foram ofertados à distância, cabendo aos alunos frequentarem os polos nas aulas inaugurais de cada disciplina e para as avaliações finais.

São João da Boa Vista era o polo gestor do curso de Multimeios Didáticos. O Câmpus Boituva era o polo gestor do curso de Secretaria Escolar, no entanto, como São Paulo tinha uma demanda muito grande, também organizava o curso, tinha equipe de professores, tutores e gestores. Todavia, utilizava o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Câmpus Boituva.

O Câmpus São Paulo teve duas turmas, uma iniciada em 2012 e outra em 2014. Por decisão do MEC, como havia dois câmpus ofertando o mesmo curso, São Paulo passou a oferecer o curso apenas para os alunos com dependência ou com reprovação⁵, até o final de 2015. Alunos que continuaram com dependência depois desse período foram transferidos para Boituva, entretanto, continuaram a fazer as atividades presenciais em São Paulo. O curso continuou a ser ofertado tendo Boituva como polo gestor.

Em 2017, os cursos do Profucionário passaram a ser ofertados também pela Diretoria de Educação a Distância (DED), ou seja, diretamente pela Reitoria do IFSP. Na cidade de São Paulo foi feita parceria com a Prefeitura Municipal e assim o curso passou a ter como polo de apoio alguns espaços da prefeitura.

Os professores, tutores e gestores do Programa trabalhavam sob o regime de bolsas do programa E-TEC Brasil, pagas pelo Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE). Para participar do programa como bolsista, a pessoa deveria ser funcionária pública, com pelo menos um ano de experiência no magistério e não acumular nenhuma outra bolsa de fomento à pesquisa e estudo do governo federal como CAPES ou CNPq, por exemplo. Atualmente as bolsas são pagas pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) e o próprio IFSP faz a gestão do pagamento.

⁵ A maioria das reprovações ou dependências aconteceu porque os alunos desistiam, no entanto, algumas das reprovações / dependências foram por nota.

Os cursos têm duração de um ano e meio e possuem a seguinte estrutura:

Quadro 1 – Estrutura geral do curso.

Disciplinas	Carga horária
3 introdutórias	totalizam 120 horas
6 de formação pedagógica	60 horas cada
10 de formação técnica	60 horas cada
Estágio	300 horas
Prática diversificada	120 horas
Total	1500 horas

Fonte: elaboração da pesquisadora.

Quadro 2 – Disciplinas pedagógicas.

Disciplinas pedagógicas comuns a todos os cursos
Funcionários de Escolas: cidadãos, educadores, profissionais e gestores
Educadores e Educandos: tempos históricos
Homem, Pensamento e Cultura: abordagem filosófica e antropológica
Relações Interpessoais: abordagem psicológica
Educação, Sociedade e Trabalho: abordagem sociológica da educação
Gestão em Educação Escolar

Fonte: elaboração da pesquisadora.

Quadro 3 – Disciplinas técnicas comuns.

Disciplinas técnicas comuns a todos os cursos
Informática Básica
Produção Textual na Educação Escolar
Direito Administrativo e do Trabalho

Fonte: elaboração da pesquisadora.

Quadro 4 – Disciplinas do curso técnico de Secretaria Escolar.

Matérias técnicas específicas do curso técnico de Secretaria Escolar
Trabalho Escolar e Teorias Administrativas
Gestão Democrática nos Sistemas e na Escola
Legislação Escolar
Técnicas de Redação e Arquivo
Contabilidade na Escola
Administração de Materiais
Estatística Aplicada à Educação

Fonte: elaboração da pesquisadora.

As apostilas das disciplinas foram previamente elaboradas pelo MEC em colaboração com a UnB, as quais foram distribuídas aos Institutos Federais, em formato impresso para que fossem entregues aos alunos e para que os professores elaborassem as aulas a partir desse material. Disponibilizou-se também uma versão online, em PDF. No IFSP Câmpus São Paulo as apostilas de cada disciplina chegaram em número diferente, sendo a quantidade superior ao número de alunos da primeira turma, no entanto, para a segunda turma, em 2014, o número era insuficiente e não foi recebido mais materiais para ser distribuído aos alunos.

O conjunto das disciplinas, principalmente as pedagógicas, tem a proposta de analisar e refletir sobre a escola, seu papel na sociedade, trazendo o funcionário como integrante desse espaço e com papel de educador. Mesmo algumas das disciplinas técnicas possuem um cunho pedagógico, como legislação escolar e gestão democrática nos sistemas e na escola.

Na primeira oferta do curso foram feitas parcerias com diferentes órgãos como Undime e Sindicatos, além de Secretarias municipais e estaduais, e cada polo se organizou para apoiar a divulgação. No Câmpus São Paulo foram ofertadas 300 vagas, tiveram 666 inscritos e 153 concluíram o curso. Na segunda turma a divulgação contou apenas com os ex-alunos e divulgação no site da Instituição, sendo que 1.049 pessoas se inscreveram para 150 vagas, sendo destes 76 concluíram o curso (Apêndice C). Em ambos os processos seletivos a seleção era feita por ordem de inscrição, sendo que na segunda turma, em três horas, as vagas já estavam completadas.

Os alunos do curso eram em sua maioria mulheres (125) entre 20 e 63 anos de idade; a maioria dos alunos tinha entre 36 e 50 anos de idade (70 alunos), vinham de diversas regiões da grande São Paulo e até de um pouco mais longe, como Campinas. Muitos não trabalhavam diretamente na secretaria da escola, mas sua matrícula era possível, pois para comprovar o vínculo com a escola eles traziam o holerite no qual a função registrada é de agente de organização escolar (para a rede do estado de São Paulo) e auxiliar técnico de educação (para a rede do município de São Paulo) para funcionários que trabalham em diversas funções.

Para esta pesquisa foi selecionada a segunda turma, mas cabe ressaltar que convidamos a participar da pesquisa somente quem ingressou em 2014, não contemplando os alunos da outra turma com pendências de disciplinas, porque

temporalmente está mais próxima, logo acreditamos que aumentaria o número de funcionários localizados e, provavelmente, da porcentagem de respondentes.

2.1 – A Educação à distância

O curso de Secretaria Escolar é ofertado na modalidade EAD, seguindo as orientações do decreto, que indica que os cursos sejam oferecidos preferencialmente nesta modalidade. Assim, entendemos ser importante discutir um pouco a respeito da educação à distância.

Acreditamos na educação à distância (EAD) como uma possibilidade para acesso à educação, principalmente para quem não tem condições de cursar na modalidade presencial por diferentes razões, como por conciliar trabalho e família ou por morar em regiões remotas. No entanto, para que de fato se consolide o processo de ensino-aprendizagem é necessário compreender que a modalidade não é a transposição da sala de aula convencional. O processo ensino-aprendizagem, nessa modalidade, requer atenção diferenciada, planejamento de ferramentas adequadas ao tipo de atividade, à exposição de cada material, à interação tanto entre professores e alunos quanto entre os alunos, de forma a propiciar momentos de reflexão e discussão. Disponibilizar materiais tais como vídeos e textos não são suficientes para que o aluno aprenda, é necessário que ele interaja e faça parte de um grupo.

Valente (2010) afirma que nos cursos a distância a interação com pessoas e objetos está sendo substituída por acesso à informação por meio de recursos tecnológicos. Afinal, se apenas o acesso à informação fosse o suficiente para construção do conhecimento, bastaria que as pessoas acessassem os meios de informações já disponíveis. O autor questiona se a aplicação da informação por um aluno seria o suficiente para aferir que este aprendeu os conceitos envolvidos. O desafio da educação, em particular da EAD, está em criar condições para que, além da transmissão de informação, o processo de construção do conhecimento também ocorra (VALENTE, 2010).

Kenski (2010) aponta que o aluno precisa estar ambientado com as tecnologias disponíveis em um curso online, que pode ser possibilitado pelo próprio curso, com propostas de ambientação logo no início. No entanto, é necessário mais que a fluência

tecnológica, é preciso que os alunos construam relações, práticas colaborativas e laços emocionais em pequenos grupos e assim sintam-se parte do grupo. “Essas identidades são essenciais para o desenvolvimento do processo educacional online, e por elas o aluno passa a ser reconhecido, criando o sentimento de pertencer ao grupo lhe identifica e distingue” (p. 63).

Há a necessidade de se considerar a que público o curso se destina para adequar o conteúdo e as ferramentas, e assim, garantir que o curso seja possível de ser realizado pelos alunos. Almeida (2010) lembra que é necessário considerar as dificuldades de alunos e professores quanto ao uso das TICs e buscar minimizá-las, por meio de ambientes virtuais mais amigáveis e de fácil utilização, para que os sujeitos envolvidos no processo – alunos e professores – possam centrar a atenção na interação e no desenvolvimento do currículo e da aprendizagem.

Para participar de um curso online o aluno precisa ter acesso a um computador com acesso à internet, que de acordo com estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) está presente em 57,8% das casas dos brasileiros (IBGE, 2015).

Entendemos que uma boa opção seria o curso híbrido, ou seja, uma combinação entre educação presencial e EAD, em que o aluno não precisaria, necessariamente, estar no instituto todos os dias ou todas as semanas letivas. Nesse caso, o aluno poderia estudar em casa, desenvolver projetos e participar de atividades a partir do ambiente virtual de ensino-aprendizagem, contudo, teria garantido aulas presenciais. Tori (2009) aponta que a convergência entre o virtual e o real vem sendo discutida e que a educação híbrida – *blended learning* – está se consolidando.

O curso técnico de Secretaria escolar foi o segundo curso ofertado na modalidade EAD pelo Câmpus São Paulo, sendo que o primeiro curso estava em andamento, tendo iniciado pouco antes. No entanto, o câmpus já tinha experiência com a utilização de plataforma de educação a distância no apoio ao ensino presencial.

O setor de EAD do Câmpus São Paulo não dispunha de equipe completa para organizar um curso EAD, tais como equipe de audiovisual ou design instrucional, por exemplo, todavia, dispunha de uma pequena equipe de profissionais com professores, pedagogos e técnicos em informática que preparavam o ambiente virtual para o professor organizar o espaço da sua disciplina. A equipe da EAD também auxiliava os

professores na utilização das ferramentas disponíveis no *Moodle*⁶, ambiente virtual utilizado. O professor elaborava a sua disciplina a partir das apostilas disponibilizadas pelo MEC, utilizando como recursos os vídeos e os materiais disponibilizados na internet.

⁶ *Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment)*, é um software livre para a criação de ambientes virtuais de educação.

CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como fundamento a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, uma abordagem crítica da Ciência e da Psicologia que rompe com abordagens que consideram o mundo externo como alheio ao ser humano, no qual o ser humano precisa se inserir e se adaptar, ou que compreendem o humano como passivo, sem a potência de transformar a realidade e que se adapta ao social.

Na perspectiva Sócio-Histórica o sujeito se torna humano no social, por meio das relações, sempre mediadas, que estabelece com o mundo e com os outros, em uma relação histórica e não natural. Segundo Bock (2015, p. 34):

Para compreender o mundo psicológico, a Psicologia terá obrigatoriamente de trazer para o seu âmbito a realidade social na qual o fenômeno psicológico se constrói; e, por outro lado, ao estudar o mundo psicológico, estará contribuindo para a construção, para a compreensão do mundo social.

Na Psicologia entendida por nós como acrítica, os fenômenos sociais são tidos como naturais, e desse modo justificam-se as desigualdades sociais pelas diferenças individuais. Sem dúvida, os seres humanos são únicos, mas as diferenças entre esses indivíduos não justificam as desigualdades sociais.

A autora afirma que atividades essencialmente humanas, a exemplo da escrita, não são naturais, pois são conquistas humanas que se tornaram possibilidades cognitivas, como explica: “Essas possibilidades instalam-se na cultura, nos objetos e instrumentos da cultura, assim como na linguagem, e pouco a pouco se convertem em possibilidades individuais. Não há motivos para concebê-las como naturais” (BOCK, 2015, p. 37).

Essa perspectiva considera que há uma estrutura biológica no sujeito, no entanto, toda a sua experiência, modos de agir, sentir e pensar são construídos a partir da realidade social, por meio das relações com os outros e com o mundo – em uma relação sempre mediada.

A Psicologia Sócio-Histórica está pautada no método do Materialismo Histórico Dialético, no qual a base de tudo o que existe é material, se contrapondo à base idealista, em que os fenômenos surgem primeiro no campo das ideias. Aqui, entende-

se que a base inicial do mundo tanto material quanto imaterial se inicia com a matéria (BOCK, 2015).

O primeiro aspecto importante na concepção materialista dialética e histórica é que a matéria existe objetivamente, isto é, fora e independentemente da percepção e concepção e da consciência do homem. O segundo, que ela constitui toda a diversidade infinita do mundo, do qual o homem faz parte (KAHHALE; ROSA, 2009, p. 27).

Nesta perspectiva toma-se como base a lógica dialética, em que os fenômenos são compreendidos em seu movimento e que se entende que todo fenômeno era algo, está sendo e tende a ser outra coisa, podemos compreender que o fenômeno carrega o que já foi e o que tende a ser, ou seja, o caráter histórico do processo. E nesse movimento o fenômeno carrega a sua própria negação, o que também não é – a sua contradição. A partir da dialética, entende-se também o par dialético, em que dois fenômenos se constituem mutuamente, um não existe sem o outro, mas um não é o outro, formam uma unidade de contrários. Pensamento e linguagem, por exemplo, formam um par dialético para a Psicologia Sócio-Histórica, que serão explicados mais adiante.

O caráter histórico dos fenômenos está relacionado à dialética, pois considera a história do fenômeno a ser pesquisado, mas não só, pois busca-se a historicidade das multideterminações que constituem o fenômeno. Gonçalves e Furtado (2016, p. 32) esclarecem que:

(...) a materialidade da vida humana começa pela existência de um organismo biológico que, entretanto, só se torna humano por meio da produção da própria existência, no âmbito das relações sociais historicamente constituídas, incluindo a produção de bens materiais e imateriais, físicos e simbólicos. Pela concepção dialética, o ser de todas as coisas inclui, necessariamente, o não ser, unidade de contrários que resulta no vir a ser; ou seja, o processo real da vida é a transformação constante.

Para entendermos a base que este método trouxe à Psicologia Sócio-Histórica é importante apresentarmos duas de suas categorias e que são primordiais para Vigotski desenvolver a sua teoria – a historicidade e a mediação.

Categorias são entendidas como construtos intelectivos que buscam refletir os aspectos gerais e essenciais do real, com as suas relações buscam contribuir para a apreensão da essência do real, a sua materialidade, o seu movimento e processo constitutivo (CURY, 1985, apud AGUIAR; MACHADO, 2016).

Desse modo, as categorias norteiam a interpretação, tanto dos fenômenos mais complexos, que têm maior abrangência e expressam um momento de maior abstração, de articulação com o todo, quanto dos menos complexos, os quais, por sua vez, podem até estar contidos em outros, mas jamais poderão ser vistos como estanques, fixos, não históricos, nem ser apreendidos na sua imediaticidade (AGUIAR; MACHADO, 2016, p. 264).

A categoria mediação explicita e explica que as relações são sempre mediadas, não são diretas. A mediação articula fatos, fenômenos e processos, como explica Severino (2002, p. 44), se constitui na “[...] instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si; a partir daí o conceito designará um elemento que viabiliza a realização de outro que, embora distinto dele, garante a sua efetivação, dando-lhe concretude”. É um processo que faz a articulação entre fenômenos, processos e fatos.

Um exemplo de mediação é a relação entre o ser humano e a sociedade, juntos constituem uma unidade de contrários, pois um não existiria sem o outro, da forma como são. O ser humano, cultural social e histórico, como conhecemos, só é assim se estiver inserido em uma sociedade e, portanto, contiver as relações da sociedade que fará parte da sua constituição. Por outro lado, a sociedade só existe porque os seres humanos fazem parte dela e a criaram, ou seja, o ser humano e a sociedade estão em uma relação mediada, nunca dicotômica.

A mediação permite compreender o sujeito social e individual, por meio de todas as suas expressões na sua relação com o mundo (AGUIAR; OZELLA, 2013). Assim, considera-se que o ser humano e a sociedade se constituem mutuamente, e ao mesmo tempo em que cada um se constitui, constitui o outro.

A categoria mediação auxilia a conceber o ser humano como singular, Aguiar e Ozella (2006, p. 225) afirmam “Entendemos, desse modo, que o homem, ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, nas relações com o social (universal), constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades/ circunstâncias específicas)”.

As relações são multideterminadas e mediadas pela cultura, por valores, por classes sociais, país, família, gênero, entre tantas outras, inclusive pela subjetividade. É importante destacarmos que essas relações não são imediatas, são permeadas pela historicidade. As mediações presentes e que constituem fenômenos, sujeitos e fatos são também históricas, são relações de outras gerações, de outros fenômenos e fatos que culminaram no presente.

Cada indivíduo possui a sua própria história, mas também faz parte de toda a história da humanidade. Por meio da categoria historicidade é possível apreender a realidade no seu movimento, compreender a gênese e o processo de transformação dos fenômenos (AGUIAR; OZELLA, 2013). A história não é entendida somente como a sucessão de fatos cronologicamente organizados:

Pelo contrário, trata-se de um movimento determinado por relações de forças dialeticamente articuladas, as quais se constituíram no decurso da existência cotidiana dos acontecimentos, muitas vezes, triviais, comuns, mas constituídos pela totalidade histórica, entendida sempre em movimento, como própria de um período determinado (AGUIAR; MACHADO, 2016, p. 264).

A historicidade está carregada de contradições e expressa as experiências humanas e as suas ideias como expressão mediada destas experiências (GONÇALVES, 2015), ou seja, os fatos e os acontecimentos sociais e culturais são produto da ação do ser humano e da relação deste com os outros na sociedade, sempre carregada de significações.

Para Vigotski (2000) a palavra história significa abordagem dialética geral das coisas e a história do próprio ser humano. Considerando a perspectiva da “dialética geral das coisas”, o autor expressa a importância da abordagem dialética, de uma abordagem em que o movimento dialético é o motor da história e a historicidade é um elemento presente em todas as coisas. Assim, é fundamental reconhecermos que as funções superiores, no seu desenvolvimento, são subordinadas às regularidades históricas.

A categoria historicidade ajuda a entender que o que acontece não é pré-determinado ou pré-estabelecido ou mesmo que haja uma linearidade no percurso da história. Como Duarte (2000, p. 101) aponta:

A história para Marx não persegue uma meta estabelecida previamente por alguém ou por algo. A existência da forma burguesa de sociedade não estava pré-estabelecida já no início da história, ela é um produto do devenir histórico. Sendo produto de um processo histórico [...].

Retomamos a concepção de dialética para explicar a categoria historicidade, pois estão intimamente ligadas. Como afirma Duarte (2000), a forma da burguesia não estava pré-estabelecida, mas é um produto histórico. Logo, o movimento de um fenômeno não é pré-estabelecido, mas carrega dentro de si o que virá a ser, possui o elemento da mudança, o seu devir, que irá se transformar no processo histórico.

A partir da leitura do Materialismo Histórico Dialético, Vigotski se apropria das categorias importantes do método e entende que a Psicologia deve criar a partir daí o seu referencial e não fazer uma transposição de conceitos, o que é explicado no epílogo do livro seu livro “Teoria e Método em Psicologia”.

A psicologia – sublinha – requer seu *O capital*. Seu objetivo não consiste em acumular ilustrações psicológicas em torno de conhecidos princípios da dialética materialista, mas em aplicar esses princípios como instrumentos que permitem transformar a partir de dentro o processo de investigação, descobrir na realidade psíquica certas facetas diante das quais são impotentes outros procedimentos de obtenção e organização dos conhecimentos (IAROCHEVSKI; GURGUENDZE, 1996, pp. 471-472).

Por conseguinte, em sua teoria, Vigotski rompe com a Psicologia de sua época e da mesma forma que o Materialismo Histórico Dialético, considera o fenômeno histórico como primordial na compreensão da realidade. Vigotski (2007) afirma que o homem é constituído pela natureza, mas que age sobre a natureza e cria novas condições para a sua existência, e ao mesmo tempo que transforma a natureza transforma a si próprio.

Vigotski (2007, p. 66), a partir dos princípios do m Materialismo Histórico Dialético, define três princípios básicos para se fazer a pesquisa: analisar o processo e não o objeto, pois se entende que os fenômenos psicológicos estão em constante movimento: “[...] procuramos entender as ligações reais entre os estímulos externos e as respostas internas que são a base das formas superiores de comportamento, apontadas pelas descrições introspectivas”.

O segundo princípio busca a essência do fenômeno, ou seja, não fica na aparência, duas atividades diferentes podem ter a mesma manifestação externa, no entanto, podem ter origens profundamente distintas. Assim, procura-se a essência dos fenômenos indo além das características perceptíveis na imediatez.

E o terceiro diz respeito ao comportamento fossilizado, no qual, segundo Vigotski (2007), são processos que passaram por longo estágio do desenvolvimento histórico, portanto tornaram-se fossilizados, encontrados em processos psicológicos automatizados. Como perderam a aparência original, não trazem informações sobre a sua origem interna.

Juntamente com Luria e Leontiev, este autor desenvolveu categorias próprias para a Psicologia, dentre elas, nos apoiaremos, principalmente, em: pensamento e linguagem, atividade, sentido e significado.

Vigotski (2001) aponta que entre as atividades da consciência, a principal é a relação entre o pensamento e a palavra. Chama a atenção para o fato de entender o pensamento e a linguagem em uma relação, em que eles não são a mesma coisa, como outras teorias afirmavam, mas se constituem mutuamente, um não opera sem o outro, embora sejam diferentes e de origens diferentes. Ambos são mediados pela emoção e pelo afeto e um contém o outro.

O autor afirma que é necessário fazer a análise da unidade de um fenômeno, pois essa unidade faz parte e compõe a totalidade. Assim, para se entender a palavra – que segundo Vigotski (2001) é uma generalização, sempre se refere a um grupo ou classe de objetos – torna-se necessário compreender o significado: “A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio” (VIGOTSKI, 2001, p. 398).

Entende-se que o significado está em uma relação estreita entre pensamento e linguagem. Vigotski (2001) afirma que este fenômeno é, ao mesmo tempo, do pensamento e da linguagem, no entanto:

O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz (VIGOTSKI, 2001, p. 398).

O entendimento de que o significado se modifica possibilitou a compreensão da relação entre pensamento e palavra, pois quando o significado é modificado, altera-se também a relação do pensamento com a palavra e esta relação deve ser vista como um processo em desenvolvimento. O pensamento está sempre em um movimento interno, em um processo de transição para a palavra e da palavra para o pensamento. A fala não existe sem o pensamento, porém, o pensamento existe sem a fala.

Embora pensamento e linguagem estejam em profunda relação, têm origens diferentes e se apresentam de formas distintas: “Mas o vínculo entre o pensamento e a palavra não é um vínculo primário, dado de uma vez por todas. Surge no desenvolvimento e ele mesmo se desenvolve” (VIGOTSKI, 2001, p. 484).

O pensamento é adjetivado, acontece de forma condensada, é possível pensar em muitas coisas ao mesmo tempo, diferente da fala. A fala se expressa de acordo com a lógica formal, pois precisa seguir uma estrutura, uma ordem e uma organização pré-estabelecida. No entanto, um se realiza e contém o outro. “A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra” (VIGOTSKI, 2001, p. 412).

Como já ressaltamos, uma palavra só existe como tal se tiver significado, a melhor maneira de entender o pensamento é a partir da palavra com significado. Os significados são compartilhados por uma sociedade, são construções históricas e sociais e permitem a comunicação e a socialização de experiências e sentimentos.

O significado remete tanto ao pensamento quanto à linguagem, no entanto, para compreendê-lo é necessário analisar conjuntamente seu par dialético – o sentido, que é único para cada sujeito e, como categoria, expressa a possibilidade de o sujeito apreender o real de forma única, a partir das suas experiências afetivas e cognitivas, como explicitado por Bock e Aguiar (2016, p. 54):

Frisamos, assim, a natureza individual, histórica e social dos sentidos, constituídos num processo em que o sujeito revela seu lado ativo, único que, ainda seguindo Aguiar et al (2009), se objetivará a partir da mobilização interna ocorrida e da qualidade de arranjos e rearranjos possíveis neste processo, o qual, seguramente, vai depender tanto do momento específico do sujeito, como das condições objetivas geradoras da mobilização.

O sentido é próprio de cada sujeito, refere-se ao modo como o sujeito subjetivo suas vivências, nas relações sempre mediadas com o outro e com o mundo. Vivências sempre emocionadas que são subjetivadas e objetivadas, em constante movimento. Para Leontiev (1980, apud AGUIAR et al., 2009, pp. 61-62):

[...] os significados levam a uma vida dupla. Eles são produzidos pela sociedade e têm seu histórico no desenvolvimento da linguagem, na história do desenvolvimento das formas da consciência social; [...]. Nessa sua existência objetiva, os significados obedecem a leis sócio-históricas e, ao mesmo tempo, à lógica interior do seu desenvolvimento. Porém, [...], eles permanecem escondidos dentro de outra vida e em outro tipo de movimento – seu funcionamento nos processos da atividade e consciência de indivíduos específicos, ainda que possam existir somente por meio desses processos. Nessa sua segunda vida, os significados são individualizados e “subjetivados” apenas no sentido de que seu movimento no sistema das relações sociais não está neles diretamente contido; eles entram em outro sistema das relações, outro movimento.

Sentido e significado se constituem mutuamente e são construídos historicamente por meio da atividade dos sujeitos no mundo, um contém o outro e formam um par dialético, juntos, sentido e significado formam as significações e nunca devem ser analisados de forma dicotômica: “O homem constrói seu mundo psicológico por meio de sua relação com o ambiente sociocultural. Enquanto atua sobre o mundo, modifica não apenas a realidade externa como também constrói sua própria realidade psíquica” (AGUIAR et al., 2009, p. 57).

O processo de constituição do par dialético sentido e significado ocorre de forma mediada, sendo afetado por multideterminações históricas e sociais. Por meio das dialéticas interna/externa e objetiva/subjetiva os significados são constituídos e são permeados pelos sentidos, sempre imbricados de afetos e emoções que estão em constante movimento de significação e ressignificação a partir das vivências dos sujeitos, e dependerá tanto das condições objetivas quanto do momento do sujeito. Nesse processo de constituição dos sentidos e significados incide, também, a criação do novo:

[...] nesse processo, não há apenas uma reprodução do já criado, mas, pelo contrário, o novo surge a partir do movimento no qual o sujeito, em atividade, constitui seus sentidos com base na dialética interna/subjetiva, recorrendo a elementos dos sentidos (articulados no plano da subjetividade) de diversas e diferentes procedências (AGUIAR et al., 2009, p. 63).

A análise do sujeito a partir dessa unidade, na busca pela apreensão das suas significações, permite conhecer o sujeito e nos aproximarmos do movimento do real. Em última instância, a resposta do sujeito será baseada no sentido, no subjetivo.

Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. Só ela pode dar a resposta ao último *porquê* na análise do pensamento. (...). A compreensão efetiva e plena do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a sua eficaz causa profunda afetiva-volitiva (VIGOTSKI, 2009, pp.479-480).

A maneira singular como cada sujeito significa o mundo, as suas relações e a si mesmo, refere-se à subjetividade, e está sempre imbricada de emoção, sentimento, afeto, memórias, imagens e pensamentos. Trata-se de um processo que é sempre mediado social e historicamente, é constituído por múltiplas determinações e tem origem no social. Portanto, carrega também a objetividade como elemento constitutivo. Ao mesmo tempo em que o sujeito objetiva a sua subjetividade, ele subjetiva o mundo objetivo. Objetividade e subjetividade formam um par dialético,

estão estreitamente imbricadas uma na outra, Bock e Aguiar (2016, pp. 48-49) esclarecem que a “[...] subjetividade, mesmo tomada como individual, é constituída socialmente, em um processo objetivo com conteúdo histórico, e a objetividade é constituída historicamente a partir da ação humana que agrega a ela elementos da subjetividade”.

O sujeito constitui a sua subjetividade por meio da atividade e, enquanto realiza a atividade transforma a natureza e a si próprio. Ao longo da história o ser humano tem transformado a natureza, a si próprio e as suas necessidades, por meio da atividade. Na atividade, o ser humano busca atender suas necessidades, que serão satisfeitas quando encontrarem o objeto ou motivo para supri-las. “O motivo pode ser material ou ideal, real ou imaginário. As atividades humanas podem diferir por diversas razões, mas o fundamental, aquilo que distingue uma atividade da outra, é o seu objeto” (AGUIAR; MACHADO, 2016, p. 265).

A atividade real é o que é de fato realizado, no entanto, as autoras Aguiar e Machado (2016) chamam atenção para o que foi explicitado por Clot (2006), ao afirmar que a atividade entendida como categoria, tal como em Leontiev, é muito mais do que a atividade observável, ou seja, a atividade real. A atividade referida carrega a atividade interna e a externa. Seguindo o pensamento de Clot, falam do real da atividade, aquilo que envolve tanto o que se faz, quanto o que não se faz, o que não pode ser feito, o que se pensou ou se sonhou, e o que foi feito para não precisar fazer o que deveria ser feito e, ainda, o que foi feito sem vontade. Assim, podemos afirmar que atividade é o que “aparece”, mas também tudo aquilo que pressiona e constitui os seus rumos.

Gonçalves e Furtado (2016, p. 35) afirmam que a compreensão dos fenômenos psicológicos implica considerar que: “a subjetividade, conjunto de todos os aspectos psicológicos, produzidos pelo psiquismo, é constituída em um processo ativo de relação entre o sujeito e a realidade objetiva”. De forma dialética a relação objetividade-subjetividade, através da atividade do sujeito, transforma e constitui tanto o sujeito quanto a realidade. Por meio da atividade o ser humano se objetiva e, ao mesmo tempo, subjetiva a realidade objetiva. A subjetividade está imbricada de elementos da afetividade e da emoção, e estes estão presentes em todas as experiências.

O nosso objetivo é apreender as significações dos funcionários da educação, e assim, nos aproximarmos da subjetividade, tendo como ponto inicial a fala desses sujeitos, e a partir do movimento de análise compreender as significações produzidas social e historicamente.

Para que possamos, portanto, nos apropriar das significações, necessário se faz apreender não sua unilateralidade, mas suas relações, qualidades, contradições, isto é, as mediações sociais e históricas que as configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 61).

Vigotski (2009, p. 16) também deixa claro que a fala é sempre emocionada, em sua crítica a psicologia tradicional: “Como se sabe, a separação entre a parte intelectual da nossa consciência e a sua parte afetiva e volitiva é dos defeitos radicais de toda a psicologia tradicional”.

Entendemos que as pesquisas que buscam apreender a subjetividade dos sujeitos envolvidos em processos educativos contribuem para aumentar o conhecimento na área da educação, possibilitando a compreensão das mediações constitutivas dos processos escolares, por meio dos sujeitos que estão ali presentes. Nesta pesquisa as categorias irão nortear as análises das significações dos profissionais da educação sobre o seu processo de formação.

Com esta pesquisa pretendemos contribuir com a educação no que tange ao conhecimento sobre as significações de funcionários da educação sobre a sua formação. Apreender se a formação pelo Proffuncionário contribuiu para que os funcionários passassem a participar dos processos educativos da escola, se passaram a ter o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar, percebendo-se como educadores.

CAPÍTULO IV – A PESQUISA

Nossa pesquisa está pautada na Psicologia Sócio-Histórica que é constituída a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos do Materialismo Histórico Dialético, na obra de Vigotski e de outros autores contemporâneos. Buscamos ir além da aparência, da constatação ou da descrição para encontrar a essência do fenômeno que, na presente pesquisa, são as significações dos funcionários da educação sobre o seu processo de formação. Para isto, torna-se necessário explicitarmos e explicarmos as mediações constitutivas de tais significações. Vigotski (2004, p. 150) afirma: “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica. Essas coisas deveriam ser registradas, contadas, mas não pesquisadas”.

Buscamos compreender se e como esta formação impactou a vida profissional e pessoal desses profissionais, considerando as mediações históricas e sociais que constituíram o processo de formação analisado, tais como políticas públicas, carreira desses profissionais, oportunidade de participação nos espaços de gestão e deliberação da escola e as relações entre eles e a comunidade escolar (alunos, professores, gestão, famílias e demais funcionários).

Dessa maneira, pretendemos contribuir para o avanço do conhecimento sobre educação, especificamente sobre o funcionário da educação, ao compreender quais as mediações que estão presentes na sua constituição profissional na escola, em particular como uma formação específica afetou este sujeito.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos alguns elementos da produção de Fernando González Rey (2005) no que se refere à Epistemologia Qualitativa, a qual legitima a pesquisa qualitativa no campo das Ciências Sociais e o singular como instância de produção do conhecimento científico e apresenta o caráter construtivo e interpretativo do conhecimento. Assim, buscamos apoio em alguns elementos desta produção, coerentes com a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica.

Com esta proposta, González Rey (2005) elaborou uma alternativa à pesquisa positivista ateorica que impunha para as Ciências Sociais a pesquisa quantitativa, com foco em acumulação de dados e a possibilidade de verificação imediata e recusava a

produção teórica e as reflexões. Este autor aponta a quantificação como legítima, no entanto, depende do aporte teórico e da significação que terá, e que, muitas pesquisas estão utilizando-a de forma inadequada:

A metodologia conduziu a um metodologismo, no qual os instrumentos e as técnicas se emanciparam das representações teóricas convertendo-se em princípios absolutos de legitimidade para a informação produzida por eles, as quais não passavam pela reflexão dos pesquisadores (GONZÁLEZ REY, 2005, p.2).

Diferente da pesquisa quantitativa, o que se generaliza na pesquisa qualitativa é a teorização: teorizar sobre o que acontece no fenômeno, trazer elementos mais amplos e explicativos. Segundo Aguiar (2015) essa generalização é definida pela capacidade explicativa dos fenômenos, ou seja, pela capacidade de apreensão das mediações constitutivas do fenômeno pesquisado.

González Rey (2005) aponta o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento e enfatiza que é uma construção, uma produção humana. O conhecimento não é uma apropriação linear da realidade, pois na realidade há campos infinitos inter-relacionados, os quais são afetados pela nossa pesquisa científica. No processo de pesquisar, quando nos aproximamos do objeto da pesquisa, alteramos e criamos uma nova realidade. O autor afirma que: “É impossível pensar que temos um acesso ilimitado e direto ao sistema do real, portanto, tal acesso é sempre parcial e limitado a partir de nossas próprias práticas” (p. 5).

O caráter construtivo-interpretativo traz um atributo essencial, que é o caráter teórico. Dessa forma, o autor enfatiza que essa proposta metodológica busca romper com a dicotomia entre empírico e teórico, entendendo a pesquisa como produção teórica, em que teórico não é apenas o conhecimento pré-existente sobre determinado assunto, mas condiz também “[...] muito particularmente, aos processos de construção intelectual que acompanham a pesquisa” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 11).

Ao partirmos dos pressupostos do Materialismo Histórico Dialético e da Psicologia Sócio-Histórica nos propomos a fazer uma pesquisa necessariamente qualitativa, sendo nossa tarefa central a explicação e não a mera descrição, no caso, das significações dos sujeitos.

Frente a essa posição assumida, elegemos dois sujeitos, pois, orientados pelos pressupostos do método, compreendemos que cada um deles constitui o todo e é por

ele constituído. Cada sujeito vive uma relação dialética com a realidade social, portanto, é único, social e histórico ao mesmo tempo. Logo, o nosso entendimento é de que todas as expressões dos sujeitos são singulares, de pessoas que participaram do curso, que viveram a realidade da escola, e que foram produzidas por subjetividades historicamente constituídas, o que nos permite compreendê-las como expressão do social e da história.

Por meio da análise das significações dos sujeitos escolhidos, pretendemos apreender, explicitar e explicar elementos do processo de constituição das mesmas, teorizar sobre tais aspectos, de modo a produzir conhecimento para melhor compreensão do objeto em foco.

As significações desses sujeitos revelam significações próprias, no entanto, são uma expressão social. No procedimento de análise, denominado Núcleos de Significação, partimos da palavra com significado, e por meio do processo analítico buscamos as mediações que constituem as significações.

4.1 – Objetivo geral

Apreender as significações sobre o processo de formação de funcionários da Educação da Escola Básica pública, do estado e da Prefeitura de São Paulo, formados na turma ingressante de 2014, no curso técnico de Secretaria Escolar do Profuncionário, pelo IFSP Câmpus São Paulo.

4.1.1 – Objetivos específicos

Compreender se, e como, esta formação impactou a vida profissional e pessoal dos funcionários, considerando as mediações históricas e sociais que constituíram o processo de formação.

Analisar, por meio das significações expressas, se os funcionários mudaram sua forma de relacionamento com os demais integrantes da comunidade escolar após participação no curso.

Analisar as significações dos funcionários que participaram do curso sobre a sua participação em processos pedagógicos e tomadas de decisões nas escolas em que atuam.

4.2 – Sujeitos da pesquisa e caracterização

Os participantes da primeira etapa da pesquisa são funcionários de diferentes escolas públicas, tanto do estado quanto da Prefeitura de São Paulo, formados no curso técnico de Secretaria Escolar do Programa Profuncionário, ofertado pelo IFSP Câmpus São Paulo, da turma ingressante de 2014 e que responderam ao questionário enviado por e-mail.

O total de formados dessa turma foi de 76 alunos, do total de 150 ingressantes. Tivemos 14 respostas ao questionário enviado por e-mail, equivalente a 18,42%. Considerando que 11 dos e-mails enviados não chegaram aos destinatários (e-mails inexistentes à época da pesquisa), tivemos 21,54% de resposta dos formados que receberam o e-mail com a pesquisa.

Das 14 respostas ao questionário de múltipla escolha, selecionamos duas pessoas para participarem de entrevistas individuais em uma segunda etapa da pesquisa, por nós nomeadas de Mirtes e Júlia⁷.

A escolha das participantes se deu a partir das respostas ao questionário, utilizamos como critério a diferença entre as respostas. Assim, escolhemos uma participante que concordou com a maior parte das afirmações colocadas e a outra participante, ao contrário, não concordou com a maior parte das afirmações.

Júlia concordou com a maioria das afirmações:

- O curso foi bom para o meu crescimento profissional.
- O curso foi bom para o meu crescimento pessoal.
- Após realizar o curso a minha forma de trabalhar na escola mudou.
- A relação entre os alunos e eu é muito boa.

⁷ Nomes fictícios para preservar a identidade das participantes da pesquisa. Todas as participantes desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice I).

- Mudei o jeito de agir com os alunos depois que realizei o curso.
- Considero que também sou educador.
- Participo de reunião com os demais profissionais da escola.

Esta participante, das oito afirmativas disponibilizadas na pesquisa, só não concordou com uma delas: Percebo que os outros funcionários me tratam diferente após a realização do curso.

A participante Mirtes não concordou as afirmações:

- O curso foi bom para o meu crescimento profissional.
- Após realizar o curso a minha forma de trabalhar na escola mudou.
- Percebo que os outros funcionários me tratam diferente após a realização do curso.
- A relação entre os alunos e eu é muito boa.
- Mudei o jeito de agir com os alunos depois que realizei o curso.

No entanto, concordou com três afirmações:

- O curso foi bom para o meu crescimento pessoal.
- Considero que também sou educador.
- Participo de reunião com os demais profissionais da escola.

Júlia é Auxiliar Técnica de Educação (ATE) da Prefeitura de São Paulo desde 2008 e está na escola atual desde 2013. Tem 32 anos de idade, casada e não tem filhos, atualmente é auxiliar de secretaria, mas já trabalhou como inspetora de alunos. Como ATE ela poderia trabalhar tanto na secretaria como na inspetoria de alunos, a depender da necessidade da escola e da decisão da diretora. Ela fez Ensino Médio com técnico em Designer Gráfico. Coursou ensino superior em Ciências biológicas, formação de professores (licenciatura) e Pedagogia. Fez curso técnico em Artes Gráficas, Finanças e começou técnico em Administração, embora não tenha concluído. Ela já fez concursos para ser professora e pretende prestar outras provas para concursos na área da Educação.

Mirtes é Agente de Organização Escolar (AOE) do estado de São Paulo desde 2013, tem 46 anos de idade, casada e tem dois filhos. Atualmente é inspetora de alunos, mas já trabalhou na secretaria da escola. O AOE no estado, da mesma forma

que o ATE na Prefeitura, pode trabalhar tanto na secretaria quanto na inspetoria de alunos, a depender da necessidade da escola e da decisão da diretora.

Ela é formada em Marketing e estava cursando Matemática, no entanto, trancou a matrícula, mas pretende voltar ao curso. Trabalhou por muito anos na área de Marketing e resolveu mudar, principalmente por conta do tempo de deslocamento para ir e vir do trabalho que era de torno de uma hora e meia de carro ou uma média de duas horas de transporte público. Cursou também técnico em Contabilidade e Enfermagem, ficou dois anos sem trabalhar e prestou o concurso para esta função que atua hoje, mesmo sem muita expectativa passou e ingressou na escola há 5 anos. Ficou cerca de seis meses em outra escola antes de conseguir remoção para a escola atual, que é bem próxima da sua casa e seu tempo de deslocamento até o trabalho é de 10 minutos.

4.2.1 – Caracterização da escola da Júlia

A escola em que a Júlia trabalha é pública, da Rede Municipal de São Paulo, localizada em uma região próxima ao centro da cidade, em um bairro de baixíssima vulnerabilidade social⁸. No entorno da escola há uma estrutura para atender às demandas da população local, como posto de saúde, creche, escola de educação infantil, clube escola, biblioteca e faculdades.

De acordo com o site de gerenciamento de escolas da prefeitura de São Paulo⁹, esta escola oferece o Ensino Fundamental e o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), possui 798 alunos e 57 profissionais, dois quais:

- 3 Agentes de apoio - nível I;
- 3 Agentes escolar;
- 2 Assistentes de diretor de escola;
- 6 Auxiliares técnico de educação;
- 1 Coordenador pedagógico;

⁸ Segundo mapa de vulnerabilidade social da prefeitura de 2010. Disponíveis em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/o3_1400688004.pdf, acesso em 06 de maio de 2018.

⁹ Disponíveis em: <http://eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br>, acesso em 06 de maio de 2018.

- 1 Diretor de escola;
- 40 Professores;
- 1 Secretária.

As dependências da escola dispõem de: 1 laboratório de informática; 2 quadras; 1 rampa; 10 salas de aula; 1 sala de leitura; um banheiro adaptado para pessoas com deficiência.

4.2.2 – Caracterização da escola da Mirtes

A escola em que a Mirtes trabalha é pública, da Rede Estadual de São Paulo, localizada no extremo da Zona Leste da cidade, em um bairro de vulnerabilidade social média e alta, segundo mapa de vulnerabilidade social da Prefeitura, de 2010. É uma região bem carente, como informado pela própria Mirtes e a escola possui muitas grades e portões, inclusive nas portas das salas.

De acordo com o censo de 2017¹⁰, complementado por dados fornecidos pela própria escola, esta oferece o Ensino Fundamental para os anos finais (6º ao 9º ano), Ensino Médio e o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), possui 1.684 alunos e 99 profissionais, dos quais:

- 13 Agentes de organização escolar;
- 2 Coordenadores pedagógicos;
- 1 Diretor de escola;
- 1 Gerente de organização escolar;
- 79 Professores;
- 3 Vice-diretores (1 do Programa Escola da Família).

As dependências da escola dispõem de: 4 banheiros, sendo 2 adaptados para pessoas com deficiência; 1 biblioteca; 1 gabinete para a direção; 1 sala de coordenação; 1 sala de informática; 1 sala de vice-diretor; 1 sala de vídeo; 1 sala dos professores; 17 salas de aula; e 1 quadra poliesportiva.

¹⁰ Dados disponíveis em: <http://gedu.org.br>, acesso em 06 de maio de 2018, e complementados com informações fornecidas pela escola.

4.3 – Procedimentos para a produção de informações

Escolhemos dois procedimentos para a produção das informações para o presente estudo: um questionário online enviado por e-mail e duas entrevistas realizadas posteriormente, sendo estes escolhidos por entendermos que são as formas mais indicadas para alcançar o objetivo da pesquisa.

O questionário online (Apêndice A) foi enviado para todos os funcionários que se formaram (76 pessoas) no curso técnico de Secretaria Escolar do Programa Profuncionário, da turma ingressante de 2014. Para o questionário foram elaboradas oito afirmações sobre como o curso afetou o funcionário, suas relações na escola, a sua forma de trabalhar e afirmações sobre a participação em reuniões e em outras formações, buscando atender aos temas relacionados ao nosso objetivo.

Utilizamos a Escala Likert (LIKERT, 1932), na qual os respondentes especificam seu nível de concordância às afirmações apresentadas. Essa escala é bipolar e demonstra se o sujeito concorda ou discorda de cada uma das afirmações colocadas, sendo possível, ainda, acrescentar uma alternativa neutra como a que utilizamos no questionário: nem concordo, nem discordo. As outras opções de escolha foram: concordo totalmente; concordo; não concordo ou completamente em desacordo. Por fim, acrescentamos duas questões para saber em qual setor da escola os funcionários trabalhavam antes e depois do curso.

Como explicitado acima, optamos por incluir cinco alternativas, que de acordo com Luna¹¹ (2017) é um número de alternativas que permite uma boa distinção de opiniões, além de considerar a opção neutra que não força o respondente a escolher entre as alternativas postas, pois assim o participante da pesquisa não precisa formar uma opinião na hora da resposta.

Com este questionário tivemos o objetivo de ter uma primeira aproximação de como o curso foi apreendido pelos alunos e a partir das respostas escolhermos os sujeitos participantes das entrevistas. Com a análise das respostas obtidas dos questionários foi possível escolher duas participantes que, a princípio, pareciam ter

¹¹ Luna, S. V. de (s/d). Material didático empregado na disciplina Semanários de Pesquisa II no 1º semestre de 2017, do Programas de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo: PUC- SP, 2017.

opiniões bem diferentes em relação ao curso e ao que este lhe proporcionou. Fizemos a escolha pela diferença de opinião a respeito das afirmações, ou seja, uma possibilidade de captarmos a diversidade. Uma das participantes concordou com a maior parte das afirmações, enquanto a outra não concordou com a maior parte.

As entrevistas foram realizadas a partir do procedimento de entrevista recorrente por nos permitir a construção do conhecimento sobre o que estamos pesquisando na interação entre a pesquisadora e a participante, e assim, possibilitar a transformação e a modificação do tema conversado, ressaltando que é assumida a ausência de neutralidade. Simão (1989, apud SADALLA et al., 2005, p. 75) afirma que este procedimento é uma interação planejada entre: “ator que pretende ‘conhecer’ o fenômeno e outro ator que detém a experiência cotidiana daquele fenômeno”.

Dessa forma, foram realizadas duas entrevistas com cada uma das participantes desta segunda etapa de produção das informações a serem analisadas. Na elaboração das perguntas para a primeira entrevista (Apêndice B) escolhemos os tópicos que deveriam ser discutidos, para não correr risco de deixar de lado algum tópico relevante ou, por outro lado, fazer muitas perguntas sobre um tópico, como salientado por Luna (2017):

A falta de planejamento leva as pessoas a construírem instrumentos com base em itens que vão sendo lembrados e que parecem úteis para a análise. Aplicado o instrumento, descobrem que as questões são dispersas (às vezes, há apenas uma questão referente a um tópico de análise) e as respostas oferecidas não permitem agrupamentos relevantes¹².

Assim, para esta entrevista elaboramos perguntas a partir dos tópicos: perguntas referentes ao curso, trabalho na escola e sobre a carreira; acrescidas de perguntas relacionadas ao que elas responderam no questionário.

A segunda entrevista (Apêndice C) foi realizada depois de uma análise da primeira entrevista, na tentativa de aproximação com as significações dos sujeitos da pesquisa sobre o curso. O roteiro para esta foi elaborado com o objetivo de compreender questões que não ficaram muito claras para nós, como: qual a atividade

¹² Luna, S. V. de (s/d). Material didático empregado na disciplina Semanários de Pesquisa II no 1º semestre de 2017, do Programas de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo: PUC- SP, 2017.

do sujeito na escola e como as disciplinas específicas de secretaria escolar contribuíram com o trabalho e como poderiam contribuir.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas (Apêndices E, F, G e H).

4.3.1 – O processo de entrevistas com a Júlia

O encontro para a realização da primeira entrevista foi marcado na escola em que Júlia trabalha, após o seu horário de trabalho, no dia 03 de abril de 2018. Prevíamos iniciar a conversa em uma sala ao lado da secretaria, mas Júlia ficou preocupada com possíveis interrupções e sugeriu que fizéssemos na faculdade que tem próxima a escola, onde conseguimos conversar em uma sala de aula vazia.

A segunda entrevista foi realizada no dia 04 de maio de 2018, sendo que nos encontramos na escola e depois nos deslocamos para a mesma faculdade. Assim como a primeira entrevista, tudo ocorreu de forma tranquila.

4.3.2 – O processo de entrevistas com a Mirtes

O encontro para a realização da primeira entrevista foi realizado no dia 05 de abril de 2018, na escola em que esta participante trabalha, onde pudemos conversar, tranquilamente, no refeitório dos funcionários.

A segunda entrevista foi no dia 03 de maio de 2018, em um espaço aberto de um Centro Educacional Unificado (CEU), porque a Mirtes estava de licença médica. O encontro ocorreu de forma tranquila e, dessa vez, mais descontraída.

4.4 – Procedimento para análise das informações: Núcleos de Significação

Para a análise das informações produzidas utilizamos o procedimento de análise Núcleos de Significação, visando instrumentalizar o pesquisador no processo de apreensão das significações – sentidos e significados – constituídas pelos sujeitos sobre a realidade pesquisada. Buscou-se ir além da aparência da realidade, para se chegar à essência do que é investigado, pautando-se na Psicologia Sócio-Histórica.

Para tanto, é necessário a apreensão das determinações históricas e sociais constitutivas do sujeito e, assim, de suas objetivações na forma de significações (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013; AGUIAR et al., 2015).

Aguar e Ozella (2013) afirmam que os significados são social e historicamente determinados, são mais do que aparentam: “Por isso, os significados de uma palavra não se reduzem nem à dimensão linguística do pensamento nem à dimensão intelectual da fala” (AGUIAR et al., 2015, p. 61).

Dessa forma, com esse procedimento de análise busca-se:

[...] em lugar de reduzir os significados à mera descrição descontextualizada de palavras, luta por apreender e explicar, por meio de categorias metodológicas fundamentais, a riqueza das mediações que neles se ocultam e determinam sua relação de constituição mútua com os sentidos (AGUIAR et al., 2015, p. 61).

Este processo passa por três etapas: levantamento dos pré-indicadores, construção dos indicadores e construção dos Núcleos de Significação. É importante deixar claro que o trabalho de análise – etapas de construção dos Pré-indicadores, Indicadores e Núcleos – é marcado por um processo de ir e vir, ou seja, ao se chegar nos NS é possível que seja necessário voltar aos pré-indicadores, rever as articulações dos indicadores para, assim, reconstruir os NS. No processo de análise e construção, as categorias apresentadas nos pressupostos teóricos e metodológicos devem estar sempre presentes.

Na fase dos pré-indicadores as transcrições das entrevistas são lidas e relidas para buscar palavras que, articuladas, nos deem os primeiros indícios de formas de pensar, sentir e agir dos sujeitos relacionadas ao tema e ao objetivo da pesquisa. A busca é feita por palavras com significado, conforme Aguiar et al. (2015, p. 62) “[...] esses instrumentos não são constituídos de palavras vazias, mas de palavras cujos significados carregam e expressam sempre a materialidade histórica do sujeito, isto é, aspectos afetivos e cognitivos da realidade da qual participa”.

Essa primeira etapa é feita de forma cuidadosa, para buscar as particularidades da fala do sujeito, a frequência e a carga emocional apresentada e “visa a apreender não simplesmente as afirmações verbais do sujeito, mas também as significações da realidade que se revelam por meio das expressões verbais, que são sempre carregadas de afeto” (AGUIAR et al., 2015, p. 64).

Os pré-indicadores são compreendidos como produções subjetivas mediadas pela historicidade objetiva e pela cultura, não como falas soltas, descoladas da realidade. Considera-se a categoria totalidade nesta análise, e assim, as falas são consideradas unidade de um todo, ou seja, as falas do sujeito revelam mais do que o sujeito, revelam o sujeito histórico e suas mediações.

Em seguida, é realizado o agrupamento dos pré-indicadores em indicadores, etapa de juntar os pré-indicadores que se aproximam, por similaridade, complementaridade e/ou contraposição (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013 e AGUIAR et al., 2015).

Por fim, é realizada a articulação dos indicadores em NS que expressam o “[...] resultado de um processo em que os indicadores são articulados de modo a revelarem de forma mais profunda a realidade estudada” (AGUIAR et al., 2015). Com os NS nos aproximamos mais do concreto pensado e a dimensão empírica vai sendo superada. Nesse momento, por meio das categorias teóricas e metodológicas, se faz a articulação dos indicadores de forma a buscar as relações constituintes das significações. Com isso, busca-se apreender as mediações constitutivas da realidade concreta determinada pela historicidade e pelo social e que articulam a fala e o pensamento do sujeito.

[...] é possível verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e dos significados, o que possibilitará uma análise mais consistente que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 310).

Assim, se faz a articulação entre as partes, ancorada sempre na teoria e nas suas categorias. Nessa etapa temos duas fases, uma de sistematização dos Núcleos na articulação dos indicadores e outra voltada à discussão teórica dos conteúdos, ou seja, a interpretação Intranúcleo.

Por fim, avançaremos para a articulação Internúcleos, procedimento no qual se busca explicitar, explicar e interpretar as semelhanças, as contradições e as mediações constitutivas do fenômeno pesquisado, de modo a revelar o dialético movimento dos sujeitos. Contudo, tais semelhanças, contradições e mediações não estão aparentes na fala do sujeito, são apreendidas a partir da análise e da interpretação. Nesse momento se faz uma articulação maior com os contextos social,

histórico e econômico, assim como com a teoria que nos embasa para compreender os sujeitos da pesquisa no seu processo de constituição (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015).

Os Núcleos de Significação alcançam um nível superior de abstração e devem revelar as significações dos sujeitos e as mediações que o constituem. Na análise colocamos em discussão como os sujeitos participantes da pesquisa significaram o seu processo de formação em um curso específico para este grupo de funcionários, à luz da teoria que nos apoia e das condições sociais, políticas, culturais e éticas, próprias da sociedade no tempo presente.

CAPÍTULO V – ANÁLISES

5.1 – Primeiras análises a partir do questionário

O capítulo da análise inicia com a apresentação dos dados produzidos por meio do questionário. Nesse primeiro ponto, estão organizadas as respostas recebidas de 14 formandos do curso de Secretaria Escolar ao questionário, encaminhado por e-mail para os 76 formandos (Apêndice A). Desse total de e-mails, 11 não chegaram aos destinatários por motivo de e-mails inexistentes à época da pesquisa.

O quadro a seguir registra o quantitativo de respostas para cada nível de concordância às afirmações apresentadas no questionário.

Quadro 5 – Nível de concordância às afirmativas que compuseram o questionário.

Afirmações	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo	Completamente em desacordo	Nem concordo, nem discordo
O curso foi bom para o meu crescimento profissional	7	6	1	0	0
O curso foi bom para o meu crescimento pessoal	8	5	0	0	1
Após realizar o curso a minha forma de trabalhar na escola mudou	3	6	4	0	1
Percebo que os outros funcionários me tratam diferente após a realização do curso	0	2	10	2	0
A relação entre os alunos e eu é muito boa	3	9	2	0	0
Mudei o jeito de agir com os alunos depois que realizei o curso	0	5	9	0	0
Considero que também sou educador	7	7	0	0	0
Participo de reuniões com os demais profissionais da escola	2	8	4	0	0

Fonte: elaboração da pesquisadora.

Em seguida, está relacionada a área da escola em que trabalham ou trabalhavam os funcionários que responderam ao questionário, quase todos continuam na mesma área:

Quadro 6 – Áreas de atuação na Escola.

Área que trabalhavam	Área que trabalham atualmente	Quantidade
Secretaria	Secretaria	8
Secretaria	Pátio/secretaria	1
Pátio/secretaria	Pátio/secretaria	1
Secretaria	Inspetoria de alunos	1
Agente de organização escolar	Auxiliar em educação	1
Administrativa	Administrativa	1
Almoxarifado	Almoxarifado	1

Fonte: elaboração da pesquisadora.

A partir dessas respostas podemos ver que a maioria dos respondentes concordou que o curso foi bom para o crescimento pessoal e profissional. No entanto, mesmo que a maioria (10 respostas) tenha concordado que a sua forma de trabalhar na escola mudou, nove respondentes não concordaram que havia mudança no jeito de agir com alunos. Provavelmente porque consideravam que fosse boa a forma de lidar com os alunos e, aparentemente, não seria necessário mudar a prática, inclusive 12 responderam que a relação com os alunos é muito boa.

Consideramos de grande relevância que todos tenham concordado que são educadores, fato entendido por nós como um passo muito importante na busca pela identidade do profissional que trabalha na escola.

Do total de 14 participantes, 10 responderam que participam de reuniões em suas escolas. Pensando na profissionalidade, na escola como totalidade em que todos os profissionais são chamados a participarem ativamente de ações educativas e, ainda, na gestão democrática da escola, é de grande importância que todos os profissionais participem de reuniões, discutam e planejem as suas ações.

A partir das respostas, escolhemos dois sujeitos para a realização de entrevistas individuais. Como já anunciado, a escolha se deu pela diferença de

respostas nas alternativas. De um lado escolhemos uma participante que concordou com a maioria das afirmações, enquanto a outra participante não concordou com grande parte das afirmações e demonstrou certa contradição ao concordar que o curso foi bom para o crescimento pessoal e que, no entanto, não foi bom para o crescimento profissional.

Com as entrevistas produzimos informações para serem analisadas por meio de Núcleos de Significação, partindo da análise da fala transcrita das participantes.

5.2 – Das informações aos dados – a seleção dos Pré-indicadores, construção dos Indicadores e dos Núcleos de Significação

Conforme explicitado e explicado no item 4.4 “Procedimento para análise das informações: Núcleos de significação”, para apreendermos as significações dos funcionários sobre o processo de formação partimos da fala dos sujeitos em busca das mediações que as constituem e, para tal, selecionamos os pré-indicadores e construímos os indicadores que estão articulados nos NS.

Inicialmente, as análises das falas transcritas das duas participantes foram feitas separadamente, sendo que Pré-indicadores, Indicadores e Núcleos correspondem à análise da fala de cada uma delas.

Os indicadores de cada uma das entrevistadas foram articulados em NS e expressam a realidade mais profunda, pois nos aproximamos mais do concreto pensado. A análise é realizada por meio das categorias teóricas e metodológicas e são adotados os critérios de similaridade, complementaridade e contradição, conforme Aguiar e Ozella (2013).

A seguir são apresentados os Núcleos de Significação com os respectivos indicadores e pré-indicadores de cada participante. A primeira linha de cada quadro refere-se ao nome do indicador, as linhas que seguem referem-se aos pré-indicadores.

5.2.1 – Pré-indicadores, Indicadores e Núcleos de Significação construídos a partir das entrevistas realizadas com a participante Júlia

Quadro 7 – Núcleo de Significação 1, entrevistada Júlia.

Núcleo 1 – A experiência é o elemento fundamental para aprimorar a prática, mas e a formação, como está?	
Indicador 01: Entraves a partir da organização na educação à distância: “ <i>eu não me sentia que estava indo para uma sala de aula, eu me sentia que estava indo para uma palestra</i> ”.	
Pré-indicadores	Eu particularmente, eu gosto do ensino presencial, não sei se é porque eu fui, apesar de eu, eu sou nova, tenho 32, mas eu acho que eu ainda tenho uma cabeça mais antiga, eu não sou muito... Mas assim, eu tive facilidade, a minha mãe ela já teve um pouquinho mais de dificuldade.
	Mas eu não tive o problema de fazer o curso a distância, porque eu acho que a aula presencial, eu acho que o contato com o professor, pessoalmente, o contato, este contato com o professor, com os colegas de sala, eu acho que cria um ambiente que você pode trocar... experiências, você pode enriquecer...
	Eu acho que o ensino a distância deixa a desejar neste quesito, não que não seja bom que você não pode aprender, claro, eu acho que você pode aprender, mas acho que deixa a desejar nesta questão, eu acho que a aula presencial é mais enriquecedora para aprendizagem...
	Para melhorar? ... então talvez com um pouco de mais aulas presenciais e aulas um pouco mais, porque na realidade lá, o que eu achava que, sempre que a gente ia lá até por ser sábado de manhã, dava até um meio sono, porque era muito grande o espaço.
	[...] eu não me sentia que estava indo para uma sala de aula, eu me sentia que estava indo para uma palestra, então achava assim que ficava muito disperso, porque era uma sala muito grande.
	Não era uma sala pequena, com poucos alunos. O professor, acho que ele ficava um pouco distante das pessoas, apesar de estar na mesma sala achava que ficava um pouco distante do pessoal.
	Poderiam ser salas, grupos menores, porque a cada encontro eu sentia que o pessoal ficava disperso, então não aproximava o pessoal, eles iam lá para fazer prova! A gente ficava ansioso para fazer a prova! Eu acho que as vezes, muitas vezes a gente nem prestava atenção nele, porque ficava ansiosa pela prova. E aí, talvez deixar a aula um pouco mais dinâmica, não sei... Esses

	pequenos encontros ou colocar uma frequência maior, porque a distância ela causa um desligamento uma coisa que é mais rotineira você aproxima mais. É como você se você... Eu acho que é... Um elo mais forte entre a disciplina, o professor, os alunos... Eu acho que dá uma liga melhor, assim... Para você aprender um pouco melhor, eu não sei, eu acho....
Indicador 02: A formação que ainda não contribui muito: “Acho que o curso interferiu de alguma forma”.	
Pré-indicadores	J: Eu acho que este curso pode trazer pontos positivos também para o meu cargo, aí eu fiz... Achei interessante fazer.
	E acho que esse curso eu fiz em seguida acho que 2013, 2014, por aí, fui fazer este curso, até porque eu estava trabalhando na secretaria e o nome do curso era secretaria da educação, técnico em secretaria escolar.
	Olha, eu no modo geral das disciplinas que tinham eu achava que contribuía para alguma coisa no meu serviço, né? talvez para melhorar meu desempenho, no trato com os alunos, com algumas questões que apareciam na escola, porque na escola cada dia é um flash, né?
	Acho que o curso interferiu de alguma forma. Formas de pensar, formas de agir... Porque você começa a não olhar só seu ponto de vista, mas você passa a olhar o outro também, a realidade do outro, entendeu, que é de acordo com o que as pessoas vivem, isso é um dos pontos, exemplos que acontecem.
	[...] inclusive quando eu fiz a prova da prefeitura, eu fiz cursinho, eles dão uma bagagem violenta sobre todas essas ideias para o concurso você tem que responder do jeito que eles querem ouvir, eles descontroem, no cursinho eles desconstroem as ideias que você tem na sua cabeça, é um trabalho constante de desconstrução, é como você tivesse a ideia que já tem pronta, e desconstruísse! [referência a outro curso]
	P: Você entende que o papel da secretaria, de alguém que trabalha na secretaria também é educativo? J: Sim, ohh [risos] P: E você já pensava antes do curso? J: Antes do curso? Não. Eu acho que depois do curso me clareou mais, eu acho, eu acho que colaborou. Eu considero o curso como algo a agregar na minha atuação, na minha experiência, eu sempre vejo como um lado positivo, ainda mais na área que eu trabalho na escola, a secretaria que nem, as vezes chega, eu tenho meus diplomas, tudo que eu, mas eu, não posso julgar, que é complicado, mas poxa eu ajo desta forma, mas a outra pessoa não age, mas não sei porque que ela não age, não teve orientação, não teve o cuidado, não sei,

	depende da criação de cada um, do que é importante ou não para cada um, não posso falar da outro a pessoa, porque ela não age.
	[...] aí eu pensei: está vendo a gente não pode julgar. Porque se você julga não está levando em consideração a realidade que a pessoa vive, que aquele aluno vive, Entendeu? E eu acho que tem questões que foram trabalhadas sim no curso, que a gente começa a perceber certas coisas, por exemplo, alguma coisa que a gente julga demais a gente começa a enxergar com outros olhos, tentar enxergar com outros olhos, porque não é porque você vive desta forma que outra pessoa tem que viver da mesma forma. É a realidade de cada um, você não pode chegar na mãe dele e falar olha ele tem que dormir cedo, tem coisa que não dá para falar, é complicado.
	Não sei pra mim essas pessoas que não se cuidam assim, deixa a vida me levar, é uma falta de respeito com elas mesmas, porque quem está perdendo é ela, não é mais ninguém, várias vezes eu falo para os alunos que chegam lá, meninas de 16 anos, 18, quem está perdendo não é sua mãe, eu falo para elas, é você! Porque se está difícil para quem tem faculdade imagina para quem não tem, eu falo.
	P: Você acha que tem alguma coisa no curso que você lembre que te ajude neste trabalho da secretaria? [...] J: Não sei, talvez essa questão mesmo de lidar com as pessoas eu acho que contribuiu neste sentido sim.
	P: [...] você acha que fez alguma diferença no seu trabalho? Na sua atuação antes e depois? Ou você acha que não? J: Olha muito pouco, porque na realidade eu já tinha feito a licenciatura então já tinha ideias, né? Já tive aprendizado referente a isso e na escola a gente aprende muito isso, humildade... Como fazer... então você, é como se a experiência que a gente vivencia na escola ela é única, eu acho, porque é uma troca de experiências mesmo, porque o contato com outras pessoas te traz informações também, né? Então, claro eu acho que o curso foi, bom né, não foi, eu não digo que foi determinante para eu tomar / mudar certas atitudes ou ter novos pensamentos ou mudanças de paradigmas, mas eu acho que contribuiu sim, acho que contribuiu pelo conhecimento que a gente adquiri, eu acho que é valido, sempre válido...É uma forma de você sempre se reciclar, não sei se é a palavra certa, reciclar... [...] eu acho que a prefeitura tinha que oferecer mais cursos para o pessoal que está entrando na secretaria, porque o pessoal muitas vezes, assim, não sabe como lidar com certas situações acaba cometendo alguns erros que poderiam ser evitados...
	P: Mas que tipo de conteúdo você acha que poderia ter? Uma formação?

	J: Então na parte de sistema, administração de sistema é muito importante, você entender como funciona, por exemplo, se fizesse um curso, talvez trabalhando até com legislação seria muito interessante, porquê? Porque tem escolas eu pego cada declaração errada, que eu falo meu deus do céu, é um documento de aluno!
Indicador 03: Entendimento da experiência como fator relevante: “[...] é como se a experiência que a gente vivencia na escola ela é única, eu acho, porque é uma troca de experiências mesmo”.	
Pré-indicadores	[...] porque são crianças deficientes, até então não tinha convivido, ou não tinha, até então antes de entrar naquela escola, não tinha visão sobre o que era, de como era, então a vivência te proporciona certos aprendizados também, gostei de trabalhar com eles.
	[...] eu estou na secretaria, porque eu já sabia que a vaga era para secretaria, porque ninguém, todo mundo que estava antigo lá na inspetoria não queria ir para secretaria, porque assumir a secretaria é também, [risos] é bom, mas qualquer lugar, qualquer cargo que você assume tem suas vantagens e desvantagens, como tudo na vida, né?! Vantagens e desvantagens. Aí eu sabia que era para secretaria, e eu falei não, eu quero ir para secretaria, porque eu vou aprender coisas novas e realmente aprendi. Aprendi fazer muitas coisas, muitas coisas, gosto, né? E só que não tenho muito contato com os alunos.
	Mas você sabe que a secretaria, ela me proporcionou muitos aprendizados também, e antigamente eu tinha muita vergonha em falar em público, e acho que trabalhar na secretaria... É como se tivesse melhorado o meu lidar com o público.
	[...] e agora eu acho que com o tempo, não sei também por conta da idade, [risos], você vai meio que desmistificando certas coisas e aí agora eu nem fico mais, aí porque o aluno vai ficar olhando assim, vai falar tal coisa, eu nem fico.
	Eu aprendi muito, eu estou nesta escola desde 2013, antigamente eu era inspetora, eu continuo sendo ATE, mas eu só trabalhava na inspetoria, eu não tinha experiência na secretaria, desde 2013 para cá eu aprendi muita coisa, muita coisa mesmo. Então a gente faz tudo ali.
	Você acaba criando habilidades de conversar com o público, quando eu entrei aí, eu não era assim para conversar, eu comecei a adquirir certas habilidades com a prática, tudo é com a prática, mas que nem todo serviço que você tem que atender o público, exige muita, assim, você vai ter que aprender, vai aprendendo a lidar com muitas situações conflitantes, porque é são pessoas, você lidar com pessoas acaba sendo muito estressante em algumas situações.
	Mas aí o que um curso poderia ter para ajudar? J: Um curso? P: Uma formação...

	J: Eu acho uma formação, porque na realidade eu aprendi com a secretária as coisas que eu sei, muitas coisas eu aprendi com a secretária. Outras coisas eu aprendi por conta, porque aparecem as situações eu não vou ficar esperando, ah eu vou deixar para outra resolver, eu sou do tipo da pessoa que assim, se eu consigo resolver eu vou lá pego o telefone e ligo, e falo olha: “está acontecendo isso, isso e isso”, entendeu? Aí eu gosto de resolver as coisas. Só quando eu não sei do serviço, aí tudo bem.
	[...] isso já tem a ver com o serviço porque as vezes tem que escrever um memorando, um ofício, até no corpo de um e-mail, tem que escrever, as vezes até surge duvidas, eu falo: “ahh como se escreve assim”, aí a pessoa vem, a gente vai aprendendo lá, é como se trocasse experiência, mais isso tem muito a ver a parte de redação eu acho muito importante, muito importante mesmo.

Fonte: elaboração da pesquisadora.

Quadro 8 – Núcleo de Significação 2, entrevistada Júlia.

Núcleo 2 – O trabalho de um funcionário na educação: A peculiaridade do ambiente escolar	
Indicador 04: Ao trabalhar na escola o sujeito se depara com a diversidade de valores e crenças: “O que eu entendo por educação é diferente do entendimento que ele tem sobre a educação, entendeu?”	
Pré-indicadores	Então eu procuro sempre ter paciência porque, assim, a gente lida com várias pessoas, várias, desde pessoa que...tem pessoas que não tem grau de instrução nenhuma, tem muitas pessoas. Eu trabalho na escola pública eu falo, a realidade de um país você vê através da escola pública, porque infelizmente a maioria das pessoas, eles não têm, são muito limitados, sabe, é como se é a realidade que eles vivem não tem nem certo nem errado, mas assim eles são, assim muitos procuram, por exemplo, muitos procuram, informações sobre o filho, por exemplo, se o filho não aparece na escola, a gente vai perguntar alguma coisa... Poxa, o filho não recebeu a bolsa família, aí eles vão lá na escola, ahh não recebeu o leite, que agora, é restrito porque o Dória tirou o leite, só está deixando para as crianças especiais até o 5º ano, mas assim poxa vida o que é importante? É um leite, um bolsa família ou a educação do seu filho? Sabe só que assim, isso não sou eu que tenho que falar, entendeu, a gente fica, a gente escuta e fala o motivo pelo qual ele não recebeu o leite, não recebeu a bolsa família, enfim, que é a frequência na escola, mas assim, até que ponto, né? que as pessoas não têm... É meio limitado, muitas pessoas, então a gente começa a reparar que não muito. O que eu entendo por educação é diferente do entendimento que ele tem sobre a educação, entendeu?

	E não tem como eu obrigar ele pensar da mesma forma que eu? Porque é a realidade que ele vive, é a mesma coisa a mulher chega lá, eu tenho 32 anos não tenho nenhum filho, a mulher chega lá com 30 anos com 7...
	Eu fico espantada né, falo Nossa Senhora! Aí você começa a pensar: “mas como ela consegue, né? Você começa aquele autojulgamento, é um julgamento né! Mas, isso não é possível, a pessoa não percebe? Ela não consegue ter estrutura? Mas é a realidade dela”.
	O máximo que eu posso fazer ali é dar uma orientação, né, mas limitada, minhas orientações têm que ser limitadas, porque você não pode invadir a vida da pessoa né? A privacidade das pessoas, o que ela faz, o que ela deixa de fazer, é complicado né!
	[...] aí eu pensei: está vendo a gente não pode julgar. Porque se você julga não está levando em consideração a realidade que a pessoa vive, que aquele aluno vive, Entendeu? E eu acho que tem questões que foram trabalhadas sim no curso, que a gente começa a perceber certas coisas, por exemplo, alguma coisa que a gente julga demais a gente começa a enxergar com outros olhos, tentar enxergar com outros olhos, porque não é porque você vive desta forma que outra pessoa tem que viver da mesma forma. É a realidade de cada um, você não pode chegar na mãe dele e falar olha ele tem que dormir cedo, tem coisa que não dá para falar, é complicado.
	Sim, então você passa a ter um olhar diferenciado para aquela criança, tem coisas que não tem como, você pode ajudar, de outras formas, até falei para ele... já que você não tem tempo durante a semana porque você não estuda um pouquinho no sábado e no domingo? Porque você não vai querer repetir de ano, né? Falei para ele, você não fica com vergonha dos seus amiguinhos ir para o quarto e você ficar né? Ele: ahhh eu não fico com vergonha... Eu: mas precisa pensar nisso, que é a realidade que ele vive.
	Tem alunos que estão no 3º ano e não estão alfabetizados, não conseguem e tem criança que você percebe que já é problema psicológico, que aí no caso seria um psicopedagogo para estar trabalhando, com as crianças, mas os pais não têm, foi isso que te falei, os pais não têm percepção, não tem consciência, sabe, é limitado, tipo, acho que está bom, mas não é assim, né! Não sei, para mim não é assim, mas para ele é a realidade que ele tem, é o que ele tem. O que é importante para a mãe desse menino, é o ter que comer, viver, ele falou assim hoje para mim, esse menino estava falando lá na secretaria, que a mãe dele vende bala no metro e o pai vende guarda-chuva.
	É umas coisas que você começa a pensar, poxa; é verdade, como você pode exigir de uma pessoa que ela não tem condições de ter, não é acessível para o menino e como você vai cobrar uma coisa dessas? Claro a professora não sabia disso, claro quando você vai questionar o pai, você não imagina que ia ser essa a resposta, né! na hora você já desconstrói tal ideia na sua cabeça, né!

	[...] na realidade ao trabalhar com determinada criança, eles falam muito no concurso, você precisa, na realidade você precisa conhecer a realidade pela qual a criança passa para poder aproximar essa criança, entendeu?
	Eu considero o curso como algo a agregar na minha atuação, na minha experiência, eu sempre vejo como um lado positivo, ainda mais na área que eu trabalho na escola, a secretaria, que nem, as vezes chega, eu tenho meus diplomas, tudo que eu, mas eu, não posso julgar, que é complicado, mas poxa eu ajo desta forma, mas a outra pessoa não age, mas não sei porque que ela não age, não teve orientação, não teve o cuidado, não sei, depende da criação de cada um, do que é importante ou não para cada um, não posso falar da outro a pessoa, porque ela não age. O menino outro dia chegou para mim – os meus históricos são todos, arrumadinho, bonitinhos, limpinhos, tudo guardadinho, nenhum amassadinho nada, até meu fundamental, ensino médio tudo! Ahh onde está seu histórico? Está aqui, na pastinha em casa – O menino chegou lá no guichê, cadê seu histórico, ele pegou o histórico, num quadradinho assim, todo amassado, aí ele tirou do bolso e me mostrou, quando eu vi, eu peguei assim o papel, peguei de proposito, fiz assim, esse é seu histórico? [risos]. Tudo horroroso, sabe, tudo amassado, falo meu Deus, e o RG tudo amassado, tudo molhado, tudo estropiado, ah poxa vida é seu documento, na hora já falo, não aguento. (...) para mim é errado, mas para ele pode ser certo deixar o documento assim todo embrulhado, amassado dentro do bolso. Eu acho que é questão de valores, talvez por não dar tanta preocupação aos próprios pertences, eu ainda acho que é um, eu acho, não sei se procede o que vou falar, mas eu acho que é uma falta de... Respeito com si próprio, falta de amor a si próprio, não sei de respeito consigo mesmo, porque poxa vida, a pessoa fez até a 4a série, 5a serie, é um mérito seu, porque você estudou, foi produção sua! Porque você não vai cuidar? É a mesma coisa você faz um trabalho bonitinho, um potinho de cera, qualquer coisa, um trabalho artesanal... Porque não vai cuidar, você vai pegar simplesmente jogar, amassar e jogar fora? Você não fez, você não levou tempo, você não dispendeu tempo para fazer aquilo, porque você não vai dar valor ao que você fez? Porque não se dar valor?! Não sei pra mim essas pessoas que não se cuidam assim, deixa a vida me levar, é uma falta de respeito com elas mesmas, porque quem está perdendo é ela, não é mais ninguém, várias vezes eu falo para os alunos que chegam lá, meninas de 16 anos, 18, quem está perdendo não é sua mãe, eu falo para elas, é você! Porque se está difícil para quem tem faculdade imagina para quem não tem, eu falo.
Indicador 05: O funcionário da educação é um educador? “Às vezes como educador que você está dentro da escola aí acontece algumas situações que aí você pode até entrar nesta parte mais educativa que é referente ao aluno”.	

Pré-indicadores	[...] eu peguei uma folha em branco, aí eu disse, escreve para mim janela, já escreveu errado, aí eu comecei a tentar corrigir, mostrei o alfabeto no computador para ele. Ah assim, eu faço o que é possível dentro do setor que eu estou.
	Ah sim, nesses momentos só, não tem nada de como, como auxiliar da secretaria lá, só nesses momentos mesmo, são poucos né? A gente tenta conversar com os pais pelo telefone, quando a criança não está vindo, perguntar por qual motivo, a gente faz meio que as mediações...
	A parte pedagógica mesmo, são nestes pequenos momentos, as vezes o aluno está lá esperando o pai ou a mãe, as vezes algum aluno vai fazer a matrícula, já grande já, chegou atrasado também, várias vezes eu já dei sermão.
	Poxa é seu documento, é a tua vida, porque você não cuida. “É vou ter que tirar outro né?” Mas é, então, é difícil, este documento se perder, se rasgar como é que faz? Se a pessoa é nova até consegue outro, mas se é mais velha que estudou há <i>milianos</i> atrás...
	porque eu tenho pouco contato com o aluno, das poucas vezes que tenho eu tento fazer, mediar algumas coisas, mas assim porque eu estava ali naquele momento e aconteceu.
	P: E como que o trabalho de auxiliar de secretaria pode ser educativo? Como que você acha? [...] J: Que atinja o aluno? P: Não, que seja educativo que você entenda que a educação esteja envolvida. J: Ah o setor administrativo está indiretamente, né? Na realidade é que ele não está diretamente, ele está indiretamente. Na realidade ele vai administrar tudo, no final das contas ele administra tudo, né? A situação de vida dos alunos escolar, mas acredito que é neste sentido porque efetivamente no aluno não existe o serviço em si. As vezes como educador que você está dentro da escola aí acontece algumas situações que aí você pode até entrar nesta parte mais educativa que é referente ao aluno.
	O menino outro dia chegou para mim – os meus históricos são todos, arrumadinho, bonitinhos, limpinhos, tudo guardadinho, nenhum amassadinho nada, até meu fundamental, ensino médio tudo! Ahh onde está seu histórico? Está aqui, na pastinha em casa – O menino chegou lá no guichê, cadê seu histórico, ele pegou o histórico, num quadradinho assim, todo amassado, aí ele tirou do bolso e me mostrou, quando eu vi, eu peguei assim o papel, peguei de proposito, fiz assim, esse é seu histórico? [risos]. Tudo horroroso, sabe, tudo amassado, falo meu Deus, e o RG tudo amassocado, tudo molhado, tudo estropiado, ah poxa vida é seu documento, na hora já falo, não aguento.
	[...] para mim é errado, mas para ele pode ser certo deixar o documento assim todo embrulhado, amassocado dentro do bolso.

Indicador 06: Invisibilidade do funcionário da educação “O professor tem, mas a gente não, a gente é um povo esquecido da escola, né?”

Pré-indicadores	Nossa, muito restrito, muito restrito aí eu falo meu não dá porque na realidade a prefeitura ela investe no professor, no quadro de apoio não, o quadro de apoio sou eu, agente escolar então não tem muita perspectiva, aliás não tem muita não, não tem perspectiva!
	P: Então a prefeitura já tem plano de carreira? J: Mas o plano de carreira para professor. P: Mas para vocês não? J: Não.
	Sim evolução funcional, a gente pode evoluir, ou evoluir que eu falo né, a gente pode aumentar o salário vamos dizer, ou por evolução funcional que é a mudança do QPE, que é padrão.
	Aí é pela quantidade de tempo e de título, mas aí tem, evolução eu não entendo direito porque não sou eu quem faço que é a secretaria, mas eu sei que é por tempo e título.
	P: Mas se você já tem graduação e faz um técnico, técnico conta alguma coisa ou não conta mais? Porque você já está na graduação? Porque você fez sua graduação primeiro, né? [...] J: Sim conta, mas na prefeitura é assim, tudo lento, a passos lentos, sabe principalmente para o quadro de apoio, o quadro de apoio não dá para ficar estagnado neste cargo, entendeu, eles não tem, por exemplo, um plano de carreira neste sentido, do ATE para o secretário, aí é diferente, porque antigamente tinha, eles estavam pretendendo transformar, transformar não, fazer isso, por exemplo a prova, o concurso de acesso do ATE para o secretário, você faz uma prova, só quem passa no concurso de secretário é quem assume como o secretário mas agora não é assim, nunca saiu do papel...
	Mas eles querem terceirizar não sei se eles vão conseguir, na totalidade, terceirizar a educação.
	P: E a prefeitura tem cursos para quem é funcionário da educação? J: Tem mais para professor... P: Só para professor? J: A maioria só para professor, para ATE tem de educação especial que eu fiz inclusive quando eu estava na creche, eu fiz.

	O professor tem, mas a gente não, a gente é um povo esquecido da escola, né?
	E assim, se tirar o quadro de apoio como é que fica?
	Só que não dão o devido valor, porque se tirar a secretária como que faz? Olha eu não sei, eu acho que é como se fosse o coração da escola e o cérebro os professores, porque não tem como, a escola só funciona se tiver a secretaria, na realidade é um conjunto, é um conjunto né, na verdade é um sistema, se você tira um a engrenagem deste sistema ele não funciona.
	P: E você gosta do seu trabalho? J: Eu gosto, eu gosto. Eu queria assumir como professora, mas infelizmente ainda não tive oportunidade, até por conta de carreira, que nossa carreira na realidade não tem carreira, de auxiliar técnico de educação, infelizmente não tem na prefeitura, tem o cargo, mas não tem carreira, então eu acho que é um... Eu gosto muito do que eu faço, muito e se eu ganhasse melhor, nesse cargo, não sei, talvez nem iria pra uma sala de aula nem sentiria muita vontade até porque na sala de aula tem muitos desafios também, não é só entrar numa sala de aula e você acha que vai estar, nossa perfeitamente bem, porque você está lidando com uma sociedade, os alunos, assim os alunos estão com uma, é, eu na minha visão os alunos estão com uma pobreza de estrutura familiar [...].
	P: E porque você escolheu fazer o concurso para ATE? J: Porque na época eu estava desempregada, eu não estava trabalhando em nada assim, eu não via muita perspectiva
	J: Não, o secretário e o assistente de direção são cargos de confiança. P: Ahh, designado? J: Designado, mas tem que ser docente.
Indicador 07: A gestão na escola é democrática? “Gestão democrática, então a gente, não sei se é na nossa escola, a gente fica muito a parte disso”.	
Pré-indicadores	P: Mas e os funcionários, vocês funcionários? É participativo mesmo? J: Sim, é só que teve uma época que não fazia reunião e todo mundo assinava, tinha momentos assim, mas fazia a ata, né? Porque você tem que ter a reunião, você tem que fazer a ata, né? Mas nas poucas vezes que participei, porque logo saí também.
	Só de corpo presente, porque sempre sobra para uma pessoa só, uma ou duas no máximo. Por isso que ninguém quer a APM porque é dor de cabeça, é a maior dificuldade assim acho que na escola é lidar com estes órgãos assim, é a APM, conselho de escola né, conselho de escola, nossa, porque é, causa muito polêmica né, das vezes você... Eu lembro quem era da APM, falava assim, poxa

	– Não do conselho – poxa, você reúne todo pessoal aí um fala uma coisa e outro fala outra, aí vira aquela confusão, aí fica com polêmica, entendeu! Ai você não consegue chegar num acordo por conta das divergências de opiniões, então fica difícil.
	Então, cheguei a participar de APM, mas depois eu sai porque eles sempre faziam as reuniões de tarde, tarde não, de noite!
	[...] eu estou por fora da APM e do conselho da escola, deveria estar por dentro né, mas estou muito por fora.
	Também não, essa parte de APM a gente não lida com essa parte de compra pelo menos eu não lido, talvez se eu fizesse parte da APM, essa compra de materiais talvez sim, nesta parte de APM porque não é um todo da escola é uma parte de. É uma parte da escola que participa da APM.
	Ela é a presidente ela tem que está por dentro então ela mexe com isso, talvez se eu pertencesse eu até mexeria, não sei, mais ah não dá! Nunca pertenceu, eu já tenho tanta coisa para fazer, imagina se pertencesse APM [risos] eu não ia fazer mais nada só cuidar da APM porque é muita coisa!
	Gestão democrática, então a gente, não sei se é na nossa escola a gente fica muito a parte disso... Então eu não participo, são poucas pessoas, é como se fosse um grupo fechado, não que a gente não possa participar, a gente pode, mas tem eleição, para você poder participar de um conselho de classe ou participar da APM tem eleição.
	Sim, se candidatar e sermos eleitos, por exemplo, eu preciso ser eleita para poder participar, uma vez eu até me candidatei, mas eu não fui por um voto, eu acho, eleita, e aí também não fico sofrendo, então porque até tenho muito serviço.
	Eu não, [risos] eu não ia fazer isso, o meu horário é das 7h00 às 15h30 você chega em casa você não vai ter pique para ir em reunião, depois voltar da escola, aí eu acabava não fazendo, então assim, a parte de gestão democrática ela fica muito, eu acho que alguém do serviço em si da secretaria, agora um JEIF [Jornada Especial Integrada de Formação], uma formação... Os professores participam... Eu, inclusive, apesar de trabalhar na secretaria eu tinha muita vontade de até me preparar para um concurso de participar da JEIF, mas não dá, o meu serviço lá é complicado, só se eu viesse mais tarde, fizesse esse esquema de vir mais tarde, para participar de JEIF, porque no meu horário não dá para dar nenhuma fugidinha porque é horário de pico e eu não tenho tempo para sair da secretaria nem para assistir dez minutos de JEIF, então acaba ficando meio a desejar, né, porque eles falam, comentam muito sobre a gestão democrática, isso é falado na escola, isso abrange praticamente a escola, é mais os professores porque os professores que participam da formação, mas é muito, na realidade é um tema muito forte.

Indicador 08: O trabalho administrativo no âmbito escolar: “atendimento ao público, primordial, confecciono os históricos, cuido da parte de sistema de SED [Secretaria Escolar Digital], EOL [Escola Online]”.

Pré-indicadores

Olha, eu faço muita coisa lá, muita coisa, assim parte administrativa bem pesada porque eu não vou para inspetoria, então só fico na secretaria, eu escaneio documentos, passo e-mail, atendo guichê é o que mais faço, telefone, todo tempo, o tempo todo, atendimento ao público, primordial, confecciono os históricos, cuido da parte de sistema de SED [Secretaria Escolar Digital], EOL [Escola Online], porque o SED é do estado e o EOL é da prefeitura.

[...] é complicado porque vão surgindo vários casos, várias situações diferentes, então a gente tem que, **então no meu caso tem que ter atenção lá, na secretaria você pega documentação você tem que saber o que você está analisando porque vem documentos de vários lugares** até documentos do exterior, crianças que estudaram em outros países. Na realidade o certo seria levar essa documentação no consulado e traduzir, nossa muitas vezes quando não tem documentação, que a gente não pode negar vaga, **quando não tem documentação a gente tem que fazer de acordo idade e serie, de acordo com a idade da criança a gente coloca na série que ela deveria estar. Infelizmente é assim, falo infelizmente porque não sei se a criança, está realmente nesta série, não sei, se a criança está vindo sem histórico nenhum, e aí é desta forma que são feitos os históricos.**

Claro a gente tem que seguir um padrão que eles mandam, mas assim, que nem, eu gosto muito de trabalhar no Excel, eles mandaram um histórico em Word, como que vou fazer um histórico em Word? Não dá, aí é muito limitado é horrível, aí eu peguei toda, tem um dia que eu peguei, acho fiquei um dia ou dois dias fazendo aquilo, eu peguei o histórico que eles mandaram em Word e remontei ele no Excel, aí eu remontei tudinho no Excel, porque eu prefiro mil vezes trabalhar com o Excel, é muito mais fácil, mais prático no dia a dia da escola, não tem como você ficar no Word quebrando a cabeça, para ver como que fica a linha da tabela que não fica direito, ah não dá!

P: Por que quem faz mais a parte dos professores é a secretária?

[...]

É a secretária, como pagamento, é ela que aponta. Eu até estava ajudando como este ano está com muito serviço eu não tive tempo de falar “olha vou fazer a planilha” porque ela estava até me ensinando a parte do pagamento no papelzinho, colocar as bolinhas de presença, fazer todas as anotações, de desconto de jornada, todas essas coisas e porque a gente tem falta abonada, falta just. [justificada], injust. [injustificada], então tem uns apontamentos que a gente faz na folha individual de cada um no mês. E eu não tive tempo de tanta demanda no serviço eu não consegui parar de novo, porque eu já estava fazendo isso e ela só ia me orientando, mas aí não consegui, não tive tempo para isso.

	Porque tem momentos de calma e momentos que acabam se tornando estressante porque as vezes ficam muitas pessoas num guichê então tem gente que não tem paciência, tem gente que é mal-educado com a gente, que acontece.
	Isso, é porque são coisas específicas é complicado, para você ver essa escola que eu fui era um sistema diferente, a prefeitura trabalha com outro sistema, o estado trabalha com outro sistema e assim por diante, cada empresa vai ter seu sistema, sua forma de administrar que ela acha, não sei, o gestor acha que é a melhor forma de administrar.
	[...] elas mexem com a contabilidade essas questões da APM, então eu não mexo com contabilidade, eu não mexo, quem está na secretaria efetivamente fazendo a gestão dos documentos de alunos essas coisas, contabilidade é a parte.

Fonte: elaboração da pesquisadora.

5.2.2 – Pré-indicadores, Indicadores e Núcleos de Significação construídos a partir das entrevistas realizadas com a Mirtes

Quadro 9 – Núcleo de Significação 1, entrevistada Mirtes.

Núcleo 1 – A finalidade da formação para o funcionário da educação: entre as expectativas e a realidade	
Indicador 01: Para que fazer o curso? Currículo, conhecimento, reconhecimento?	
Pré-indicadores	Na verdade, quando tomei conhecimento do curso, além de achar que iria dar um “UP” no meu currículo, lógico eu queria conhecer as normas que regem a educação. E para isso eu fui fazer o curso, eu me candidatei, eu fui, realmente eu queria aprimorar o meu conhecimento.
	Exatamente, porque assim você faz o concurso e está lá, as normas que regem o estatuto do agente, mas é aí? No dia a dia é totalmente diferente, é uma outra situação.
	P: Como você acha que poderia ser uma nova oferta deste curso, como ele poderia ser melhorado? M: Eu acho, que assim, além do curso ter um tutorial melhor, uma assistência maior, e ainda acho que mais encontros, além do estado oferecer este curso, para que e porque oferecer este curso? Se ele oferece este curso, mas este curso não tem uma finalidade, tipo se você fizer este curso, vai ter dentro da educação,

	vai ter um cargo que você possa ocupar, ou então uma promoção, você faz o curso e fica na inércia, para que que serve o curso? Você vai usar ele onde? Para que? No futuro você vai usar ele onde? Não tem serventia, é só um curso, não tem um uso prático da coisa, então eu achei que neste patamar o curso foi decepcionante. Porque assim, já fazem dois ou três anos que eu terminei e nada!!!
	P: E ele serve para alguma coisa para pontuação? Aumentar salário? M: Não, não! Nada. Tipo assim, você tem um certificado, você fica de lindo, realmente é muito fofo, você tem um certificado é muito bonito, mas é só um certificado.
	Que não vai agregar valor nenhum ao seu salário, a sua carreira, não vai ter promoção, não vai ter nada, então pessoalmente eu evolui bastante, profissionalmente lamento.
	Porque assim, eu aprendi muita coisa que eu não sabia, realmente aprendi bastante, aprendi a lidar com pessoas, aprendi sobre gestão democrática, aprendi sobre a educação em si, só que assim, como evolução profissional não existe, você faz um curso que vai ficar na inercia, está lá, é só um certificado.
Indicador 02: Entre a teoria e a prática: O curso contribuiu para melhorar a prática do trabalho na escola?	
Pré-indicadores	P: O que você achou do curso? M: Algumas partes muito boas, outras eu acho que ficou a desejar. É, acho que todos cursos são assim, a gente faz o curso, algumas partes você se identifica super bem outras nem tanto.
	Ah sim, você muda o foco, você vê que a educação, embora seja muito deficitária você pode agregar valor, tem muitas coisas que você vê na educação que você extrai do curso, esta prática da gestão democrática, acessibilidade dos pais, a APM, o trato com o aluno é diferente.
	Ah sim, eu particularmente me senti muito mais preparada, tem coisas que eu não sabia, as orientações que eu tinha que ter e nós nunca recebemos, depois da leitura, depois daquele monte de artigo, aquele monte de coisa, você acaba tendo uma visão, tua postura muda, a minha postura é bem diferente de quando eu entrei, totalmente diferente.
	Com os alunos, com os profissionais, com os professores, então tipo assim, é... há muito respeito, principalmente da parte deles junto comigo, e a minha com ele, porque eu sei até onde vai o limite dele, até onde o professor pode ir, até onde eu posso cobrar, entendeu? O que eu posso reclamar, o que não posso, quais são meus direitos, quais são meus deveres, então deu uma visão bem ampla disso, embora algumas coisas eu tenha esquecido, depois de tanto tempo já esqueci muita coisa.

	Ah não, mudou bastante, eu tenho uma postura mais assim, eu sei quais são meus direitos, então não vem achar que eu não sei, entendeu, então assim eles sabem que eu sei, sou uma pessoa que batalho pelo meu conforto, pelos meus direitos dentro do trabalho.
	Assim que eu vou aceitar uma resolução que eu sei que está certa, entendeu, eu sou uma pessoa que, eu corro pelo certo.
	Muda, muda, tem muita coisa que agrega valor, é no lidar com as pessoas, o lidar com capital humano, acho que agregou muita coisa, você tem uma visão melhor, eu tive uma visão melhor, como funciona da escola, é... para que nós temos diretores, vice-diretores, inspetores, os colaboradores em si, os funcionários da escola, então você começa a ter uma visão mais ampla da coisa, e é bem legal, porque as vezes você vê os papeis passando e não sabe para que são os papeis, não é?
	Porque assim, eu aprendi muita coisa que eu não sabia, realmente aprendi bastante, aprendi a lidar com pessoas, aprendi sobre gestão democrática, aprendi sobre a educação em si, só que assim, como evolução profissional não existe, você faz um curso que vai ficar na inercia, está lá, é só um certificado.
	P: E aí como que você acha que um curso de formação poderia contribuir para melhorar o trabalho, tanto na secretaria quanto na inspetoria? M: Eu acho que assim, eu acho que o curso, antes de ser aberto um curso, eu acho que as pessoas deveriam ter vivência, porque assim foi feito um curso onde pessoas da área acadêmica acha que aquilo lá é bom, mas assim, em algum momento foi consultado quem vive realmente na área, para que que serve tal coisa, porque que vai tal coisa? O que nós podemos acrescentar? O que podemos tirar? Avaliar? Porque devemos colocar essa disciplina? Por que? Na verdade, foi feito o curso, tem muita coisa boa lógico, tem as normas, aquelas coisas todas, tem muita coisa boa, mas tem coisa que poderia ser subtraído ou acrescido, mas assim, para isso você precisa conhecer o cotidiano.
	Tem que conhecer primeiro, tem que consultar, para que serve? Olha o que vocês fazem? Como que é que se corrige? Como é que a coordenação trabalha com a equipe de agentes? Como que a diretora trabalha? O que precisa? O que não precisa? O que que faz falta? Qual assistência que vocês têm? Então na verdade assim, o curso faltou muito disso, porque é muito fácil você fazer a pílula ficar douradinha, só que realmente e o cotidiano? Não é só a parte burocrática, lógico a parte burocrática, mas também não tive muitas coisas de parte burocrática, entendeu? Eu também não tive muitas coisas, porque assim no cotidiano quando eu trabalhava na secretaria, tinha muitas coisas que eu vi que não tinha no curso.
	Mas me serviu muito, eu aprendi a lidar com as outras pessoas, não, que eu já trabalhava na área com pessoas então fica mais fácil.

	Trabalho escolar, legislação escolar, é, foi o que falei, são as normas o que você tem que seguir e porque você tem que seguir, acho que assim, não agregou muita coisa não, mas ajudou. P: E tem alguma coisa no curso que você lembra que ajudou neste trabalho? M: Ah teve bastante coisa, como gestão de pessoas, como documentação, tem coisa que eu não sabia, tem coisas que, normas, é mais a parte burocrática mesmo, direitos, deveres, o que fazer...
	Você tem que começar abordar a criança de um jeito diferente, porque cada aluno, assim, nós temos uma sala com 30, 40 alunos, e cada criança é única, e se você for abordar todo mundo da mesma forma, tem criança que chora, tem criança que é agressiva, então você tem que ter essa visão, que lidar com pessoas é diferente, cada um tem um significado e aí é para você ter respeito você não precisa agredir, para você ter respeito você tem que ser parceira, mas assim você tem que ter autoridade, mas com respeito, autoridade respeitosa não é autoridade de gritar e berrar mas é autoridade de que o aluno veja em você alguém que ele possa confiar, que se ele não te respeitar e magoar ele está perdendo, então assim, ele tem que saber que está perdendo, entendeu? E o valor para ele, se ele te magoar, te machucar, se ele fizer algo para você ele vai perder, não vai ser você. Então é essa visão que eu acho, mudou muito a dinâmica de lidar com eles.
Indicador 03: Educação à distância como possibilidade.	
Pré-indicadores	M: Ah eu gostava muito do conhecimento de leis de normas do RH, que leis que regem o estatuto do funcionalismo público. Toda esta parte mais burocrática gostei bastante, né! E o que então gostava muito, eu achava que os encontros eram poucos, era uma vez por mês, era assim fazia a avaliação, e no final fiquei um pouco chateada, não chateada, talvez até um pouco frustrada, nossa, a palavra frustrada é péssima... [risos] com o TCC, porque eu esperava um pouco mais, eu esperava um pouco mais, entendeu? Eu queria um retorno maior. P: Ahh entendi, das tutoras? M: É isso, exatamente. Foi uma experiência válida, porque você tem que focar, hoje em dia você tem que direcionar sua vida. Porque todos os cursos, até mesmo os cursos presenciais – eu estou fazendo Matemática em EAD – mesmo os presenciais hoje em dia tem atividades online então, né, foi um preparo, eu sei que tenho que disponibilizar tal tempo para estudar, tenho que disponibilizar tal tempo para fazer minhas atividades, e é isso, você tem que ter um método de estudo, e foi bom, porque te dá disciplina, te faz organizada, você começa a fazer, você faz seu tempo, mas você sabe que tem que fazer o tempo, você tem que gerar um tempo, mesmo que você não tenha, é corrido mas vale a pena. O EAD me ajudou a me sentir mais centrada, né!

Quadro 10 – Núcleo de Significação 2, entrevistada Mirtes.

Núcleo 2 – O trabalho do funcionário da educação como parte da totalidade da escola – em meio à desvalorização da profissão e aos entraves da escola para estabelecer relações democráticas	
Indicador 04: O funcionário da educação como educador: “[...] nós somos referência em comportamento, em educação, em como se tratar as pessoas, eu acho que tudo isso contribui para educar a criança”.	
Pré-indicadores	P: E você acha que seu trabalho também é educativo? M: Ah com certeza, com certeza, porque assim, têm muitas crianças aqui que falta suporte, falta família, e as vezes você, de educadora, de acolhedora, de psicóloga, de amiga é de uma série de coisas que você não tem dimensão, do que é lidar com essas crianças, porque cada uma tem uma realidade diferente.
	Muito, muito, eu converso demais, e você vê, é abraço, eles abraçam, beijam, é tia, porque as vezes é o único acolhimento que ele tem é aqui, entendeu, ah eu gosto bastante.
	Eu acho, a minha visão sobre lidar com o aluno, eu acho que assim, quando eu entrei na escola nós tínhamos aquela visão repressora, que criança tem que ficar dentro da sala, mas as vezes você pensa assim, que o aluno vai ter 2, 3 aulas vagas e é entediante para as crianças ficar 2 ou 3 aulas sem professor, isso no estado acontece muito, e aí você começa a ver, você tem que ter uma outra dinâmica com eles, você tem que ter uma outra didática, uma outra abordagem. Você tem que começar abordar a criança de um jeito diferente, porque cada aluno, assim, nós temos uma sala com 30, 40 alunos, e cada criança é única, e se você for abordar todo mundo da mesma forma, tem criança que chora, tem criança que é agressiva, então você tem que ter essa visão, que lidar com pessoas é diferente, cada um tem um significado e aí é pra você ter respeito você não precisa agredir, para você ter respeito você tem que ser parceira, mas assim você tem que ter autoridade, mas com respeito, autoridade respeitosa não é autoridade de gritar e berrar, mas é autoridade de que o aluno veja em você alguém que ele possa confiar, que se ele não te respeitar e magoar ele está perdendo, então assim, ele tem que saber que está perdendo, entendeu? E o valor para ele, se ele te magoar, te machucar, se ele fizer algo para você ele vai perder, não vai ser você. Então é essa visão que eu acho, mudou muito a dinâmica de lidar com eles.
	P: E como que você acha que um trabalho de uma secretária ou de uma inspetora pode ser educativo? M: Que o aluno na verdade ele tem o inspetor como seu líder, como seu... Não sei nem como te dizer, é uma referência, então a sua postura, tudo mais serve de exemplo, nós somos referência em comportamento, em educação, em como se tratar as pessoas, eu acho que tudo isso contribui para educar a criança. E as vezes tem muitas crianças, nós moramos numa região de baixa renda de carência realmente, né, e aí você vê que as vezes eles não

	tem assistência de pai, as vezes são criado por mãe, por vó, por tia, eles não tem referência de pai, e você acaba sendo a parte que educa, a parte que realmente eles têm como referência, como uma diretriz, então é muito importante que você tenha uma conduta, uma postura exemplar, que seja bom, que seja gentil, lógico que você vai dar os corretivos, corrigir a pessoa como tem que corrigir.
Indicador 05: As dificuldades de se estabelecer a democracia na escola: “Agora a coisa está mais democrática ainda”.	
Pré-indicadores	É bem democrático, a gente discute, nós tínhamos reuniões periódicas, é bem democrático, a gente expõe nosso posicionamento, cobramos bastante assistência da direção em relação aos funcionários, aos alunos, é bem legal!
	Sim exatamente, levanta a mão e, são dois professores, dois pais, dois alunos, direção, inspetores, todo mundo trabalhando para que a coisa flua.
	Então, e agora mudou a direção, agora é uma diretora efetiva, agora a coisa está mais democrática ainda.
	Tem reuniões, reuniões com os próprios agentes, para reforçar algumas coisas que acontecem na escola, como prontuário, lidar com o aluno, quem fica designado a fazer o que, então são reuniões de trabalho mesmo, para resolver situações que acontecem no cotidiano.
	Mas não são reuniões periódicas, 3 em 3 meses, 4 em 4 meses, quando a gente vê que a coisa está desembolando.
	Exatamente, até mesmo quando a gente pede, nós fazemos, é assim, tem uma visão bem aberta deles que, olha preciso falar sobre tal assunto, aí eles falam, a gente conversa, sempre tem aquele, tem um canal direto aberto, isso é muito bom.
	P: Você tinha falado na outra entrevista que a gestão da escola é democrática, só que aí você falou que quando a outra diretora entrou ficou mais democrático ainda. M: Ficou, realmente. P: Porque você acha que mudou? M: Eu achei que assim, além dela dar voz para as pessoas, ela escuta mais, ela aceita melhor a sugestões, ela está aberta ao diálogo, assim, hoje, faz 3 meses que ela assumiu, você vê que os canais de comunicação estão muito mais abertos, os comunicados são muito mais precisos, são mais detalhados, ela interage mais com as pessoas, ela dá mais ouvido. Como falei, existem mais canais, existem mais abertura de diálogo, existem mais possibilidades de você ser ouvido, então fica muito mais fácil.

	Acho que gestão democrática é você abrir possibilidades, deixar as pessoas ouvirem, então acho que é assim, a gestão democrática é você abrir um leque para que as pessoas sejam escutadas.
	É fazer com que a comunidade seja ouvida, e as sugestões sejam analisadas para que dentro de um conjunto haja um trabalho para melhoria, porque assim, na verdade a escola é um patrimônio público e fazer com que tudo que aconteça na escola seja em benfeitoria da comunidade, dos professores, dos funcionários, para que todo mundo se sinta acolhido na escola, porque assim, é um centro comunitário.

Indicador 06: A invisibilidade do funcionário da educação inserido em uma conjuntura de descaso com a educação.

	Ah eu acho que assim, acho que deveria ter um curso menor, de menor tempo até, só para efeito, porque hoje eu acho assim, o governo acha que o agente de organização não faz nada, e muito pelo contrário ele ainda é a base da pirâmide né, e eles deveriam antes, vai ingressar, o agente vai ingressar vamos fazer um curso preparatório, falar o que vai acontecer, como é que vai ser, não precisa ser um curso de seis meses, um curso de um mês, pode ser ao sábados, olha vai ser o aluno, você vai lidar com o aluno, você vai lidar com o pai, preparar eles, as vezes vem agentes muito crus, principalmente, não estou generalizando, mas tem muitos homens que são meios ásperos meio grossos ou então dóceis demais e aí fica meio complicado, eu acho que fica complicado, então eu acho que devia ter uma preparação, assim como o professor tem um curso preparatório online, eu acho que deveria ter uma preparação também um curso para o agente.
Pré-indicadores	P: Você não concordou com essas afirmações: que é a forma de você trabalhar na escola mudou, que os outros funcionários te tratam diferente, aí você também colocou que a relação entre você e os alunos não é muito boa. M: Eu coloquei isso, jura? [...] P: Mas sabe o que estava pensando agora? Você achou que tinha concordado, né? M: É... P: Mas no fim o que você acha mesmo? Agora repensando... M: Não, eu acho assim, a minha visão sobre a educação, eu acho que o governo abandonou totalmente a educação, estou falando por mim, que ele abandonou a educação, que tem coisas que poderiam melhorar muito, tem coisas que eles fazem que é desnecessário. Aqui é uma região muito carente, carente de atividades relacionadas ao desenvolvimento humano para crianças, e é tudo muito abandonado, se você pega um professor com boa vontade, se você pega uma equipe com boa vontade, nossa, essas crianças deslancham, e assim tem muita coisa boa aqui, mas infelizmente está naquele, o governo poda muita coisa. Não chega material para a gente, tem alunos que precisam de auxílio, tem necessidades especiais, tem alunos que vem para gente sem ser alfabetizado, isso corta o coração, porque chegam alunos no 6º ano com 11 anos que não sabem

	escrever o nome, então é muito triste, essa área de aprovação, aprovação, aprovação! É um déficit muito grande, aí vão aprovando, passa porque está na idade, passa, passa e passa, aí chega no 9º ano e não sabe escrever o nome dele, o que ele vai fazer da vida dele? Porque essa criança não sabe ler? Nunca foi dado? Aqui nós estudamos, estes anos nós começamos um projeto de reforço, desde o ano retrasado, né. É um projeto de aulas de reforço, para alfabetizar umas crianças e é muito bom, é muito bom quando você vê um aluno que nem sabia ler e escrever o nome, começar a ler, entendeu. E, no entanto, eles têm muita vergonha de ir para aula de reforço, mas depois que eles pegam gosto é prazeroso, é maravilhoso de se ver, e é assim, nós não temos recurso nenhum, não tem uma cartilha especial de alfabetização, é boa vontade do professor de chegar e fazer uma seletiva de quem não sabe ler.
	[...] é um trabalho da comunidade como que o pai não observou que seu filho não sabe ler, como é que você chega na escola no 6º ano e seu filho não sabe ler? Você vai para escola, aí você convoca o pai aqui, para falar assim, olha senhora o seu filho não sabe ler, você nunca percebeu isso? Ele tem algum problema? Ele tem problema de visão, ele tem problema de audição, ele tem algum problema, sabe motora, dislexia, a gente fica perguntando o porquê, entendeu, Ana Paula?
	Então assim é frustrante, eu acho frustrante, eu acho que o governo peca muito nesta aprovação continuada, sabe, vai aprovando, aprovando, o importante para mim é que tenha se formado, se formado em que? Se não é formado para a vida, entendeu? E aí, é isso que me deixa chateada.
	P: Mas tem plano de carreira? M: O estado não, o estado tinha, hoje em dia já não tem mais, antigamente nós tínhamos, vamos supor você tem ensino superior, você tem uma pontuação maior, não, não tem mais, você é aquilo ou aquilo ou você faz prova de mérito ou você faz a prova para GOI, aí você tem uma promoção, mas aí você tem que fazer.
	P: E o que você acha que podia ser melhorado no seu trabalho? M: No meu trabalho? Além do salário, que lamento, é triste, é deprimente, assim eu acho que o agente organizacional, ele é visto como uma parte inferior de todo sistema, mas sendo que ele é a base, porque o agente, além de trabalhar na vida organizacional da escola, ele também cuida da vida profissional, entendeu? não estou falando assim, o agente ele é tanto o inspetor como o cara que trabalha na secretaria, então na verdade ele assim, ele é uma parte fundamental, e assim é muito pouco valorizado, não só pelo salário, mas pelas atribuições e não tem um respaldo, porque se você faz um trabalho bem feito ou não faz, porque como funcionário público as pessoas tipo assim, “ah sou funcionário público” “ ah está bom, se eu fizer trabalho meia boca”. Mas tem bons profissionais, tem profissionais que tão ali que dão o sangue, que lutam pelo bem-estar da unidade escolar. Não só, salário é principal porque é uma miséria que se paga, e é muito estresse, é uma situação muito estressante, tanto no corredor como na secretaria, porque as vezes o professor não entende porque ele não tem a licença dele, porque ele não aposentou ainda, só que assim é todo um trâmite, não depende só da unidade

	escolar, ai vai para a diretoria de ensino que volta, então é muita coisa e pouca valorização, é muita coisa mesmo.
Indicador 07: Como é o trabalho? Quais as motivações para exercê-lo?	
Pré-indicadores	Na verdade, é mais organizacional, eu organizo, cuido das crianças, vejo os conflitos que têm em sala, levo para coordenação, eu organizo os professores, verifico as aulas vagas, brigo com os professores bastante, brigo porque são folgados, folgados assim, em termo porque gostam de enrolar. Eu participo bastante da vida da escola, eu faço os intervalos, conheço as crianças, você acaba conhecendo os pais, você conhece as histórias das crianças, na verdade você está lá como inspetor de aluno, mas você é amigo, é confidente, você é parceiro, você é pai, você é mãe, entendeu? Além de supervisionar todo trabalho, o corredor não funciona se você não tiver um professor para dar uma assistência, os alunos que ficam para lá e para cá, que gostam de passear, na verdade assim é toda essa área operacional que eu cuido, cuido dos intervalos.
	E como era na secretaria?
	M: Ah muito parado, muito assim, cuidava da vida do professor então era pagamento, faltas, babica, nota, essas coisas.
	[...] lá na secretaria é sentada... Muito chato! Eu sou uma pessoa muito agitada [...].
	Eu trabalhei durante 22 anos numa empresa de marketing, trabalhei, eu estava muito cansada, eu estava extremamente cansada, eu trabalhava muito de segunda a segunda, tinha poucas folgas com meu marido, eu ganhava três vezes mais do que ganho atualmente, mas em contrapartida, eu queria algo que fosse perto de casa, que eu tivesse um tempo disponível, ai resolvi fazer este concurso.
	[...] ai o que me satisfazia, realmente o que me dá, o que me seduziu mesmo, foi o tempo...
	Trabalhava demais, então, assim, o salário não é compensador, mas eu tenho qualidade de vida, trabalho perto da escola [...].
	[...] tenho mais tempo para minha vida, tenho mais tempo para o meu marido, tenho mais tempo, realmente o que tenho para mim, é tempo.
	E aí eu gosto bastante, não penso em sair, a não ser que seja para outra coisa, lógico eu estou sempre estudando, sempre fazendo alguma coisa, embora já esteja quase perto de aposentar.

	[...] e eu gosto do que faço , gosto das crianças, gosto de lidar com o público, embora o salário seja uma porcaria , eu gosto muito deste convívio, lidar com pessoas é muito bom.
	Sabe são experiências e você mantém esse entusiasmo pelas pessoas, eu acho que assim, manter o entusiasmo, acreditar que as pessoas podem melhorar, que tudo pode melhorar e você constatar isso na vida é muito bom [...].

Fonte: elaboração da pesquisadora.

5.3 – Análises dos Núcleos de Significação

5.3.1 – Núcleo 1 de Júlia – a experiência é o elemento fundamental para aprimorar a prática, mas e a formação, como está?

Neste primeiro NS de Júlia é analisado o quão uma formação e, especificamente, a formação desenvolvida no curso de Secretaria Escolar é relevante para a prática do trabalho e para o desenvolvimento do sujeito que participa do curso e, por outro lado, a experiência como fator determinante, por meio dos indicadores: Entraves a partir da organização na educação à distância: “eu não me sentia que estava indo para uma sala de aula, eu me sentia que estava indo para uma palestra”; A formação que ainda não contribui muito: “Acho que o curso interferiu de alguma forma”; e Entendimento da experiência como fator relevante: “é como se a experiência que a gente vivencia na escola ela é única, eu acho, porque é uma troca de experiências mesmo”. Logo, este Núcleo de Significação foca o nosso objetivo principal de apreender as significações do funcionário da educação sobre o seu processo de formação no curso.

Júlia atribui bastante valor ao ensino formal, que para ela está estreitamente relacionado a carreira profissional e a possibilidade de se inserir no mercado de trabalho. Essa subjetivação do ensino formal foi constituída pelas mediações sociais do sistema capitalista, no qual concebe o sujeito como individual e descolado da realidade, em que o sujeito por si só, de acordo com o seu esforço é responsável pelo seu sucesso ou fracasso, desconsiderando assim, as inúmeras determinações presentes, como de classe e gênero. Entendemos que a educação pode contribuir para a ascensão social dos sujeitos, mas ela não é responsável pelas condições sociais e econômicas da sociedade.

Paro (2001, p. 23) esclarece que o equívoco de considerar a escola como formação para o trabalho e a sua utilização para a ascensão social; envolve a falácia de que as pessoas com pouca escolaridade não conseguem emprego por conta da pouca formação, como se a escola pudesse criar empregos que o sistema produtivo capitalista não consegue criar. Assim, esse discurso ideológico faz com que as pessoas continuem acreditando que a sua posição social está relacionada à escolaridade e não às injustiças próprias da sociedade capitalista.

Ela também atribui muita importância à formação no ensino básico e a posterior formação em ensino técnico ou de graduação, ela, inclusive, fez diversos cursos. A importância dada ao ensino formal é ilustrada pelas falas a seguir:

Porque se está difícil para quem tem faculdade imagina para quem não tem, eu falo.

Eu considero o curso como algo a agregar na minha atuação, na minha experiência, eu sempre vejo como um lado positivo, ainda mais na área que eu trabalho na escola, a secretaria, que nem, as vezes chega, **eu tenho meus diplomas**, tudo que eu, mas eu, não posso julgar, que é complicado, mas poxa eu ajo desta forma, mas a outra pessoa não age, mas não sei porque que ela não age, não teve orientação, não teve o cuidado, não sei, depende da criação de cada um, do que é importante ou não para cada um, não posso falar da outro a pessoa, porque ela não age.

Na nossa atual sociedade, regida pelo sistema econômico capitalista, há a diferenciação entre o trabalho manual e o intelectual, em que o trabalho intelectual é mais valorizado e detém um prestígio social maior e, de forma geral, são carreiras melhor remuneradas. Verifica-se grande pressão ideológica geradora de valorização do ensino escolarizado, institucionalizado, como meio para ter uma melhor condição de vida, distanciando do significado da educação como meio para o desenvolvimento do sujeito e da sociedade.

Como auxiliar técnica de educação na Prefeitura Municipal de São Paulo, Júlia trabalha atualmente na secretaria da escola e fez o curso técnico de Secretaria Escolar motivada pela possibilidade de o curso trazer pontos positivos para o cargo e afirmou também que poderia ser interessante.

No movimento de análise das falas da Júlia podemos afirmar que esta participante não achou o curso muito significativo, exceto pela questão da qualidade da relação com outros sujeitos presentes na escola, principalmente no tratamento dado aos alunos e suas famílias. Assim, o curso implicou em reflexão a respeito das

relações com outros, ou seja, a reflexão sobre a diversidade de gênero, raça e condições econômicas presentes na sociedade e consequentemente na escola e a necessidade de que todos sejam respeitados e acolhidos.

Júlia aponta que o curso contribuiu para ver a realidade sob o ponto de visto do outro, e assim, extrapolar o seu próprio ponto de vista. A compreensão e o respeito à diversidade e ao outro faziam parte dos objetivos de muitas disciplinas do curso de Secretaria Escolar, como exemplificado a seguir, em um trecho da apostila da disciplina Relações interpessoais (BRASIL, 2012a, p. 53):

As relações interpessoais na escola são bastante complexas e, muitas vezes, a rotina das tarefas executadas não permite uma reflexão das nossas ações. Sendo assim, em várias ocasiões não aproveitamos os recursos que temos para educarmos os nossos alunos e agimos de maneira impensada, cansando mais do que o necessário. **O que é preciso para a prática de uma educação com respeito mútuo entre todos os envolvidos no espaço escolar? Acreditamos que uma condição básica para isso é a de que o educador tenha conhecimento de suas próprias formas de pensar e agir,** nas diferentes situações em que se encontra.

O olhar mais consciente da realidade, de ver e tratar o outro com mais respeito, um dos objetivos do curso, fica evidente nas falas da Júlia nos trechos a seguir:

[...] não posso julgar, que é complicado, mas poxa eu ajo desta forma, mas a outra pessoa não age, mas não sei porque que ela não age, não teve orientação, não teve o cuidado, não sei, **depende da criação de cada um, do que é importante ou não para cada um,** não posso falar da outro a pessoa, porque ela não age.

Aí eu pensei: está vendo a gente não pode julgar. Porque se você julga não está levando em consideração a realidade que a pessoa vive, que aquele aluno vive, Entendeu? **E eu acho que tem questões que foram trabalhadas sim no curso, que a gente começa a perceber certas coisas, por exemplo, alguma coisa que a gente julga demais a gente começa a enxergar com outros olhos, tentar enxergar com outros olhos, porque não é porque você vive desta forma que outra pessoa tem que viver da mesma forma.**

Não sei, talvez essa questão mesmo de lidar com as pessoas eu acho que contribuiu neste sentido sim.

Acho que o curso interferiu de alguma forma. Formas de pensar, formas de agir... Porque você começa a não olhar só seu ponto de vista, mas você passa a olhar o outro também, a realidade do outro, entendeu, que é de acordo com o que as pessoas vivem, isso é um dos pontos, exemplos que acontecem.

Júlia aponta que o curso foi bom, mas de forma muito generalizada, demonstrando não estar muito confiante em sua afirmação, pois sua fala nos indica, mesmo que de uma forma não muito explícita, um desejo de que o curso tivesse sido bom, pois “achava que contribuía para alguma coisa no meu serviço”:

Eu, no modo geral das disciplinas que tinham **eu achava que contribuía para alguma coisa no meu serviço, né? talvez para melhorar meu desempenho, no trato com os alunos, com algumas questões que apareciam na escola**, porque na escola cada dia é um flash, né?

Em outros momentos, Júlia aponta outros cursos que contribuíram para a sua formação. Um fator evidenciado por ela para explicar porque o curso não foi muito significativo refere-se à forma como foi oferecido. Ela diz que mesmo sendo nova de idade prefere o curso presencial, como se por ser nova deveria preferir algo considerado mais tecnológico ou até mesmo mais moderno. Apesar disto, ela afirma que não teve muita dificuldade, diferente da sua mãe, que também participou do curso.

Júlia apontou fragilidades no desenvolvimento do curso, fatores que provavelmente contribuíram para que os participantes não se envolvessem em maior intensidade com o processo de ensino-aprendizagem. A proximidade entre os alunos e os professores e entre os próprios alunos não foi propiciada nos momentos presenciais e parece que tampouco pelos momentos a distância. Vejamos os trechos a seguir:

Para melhorar? ... **então talvez com um pouco de mais aulas presenciais e aulas um pouco mais**, porque na realidade lá, o que eu achava que, sempre que a gente ia lá até por ser sábado de manhã, **dava até um meio sono, porque era muito grande o espaço.**

[...] **eu não me sentia que estava indo para uma sala de aula, eu me sentia que estava indo para uma palestra**, então achava assim que ficava muito disperso, porque era uma sala muito grande.

Não era uma sala pequena, com poucos alunos. **O professor, acho que ele ficava um pouco distante das pessoas, apesar de estar na mesma sala achava que ficava um pouco distante do pessoal.**

No desenvolvimento deste curso nos parece que não foi considerada a necessidade da criação de vínculos afetivos no processo de ensino-aprendizagem. Ressaltamos que o pensamento é cognitivo e afetivo, formando uma unidade indecomponível, sendo que ambos os polos se constituem mutuamente. Assim, é importante que sejam planejados momentos e atividades que favoreçam a interação entre o grupo de participantes do curso e a criação de laços afetivos.

Seguindo esta linha de raciocínio e acompanhando as discussões realizadas por Leite (2006), esclarecemos que a dimensão da afetividade deve ser considerada na sua dialeticidade, ou seja, quando se pensa as relações pessoais é preciso considerar a situação concreta em foco. Desse modo, o planejamento e as ações que

afetam a relação que o aluno terá com os conteúdos devem ser consideradas importantes na construção de um campo afetivo e cognitivo favorável.

E ao conversar sobre como um curso poderia ser bom para o funcionário da educação Júlia remete à falta de formação inicial do profissional, que ingressa na carreira sem nenhuma preparação prévia. E essa falta de preparação inicial afeta a parte educativa e a parte técnica, estas duas dimensões são essenciais para o trabalho na escola, a dimensão técnica refere-se aos conhecimentos e às habilidades próprias da função específica, no caso auxiliar de secretaria; e a dimensão educativa diz respeito a conhecimentos e valores no âmbito da educação.

Júlia ressalta a complexidade de se trabalhar com os sistemas digitais presentes na escola. Entendemos, no entanto, que um curso oferecido para funcionários de escolas públicas de redes diferentes de todo o país, como do Profuncionário, não dê conta de tratar de assuntos tão específicos como os sistemas digitais de cada Rede de Ensino. Mas que esta e outras questões mais pontuais poderiam ser resolvidas com formações oferecidas pelas próprias redes. Vejamos o trecho a seguir:

[...] eu acho que a prefeitura tinha que oferecer mais cursos para o pessoal que está entrando na secretaria, porque o pessoal muitas vezes, assim, não sabe como lidar com certas situações acaba cometendo alguns erros que poderiam ser evitados [...].

Fica evidente a necessidade de criar formações para o funcionário que está ingressando na escola, pois diferente de outros profissionais da educação, o funcionário da educação não participou de nenhum curso específico para ingressar nesse trabalho, como é o caso dos professores e gestores que cursaram o Magistério ou Pedagogia ou, ainda, outra licenciatura. A exigência de escolaridade para ingressar na carreira é o Ensino Médio em alguns casos; para outros é o Ensino Fundamental.

Mesmo que Júlia dê muito valor à formação, ela expressa a experiência como fator principal para aprimorar a prática e indica muitos exemplos em que a experiência foi determinante para o seu desenvolvimento:

Você acaba criando habilidades de conversar com o público, quando eu entrei aí, eu não era assim para conversar, **eu comecei a adquirir certas habilidades com a prática, tudo é com a prática**, mas que nem todo serviço que você tem que atender o público, exige muita, assim, você vai ter que aprender, vai aprendendo a lidar com muitas situações conflitantes, porque é

são pessoas, você lidar com pessoas acaba sendo muito estressante em algumas situações.

[...] **porque na realidade eu aprendi com a secretária as coisas que eu sei**, muitas coisas eu aprendi com a secretária. **Outras coisas eu aprendi por conta**, porque aparecem as situações e eu não vou ficar esperando.

A experiência é entendida por Júlia como fator fundamental e, provavelmente, o fator mais importante para o desenvolvimento profissional. Muitas coisas são aprendidas por meio da experiência, por intermédio do outro mais experiente: “muitas coisas eu aprendi com a secretária” ou por meio do enfrentamento de situações novas: “Outras coisas eu aprendi por conta, porque aparecem as situações e eu não vou ficar esperando”.

Os sujeitos aprendem e se desenvolvem por meio dos outros, não há dúvida que o trabalho com o par mais experiente favoreça o desenvolvimento profissional do menos experiente e que, com a prática, o sujeito se desenvolva. No entanto, para que a prática seja consciente e coerente com os objetivos educativos de uma escola é necessário que se tenham tempos e espaços garantidos para que haja a reflexão da prática, para que aconteça a práxis, teoria e prática caminhando juntas. Segundo Vazquez (1968, p. 117) a práxis: “[...] é atividade teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, orienta a atividade humana; teórica, na medida em que esta ação é consciente”. Dessa forma, entendemos que é fundamental ao trabalho realizado na escola, que é um ambiente intrinsecamente educativo, ser orientado pela práxis.

Aranha (2015, p. 126), ao analisar o fato do aprendizado de uma gestora escolar estar pautado na observação de outras gestoras, afirma:

Além de tomar o fato ou fenômeno em sua imediatez sem refletir sobre a sua gênese, uma atuação reprodutiva não colabora para que os educadores desenvolvam critérios para entender as suas ações, sucessos e/ou fracassos, ou seja, para aprenderem as determinações constitutivas de suas atividades.

Assim, reafirmamos que o aprendizado da atividade de funcionária da educação não se dá somente por meio da experiência e da observação, pois não são suficientes para a reflexão e para a superação de questões do cotidiano.

5.3.2 – Núcleo 2 de Júlia – o trabalho de um funcionário na educação: A peculiaridade do ambiente escolar

No primeiro NS analisamos como a formação, de forma geral e especificamente a formação no curso técnico de Secretaria Escolar, foi significada por Júlia e o fator experiência como fundamental na constituição da prática. Nesse segundo Núcleo, a partir da articulação dos indicadores, foi possível analisar como se dá o trabalho do funcionário da educação na escola, ou seja, como é significado o seu lugar de educador, a desvalorização da profissão e a questão da gestão democrática. Os indicadores são: Ao trabalhar na escola o sujeito se depara com a diversidade de valores e crenças: “O que eu entendo por educação é diferente do entendimento que ele tem sobre a educação, entendeu?”; O funcionário da educação é um educador? “Às vezes como educador que você está dentro da escola aí acontece algumas situações que aí você pode até entrar nesta parte mais educativa que é referente ao aluno”; Invisibilidade do funcionário da educação “O professor tem, mas a gente não, a gente é um povo esquecido da escola, né?”; e A gestão na escola é democrática? “Gestão democrática? então a gente, não sei se é na nossa escola, a gente fica muito a parte disso”.

Júlia estudou em cursos de licenciatura – Pedagogia e Ciências Biológicas – e já fez concurso para ser professora. Ela afirma gostar do seu trabalho na secretaria da escola, mas que gostaria de assumir como professora. Indica que o fator determinante para querer mudar é justamente pela falta de carreira do ATE na Prefeitura Municipal de São Paulo.

Quando perguntamos se entende que o seu trabalho como auxiliar técnico em educação também é educativo, ela não tem dúvidas, responde prontamente que sim. No entanto, todo o exemplo de trabalho educativo dado por ela está atrelado a ensinar algo às crianças, mesmo quando a questionamos sobre como o trabalho pode ser educativo, especificamente na secretaria, e ela afirma que o setor administrativo é indiretamente educativo ao abranger a administração da vida escolar dos alunos. Mesmo assim, esta participante reafirma que ao estar no ambiente da escola surgem situações educativas diretas, ou seja, envolvendo o aluno:

Ah o setor administrativo está indiretamente, né? Na realidade é que ele não está diretamente, ele está indiretamente. Na realidade ele vai

administrar tudo, no final das contas ele administra tudo, né? A situação de vida dos alunos escolar, mas acredito que é **neste sentido porque efetivamente para o aluno não existe o serviço em si. As vezes como educador que você está dentro da escola aí acontece algumas situações que aí você pode até entrar nesta parte mais educativa que é referente ao aluno.**

[...] porque eu tenho pouco contato com o aluno, das poucas vezes que tenho eu tento fazer, mediar algumas coisas, mas assim porque eu estava ali naquele momento e aconteceu.

Ela considera que para o trabalho ser educativo deve estar diretamente relacionado ao aluno e, quando aparece uma oportunidade, ela busca desenvolver uma ação educativa junto à criança. Entretanto, ressaltamos que o trabalho administrativo na escola tem um caráter educativo mesmo não envolvendo o aluno diretamente.

Júlia se mostra preocupada com as questões escolares e demonstra ter uma postura educativa, mesmo que não perceba, em questões relacionadas aos documentos e à vida escolar dos alunos. Quando, por exemplo, fala para um aluno do cuidado que ele precisa ter com os documentos; ou quando se disponibiliza a ir em outra escola para ajudar a consertar o histórico de uma aluna para que não corra o risco de ser matriculada na série errada; ou mesmo quando ela se preocupa com a possibilidade de uma criança ser matriculada na série errada porque veio de outro país e não tem histórico. Os dois trechos a seguir elucidam essa questão:

O menino chegou lá no guichê, cadê seu histórico, ele pegou o histórico, num quadradinho assim, todo amassado, aí ele tirou do bolso e me mostrou, quando eu vi, eu peguei assim o papel, peguei de proposito, fiz assim, esse é seu histórico? [risos]. Tudo horroroso, sabe, tudo amassado, falo meu Deus, e o RG tudo amassado, tudo molhado, tudo estropiado, ah poxa vida é seu documento, na hora já falo, não aguento.

[...] na realidade o certo seria levar essa documentação no consulado e traduzir, nossa muitas vezes quando não tem documentação, que a gente não pode negar vaga, quando não tem documentação a gente tem que fazer de acordo idade e serie, de acordo com a idade da criança agente coloca na série que ela deveria estar. Infelizmente é assim, falo infelizmente porque não sei se a criança, está realmente nesta série, não sei, se a criança está vindo sem histórico nenhum, e aí é desta forma que são feitos os históricos.

Portanto, entendemos que Júlia tem uma postura de educadora no trabalho que realiza na secretaria, mesmo quando não percebe. No entanto, parece-nos que ela gostaria de ser uma educadora professora, atuando em sala de aula e junto aos alunos. Sempre que tem oportunidade busca ter papel educativo com eles, inclusive,

intervindo em questões de ensino-aprendizagem inerentes ao trabalho do professor, como podemos identificar no trecho a seguir:

[...] eu peguei uma folha em branco, aí eu disse, escreve para mim janelas, **já escreveu errado, aí eu comecei a tentar corrigir**, mostrei o alfabeto no computador para ele. Ah assim, eu faço o que é possível dentro do setor que eu estou.

Entendemos que é difícil um funcionário da educação ver o seu trabalho como educativo quando não está ensinando nada, de forma direta, aos alunos. Historicamente, somente o trabalho do professor foi considerado como educativo e como importante para o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos na instituição escolar. Entretanto, algumas ações vêm sendo realizadas para que a escola seja considerada, em sua totalidade, como ambiente educativo, e com isso todos os atores são chamados a assumirem uma postura educativa frente às crianças e suas famílias. Podemos destacar a inserção do funcionário da educação ao grupo de profissionais da educação na LDB, no seu art. 61 e a criação de programas de formação para estes profissionais como o próprio Proffuncionário.

Como vimos no primeiro NS, ela compreende que a maior contribuição do curso se deu no que diz respeito a conseguir ver a realidade sob o ponto de visto do outro, e assim, extrapolar o seu próprio ponto de vista. Aprendizado que podemos afirmar como bastante educativo.

No processo de análise das falas foi possível apreender que Júlia busca ver o outro despida de preconceito, e busca objetivar esse conhecimento – a consciência a respeito da diversidade – ao entrar em contato com as famílias ou com os alunos que enfrentam inúmeras dificuldades e que vão se relacionar com a educação de forma diferente a que ela se relaciona.

[...] ele começou a falar da vida dele, e você começa a perceber que não é culpa dele, a dificuldade, ele repetiu, o 3º ano, está fazendo de novo o 3º ano, aí você pensa, poxa vida mas você não vem para aula, ele disse “ahh mas é que fico trabalhando até tarde com minha mãe, eu chego meia noite em casa”.

aí eu pensei: está vendo a gente não pode julgar. Porque se você julga não está levando em consideração a realidade que a pessoa vive, que aquele aluno vive, entendeu?

Sim, então você passa a ter um olhar diferenciado para aquela criança, tem coisas que não tem como, você pode ajudar, de outras formas, até falei para ele... já que você não tem tempo durante a semana porque você não estuda um pouquinho no sábado e no domingo? Porque você não vai querer repetir de ano, né? Falei para ele, você não fica com vergonha dos

seus amiguinhos ir para o quarto e você ficar né? Ele: ahhh eu não fico com vergonha... Eu: **mas precisa pensar nisso, que é a realidade que ele vive.**

No entanto, os sujeitos são contraditórios, por mais que entendam a necessidade de respeitar o outro e de fato queiram respeitar, carregam os seus valores e crenças – mesmo que individuais foram constituídos histórico e socialmente – o que gera dificuldade no enfrentamento das situações do cotidiano escolar. Dessa forma, em momentos em que o outro se apresenta ou se comporta de forma muito contraditória aos seus valores e crenças, Júlia tem dificuldade de compreender o outro:

Eu fico espantada né, falo Nossa Senhora! Aí você começa a pensar: “mas como ela consegue né? Você começa aquele autojulgamento, é um julgamento né! **Mas, isso não é possível, a pessoa não percebe? Ela não consegue ter estrutura? Mas é a realidade dela.**

Poxa, o filho não recebeu a bolsa família, aí eles vão lá na escola, ah não recebeu o leite, que agora, é restrito porque o Dória tirou o leite, só está deixando para as crianças especiais até o 5º ano, **mas assim poxa vida o que é importante? É um leite, um bolsa família ou a educação do seu filho?**

E não tem como eu obrigar ele pensar da mesma forma que eu? Porque é a realidade que ele vive, é a mesma coisa a mulher chega lá, **eu tenho 32 anos não tenho nenhum filho, a mulher chega lá com 30 anos com 7 ...**

Para a compreensão do outro precisamos considerar os fatores históricos, culturais, econômicos e sociais que o determinam, estes que medeiam a relação entre o sujeito e a escola e afetam a forma como o sujeito concebe a educação. No movimento de análise das falas fica evidenciado que Júlia busca entender este sujeito, justifica que ele tenha uma concepção da vida muito diferente da sua “Porque é a realidade que ele vive”. No entanto, mesmo considerando uma mediação da “realidade que ele vive”, ainda é difícil lidar com valores tão diferentes dos seus.

Concordamos com Libâneo (2004, pp. 161-162) ao afirmar que:

[...] compreender o indivíduo ou buscar as causas do seu comportamento significa situá-lo no contexto de uma existência socialmente configurada, ou seja, condições de trabalho e de vida numa sociedade de classes. Significa compreender que o lugar que ocupa na hierarquia de classes modifica diferencialmente suas percepções, sua relação com o futuro, sua relação com as instituições sociais (escola, por exemplo) e expectativas sociais em geral.

A gestão na escola possui peculiaridades historicamente constituídas, ela foi pautada na gestão empresarial, ainda hoje não superada. Júlia afirma que a gestão na escola é participativa e os funcionários também participam das reuniões

deliberativas, como Associação de Pais e Mestres (APM) e conselhos. No entanto, afirma que “[...] teve uma **época que não fazia reunião e todo mundo assinava**, tinha momentos assim, **mas fazia a ata né**, porque você **tem que ter a reunião**, você tem que fazer a ata, né?”, demonstrando que já houve época em que não se faziam reuniões faziam somente para formalidade das atas, forjando a realização da reunião.

Em outro momento, Júlia aponta as dificuldades enfrentadas pelo grupo para discutir assuntos da escola e alcançar um consenso, “poxa, você reúne todo pessoal aí um fala uma coisa e outro fala outra, aí vira aquela confusão, aí fica com polêmica, entendeu!” Diante das dificuldades de lidar com a diversidade de opiniões e ideias, Júlia afirma que acabam por concentrar as decisões com poucas pessoas e a reunião acontece “Só de corpo presente, porque sempre sobra para uma pessoa só, uma ou duas no máximo”.

A implementação de um sistema democrático nas escolas não é tarefa simples e esbarra em obstáculos, como o apontado por Júlia de encontrar soluções que atendam às necessidades de todos os sujeitos da escola. Nesse movimento seria fundamental considerar os objetivos da escola expostos no PPP e, conseqüentemente, contribuir para que os sujeitos da escola se articulem e se mobilizem por objetivos em comum.

Diante da dificuldade em estabelecer uma gestão realmente democrática nas escolas, poucas conseguem este modelo de gestão, no entanto, quando conseguem, fica evidente a melhoria dos relacionamentos entre os sujeitos, como apontado por Paro (1999, p. 29):

As pessoas, que antes eram tratadas apenas como objetos de decisão de outras localizadas em níveis hierárquicos superiores, sentiram a introdução de mudanças elevá-las à condição de sujeitos desse processo, e isto não é pouco em termos de avanço no relacionamento pessoal.

Durante o processo de entrevista, Júlia reconhece que a sua escola não é democrática, pois muitos ficam sem saber o que ocorre, e questiona não saber se é só na escola em que atua.

Gestão democrática, então a gente, **não sei se é na nossa escola a gente fica muito a parte disso...** Então **eu não participo**, são poucas pessoas, **é como se fosse um grupo fechado**, não que a gente não possa participar, a gente pode, mas tem eleição, para você poder participar de um conselho de classe ou participar da APM tem eleição.

A escola em que Júlia trabalha faz parte da Rede Municipal de São Paulo e, embora tenha peculiaridades próprias, não foi constituída isoladamente, mas a partir das objetivações e subjetivações próprias dos sujeitos que fazem parte desta escola. É preciso considerar que ela faz parte de uma Rede de Ensino e que está articulada dialeticamente com conhecimentos e ações a respeito do que é escola e do que é educação. Nesse caso, especificamente a respeito do que é gestão escolar, há uma série de saberes e práticas construídas histórico e socialmente, ou seja, a dificuldade em se estabelecer a gestão democrática também deve ser buscada para além dos muros da escola.

Júlia entende que a gestão democrática está para além da APM e dos conselhos, e que os professores têm momentos de discussão não estendidos aos funcionários da educação:

[...] a parte de gestão democrática ela fica muito, eu acho que alguém do serviço em si da secretaria, agora um JEIF [Jornada Especial Integrada de Formação], uma formação... Os professores participam... Eu, inclusive, apesar de trabalhar na secretaria eu tinha muita vontade de até me preparar para um concurso de participar da JEIF, mas não dá, o meu serviço lá é complicado, só se eu viesse mais tarde, fizesse esse esquema de vir mais tarde, para participar de JEIF, porque no meu horário não dá para dar nenhuma fugidinha porque é horário de pico e eu não tenho tempo para sair da secretaria nem para assistir dez minutos de JEIF, então acaba ficando meio a desejar, né, porque eles falam, comentam muito sobre a gestão democrática, isso é falado na escola, isso abrange praticamente a escola, é mais os professores porque os professores que participam da formação, mas é muito, na realidade é um tema muito forte.

O que elucida outro aspecto da exclusão vivenciada pelos funcionários da educação, pois diferente dos professores, eles não possuem tempos e espaços garantidos para encontros que abarquem formação e discussão de assuntos relacionados às atividades que desenvolvem na escola e à escola como um todo.

Os funcionários da educação são historicamente desvalorizados por meio da carência de planos de carreira, salário e formação, ou seja, de políticas voltadas para eles e dialeticamente pelo desprestígio social também dentro da própria escola.

Entretanto, em meio à toda essa situação, muitas vezes ambígua, contraditória sobre o que é ser funcionário da educação, Júlia expressa significações em que reconhece a importância do seu trabalho para a escola, entende que todas as funções são importantes para que escola funcione bem:

Só que não dão o devido valor, porque se tirar a secretária como que faz? Olha eu não sei, eu acho que é como se fosse o coração da escola e o cérebro os professores, porque não tem como, a escola só funciona se tiver a secretária, na realidade é um conjunto, é um conjunto né, **na verdade é um sistema, se você tira um a engrenagem deste sistema ele não funciona.**

Contudo, ela percebe que o seu papel como funcionária da educação, apesar da importância para o bom funcionamento da escola, é desvalorizado:

Nossa, muito restrito, muito restrito aí eu falo meu **não dá porque na realidade a prefeitura ela investe no professor, no quadro de apoio não, o quadro de apoio sou eu, agente escolar então não tem muita perspectiva, aliás não tem muita não, não tem perspectiva!**

Pesquisadora: Então a prefeitura já tem plano de carreira? Júlia: Mas o plano de carreira para professor. Pesquisadora: Mas para vocês não? Júlia: Não.

O professor tem, mas a gente não, a gente é um povo esquecido da escola, né?

Em decorrência da desvalorização da carreira ou da falta de carreira: “até por conta de carreira, que nossa carreira na realidade não tem carreira, de auxiliar técnico de educação, infelizmente não tem na prefeitura, tem o cargo, mas não tem carreira”, Júlia gostaria de ser professora, mesmo dizendo gostar do seu trabalho atual.

Eu queria assumir como professora, mas infelizmente ainda não tive oportunidade, até por conta de carreira, que nossa carreira na realidade não tem carreira, de auxiliar técnico de educação, infelizmente não tem na prefeitura, tem o cargo mas não tem carreira, então eu acho que é um...Eu gosto muito do que eu faço, muito e se eu ganhasse melhor, nesse cargo, não sei, talvez nem iria pra uma sala de aula nem sentiria muita vontade até porque na sala de aula tem muitos desafios também, não é só entrar numa sala de aula e você acha que vai estar, nossa perfeitamente bem, porque você está lidando com uma sociedade, os alunos, assim os alunos estão com uma, é, eu na minha visão os alunos estão com uma pobreza de estrutura familiar [...].

A desvalorização do funcionário impulsiona o sujeito a querer mudar de atividade, mesmo que ele goste do que faz. Júlia demonstra gostar de trabalhar com educação e de atuar na secretaria, no entanto, pretende ser professora, pois, segundo nosso entendimento, é uma carreira mais valorizada.

5.3.3 – Núcleo 1 de Mirtes – a finalidade da formação para o funcionário da educação: entre as expectativas e a realidade

Este NS está diretamente relacionado ao nosso objetivo de compreender as significações sobre o processo de formação das participantes da pesquisa. Estão

presentes os indicadores: Para que fazer o curso? Currículo, conhecimento, reconhecimento?; Entre a teoria e a prática: O curso contribuiu para melhorar a prática do trabalho na escola?; e Educação à distância como possibilidade. Mirtes mesmo afirmando que fez o curso porque gostaria de dar um *up* no currículo, completa que gostaria de aprimorar os seus conhecimentos sobre as normas que regem a educação, ou seja, uma das motivações dela para fazer o curso era a busca pelo conhecimento.

No entanto, aponta que não há reconhecimento por parte do estado para quem faz a formação, pois não contribui para aumento de salário e tampouco para promoção de cargo, conforme explicitado no trecho a seguir, extraído da sua fala:

[...] além do estado oferecer este curso, para que e porque oferecer este curso? Se ele oferece este curso, mas este curso não tem uma finalidade, tipo se você fizer este curso, vai ter dentro da educação, vai ter um cargo que você possa ocupar, ou então uma promoção, **você faz o curso e fica na inércia, para que serve o curso? Você vai usar ele onde? Para que? No futuro você vai usar ele onde? Não tem serventia**, é só um curso, não tem um uso prático da coisa, então eu **achei que neste patamar o curso foi decepcionante.**

Esta falta de gratificação pela formação por parte do Sistema de Ensino do estado de São Paulo desmotiva a participante a estudar, como apontado por ela no final do trecho: “então eu achei que neste patamar o curso foi decepcionante”.

E como o curso não melhora em nada o salário e a carreira do funcionário da educação, Mirtes entende que não contribuiu para a sua vida profissional, afirma que evoluiu pessoalmente, porém não no profissional. Revela a visão dicotômica muito presente em nossa sociedade, ao buscar separar a satisfação pessoal da profissional, como se fossem partes distintas presentes em um mesmo sujeito e assim revela uma visão fragmenta do ser. Porém, é o mesmo sujeito que está vivendo tudo e esta discrepância entre ser feliz na vida pessoal e não ser feliz na vida profissional pode levar ao sofrimento do sujeito, considerando, ainda, que grande parte do tempo passamos no trabalho. Mirtes afirma:

Que não vai agregar valor nenhum ao seu salário, a sua carreira, não vai ter promoção, não vai ter nada, **então pessoalmente eu evolui bastante, profissionalmente lamento.**

Dadas as más condições de trabalho do funcionário da educação, incluindo baixos salários e a falta de planos de carreira, é muito difícil que se veja outra

motivação para fazer o curso, a não ser a melhoria dessas condições. O que corrobora com a necessidade de programas de formação sejam articulados com políticas de plano carreira.

Para que um sujeito se envolva em uma atividade ele precisa encontrar motivos que mobilizem e dirijam suas ações em direção à satisfação de suas necessidades (sempre individuais e historicamente constituídas). Importante termos claro de que os motivos também são sociais e estão presentes na realidade social, mas só se tornarão motivos quando significados como tal pelos sujeitos históricos e individuais. No caso, levantamos a tese de que é difícil para Mirtes encontrar na atividade realizada outros motivos que não o salário para impulsioná-la para a ação, dadas as más condições de trabalho. Apesar de que em alguns momentos ela destaca aprendizados importantes para seu desenvolvimento e trabalho que foram adquiridos à época do curso.

Mesmo tendo afirmado que o curso não contribuiu profissionalmente, Mirtes afirma que se sentiu mais preparada depois de fazer o curso, que muitas coisas agregaram valor.

A partir das entrevistas verificamos que a contribuição do curso se deu no que diz respeito à relação entre as pessoas, como melhorar as relações. Como apontado nos trechos a seguir:

Mas me serviu muito, eu aprendi a lidar com as outras pessoas, não, que eu já trabalhava na área com pessoas então fica mais fácil.

Porque assim, **eu aprendi muita coisa que eu não sabia, realmente aprendi bastante, aprendi a lidar com pessoas, aprendi sobre gestão democrática, aprendi sobre a educação em si [...].**

Muda, muda, **tem muita coisa que agrega valor, é no lidar com as pessoas, o lidar com capital humano, acho que agregou muita coisa, você tem uma visão melhor, eu tive uma visão melhor.**

Constatamos que de fato este era um dos objetivos do curso e, ao indicar que o curso contribuiu para que ela refletisse e melhorasse as relações estabelecidas com outros sujeitos na escola, sobretudo com os alunos, este objetivo foi atingido e, por conseguinte, ela se desenvolveu, como apontou em sua fala. Podemos identificar esses objetivos presentes ao longo das apostilas de algumas disciplinas. Vejamos alguns exemplos:

Na disciplina Educadores e educandos: tempos históricos (BRASIL, 2012a, pp. 20-21):

Como parte das mudanças sociais, as escolas passaram a ter funções muito importantes, além de ensinar a ler, a escrever, a contar, agora, exige-se de todos os profissionais da educação uma prática **voltada para o respeito às diferenças, para saber conviver com a diversidade de culturas e para a construção coletiva de práticas de uma gestão democrática. Portanto, é preciso criar, inventar, modificar rotinas, propor, construir, além de aprender a respeitar o meio ambiente, as florestas, o patrimônio público, as culturas diferentes, a diversidade étnica, os valores morais e éticos e de solidariedade.** Observe que compreender quando, como e onde acontece a educação, pode nos auxiliar a ler o mundo e agir sobre ele, como nos ensinou Paulo Freire.

Na disciplina Homem, Pensamento e Cultura: abordagem filosófica e antropológica (BRASIL, 2012b, p. 62):

Chamo a sua atenção, novamente, ao fato de que, na escola, assim como em qualquer espaço social, você está sempre educando. Sabendo disso, pode, então, agir de forma profissional, cidadã e humana, tendo consciência “do que faz” e “para que faz”. Isto é, precisa decidir qual educação oferecer aos alunos da escola em que trabalha junto com todos os que estão envolvidos nessa educação [grifo nosso].

Assim, vemos que nas disciplinas foram abordados temas como o respeito as diferenças e a consciência do que se está fazendo, considerando que o funcionário da educação está sempre educando. Corrobora assim, com o que Mirtes assimilou do curso, pois as suas falas revelam que a contribuição do curso se deu, principalmente, no que diz respeito ao “saber lidar com as pessoas”.

Quando Mirtes aponta que o curso contribuiu para que ela repensasse e recriasse a sua relação com os outros sujeitos, indica que atendeu a uma necessidade sua de rever estas relações. Essa necessidade pode ter sido gerada durante o movimento de estudo no curso, os conceitos de diversidade e respeito podem tê-la afetado, e assim, tenha contribuído para que ela se mobilizasse para mudar a sua ação.

No entanto, mesmo que Mirtes compreenda a importância de manter boas relações, de respeitar as diferenças e, de fato, tenha mudado em alguns aspectos na maneira como vê e interage com os alunos, revela a fragilidade de tais concepções. O trecho a seguir expressa significações em que Mirtes, mesmo defendendo a necessidade da autoridade democrática como importante para as relações, também

apresenta significações que se aproximam de uma noção de autoridade autoritária, em que ela é detentora da verdade:

[...] então você tem que ter essa visão, que lidar com pessoas é diferente, cada um tem um significado e aí é **para você ter respeito você não precisa agredir, para você ter respeito você tem que ser parceira, mas assim você tem que ter autoridade, mas com respeito, autoridade respeitosa** não é autoridade de gritar e berrar mas é autoridade de que o aluno veja em você alguém que ele possa confiar, que **se ele não te respeitar e magoar ele está perdendo, então assim, ele tem que saber que está perdendo, entendeu? E o valor para ele, se ele te magoar, te machucar, se ele fizer algo para você ele vai perder, não vai ser você.** Então é essa visão que eu acho, mudou muito a dinâmica de lidar com eles.

Entendemos que mesmo que um estudo nos mobilize a refletir sobre determinado assunto, pode não ser o suficiente para mudarmos totalmente a nossa prática. Em alguns casos, é necessário que sejam modificados valores e crenças, que muitas vezes só são passíveis de transformação caso haja mudanças mentais internas que são alteradas a partir de dramas internos constituídos na relação com o social e a história, segundo Veresov (2013, p. 10) “[...] uma colisão emocionalmente vivida traz mudanças radicais à mente do indivíduo, ele se eleva mais alto e acima de seu próprio comportamento”.

Outra contribuição do curso diz respeito ao entendimento dos seus direitos enquanto trabalhadora:

[...] **eu sei quais são meus direitos, então não vem achar que eu não sei, entendeu, então assim eles sabem que eu sei, sou uma pessoa que batalho pelo meu conforto, pelos meus direitos dentro do trabalho.**

Assim que eu vou aceitar uma resolução que eu sei que está certa, entendeu, eu sou uma pessoa que, eu corro pelo certo.

Com os alunos, com os profissionais, com os professores, então tipo assim, é... há muito respeito, principalmente da parte deles junto comigo, e a minha com ele, porque **eu sei até onde vai o limite dele, até onde o professor pode ir, até onde eu posso cobrar, entendeu? O que eu posso reclamar, o que não posso, quais são meus direitos, quais são meus deveres, então deu uma visão bem ampla disso,** embora algumas coisas eu tenha esquecido, depois de tanto tempo já esqueci muita coisa.

O que revela ter contribuído para o seu reconhecimento enquanto cidadã e trabalhadora e como tal têm direitos e deveres garantidos em normas e leis.

O curso contribuiu para melhorar a prática do trabalho na escola? Parece-nos que para Mirtes o curso contribuiu para refletir sobre a qualidade das relações com os

outros, para considerar as diferenças das pessoas que frequentam a escola e que ao lidar com cada aluno é necessário ter uma abordagem diferente:

Aí você começa a ver, você **tem que ter uma outra dinâmica com eles, você tem que ter uma outra didática, uma outra abordagem**. Você tem que começar abordar a criança de um jeito diferente, porque cada aluno, assim, nós temos uma sala com 30, 40 alunos, e **cada criança é única**, e se você for abordar todo mundo da mesma forma, tem criança que chora, tem criança que é agressiva, então **você tem que ter essa visão, que lidar com pessoas é diferente, cada um tem um significado [...]**.

No entanto, outros conhecimentos parecem não ter sido muito significativos. Mesmo Mirtes afirmando que o curso contribuiu para melhorar o trabalho e que tenha sido bom, os trechos a seguir expressam algumas contribuições do curso, que mesmo tendo seu valor, devem ser consideradas com cautela, dada à falta de especificidade no que se refere às próprias contribuições:

Trabalho escolar, legislação escolar, é, foi o que falei, são as normas o que você tem que seguir e porque você tem que seguir, **acho que assim, não agregou muita coisa não, mas ajudou**.

Ah teve bastante coisa, como gestão de pessoas, como documentação, tem coisa que eu não sabia, **tem coisas que, normas, é mais a parte burocrática mesmo, direitos, deveres, o que fazer...**

Um dos fatores que pode ter afetado para que mais conteúdos do curso não tenham sido apreendidos é a forma como ele foi organizado e oferecido na modalidade à distância. Mirtes entende que tenha sido uma experiência válida, inclusive começou a fazer outra graduação, em Matemática, e na modalidade EAD. Contudo, aponta as dificuldades encontradas no curso de Secretaria Escolar.

Mirtes: E o que então gostava muito, eu achava que os encontros eram poucos, era uma vez por mês, era assim fazia a avaliação, e no final fiquei um pouco chateada, não chateada, talvez até um pouco frustrada, nossa, a palavra frustrada é péssima... [risos] com o TCC, porque eu esperava um pouco mais, eu esperava um pouco mais, entendeu? Eu queria um retorno maior.

Pesquisadora: Ahh entendi, das tutoras?

Mirtes: É isso, exatamente.

Ela ressalta a frequência dos encontros **que**, além de serem poucos, eram antes de avaliações, o que provavelmente contribuía para que durante os encontros os alunos estivessem mais dispersos por estarem preocupados com as avaliações. E a baixa frequência de encontros não favorecia a maior aproximação entre os próprios

alunos e entre os alunos e os professores. Essa falta de aproximação parece não ter sido suprida online, visto que Mirtes esperava um retorno maior das tutoras.

Entendemos que a afetividade é importante em um processo de ensino-aprendizagem, por isso a aproximação entre os sujeitos é essencial. Como Vigotski (2010, p. 479) afirma: “Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. Só ela pode dar a resposta ao último *porquê* na análise do pensamento”. Logo, a afetividade é um fator extremamente importante e presente na constituição do sujeito, assim, é necessário que em processos formativos sejam considerados meios para mobilizar os sujeitos, seja para mobilizar suas necessidades já existentes ou mesmo para criar necessidades novas, levando os sujeitos a participarem, ativamente, desses processos formativos. Quando um curso mobiliza afetiva e cognitivamente os sujeitos e entende suas necessidades, cria possibilidades de oferecer motivos que direcionem as suas ações.

Mesmo em cursos EAD é possível estabelecer meios para que laços afetivos sejam estabelecidos, seja por meio dos grupos de trabalho, com propostas que possibilitem o envolvimento dos alunos ou de uma aproximação mais contundente entre os alunos e os tutores. Kenski (2010) afirma que é necessário que sejam construídas práticas colaborativas e laços afetivos em cursos a distância para que os alunos se sintam parte de um grupo, e assim se identifiquem e se diferenciem. Contudo, defendemos que uma boa possibilidade seria o ensino híbrido em que há a combinação entre educação presencial e a distância.

Outro ponto relevante para que o curso não tenha sido apreendido em sua totalidade ou ao menos em uma parcela maior, é a aparente discrepância entre o que foi oferecido pelo curso e as reais necessidades dos funcionários da educação. Mirtes demonstra até certa indignação, pois para ela é como se o curso tivesse sido desenhado por quem não é funcionário da educação, pela academia e, portanto, desconsiderado o sujeito a que este curso se destina:

Eu acho que assim, eu acho que o curso, **antes de ser aberto um curso, eu acho que as pessoas deveriam ter vivência, porque assim foi feito um curso onde pessoas da área acadêmica acha que aquilo lá é bom, mas assim, em algum momento foi consultado quem vive realmente na área, para que que serve tal coisa, porque que vai tal coisa? O que nós podemos acrescentar? O que podemos tirar? Avaliar? Porque devemos colocar essa disciplina?** Por que? Na verdade, foi feito o curso, tem muita coisa boa lógico, tem as normas, aquelas coisas todas, tem muita coisa boa,

mas tem coisa que poderia ser subtraído ou acrescentado, mas assim, **para isso você precisa conhecer o cotidiano.**

Tem que conhecer primeiro, tem que consultar, para que serve? Olha o que vocês fazem? Como que é que se corrige? Como é que a coordenação trabalha com a equipe de agentes? Como que a diretora trabalha? O que precisa? O que não precisa? O que que faz falta? Qual assistência que vocês têm? Então na verdade assim, o curso faltou muito disso, porque é muito fácil você fazer a pílula ficar douradinha, só que realmente é o cotidiano? Não é só a parte burocrática, lógico a parte burocrática, mas também não tive muitas coisas de parte burocrática, entendeu? **Eu também não tive muitas coisas, porque assim no cotidiano quando eu trabalhava na secretaria, tinha muitas coisas que eu vi que não tinha no curso.**

E dessa forma, alguns conteúdos importantes para Mirtes teriam ficado de fora do curso, enquanto outros considerados menos relevantes estariam presentes. Os sujeitos ao buscarem um curso o fazem para atender a necessidades diferentes, que podem ou não serem atendidas pelo curso. Ao realizar um curso o sujeito pode, inclusive, por meio da atividade, ressignificar as suas necessidades e encontrar o motivo no próprio curso. Mirtes tinha expectativas em relação ao curso de saberes mais próximos da prática e que não foram contemplados. Por outro lado, ressaltamos que os conteúdos referentes à qualidade nas relações, envolvendo o respeito à diversidade foram apreendidos.

5.3.4 – Núcleo 2 de Mirtes – o trabalho do funcionário da educação como parte da totalidade da escola – em meio à desvalorização da profissão e aos entraves da escola para estabelecer relações democráticas

Enquanto no NS 1 de Mirtes identificamos, por meio dos dados construídos nas entrevistas, a necessidade de os programas de formação serem articulados com políticas de planos de carreira; e a relação entre a teoria e a prática nas formações para profissionais em trabalho e como os conteúdos e a forma de oferta do curso foram significados pela Mirtes, neste NS 2 o que está em pauta é o trabalho do funcionário da educação como parte da totalidade da escola, em que lhe cabe também o papel de educar e as adversidades presentes nessa profissão.

Neste NS estão articulados os indicadores: O funcionário da educação como educador: “nós somos referência em comportamento, em educação, em como se tratar as pessoas, eu acho que tudo isso contribui para educar a criança”; As dificuldades de se estabelecer a democracia na escola: “agora a coisa está mais

democrática ainda”; A invisibilidade do funcionário da educação inserido em uma conjuntura de descaso com a educação e Como é o trabalho? Quais as motivações para exercê-lo?

Mirtes entende que o seu trabalho é educativo, no entanto, exemplifica o ser educadora atrelada às mais diversas carências das crianças:

Pesquisadora: **E você acha que seu trabalho também é educativo?**

Mirtes: **Ah com certeza, com certeza, porque assim, têm muitas crianças aqui que falta suporte, falta família, e as vezes você, de educadora, de acolhedora, de psicóloga, de amiga,** é de uma série de coisas que você não tem dimensão, do que é lidar com essas crianças, porque cada uma tem uma realidade diferente.

Neste trecho, vemos que ser educadora é significado por Mirtes de modo articulado com acolhedora, psicóloga e amiga, em que o papel de educador aparece como sinônimo a dar suporte para as crianças em suas carências. Esse é o mesmo papel atribuído ao professor muitas vezes pelo senso comum, o papel de um membro da família, por isso foram e ainda são chamados de tios e tias, em uma posição quase de sacerdócio, e que assim, nessa informalidade não necessitam de conhecimentos técnico e científico para exercer a função, além de serem sempre “bonzinhos” e passivos, logo, não devem lutar pelos seus direitos enquanto classe trabalhadora. Esta questão foi denunciada por Paulo Freire (1997, p. 9):

A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza cientificista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece.

Em outro momento, Mirtes enfatiza o papel de acolhimento da escola:

Muito, muito, **eu converso demais**, e você vê, é abraço, eles abraçam, beijam, é tia, **porque as vezes é o único acolhimento que ele tem é aqui**, entendeu, ah eu gosto bastante.

Concordamos que a escola deve ser também um espaço acolhedor, em que se tenha atenção e cuidado com as crianças, pois os sujeitos não são fragmentados, a afetividade e a cognição estão presentes o tempo todo, um constitui o outro. No entanto, o que queremos destacar é que no trecho anterior este acolhimento se dá na relação de conversa e afeto demonstrada por meio de abraço e beijo.

Pinto (1993, p. 5) ressalta que a afetividade que era restrita a expressões corporais, como encorajamento por meio do olhar ou da mudança de voz e imprescindíveis nas relações com os bebês, se enriquece a partir do advento da função simbólica, e agora a afetividade como parte das atividades cognitivas: “As manifestações epidérmicas da ‘afetividade da lambida’ se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade”.

Logo o afeto com os alunos deve ser para além de expressões corporais de “beijos e abraços”, ele é expresso quando o aluno é respeitado, quando as suas necessidades são consideradas. As relações também são afetivas quando se compreende que o aluno é um sujeito histórico e social ao mesmo tempo em que suas expressões são singulares. Desse modo, destaca-se o papel de sujeito ativo, criativo, único, mas sem culpabilizá-lo, sem cairmos na armadilha da meritocracia, não o naturalizando, ou seja, as suas expressões são singulares, mas expressam ideias e ações construídas social e historicamente.

Nascimento (2009) e Moraes (2009) elucidam que o papel educativo do funcionário da educação diz respeito a aspectos éticos, valores e comportamentos e em outros espaços da escola que transcendem a sala de aula, não se refere à educação formal. Retomamos que, como afirma Monlevade (1995), a escola não é um campo neutro de aplicação de habilidades, assim, todos os atores envolvidos devem estar comprometidos com os objetivos da escola. Portanto, a atividade educativa no ambiente escolar deve ser intencional e consciente.

Mirtes tem consciência de que, a partir do seu trabalho como inspetora ou como funcionária da secretaria, os alunos a veem como referência em comportamento e em como tratar as pessoas e que, dessa forma, contribui para educar as crianças. Entende que participa da constituição dos alunos, mas sempre em uma situação de suprir uma falta, por entender que as famílias destas crianças são desestruturadas, pois não são formadas pelo núcleo familiar pai/mãe entendido como a formação ideal em nossa sociedade. Uma visão em que a constituição da família é naturalizada, em que o lar será necessariamente bom e harmonioso se tiver essa estrutura, e que outras formas de constituição terão carências, inclusive, de afeto.

Pesquisadora: E como que você acha que um trabalho de uma secretária ou de uma inspetora pode ser educativo?

Mirtes: Que o aluno na verdade ele tem o inspetor como seu líder, como seu... **Não sei nem como te dizer, é uma referência, então a sua postura, tudo mais serve de exemplo, nós somos referência em comportamento, em educação, em como se tratar as pessoas, eu acho que tudo isso contribui para educar a criança.** E as vezes tem muitas crianças, nós moramos numa região de baixa renda de carência realmente, né, **e aí você vê que as vezes eles não tem assistência de pai, as vezes são criado por mãe, por vó, por tia, eles não tem referência de pai, e você acaba sendo a parte que educa, a parte que realmente eles têm como referência, como uma diretriz, então é muito importante que você tenha uma conduta, uma postura exemplar,** que seja bom, que seja gentil, lógico que você vai dar os corretivos, corrigir a pessoa como tem que corrigir.

Trazemos novamente o trecho já apresentado no NS 1 para explicitar a contradição vivida por Mirtes, pois ela afirma que ao ingressar na escola tinha uma visão repressora e que hoje não tem mais:

[...] mas assim você tem que ter autoridade, mas com respeito, autoridade respeitosa não é autoridade de gritar e berrar, **mas é autoridade de que o aluno veja em você alguém que ele possa confiar, que se ele não te respeitar e magoar ele está perdendo,** então assim, ele tem que saber que está perdendo, entendeu? **E o valor para ele, se ele te magoar, te machucar, se ele fizer algo para você ele vai perder, não vai ser você.**

Ao afirmar que tinha uma visão repressora e hoje não tem mais, e em seguida apontar que se o aluno não te respeitar ou te magoar, quem vai perder é ele, Mirtes evidencia que se coloca em uma posição de superioridade em relação à criança, mesmo que ela não tenha a intenção, expressa a contradição de não querer ser repressora e ao mesmo tempo assumir uma postura autoritária. Ela parece não considerar a possibilidade de uma relação mais igualitária entre ela e as crianças, uma relação em que ela também aprenda, em que haja a intenção de um diálogo mais democrático.

De fato, é importante que a criança saiba quando ela magoou ou desrespeitou o outro, para poder refletir sobre as suas ações e assim ter a chance de reelaborá-las, pois pode não ter tido a intenção de magoar e desrespeitar o outro, e por outro lado pode ter tido a intenção de magoar o outro por diversos motivos, entre eles como forma de protesto à alguma situação que ela não tenha gostado.

Pinto (1993, p. 3) esclarece a importância da educação da expressão emocional e a educação da própria emoção, em que a criança é mais emotiva que racional. Em “circuito perverso”, o adulto se deixa contagiar pela emotividade da criança em situações de irritabilidade e ansiedade, ao invés de fazer o contrário,

buscar contagiar a criança com a sua serenidade, e assim, resultam em ações inadequadas.

Os sujeitos são constituídos historicamente por multideterminações, logo, mesmo que Mirtes afirme entender que é necessário ter uma postura acolhedora junto às crianças, ela pode apresentar atitudes contraditórias, porque outras determinações a afetam. Como, por exemplo, o processo de educação que teve quando criança e o tipo de relação que entende ser o mais adequado entre crianças e adultos, baseada em suas experiências e no conhecimento que tem sobre tal questão.

Concordamos com os autores Nascimento (2006), Andrade (2005) e Feiges (2003) sobre a relevância de incluir o funcionário da educação nos espaços de tomada de decisão da escola, e percebemos que mesmo que o funcionário esteja nestes espaços muitas vezes é de forma figurativa. A LDB prevê que a gestão nas escolas públicas seja democrática, e que cada Sistema de Ensino deve determinar como será.

Mirtes afirma que a gestão na escola em que trabalha é bem democrática, o número de representantes de cada segmento é paritário e todos trabalham para que tudo funcione bem. Conta que o canal de comunicação com a diretora funciona bem e todos são ouvidos. Com a chegada da nova diretora, há três meses na gestão, afirma que esta gestão está ainda mais democrática:

Então, e agora mudou a direção, agora é uma diretora efetiva, **agora a coisa está mais democrática ainda.**

Este último trecho evidencia que para Mirtes a escola ficou mais democrática com a atuação da nova diretora que está na escola há pouco tempo. A sua fala compara a nova diretora com a diretora anterior, pois afirma que “ela escuta mais”, e “ela interage mais”. Está diretora tem buscado implementar canais de diálogo e ficar mais próxima das pessoas da escola, conforme os trechos a seguir:

Eu achei que assim, **além dela dar voz para as pessoas, ela escuta mais, ela aceita melhor as sugestões, ela está aberta ao diálogo, assim, hoje, faz 3 meses que ela assumiu, você vê que os canais de comunicação estão muito mais abertos, os comunicados são muito mais precisos, são mais detalhados, ela interage mais com as pessoas, ela dá mais ouvido.** Como falei, existem mais canais, existem mais abertura de diálogo, existem mais possibilidades de você ser ouvido, então fica muito mais fácil.

Exatamente, até mesmo quando a gente pede, nós fazemos, é assim, tem uma visão bem aberta deles que, olha preciso falar sobre tal assunto, aí eles falam, a gente conversa, sempre tem aquele, tem um canal direto aberto, isso é muito bom.

Nos perguntamos se Mirtes busca estabelecer um relacionamento mais democrático junto às crianças, com as características apontadas por ela para descrever como a diretora adota uma política democrática na escola, como a abertura para o diálogo e a consideração de sugestões. Entendemos que ela acolhe as crianças considerando as suas singularidades, no entanto, ao afirmar que se o “aluno não te respeitar ele que está perdendo” fica aparente que a condição de autoridade é sobreposta nas relações.

A gestão adotada pela diretora vai ao encontro do que Mirtes afirma sobre o que é a gestão democrática, pois entende que a comunidade deve ser ouvida, e assim, o trabalho seja feito para benfeitoria de todos os envolvidos:

É fazer com que a comunidade seja ouvida, e as sugestões sejam analisadas para que dentro de um conjunto haja um trabalho para melhoria, porque assim, na verdade a escola é um patrimônio público e fazer com que tudo que aconteça na escola seja em benfeitoria da comunidade, dos professores, dos funcionários, para que todo mundo se sinta acolhido na escola, porque assim, é um centro comunitário.

Todavia, concordamos com Libâneo (2010, p. 9) quando traz a gestão participativa como forma de alcançar, democraticamente, os objetivos da escola:

A participação é o principal meio de tomar decisões, de mobilizar as pessoas para decidir sobre os objetivos, os conteúdos, as formas de organização do trabalho e o clima de trabalho desejado para si próprias e para os outros. A participação se viabiliza por interação comunicativa, diálogo, discussão pública, busca de consensos e de superações de conflitos.

Dessa forma, a participação dos atores da escola, segundo o autor, deveria ser mais consistente e está para além de dar sugestões, refere-se à participação efetiva, com tempos e espaços organizados para o diálogo e o planejamento das atividades, inclusive, sobre as práticas educativas do funcionário da educação.

Outro ponto a ser considerado diz respeito às reuniões com os agentes escolares, pois não têm regularidade. A falta de regularidade das reuniões pode dificultar o trabalho colaborativo em que todos estejam envolvidos, afeta também as questões pedagógicas, pois para que as ações educativas sejam intencionais também precisam ser planejadas:

Mas não são reuniões periódicas, três em três meses, quatro em quatro meses, quando a gente vê que a coisa está desembolando.

A direção de uma escola precisa enfrentar inúmeras questões para conseguir implementar uma gestão realmente democrática, dadas as condições objetivas do cotidiano social e institucional, os tempos disponíveis e a precariedade da formação dos profissionais da escola. Precisamos considerar que a gestão escolar foi historicamente construída a partir de aspectos da gestão empresarial e ainda hoje não foi superada. Sabemos que entre os sujeitos da escola, o funcionário da educação costuma ter menor participação, atrelada a sua desvalorização, o que é enfatizado justamente por não ter momento garantido de reuniões, como têm os professores.

A desvalorização do funcionário é mediada por diversas determinações, dentre elas o desprestígio social, os baixos salários e as questões relativas às políticas públicas e à formação. Essa desvalorização é significada por Mirtes, principalmente pelo governo, pois “o governo acha que o agente de organização não faz nada”. Ela entende o caráter educativo do trabalho e a necessidade de uma preparação para quem vai ingressar no trabalho na escola, comparando, inclusive, com a preparação que o professor recebe:

Ah eu acho que assim, **acho que deveria ter um curso menor, de menor tempo até, só para efeito, porque hoje eu acho assim, o governo acha que o agente de organização não faz nada, e muito pelo contrário ele ainda é a base da pirâmide né, e eles deveriam antes, vai ingressar, o agente vai ingressar vamos fazer um curso preparatório, falar o que vai acontecer, como é que vai ser**, não precisa ser um curso de seis meses, um curso de um mês, pode ser ao sábados, olha vai ser o aluno, **você vai lidar com o aluno, você vai lidar com o pai**, preparar eles, as vezes vem agentes muito crus, principalmente, não estou generalizando, mas tem muitos homens que são meios ásperos meio grossos ou então dóceis demais e aí fica meio complicado, eu acho que fica complicado, **então eu acho que devia ter uma preparação, assim como o professor tem um curso preparatório online, eu acho que deveria ter uma preparação também um curso para o agente.**

A desvalorização do funcionário da educação é atravessada pelos baixos salários e pela falta de plano de carreira, juntamente com o desprestígio da função, sendo vista como uma função inferior na escola.

Além do salário, que lamento, é triste, é deprimente, assim eu acho que o agente organizacional, ele é visto como uma parte inferior de todo sistema, mas sendo que ele é a base, porque o agente, além de trabalhar na vida organizacional da escola, ele também cuida da vida profissional, entendeu? não estou falando assim, o agente ele é tanto o inspetor como o cara que trabalha na secretaria, então na verdade ele assim, ele é uma parte fundamental, e assim é muito pouco valorizado, não só pelo salário, mas pelas atribuições e não tem um respaldo, porque se você faz um trabalho bem feito ou não faz, porque como funcionário público as

peçoas tipo assim, “ah sou funcionário público” “ah está bom, se eu fizer trabalho meia boca”. Mas tem bons profissionais, tem profissionais que tão ali que dão o sangue, que lutam pelo bem-estar da unidade escolar. Não só, salário é principal porque é uma miséria que se paga, e é muito estresse, é uma situação muito estressante, tanto no corredor como na secretaria, **porque as vezes o professor não entende porque ele não tem a licença dele,** porque ele não aposentou ainda, só que assim é todo um trâmite, não depende só da unidade escolar, aí vai para a diretoria de ensino que volta, **então é muita coisa e pouca valorização, é muita coisa mesmo.**

O descaso do governo não se restringe ao funcionário da educação, embora ele seja o profissional mais atingido, mas se estende a todo o campo da educação. A educação é também afetada por questões de ordem social e econômica, o que é evidenciado na fala da Mirtes ao apontar que a região é muito carente e sofre de falta de atividades para as crianças:

[...] eu acho que o governo abandonou totalmente a educação, estou falando por mim, que ele abandonou a educação, que tem coisas que poderiam melhorar muito, tem coisas que eles fazem que é desnecessário. **Aqui é uma região muito carente, carente de atividades relacionadas ao desenvolvimento humano para crianças, e é tudo muito abandonado, se você pega um professor com boa vontade, se você pega uma equipe com boa vontade, nossa, essas crianças deslancham,** e assim tem muita coisa boa aqui, mas infelizmente está naquele, o governo poda muita coisa.

Mirtes parece compreender que as determinações sociais afetam a educação, ou seja, que fenômenos que acontecem além do âmbito escolar interferem na educação. Contudo, acredita que os profissionais da escola podem contribuir para o desenvolvimento das crianças ao afirmar que: “se você pega um professor com boa vontade, se você pega uma equipe com boa vontade, nossa, essas crianças deslancham”. Indica a boa vontade como fator para o desenvolvimento das crianças, e que ainda pode sofrer a “poda” do governo.

Concordamos com Mirtes que a boa vontade de um profissional é um fator importante para o aprendizado das crianças e que este, ao estar motivado, busca desenvolver atividades para promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. No entanto, há uma complexidade de fatores que constitui o processo de ensino-aprendizagem na escola, como as condições de trabalho, a formação dos profissionais, os salários e os planos de carreira, que atravessam e determinam as ações dos sujeitos. Mirtes demonstrou, em outros momentos, que estes fatores são importantes, mas talvez não os considere em sua totalidade como elementos

essenciais para o processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, para o efetivo desenvolvimento da criança.

É recorrente o discurso na escola em que as famílias são culpabilizadas pelo não aprendizado da criança, e esse discurso é expresso também pelos funcionários da escola que, afinal, estão diariamente na escola e são afetados pelos discursos presentes. Não queremos, com isso, dizer que os funcionários simplesmente reproduzam os discursos dos outros profissionais, mas que são atravessados por eles e em um processo de resignificação, objetivam os discursos na fala:

[...] é um trabalho da comunidade **como que o pai não observou que seu filho não sabe ler, como é que você chega na escola no 6º ano e seu filho não sabe ler?** Você vai para escola, aí você convoca o pai aqui, para falar assim, **olha senhora o seu filho não sabe ler, você nunca percebeu isso?** Ele tem algum problema? Ele tem problema de visão, ele tem problema de audição, ele tem algum problema, sabe motora, dislexia, a gente fica perguntando o porquê.

Este discurso muitas vezes acaba por ser um comportamento fossilizado, tal qual explicado por Vigotski (2007), ao se referir a um comportamento/significação que passou por longo período de desenvolvimento, em que se reproduziu sem reflexão que questionasse suas raízes, passando a ser um processo psicológico automatizado, que não evidencia sua origem interna, que não necessariamente se relaciona com a realidade atualmente vivida.

A culpabilização das famílias como um dos elementos principais para o fracasso escolar das crianças está enraizada nas escolas, por gestores e professores e, como constatamos, também pelos funcionários da educação. É um pensamento ideologizado e que naturaliza o fenômeno do fracasso, justificando o fracasso em uma relação de causa e efeito, na qual a falta de apoio e a falta estrutura familiar resultam no fracasso escolar.

O funcionário da educação compõe o quadro de profissionais da educação da escola, em que todos os sujeitos estão se constituindo mutuamente, através das suas relações e das suas ações que são criadas e recriadas mediadas por fatores internos e externos à escola, assim, as suas significações sobre as diversas questões presentes na escola não estão descoladas dos discursos presentes na instituição escolar.

Apesar de todas as adversidades, Mirtes afirma gostar da sua profissão, e o que o atual trabalho trouxe de mais relevante para ela foi a proximidade com a sua casa e, com isso, a melhoria na qualidade de vida oferecida pelo ganho de tempo, pois antes despendia muito tempo no deslocamento entre o trabalho e a sua casa. Ela gosta de trabalhar com crianças e de lidar com o público, então não gostou da sua passagem pela secretaria. Porém, afirma que:

E aí eu gosto bastante, não penso em sair, **a não ser que seja para outra coisa**, lógico eu estou sempre estudando, sempre fazendo alguma coisa, **embora já esteja quase perto de aposentar**.

É muito difícil que um sujeito queira permanecer em um trabalho em que ele veja tantas adversidades, inclusive de ver que o seu trabalho é menosprezado, mesmo que goste de alguns aspectos da sua atividade. Ao mesmo tempo em que Mirtes demonstra estar buscando se aperfeiçoar e que poderia mudar de emprego quando afirma: “não penso em sair, a não ser que seja para outra coisa” e “lógico eu estou sempre estudando”, mas parece se conformar ao afirmar que “embora já esteja quase perto de aposentar”.

O que podemos considerar sobre esta situação é que, mesmo que um determinado sujeito afirme querer mudar uma condição de vida, de trabalho, ele não pode fazê-lo livre das determinações históricas e sociais que constituem a realidade e a si mesmo. Inclusive sabemos que suas necessidades e desejos são constituídos por meio de tais determinações e que, nesta condição, são contraditórias. Mirtes é inexoravelmente afetada pelas condições econômicas, sociais e culturais, entre outras. E será nesse movimento de subjetivação da realidade que afetiva e cognitivamente significará seus futuros passos.

O trabalho como funcionária da educação é significado por ela como sua atual fonte de renda e, por ser um emprego público, ainda garante certa segurança pela estabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE INTERNÚCLEOS

Para concluir o nosso movimento de análise e interpretação, realizamos o movimento de construção dos Internúcleos, que, pelo fato de possibilitar uma articulação mais totalizante das sínteses contidas nos Núcleos, nos possibilita alcançar uma maior compreensão das mediações que constituíram as significações das funcionárias da educação, participantes desta pesquisa, sobre a sua formação no Profuncionário. Como já anunciado no objetivo da pesquisa, visamos compreender como esta formação as impactou e como impactou a relação com outros sujeitos da escola e, por fim, como significaram a sua participação nos processos de decisão na escola.

A articulação dos Núcleos de Significação foi essencial para explicitar e explicar que no processo de significação os sujeitos subjetivam e objetivam a realidade vivenciada, mediada por inúmeros fatores, e mesmo que tais significações representem a singularidade desses sujeitos, contém elementos da realidade, ou seja, revelam – na sua singularidade – a totalidade estudada, o curso técnico de Secretaria Escolar oferecido pelo IFSP, aos ingressantes de 2014. Assim, a análise das significações das funcionárias em questão permite nos aproximarmos dos aspectos que constituem o desenvolvimento de um curso para funcionário da educação. Como vimos é um assunto ainda pouco pesquisado e estudado que se mostrou, nas análises, importante para a escola.

Por meio da análise nos deparamos com significações a respeito da formação, tanto de forma mais geral como estritamente do curso em questão. Apreendemos que os processos de formação são valorizados por Mirtes e Júlia, no entanto, para elas, quando se trata de uma formação profissional, há a necessidade de maior articulação com o trabalho, com as necessidades geradas a partir do cotidiano. Como expresso no trecho a seguir:

Eu acho que assim, eu acho que o curso, antes de ser aberto um curso, eu acho que as pessoas deveriam ter vivência, porque assim foi feito um curso onde pessoas da área acadêmica acha que aquilo lá é bom, mas assim, em algum momento foi consultado quem vive realmente na área, para que que serve tal coisa, porque que vai tal coisa? O que nós podemos acrescentar? O que podemos tirar? Avaliar? Porque devemos colocar essa disciplina? Por que? Na verdade, foi feito o curso, tem muita coisa boa lógico, tem as normas, aquelas coisas todas, tem muita coisa boa,

mas tem coisa que poderia ser subtraído ou acrescentado, mas assim, **para isso você precisa conhecer o cotidiano** (Mirtes).

Depois de realizar o curso, Mirtes apontou que faltava a aproximação dos conteúdos estudados com o cotidiano escolar, que alguns conteúdos importantes poderiam ter sido incluídos, enquanto outros, considerados menos relevantes, poderiam ter sido retirados. Dessa forma, inferimos que para esta participante, o curso deixou a desejar quando à necessidade de entender e questionar o cotidiano escolar.

Compreendemos que uma formação específica para o trabalho deve trazer elementos do cotidiano, mas principalmente, articular a teoria com a prática em um processo de reflexão e assim, desenvolver a práxis. Com a práxis o sujeito mobiliza a sua ação a partir da teoria e, por conseguinte, tanto a teoria se transforma e se qualifica como a prática passa a ser mais consciente e consistente.

No processo de análise apreendemos que mesmo que a formação seja valorizada pelas funcionárias, a prática é considerada fundamental para o desenvolvimento da atividade de ser funcionário da educação. Contudo, como explicitamos, só por meio da prática, sem que haja a articulação com a teoria, a atividade do educador fica empobrecida, pouco reflexiva e quase nada transformadora. A experiência significada como fator mais importante para a aprendizagem da função é expressa nos dois trechos a seguir:

[...] eu comecei a adquirir certas habilidades com a prática, tudo é com a prática [...] (Júlia).

[...] porque na realidade eu aprendi com a secretária as coisas que eu sei, muitas coisas eu aprendi com a secretária. Outras coisas eu aprendi por conta, porque aparecem as situações eu não vou ficar esperando [...] (Júlia).

Nas funções de funcionário da educação em que não há uma formação específica anterior ao ingresso na escola e tampouco a formação em serviço, o único caminho para o aprendizado a respeito do trabalho é feito por meio do par mais experiente, por meio da própria prática, em que as demandas que surgem na realidade impulsionam a experiência. Desde 2016 está previsto a educação inicial e continuada por meio do Decreto 8.752 (BRASIL, 2016), que institui a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica.

Sem a formação, a reflexão sobre o trabalho fica deficitária e entendemos que a parte educativa seja a mais prejudicada, pois sem formação específica essa reflexão

será pautada no senso comum, e assim, muitos equívocos podem acontecer, inclusive ações pautadas em preconceitos e na desvalorização dos sujeitos da escola, entre eles os alunos. As ações poderão ser pautadas em exemplos dos outros funcionários e sem a adequada reflexão sobre cada realidade. Assim, erros podem ser repetidos irrefletidamente, sustentados em ações fossilizadas recorrentes na escola.

Verificamos que o curso de secretária escolar promoveu a práxis no que se refere à qualidade das relações, sobretudo em relação à diversidade e ao respeito ao outro. Júlia e Mirtes apontaram elementos de mudanças de suas relações a partir da teoria, passaram a buscar ver o outro em sua singularidade, considerando algumas mediações que constituem o sujeito, como as dificuldades enfrentadas por elas:

[...] aí eu pensei: está vendo a gente não pode julgar. Porque se você julga não está levando em consideração a realidade que a pessoa vive, que aquele aluno vive, Entendeu? (Júlia).

Sim, então você passa a ter um olhar diferenciado para aquela criança, tem coisas que não tem como, você pode ajudar, de outras formas [...] (Júlia).

[...] eu aprendi muita coisa que eu não sabia, realmente aprendi bastante, aprendi a lidar com pessoas [...] (Mirtes).

A contribuição do curso técnico de Secretaria Escolar se deu, principalmente, no que se refere à compreensão e o respeito à diversidade e, portanto, contribuiu na qualidade das relações. Apontamos que, de fato, esse era um dos objetivos do curso, pois o tema estava presente em conteúdos de diversas disciplinas disponíveis nas apostilas.

Júlia e Mirtes buscaram mudar suas formas de se relacionar com o outro, sobretudo com os alunos e suas famílias, buscaram compreender e respeitar o modo de vida e o ponto de vista do outro, embora não seja simples, pois esse movimento, muitas vezes, gera embate com valores e crenças. Temos que lembrar que os sujeitos são contraditórios e muitas vezes por mais que expressem o desejo de acolher o outro, respeitá-lo na sua diversidade ao objetivarem suas significações, estes revelam posições contrárias, demonstrando assim as contradições que os constituem.

O sujeito é contraditório porque se constitui a partir das contradições sociais. Tais contradições se revelam de diferentes modos e, nessa condição, estão presentes em sua forma de ser: experiências, emoções e conhecimentos, de forma a afetar sua maneira de agir e significar a realidade. Uma das mediações constituintes é a ideologia presente no sistema capitalista, que prega a igualdade de oportunidades e a liberdade

dos sujeitos sendo que, ao mesmo tempo, a divisão da sociedade em classes sociais não permite que isto ocorra. Com a ideia de que todos têm oportunidades iguais recai sobre o sujeito a responsabilidade da sua condição social e, dessa forma, a sua realidade depende exclusivamente do esforço próprio.

Com as respostas dadas ao questionário previamente respondido por 14 formados do curso, inclusive por Júlia e Mirtes, identificamos que nove respondentes concordaram que a sua forma de trabalhar na escola mudou depois do curso, no entanto, apenas cinco concordaram que a forma de agir com os alunos mudou. A maioria sente que a forma de trabalhar na escola mudou, mas nem todos relacionam a mudança ao relacionamento com os alunos. Levantamos a hipótese de que a mudança apontada pelos respondentes pode estar relacionada ao tratamento dado às famílias, levando em consideração as significações de Júlia que apontaram para esta mudança, e assim, acreditamos que se trata de um aspecto que também pode ter sido vivenciado pelos outros respondentes.

Diferente dos conteúdos relacionados ao respeito e à diversidade que foram apreendidos por Júlia e Mirtes, outros conteúdos oferecidos pelo curso parecem não terem sido muito significativos, pois aparecem nas falas de forma mais generalizada, sem muita ênfase, diferente dos conteúdos referentes às relações pautadas no respeito e na consideração à diversidade:

Ah sim, **eu particularmente me senti muito mais preparada, tem coisas que eu não sabia, as orientações que eu tinha que ter e nós nunca recebemos**, depois da leitura, depois daquele monte de artigo, aquele monte de coisa, você acaba tendo uma visão, tua postura muda, a minha postura é bem diferente de quando eu entrei, totalmente diferente (Mirtes).

Olha, eu no modo geral das disciplinas que tinham **eu achava que contribuía para alguma coisa no meu serviço, né? talvez para melhorar meu desempenho, no trato com os alunos, com algumas questões que apareciam na escola**, porque na escola cada dia é um flash, né? (Júlia).

Evidenciamos que a forma como o curso foi organizado e oferecido na modalidade EAD pode ter contribuído para que outros conteúdos não tenham sido muito significativos e para não serem melhor apreendidos pelas participantes. Ambas apontam a baixa frequência de encontros presenciais. Elas também indicam pontos que não favorecem à qualidade dos encontros, como o fato das aulas precederem as avaliações e, dessa forma, os alunos tendiam a ficar preocupados e não participavam

ativamente das aulas. Outro fator apontado é a quantidade de alunos por turma e o local não acolhedor em que as aulas eram realizadas:

E o que então gostava muito, **eu achava que os encontros eram poucos**, era uma vez por mês, era assim fazia a avaliação, **e no final fiquei um pouco chateada, não chateada, talvez até um pouco frustrada, nossa, a palavra frustrada é péssima... [risos] com o TCC, porque eu esperava um pouco mais**, eu esperava um pouco mais, entendeu? Eu queria um retorno maior (Mirtes).

[...] **eu não me sentia que estava indo para uma sala de aula, eu me sentia que estava indo para uma palestra**, então achava assim que ficava muito disperso, porque era uma sala muito grande (Júlia).

Não era uma sala pequena, com poucos alunos. **O professor, acho que ele ficava um pouco distante das pessoas, apesar de estar na mesma sala achava que ficava um pouco distante do pessoal** (Júlia?).

Essa “distância” entre os alunos e os professores afeta negativamente o processo de ensino-aprendizagem, distanciamento que era sentido tanto nos momentos presenciais quanto nos momentos à distância. Mirtes afirma que esperava um retorno maior na realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que era orientado à distância por uma tutora. O distanciamento na aula presencial fica muito claro quando Júlia afirma: “eu não me sentia que estava indo para uma sala de aula, eu me sentia que estava indo para uma palestra”.

Kenski (2010) explicita a importância de que, no planejamento de cursos à distância, sejam contempladas práticas colaborativas e a criação de pequenos grupos de alunos para que eles criem relações e laços afetivos. Destarte, em cursos à distância, justamente pela não convivência física entre os participantes, deve haver maior planejamento para que aspectos afetivos sejam garantidos.

E assim nos deparamos com a importância da afetividade nos processos de ensino-aprendizagem, reafirmamos que o aspecto cognitivo e o afetivo seconstituem mutuamente e que em toda atividade a afetividade está presente, assim, é relevante que as relações sejam cuidadas e que façam parte do planejamento do ensino.

Ressaltamos que a afetividade em processos de ensino-aprendizagem vai além das relações interpessoais, a dimensão da afetividade deve ser considerada em todo o planejamento das ações pedagógicas, visando o engajamento do aluno nas atividades e a sua relação com o conteúdo. Segundo Leite (2010, p. 42):

A atuação pedagógica, necessariamente, precisa ser planejada, organizada e transformada em objeto de reflexão, no sentido de buscar não só o avanço

cognitivo dos alunos, mas propiciar as condições afetivas que contribuam para o estabelecimento de vínculos positivos entre os alunos e os conteúdos escolares.

Ao considerar as condições precárias do trabalho do funcionário da educação, como baixos salários e a falta de planos de carreira é essencial que projetos de formação estejam atrelados à melhoria dessas condições, para possibilitar ao funcionário que mobilize a sua ação, se coloque em atividade na realização do curso.

A respeito das condições de trabalho, ao comparar as Redes de Ensino do município e do estado de São Paulo vemos que a Prefeitura oferece condições um pouco melhores para os seus funcionários. A estes é possível melhorar o salário por meio de pontuação conquistada com a realização de cursos e por tempo de serviço, mesmo que “na prefeitura é assim, tudo lento, a passos lentos”. Diferente do estado, pois quando um funcionário participa de um curso não altera em nada a sua condição financeira, como apontado por Mirtes: “[...] não vai agregar valor nenhum ao seu salário, a sua carreira, não vai ter promoção, não vai ter nada, então pessoalmente eu evolui bastante, profissionalmente lamento”.

A desvalorização do funcionário da educação, decorrente de baixos salários, da falta da efetivação de planos de carreira e da falta de formação inicial e continuada, afeta como o funcionário significa a sua atividade na escola. Júlia e Mirtes entendem a importância do seu trabalho para o bom funcionamento da escola, entendem compreender o seu papel de educadoras, no entanto, com a dificuldade de encontrar nesta realidade motivos para atender as suas necessidades, elas levantam a possibilidade de buscar outro emprego:

Eu queria assumir como professora, mas infelizmente ainda não tive oportunidade, até por conta de carreira, que nossa carreira na realidade não tem carreira, de auxiliar técnico de educação, infelizmente não tem na prefeitura, tem o cargo, mas não tem carreira [...] (Júlia).

E aí eu gosto bastante, não penso em sair, a não ser que seja para outra coisa, lógico eu estou sempre estudando, sempre fazendo alguma coisa, embora já esteja quase perto de aposentar (Mirtes).

Atualmente algumas ações têm contribuído para a valorização do funcionário da educação, como a criação de programas de formação, como o próprio Profucionário e a inserção deste profissional no grupo designado como “profissionais da educação” na LDB.

No entanto, para a valorização deste funcionário é primordial que as políticas de valorização sejam, de fato, implementadas e ampliadas nas redes das escolas básicas de todo o país, além de mudanças dentro da própria escola, pois a desvalorização está presente no cotidiano escolar. Além da desvalorização estar relacionada com pouca ou nenhuma participação do funcionário da educação em processos de decisão no interior da escola e ao tratamento dispensado a ele pelos professores e gestores da escola, muitas vezes de forma a diminuí-los.

Dessa forma, apontamos que as condições reais presentes nas escolas não contribuem para que o funcionário da educação exerça plenamente a sua atividade, de forma participativa e colaborativa, mesmo que tenham estudado e refletido sobre isso durante o processo de formação.

Por meio da análise realizada podemos apreender a dificuldade de se estabelecer a gestão democrática nas escolas. Entre os profissionais da escola, os funcionários da educação são os que estão mais distantes da participação neste processo, corroborando com as pesquisas de Feiges (2003), Andrade (2005) e Nascimento (2006), em que é evidenciado o sentimento de exclusão dos funcionários. Embora 10 respondentes ao questionário tenham concordado que participam de reuniões com outros profissionais da escola e Mirtes aponte que a nova diretora está mais aberta ao diálogo, faltam momentos destinados a reuniões para planejamento da prática e para a formação no trabalho, para que assim possam refletir sobre a prática e para fazerem parte do que é decidido na escola.

[...] a parte de gestão democrática ela fica muito, eu acho que alguém do serviço em si da secretaria, agora uma JEIF [Jornada Especial Integrada de Formação], uma formação [...]. Os professores participam [...]. Eu, inclusive, apesar de trabalhar na secretaria eu tinha muita vontade de até me preparar para um concurso de participar da JEIF, mas não dá, o meu serviço lá é complicado [...] (Júlia).

Mas não são reuniões periódicas, 3 em 3 meses, 4 em 4 meses, quando a gente vê que a coisa está desembolando (Mirtes).

A forma de gestão interfere diretamente na cultura da escola, que é constituída pelos significados e sentidos (significações) de todos os membros da comunidade escolar – professores, gestores, funcionários, alunos e famílias, ao mesmo tempo que a dimensão das significações também constitui a forma de gerir a escola. Desse modo, uma gestão democrática, realmente participativa pode propiciar a mudança da cultura da escola, pois favorece o engajamento de todos em prol dos objetivos da escola, em

que o principal é o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Segundo Libâneo (2010, p. 7):

A cultura instituinte é aquela que os membros da escola criam, recriam, nas suas relações e na vivência cotidiana, podendo modificar a cultura instituída. Neste sentido, as escolas são espaços de aprendizagem, comunidades democráticas de aprendizagem onde se compartilham significados, criam-se outros modos de agir, mudam-se práticas, recria-se a cultura vigente, aprende-se com a participação real de seus membros.

A dimensão subjetiva dos processos educacionais refere-se ao conjunto de significações que os sujeitos da escola produzem na e por meio da escola. Deste modo, são os sujeitos da escola, por meio de suas objetivações, que marcam, movimentam e dão vida à escola. Quando todos os sujeitos da escola participam ativamente das atividades, inclusive no planejamento destas e nas decisões que afetam o coletivo da escola, têm maiores possibilidades de transformarem dialeticamente a realidade e a si mesmos nesse processo (BOCK; AGUIAR, 2016).

Outra questão levantada na análise é a necessidade de formação tanto inicial quanto continuada, pois é importante que seja considerado pelas escolas e redes de ensino momentos de formação e da consequente reflexão sobre a prática durante o tempo de trabalho, assim como de formação específica para quem está ingressando nas escolas. Inclusive, desde 2016, é indicado por meio do Decreto nº 8.752 (BRASIL, 2016), já citado anteriormente, que a formação inicial e a formação continuada são essenciais para a profissionalização.

Esta necessidade de formação como meio para melhorar a qualidade do trabalho na escola é evidenciada por Mirtes e Júlia:

[...] eu acho que a prefeitura tinha que oferecer mais cursos para o pessoal que está entrando na secretaria, porque o pessoal muitas vezes, assim, não sabe como lidar com certas situações acaba cometendo alguns erros que poderiam ser evitados [...] (Júlia).

Então na parte de sistema, administração de sistema é muito importante, você entender como funciona, por exemplo, se fizesse um curso, talvez trabalhando até com legislação seria muito interessante, porquê? Porque tem escolas...Eu pego cada declaração errada, que eu falo meu deus do céu, é um documento de aluno! (Júlia).

Ah eu acho que assim, acho que deveria ter um curso menor, de menor tempo até, só para efeito, porque hoje eu acho assim, **o governo acha que o agente de organização não faz nada, e muito pelo contrário ele ainda é a base da pirâmide né, e eles deveriam antes, vai ingressar, o agente vai ingressar vamos fazer um curso preparatório, falar o que vai acontecer, como é que vai ser, não precisa ser um curso de seis meses, um curso de um mês, pode ser ao sábados, olha vai ser o aluno, você**

vai lidar com o aluno, você vai lidar com o pai, preparar eles, as vezes vem agentes muito crus, principalmente, não estou generalizando, mas tem muitos homens que são meios ásperos meio grossos ou então dóceis demais e aí fica meio complicado, eu acho que fica complicado, então eu acho que devia ter uma preparação, assim como o professor tem um curso preparatório online, eu acho que deveria ter uma preparação também um curso para o agente (Mirtes).

O trabalho do funcionário da educação engloba tanto a parte técnica que é própria da sua função quanto a parte educativa. Tanto Mirtes quanto Júlia se reconhecem como educadoras, corroborando com as respostas ao questionário, em que todos os respondentes concordaram com a afirmação que são educadores. Entendemos que o curso pode ter contribuído para esse reconhecimento, visto que estava previsto nos objetivos do curso, e entendemos que é fundamental que Mirtes e Júlia se reconheçam como educadoras, inclusive como parte do processo de criação da identidade do funcionário da educação e da sua profissionalização. Contudo, o que é ser educadora ainda não está claro para elas.

Para Júlia, que trabalha na secretaria, as atividades educativas estão sempre atreladas à alguma ação junto ao aluno. Mesmo quando questionada sobre a atividade educativa na secretaria, ela afirma que o trabalho educativo é indireto, mas completa que ao trabalhar na escola surgem situações com os alunos:

Ah o setor administrativo está indiretamente, né? Na realidade é que ele não está diretamente, ele está indiretamente. Na realidade ele vai administrar tudo, no final das contas ele administra tudo, né? A situação de vida dos alunos escolar, mas acredito que é **neste sentido porque efetivamente no aluno não existe o serviço em si. As vezes como educador que você está dentro da escola aí acontece algumas situações que aí você pode até entrar nesta parte mais educativa que é referente ao aluno** (Júlia).

Já para Mirtes, que trabalha como inspetora de alunos, o trabalho educativo está relacionado às carências das crianças, muitas vezes porque são de famílias que não dispõem da estrutura considerada “ideal”, e assim, são necessariamente carentes, principalmente de afeto. Essa é uma visão presente na nossa sociedade, em que a estrutura familiar é naturalizada e apenas uma estrutura é correta e eficaz, sendo a família culpabilizada, desconsiderando todos os condicionamentos sociais da própria sociedade que a determina.

E as vezes tem muitas crianças, **nós moramos numa região de baixa renda de carência realmente, né, e aí você vê que as vezes eles não têm assistência de pai, as vezes são criado por mãe, por vó, por tia, eles não**

tem referência de pai, e você acaba sendo a parte que educa, a parte que realmente eles têm como referência, como uma diretriz, então é muito importante que você tenha uma conduta, uma postura exemplar, que seja bom, que seja gentil, **lógico que você vai dar os corretivos, corrigir a pessoa como tem que corrigir** (Mirtes).

Entendemos que o trabalho educativo do funcionário da educação está relacionado aos aspectos éticos, morais coletivos e aos valores e comportamentos que transcendem a sala de aula, reafirmando o exposto por Nascimento (2009) e Moraes (2009) no capítulo que trata das pesquisas já realizadas sobre os funcionários da educação. Dessa forma, as relações mais humanizadas (apreendidas durante o curso) e o entendimento da importância e o respectivo cuidado com os documentos e com a vida acadêmica dos alunos são exemplos do trabalho educativo exercido pelos funcionários.

Não podemos negar que o Profucionário é importante no movimento de reconstrução da identidade do funcionário da educação básica como educador, no processo de profissionalização e valorização, e desse modo, contribui para o avanço da qualidade na educação.

Fica evidente que ele contribuiu para que as participantes do curso ressignificassem as relações com outros sujeitos da escola, sobretudo com os alunos e com as famílias, na busca de relações mais respeitadas em que as determinações históricas e sociais são consideradas. O que vai ao encontro dos objetivos expressos nas orientações gerais do curso (BRASIL, 2008, p. 50): “[...]transformar o saber fazer da vivência em prática educativa, para a construção de outras relações sociais, mais humanizadas”.

Por meio desta pesquisa nos aproximamos de aspectos deste curso de formação que podem ser aprimorados. Este estudo também possibilitou uma maior abertura para a reflexão a respeito dessa tão necessária formação e pode contribuir com futuros planejamentos de formações, inclusive no interior da escola, tendo como foco a formação do funcionário da educação como educador.

Pensando no devir, ou seja, em novas ofertas de cursos direcionados aos funcionários da educação, é importante que seja considerado o aspecto afetivo atrelado ao aspecto cognitivo no planejamento do processo de ensino-aprendizagem, pois como explicitado por Leite (2010, p. 24):

[...] podemos dizer que a afetividade constitui-se como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os demais objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Ressaltamos que o aspecto da afetividade está relacionado ao planejamento e à organização dos conteúdos e das relações. Não podemos negar que a forma como se ensina, assim como a consideração dos conhecimentos prévios dos alunos, para que sejam articulados com o conhecimento novo, são elementos que compõem a dimensão do cuidado e do respeito e, portanto, da afetividade.

Como o curso é voltado diretamente para a profissionalização, é essencial desenvolver a teoria relacionada à prática, em um movimento de reflexão da própria atividade, criando-se o movimento da práxis. Assim, ressignificar e reelaborar a prática a partir de princípios pedagógicos, como educador.

Considerando que Mirtes presumiu que o curso foi desenvolvido sem a consulta a funcionários da educação e que o currículo e o material principal do curso foram desenvolvidos pelo MEC em colaboração com a UNB, entendemos ser importante que o currículo de futuros cursos seja mais flexível para que necessidades locais sejam incluídas, ou seja, para que conteúdos específicos de redes municipais e estaduais sejam desenvolvidos pelas instituições ofertantes considerando as demandas regionais.

Por fim, entendemos que o aprimoramento de futuras ofertas de cursos de formação voltados para funcionário da educação contribua para uma formação mais sólida deste sujeito, para que ele ressignifique o seu trabalho e o seu lugar de educador da escola e entenda esta instituição em sua complexidade, como social e histórica. Compreendemos que, inclusive, favoreça a redução da desistência no decorrer do curso, que nesta turma foi de 50,67%, índice recorrente em cursos EAD.

Mas reafirmamos que para a valorização e a profissionalização deste profissional a política de formação deve estar dialeticamente atrelada a outras políticas públicas e, acrescentamos que deve haver um movimento do seu reconhecimento como educador junto a gestores e professores no ambiente escolar. O próprio reconhecimento do funcionário como educador e o seu reconhecimento pela comunidade formam um par dialético, em que ambos são constituídos mutuamente, ou seja, um não é sem o outro, mas um não é o outro. A forma qualidade, natureza

deste par dialético se constitui e irá se transformando à medida que as mediações forem se modificando, tais como a formação, a comunidade escolar e as políticas públicas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. D. S; SCHEIBE, L. Formação e valorização: desafios para o PNE 2011/2020. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 4, p. 77-90, jan./jun. 2010. ISSN 6. Disponível em: <Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, p. 313-323, Jul./dez. 2009>. Acesso em: 20 abril 2017.

AGUIAR, M. D. C. C. D. Implicações da formação continuada para a construção da identidade profissional. **Psicol. educ.**, dez 2006. 155-173. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 out 2016.

AGUIAR, W. M. J; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, 26, n. 2, jun. 2006. 222-245.

_____. LIEBESNY, B; MARCHESAN, E. C; SANCHEZ, S. G. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. **A dimensão subjetiva da realidade**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009. p. 54-72.

_____.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, 94, n. 236, jan./abr. 2013. 299-322.

_____. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate psicológico. In: BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia Sócio-Histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2015.

_____.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, 45, n. 155, março 2015. 56-75.

_____.; MACHADO, V. C. Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, 33, n. 2, jun 2016. 261-270. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000200261&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 outubro 2017.

ALMEIDA, M. E. B. Currículo, avaliação e acompanhamento na educação a distância. In: MILL, D. R. S.; PIMENTEL, N. M. **Educação a distância**: desafios contemporâneos. São Carlos: UFSCar, 2010.

ANDRADE, G. **O trabalho educativo e o profissional de apoio administrativo educacional de Mato Grosso**. Cuiabá, Universidade Federal do Mato Grosso: Dissertação de mestrado, 2005.

ANDRADE, G; SILVA, M. G. M. Acesso à educação superior por funcionários da educação básica pública e seus reflexos no espaço escolar. **Anais do XXIV Seminário Nacional UNIVERSITAS/BR**, Maringá, 2016. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e_5/5-009.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2016.

ARANHA, E. M. G. **A realidade sobre o ponto de visto do outro, e assim, extrapolar o seu próprio ponto de vista**. São Paulo: PUC/SP, 2015. Tese de doutorado.

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; (ORG.), F. O. **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6ª edição. ed. São Paulo: Cortez, 2015. p. 21-46.

_____.; AGUIAR, W. M. J. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a psicologia da educação. In: AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. (.). **A dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. I

_____. Lei nº 9.396. **Lei de diretrizes e bases da educação brasileira**, 20 dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 16**. Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a área profissional de Serviços de Apoio Escolar, 2005.

_____. **Portaria normativa MEC nº 25**. Publicada no Diário Oficial da União em 01.06.2007, 31 maio 2007. Disponível em: <<http://mobile.cnte.org.br:8080/legislacao-externo/rest/lei/34/pdf>>. Acesso em: 26 out 2016.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Orientações Gerais /elaboração: SEB/MEC e CEAD/FE/UnB**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orient_08.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

_____. **Lei nº 12.014**. Altera o art. 61 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, 6 agosto 2009.

_____. **Decreto nº 7.415 de 30 de dezembro de 2010**. Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica, Brasília, 30 dez 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educadores e educandos: tempos históricos** / Maria Abádia da Silva, – 4. ed.

atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec. Brasil, 2012a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Homem, pensamento e cultura: abordagem filosófica e antropológica: formação técnica** / Dante Bessa, – 4. ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec. Brasil, 2012b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Relações interpessoais: abordagem psicológica** / Regina Lúcia Sucupira Pedroza, – 4. ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec. Brasil, 2012c

_____. **Lei nº 12.796**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, 04 abr. 2013.

_____. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>> Acesso em 10 abr 2018.

_____. **Decreto nº 8.752**. Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica, 9 maio 2016.

CLOT. **A função subjetiva do trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2006.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez, 1985.

DOURADO, L. F.; MORAES, K. N. Funcionário de escola: Indicadores e desafios. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, p. p. 413-436, jul./dez. 2009. ISSN 5. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 2 set 2017.

_____. Organização e valorização dos funcionários: Cenário atual e desafios. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, p. 313-323, Jul./dez. 2009. ISSN 5. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 12 abr 2017.

DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, 21, julho 2000. 79-115. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a04v2171.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

FÁVERO, O.; SEMERARO, G. **Democracia e construção do Público no pensamento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FEIGES, M. F. **A dimensão educativa do trabalho dos funcionários da educação na perspectiva do projeto político-pedagógico da escola pública: limites e possibilidades**. Universidade Federal do Paraná: Dissertação de mestrado, 2003. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25462/Dissertacao_Final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jan 2017.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, M. G. M. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____.; FURTADO, O. A Perspectiva sócio-histórica: uma possibilidade crítica para a Psicologia e para a Educação. In: AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 27-42.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

IAROCHEVSKI, M. F.; GURGUENDZE, G. S. Epílogo. In: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 27 jan 2017.

IMBERNÓN, F. A formação como elemento essencial, mas não único, do desenvolvimento profissional do professor. In: IMBERNÓN F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2015. p. 45-49.

KAHHALE, E. M. S. P.; ROSA, E. Z. A construção de um saber crítico em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. **A dimensão subjetiva da realidade**. São Paulo: Cortez, 2009.

KENSKI, V. M. Avaliação e acompanhamento da aprendizagem em ambientes virtuais, a distância. In: MILL, D. R. S.; PIMENTEL, N. M. **Educação a distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: UFSCar, 2010.

LEITE. S. A. S. Afetividade e práticas pedagógicas. In: LEITE. S. A. S (org.) **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006.

LEONTIEV. A. N. Actividade e consciência. In MAGALHÃES --VILHENA, V. (org.). **Práxis: a categoria materialista de prática social**. Trad. do inglês por Jorge Correia Jesuino. Lisboa: Horizonte, 1980, p.49-77.

LIBÂNIO, J. A. Psicologia Educacional: Uma avaliação crítica. In: LANE, S. T. M. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. J. C. As práticas de organização e gestão da escola e a aprendizagem de professores e alunos. Presente! **Revista de Educação**, CEAP-Salvador (BA), 2009, jan/abr 2009. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5146/material/Revista%20Presente%20Vers%C3%A3o%20Resumida%20final.doc>> Acesso em 28 mai 2018.

LIKERT. R. A **Technique for the Measurement of Attitudes**. Archives of Psychology, n. 140. New York, 1932.

LUNA, S. V. de. Questionários e entrevistas como instrumentos para a coleta de informação em psicologia. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 1, n.10, p. 87-98, 2000.

MEIRELES, M. L. G.; MOREIRA, M. A.; SILVA, I. B. G. Tutoria no curso de formação: uma experiência concreta. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 463-476, jul./dez 2009. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 15 fev 2017.

MELO, J. T. L. O chão da escola: Construção e afirmação da identidade. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 339-352, jul./dez 2009. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 15 fev 2017.

MONLEVADE, J. A. C. **Funcionários das Escolas Públicas Educadores Profissionais ou Servidores Descartáveis**. Ceilândia DF: Editora do autor, 1995.

_____. História e construção da identidade: Compromissos e expectativas. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n.5, p. 339-352, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 2 mar 2017.

MONLEVADE, J. A. C. **Profissionalização ou terceirização?** Ceilândia DF: Editora do autor, 2014.

MORAES, J. V. A carreira e a gestão da escola: valorização e democracia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 399-412, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 3 mar 2017.

MOREIRA, A. F. Currículo e estudos culturais: tensões e desafios em torno das identidades. In: PARAÍSO, M. **Antônio Flávio Barbosa Moreira: pesquisador em currículo**. Belo Horizonte: Autêntica Ed, 2010. p. 199-216.

MORGADO, J. C. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. **Ensaio: Aval.pol.públ.Educ.**, 19, out/dez 2011. 793-812. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/04.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

NASCIMENTO, F. C. F. **Os funcionários da educação: da constituição da identidade à ação como co-gestores de educação**. Universidade de Brasília: Dissertação de mestrado, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6416/1/dissertacao%20FRANCISCO%20DAS%20CHAGAS>>. Acesso em: 15 jan 2017.

_____. Da escola ao espaço educativo: O novo sentido pedagógico. **Revista Retratos da Escola**, v. 3, p. 375-389, jul./dez. 2009. ISSN 5.

PARO, V. H. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: FERRETTI, C. J. et al. **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola**. São Paulo, Xamã, 1999. p.101-120.

PEDROSO, J. M. **A implementação do programa nacional de valorização dos trabalhadores em educação – Profuncionário no Paraná**. Cascavel, Universidade Estadual Oeste do Paraná: dissertação de mestrado, 2015.

PIMENTA, S.; ANASTASIOU, L. **Docência no ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PINTO, Heloysa Dantas de Souza. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 3, p. 73-76, dez. 1993.

RAMOS, M. N. A educação profissional pela pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 401-422, setembro 2002. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/mn_ramos.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão et al. Partilhando formação, prática e dilemas: uma contribuição ao desenvolvimento docente. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas, v. 9, n. 1, p. 71-86, June 2005

SALUSTIANO, A. M. et al. Profuncionário: Vozes da profissionalização. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 477-484, jul./dez 2009. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 23 jan 2017.

SÃO PAULO (estado). **Lei complementar nº 444, de 27 de dezembro de 1985**. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Paulista e dá providências correlatas, Diário Oficial do Estado de São Paulo, 27 dezembro 1985.

_____. **Lei complementar nº 836 de 31 de dezembro de 1997**. Institui Plano de Carreira, Vencimentos e Salários para os integrantes do Quadro do Magistério da Secretaria da Educação e dá outras providências correlatas, Diário Oficial Estado de São Paulo, v. 107, n. 251, seção 1, página 1, 31 dezembro 1997.

_____. **Lei complementar nº 958 de 13 de setembro de 2004**. Altera a Lei Complementar nº 836, de 30 de dezembro de 1997, que institui Plano de Carreira, Vencimentos e Salários para os integrantes do Quadro do Magistério da Secretaria da Educação e dá providências correlatas, Diário Oficial do Estado de São Paulo, 114, n. 173, seção 1, página 4, 14 setembro 2004.

SÃO PAULO (Prefeitura). **Lei nº 11.229 de 26 de junho de 1992**. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público Municipal, e dá outras providências. Prefeitura de São Paulo, Prefeitura de São Paulo, 1992. Disponível em: <<http://www.xn--evoluofuncional-okb1e.com.br/2014/10/lei-n-11229-de-26-de-junho-1992.html>>. Acesso em: 20 jan 2017.

_____. **Lei nº 14.660 de 26 de dezembro 2007**. Dispõe sobre alterações das Leis nº 11.229, de 26 de junho de 1992, nº 11.434, de 12 de novembro de 1993 e legislação subsequente, reorganiza o Quadro dos Profissionais de Educação, com as respectivas carreiras, criado pela Lei nº 11.434, de 1993, Prefeitura de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=27122007L%20146600000>. Acesso em: 20 jan 2017.

SEVERINO, A. J. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

SIMÃO, L.M. (1989). Interação pesquisador-sujeito: a perspectiva de ação social na construção do conhecimento. **Ciência e Cultura**, 41, 1195-1202.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vygotsky. **Educação e Sociedade**, Campinas, 21, julho 2000. 45-78. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302000000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 out 2016.

TORI, R. A. Cursos híbridos ou blended learning. In: LITTO, F. M. E. F. M. **Educação a Distância: O Estado da Arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

VALENTE, J. A. O papel da interação e as diferentes abordagens pedagógicas de educação a distância. In: MILL, D. R. S.; PIMENTEL, N. M. **Educação a distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: UFSCar, 2010.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VERESOV, N. **Perezhivanie and cultural development: a key which opens the door?**, Unpublished paper presented at Monash University, Peninsula campus, 2013.

VIEIRA, J. M. D. Funcionários da educação: O caso do Brasil é singular? **Revista Retratos da Escola**, v. 3, p. 325-338, jul/dez 2009. ISSN 5. Disponível em: <http://www.cncte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 20 nov 2016.

VIGOTSKI, L. S. *Concrete Human Psychology*. **Soviet Psychology**, v. XXII, 1989. 53-77 p.

_____. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, p. 21-44, julho 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

_____. Pensamento e Palavra. In: VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Problemas de método. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 59-83.

WERLE, F. O. C. Terceirização e democratização na instituição escolar: serviços de merenda e limpeza. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 115-135, 2005. ISSN 1/2. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/23512>>. Acesso em: 14 jan 2017.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário enviado por e-mail

Pesquisa sobre o curso Profucionário - Secretária Escolar

É necessário colocar resposta em todas as questões. Ao final, clique em ENVIAR

1. Endereço de e-mail *

2. Nome *

3. Sobrenome *

4. Escola em que trabalha:

Indique o quanto concorda ou discorda de cada afirmação abaixo. Seja sincero(a), as informações são anônimas.

5. O curso foi bom para o meu crescimento profissional.

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo
- ☐ Não concordo
- ☐ Completamente em desacordo
- ☐ Nem concordo, nem discordo

6. O curso foi bom para o meu crescimento pessoal.

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo
- ☐ Não concordo
- ☐ Completamente em desacordo
- ☐ Nem concordo, nem discordo

7. Após realizar o curso a minha forma de trabalhar na escola mudou.

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo
- ☐ Não concordo
- ☐ Completamente em desacordo

☐ Nem concordo, nem discordo

8. Percebo que os outros funcionários me tratam diferente após a realização do curso.

☐ Concordo totalmente

☐ Concordo

☐ Não concordo

☐ Completamente em desacordo

☐ Nem concordo, nem discordo

9. A relação entre os alunos e eu é muito boa.

☐ Concordo totalmente

☐ Concordo

☐ Não concordo

☐ Completamente em desacordo

☐ Nem concordo, nem discordo

10. Mudei o jeito de agir com os alunos depois que realizei o curso.

☐ Concordo totalmente

☐ Concordo

☐ Não concordo

☐ Completamente em desacordo

☐ Nem concordo, nem discordo

11. Considero que também sou educador.

☐ Concordo totalmente

☐ Concordo

☐ Não concordo

☐ Completamente em desacordo

☐ Nem concordo, nem discordo

12. Participo de reuniões com os demais profissionais da escola.

☐ Concordo totalmente

☐ Concordo

☐ Não concordo

☐ Completamente em desacordo

☐ Nem concordo, nem discordo

13. Em qual área trabalhava quando ingressou no curso?

14. Atualmente trabalha em que área da escola?

Poweredby



Apêndice B – Perguntas para a primeira entrevista

Perguntas sobre o curso:

O que você achou do curso?

Como você acha que poderia ser uma nova oferta deste curso?

O que poderia ser melhorado?

O que você estudou durante o curso que ajudou a pensar na educação e no seu trabalho na escola?

O que você acha sobre a oferta do curso em EAD? Como foi a experiência?

Trabalho na escola:

Em qual área da escola você trabalha? Permanece nas mesmas depois do curso?

Você percebe diferenças na sua atuação na escola, depois do curso?

Como é a sua relação entre com os alunos? Mudou depois que você realizou o curso?

Como é a sua relação com os professores? Mudou depois que você realizou o curso?

E com a direção? Mudou depois que você realizou o curso?

Você acha que o seu trabalho também é educativo? Porquê?

Você participa do conselho de escola ou de algum outro grupo que ajude a escola a tomar as decisões?

Carreira:

Vocês têm plano de carreira? Teve alguma mudança nos últimos anos?

Teve alguma alteração no salário para quem fez o curso?

Vocês participam de algum sindicato?

Questionário:

Perguntas referente as respostas dadas ao questionário.

Apêndice C – Perguntas para a segunda entrevista

Roteiro para a entrevista com a Júlia:

Você poderia contar um pouco sobre o seu trabalho na secretaria? Como é um dia como a Júlia na escola?

Tem algum documento que diga o que é o trabalho da auxiliar de secretária?

Você acha que o seu trabalho seria diferente se fosse em outro lugar, em uma empresa? Porque?

Tem alguma coisa do curso, que você lembra, que ajuda neste trabalho?

Como o trabalho de uma auxiliar de secretaria pode ser educativo?

Você gosta deste trabalho? O que você pretende fazer profissionalmente? Porque você escolheu fazer o concurso para ATE?

O que você acha que deveria ser melhorado no trabalho da auxiliar de secretaria?

Como um curso poderia contribuir para a melhoria deste trabalho?

Tem algum documento que diga o que é o trabalho da secretária?

No final do curso tiveram disciplinas próprias para a secretária de escola:

- Contabilidade na escola,
- administração de materiais,
- gestão democrática nos sistemas e na escola,
- técnicas de redação e arquivo,
- trabalho escolar e teorias administrativas,
- legislação escolar.

O que você achou destas disciplinas? Lembra alguma coisa sobre elas? Você acha que deveria ter outras disciplinas / conteúdos mais específicos para esta função?

Você poderia contar um pouco sobre a sua vida profissional até chegar aqui na escola? Onde estudou e no que trabalhou?

Roteiro para a entrevista com a Mirtes:

Na outra entrevista você disse que a gestão nesta escola é democrática e com a nova diretora ficou mais ainda. Você pode contar um pouco o que mudou? E o que é gestão democrática? Porque você acha que está melhor?

Você poderia contar um pouco sobre o seu trabalho na escola? Como é um dia como a Mirtes na escola? O que você faz agora na inspetoria e como era o trabalho na secretaria?

Tem alguma coisa do curso, que você lembra, que ajuda neste trabalho?

O que poderia ser melhorado no seu trabalho?

Porque você escolheu fazer o concurso para esta vaga?

Tem algum documento que diga o que é o trabalho da inspetoria / da secretária?

Como o trabalho de uma secretaria ou inspetora pode ser educativo?

Como um curso de formação poderia contribuir para a melhoria deste trabalho?

No final do curso tiveram disciplinas próprias para a secretária de escola:

- Contabilidade na escola,
- administração de materiais,
- gestão democrática nos sistemas e na escola,
- técnicas de redação e arquivo,
- trabalho escolar e teorias administrativas,
- legislação escolar.

O que você achou destas disciplinas? Lembra alguma coisa sobre elas? Você acha que deveria ter outras disciplinas / conteúdos mais específicos para esta função?

Você poderia contar um pouco sobre a sua vida profissional até chegar aqui na escola? Onde estudou e no que trabalhou?

Apêndice D – Informações da turma de 2014

Informações da turma do curso técnico de Secretaria Escolar ingressante em 2014

Inscritos: 1049

Matriculados: 150

Sexo: F: 138 M: 12

Idades (período de idade):

20 a 25	26 a 30	31 a 35	36 a 40	41 a 45	46 a 50	51 a 55	56 a 63
7	18	27	20	26	24	19	9

Cidade de moradia (Estado de São Paulo):

São Paulo	97
Guarulhos	9
Região do ABC	15
Outras cidades	29

Concluintes ao término do 1º semestre de 2015: 68

Concluintes ao término do 2º semestre de 2015: 5

Concluintes ao término do 1º semestre de 2016: 3

Total de concluintes: 76

Apêndice E –Transcrição da primeira entrevista com a Júlia (03 de abril de 2018)

P: Pesquisadora

J: Júlia

P: As perguntas são sempre tentando entender o curso, como o curso foi para você... Primeiro gostaria de saber porque você fez o curso de secretaria escolar?

J: Então, eu fiz o curso, eu procurei fazer o curso, porque na realidade quem me avisou sobre este curso foi a minha mãe, a minha mãe é agente de organização escolar, ela trabalha no estado.

P: Que legal!

J: Na secretaria, e... ela tinha conhecidas que já haviam feito o curso, que gostaram e ela me chamou, e ela falou: Júlia vai abrir, as inscrições estão abertas, né? Por que você não vem fazer comigo, estou pensando em fazer. Aí a gente foi lá e fez.

P: Sua mãe fez junto também?

J: Minha mãe fez junto.

P: Ahh que legal!

J: No instituto federal, a gente ia lá todo sábado, acho que era a cada 15 dias ou alguma coisa...

P: A Cada 3 semanas.

J: Isso.

P: Ahh que legal, que bacana...

J: A gente ia sempre fazer as provas, porque era a distância aí marcava o dia, né? E a gente ia lá fazer a prova.... Acho que neste dia da prova tinha aula presencial e depois fazia a prova. A prova era depois.

P: Era a aula da próxima disciplina que ia começar, tinha aula presencial.

J: Isso.

P: E o que que você achou?

J: Olha!!

P: É para ser sincera [risos].

J: Não... Eu particularmente, eu gosto do ensino presencial, não sei se é porque eu fui, apesar de eu, eu sou nova, tenho 32, mas eu acho que eu ainda tenho uma cabeça mais antiga, eu não sou muito... Mas assim, eu tive facilidade, a minha mãe ela já teve um pouquinho mais de dificuldade.

P: Por ser a distância?

J: Por que é a distância, né! Mas eu não tive o problema de fazer o curso a distância, porque eu acho que a aula presencial, eu acho que o contato com o professor, pessoalmente, o contato, este contato com o professor, com os colegas de sala, eu acho que cria um ambiente que você pode trocar.... experiências, você pode enriquecer...

P: É verdade.

J: Eu acho que o ensino a distância deixa a desejar neste quesito, não que não seja bom que você não pode aprender, claro, eu acho que você pode aprender, mas acho que deixa a

desejar nesta questão, eu acho que a aula presencial é mais enriquecedora para aprendizagem...

P: Entendi! E aí como você acha que podia ser uma nova oferta deste curso? O que você acha que dava para melhorar?

J: Para melhorar? ... então talvez com um pouco de mais aulas presenciais e aulas um pouco mais, porque na realidade lá, o que eu achava que, sempre que a gente ia lá até por ser sábado de manhã, dava até um meio sono, porque, porque era muito grande o espaço.

P: Vazio, né? De sábado, geralmente a escola é mais vazia...

J: Sim, não, nem é essa questão, é que, a escola é vazia realmente, mas a sala é muito ampla, então é como se fosse, eu não me sentia que estava indo para uma sala de aula, eu me sentia que estava indo para uma palestra, então achava assim que ficava muito disperso, porque era uma sala muito grande.

P: Era no auditório, né?

J: Não era uma sala pequena, com poucos alunos. O professor, acho que ele ficava um pouco distante das pessoas, apesar de estar na mesma sala achava que ficava um pouco distante do pessoal.

P: Fica muito impessoal...

J: Então não havia um envolvimento legal.

P: E o que você estudou no curso te ajudou a pensar na educação? Porque você já é da educação, né?

J: Já!

P: Quer dizer, você já era da educação mesmo não tendo feito o curso, mesmo não tendo feito biologia, você já trabalhava com educação...

J: Já, eu trabalhava na prefeitura.

P: Mas como você fez biologia, não sei, você consegue pensar em alguma coisa específica deste curso que te ajudou a pensar no seu trabalho ou na educação?

J: Olha, teve as matérias, até de legislação mesmo, que falava sobre o ECA, então a gente vive muito isso na escola também, conselho tutelar, mas é que eram várias disciplinas no curso, várias... Mas é que eu não me recordo de todos, eu lembro e... já faz um tempo também.

P: É que faz muito tempo... [risos].

J: É faz muito tempo, acho que fiz este curso em 2014, faz tempo, eu me recordo que tinha disciplina de matemática, que eu gostava muito, eu sempre gostei, apesar de que eu não tenho muita facilidade, mas eu gosto, tinha informática também, tinha muita legislação. Olha, eu no modo geral das disciplinas que tinham eu achava que contribuíam para alguma coisa no meu serviço, né? talvez para melhorar meu desempenho, no trato com os alunos, ne, com algumas questões que apareciam na escola, porque na escola cada dia é um flash, né?

P: Muito dinâmico, né?

J: Muito dinâmico, então tem algumas questões assim que você fala poxa, eu estava na escola e apareciam questões assim, que nossa isso tudo eu tinha visto lá no curso e tinha, muitas questões que eu já havia me deparado com a licenciatura.

P: Porque já é da educação...

J: Sim, inclusive tenho todos os livrinhos, porque tinha os livrinhos, né? Está tudo lá em casa.

P: Quando que você fez pedagogia mesmo? Foi no mesmo ano? Não?

J: Pedagogia eu fiz antes né, fiz em 2012.

P: Ah tá.

J: E acho que esse curso eu fiz em seguida acho que 2013, 2014, por aí, fui fazer este curso, até porque eu estava trabalhando na secretaria e o nome do curso era secretaria da educação, técnico em secretaria escolar.

P: Técnico em secretaria escolar.

J: Eu acho que este curso pode trazer pontos positivos também para o meu cargo, aí eu fiz... Achei interessante fazer.

P: Bacana. Eu ia perguntar sobre EAD, mas você já falou, então eu não vou perguntar de novo....

J: O que eu acho sobre a educação a distância?

P: É, você quer falar mais um pouquinho? Você que sabe...

J: Não... Só isso mesmo, eu acho, referente aquela... o que eu achava que poderia melhorar, né? Que nem as salas, ou talvez.... Poderiam ser salas, grupos menores, porque a cada encontro eu sentia que o pessoal ficava disperso, então não aproximava o pessoal, eles iam lá para fazer prova! A gente ficava ansioso para fazer a prova! Eu acho que as vezes, muitas vezes a gente nem prestava atenção nele, porque ficava ansiosa pela prova. E aí, talvez deixar a aula um pouco mais dinâmica, não sei... Esses pequenos encontros ou colocar uma frequência maior, porque a distância ela causa um desligamento uma coisa que é mais rotineira você aproxima mais. É como você se você... Eu acho que é... Um elo mais forte entre a disciplina, o professor, os alunos... Eu acho que dá uma liga melhor, assim... Para você aprender um pouco melhor, eu não sei, eu acho...

P: Eu acho também, é, da secretaria, deixa eu ver, você acha que fez alguma diferença no seu trabalho? Na sua atuação antes e depois? Ou você acha que não?

J: Olha muito pouco, porque na realidade eu já tinha feito a licenciatura então já tinha ideias, né? Já tive aprendizado referente a isso e na escola a gente aprende muito isso, humildade... Como fazer... então você, é como se a experiência que a gente vivencia na escola ela é única, eu acho, porque é uma troca de experiências mesmo, porque o contato com outras pessoas te traz informações também, né? Então, claro eu acho que o curso foi, bom né, não foi, eu não digo que foi determinante para eu tomar / mudar certas atitudes ou ter novos pensamentos ou mudanças de paradigmas, mas eu acho que contribuiu sim, acho que contribuiu pelo conhecimento que a gente adquiri, eu acho que é válido, sempre válido... É uma forma de você sempre se reciclar, não sei se é a palavra certa, reciclar...

P: Se atualizar.

J: Atualizar, isto, se atualizar.

P: E, outra pergunta. Como é a sua relação com os alunos? Boa? Você tem bastante contato com eles?

J: Muito pouco, muito pouco, eu tinha muito quando entrei na escola com deficientes auditivos, que aí eu tinha contato direto, que era o tempo todo, o tempo todo!

P: Porque você era inspetora, né?

J: Eu era inspetora. Chata! Porque inspetora ou é chata ou ela é muito boazinha, [risos]. E aí os alunos são danados.

P: Ahh eu imagino...

J: Aí eu, eu tinha um relacionamento bom com eles, apesar de ser mais assim, eu não era... nunca fui muito, é... muito ferro e fogo, a gente tem que, a gente está lidando com pessoas, então você tem que tolerar as vezes certas coisas, deixar para lá, porque se não, acaba entrando em conflitos desnecessários que não agregam em nada, e eu ficava muito em

contato com eles, tanto é eu que quando entrei na prefeitura eu assumi um cargo de vaga precária, eu mudei, depois não conseguia vaga nesta escola e tive que vim para a escola XXX, que é a escola que eu estou.

P: Vaga precária é aquela que depois de um ano você tem que mudar, não é?

J: É, porque assim quando você entra na rede, eles dão prioridade para quem está na casa. Como essa vaga que entrei ela vai ser disponibilizada primeiramente para quem já está, depois se sobrar aí fica para você. É pela ordem de antiguidade.

P: Você prestou concurso para agente educacional? Ou não?

J: No meu caso é auxiliar técnico de educação, o meu cargo.

P: Ahh tá! É e sempre para secretaria ou não?

J: Não, os diretores que escolhem, secretaria ou inspetoria.

P: Ahhhh.

J: E quando entrei era difícil arrumar vaga na secretaria aí eu fiquei na inspetoria. Olha eu tive muito... Eu gostei de trabalhar com eles, eu tive um aprendizado muito grande, né, não só profissional, mas pessoal eu acho que a maior parte, né, porque são crianças deficientes, até então não tinha convivido, ou não tinha, até então antes de entrar naquela escola, não tinha visão sobre o que era, de como era, então a vivência te proporciona certos aprendizados também, gostei de trabalhar com eles e depois quando fui para a creche os alunos eram bebês, eram bebês....

P: E aí você era inspetora também?

J: Inspetora, só que assim, era muito ocioso, porque lá são as professoras que fazem tudo, trocam né, dão comida, então assim eu, eu não, eu não me encantei tanto pela creche, porque eu acho que é muito mais cuidar do que educar, então eu acho que gosto mais de coisas mais assim, dinâmicas, eu gosto de... Eu achava que lidar com alunos maiores era melhor, sempre achei.

P: Entendi, você lida mais com professores?

J: Então aí depois nessa escola eu não estou desde que eu entrei em 2013, eu estou na secretaria, porque eu já sabia que a vaga era para secretaria, porque ninguém, todo mundo que estava antigo lá na inspetoria não queria ir para secretaria, porque assumir a secretaria é também, [risos] é bom, mas qualquer lugar, qualquer cargo que você assume tem suas vantagens e desvantagens, como tudo na vida, né?! Vantagens e desvantagens. Aí eu sabia que era para secretaria, e eu falei não, eu quero ir para secretaria, porque eu vou aprender coisas novas e realmente aprendi. Aprendi fazer muitas coisas, muitas coisas, gosto, né? E só que não tenho muito contato com os alunos.

P: Mas você tem com os professores, a direção, com os pais, com quem mais você tem contato?

J: É... Antigamente, então o que eu tinha, porque o que eu ia te contar, porque quando entrei na prefeitura eu entrei como vaga precária, e logo que passou o concurso de remoção para os antigos eu não consegui pegar a vaga na escola de surdo aí tive que ir para o XXX que era a escola que eu estava, só que eu sabia que na escola XXX eu ia ser inspetora de alunos e eu fiquei num pânico, porque para mim o meu relacionamento, a minha experiência que eu tinha era com surdos eu não queria trabalhar com ouvinte, imagina! E eu era mais nova, os alunos... Eu estava com medo, eu tinha 23, pensei os alunos vão querer montar em cima de mim, [risos] aí eu voltei, fiz permuta até com uma menina e voltei para a escola de surdos, eu permutei. Depois que eu vim para o XXX, depois que eu passei, eu fiquei mais um ano, só depois da creche que eu vim, mas para secretaria, sem os alunos. Mas você sabe que a secretaria, ela me proporcionou muitos aprendizados também, e antigamente eu tinha muita

vergonha em falar em público, e acho que trabalhar na secretaria... É como se tivesse melhorado o meu lidar com o público.

P: Ahh que bacana.

J: Eu gostei por isso, eu melhorei muito, acho que antigamente quando eu entrava numa sala de aula para falar com algum professor eu ficava até meio assim, né? Com os alunos falarem alguma coisa... Hoje não, hoje eu levo de boa, os alunos vão lá, as vezes eu brinco com eles, pequeno ou grande do nono ano, porque nossa escola é até o fundamental 2, não tem o ensino médio.

P: Mas tem desde o fundamental 1?

J: É, tem o fundamental 1 e fundamental 2, do primeiro ao nono ano, e agora eu acho que com o tempo, não sei também por conta da idade [risos], você vai meio que desmistificando certas coisas e aí agora eu nem fico mais, aí porque o aluno vai ficar olhando assim, vai falar tal coisa, eu nem fico.

P: Ah que bom!

J: Eu nem fico mais, se precisar entrar e falar com aluno eu entro, eu vou lá e falo, se precisar dar bronca eu também, porque da secretaria eu já dei bronca nos alunos, aí eles obedecem, porque aonde eu fico tem umas cadeirinhas que eles ficam esperando os pais, quando não vem buscar no horário e quando ficam muitos alunos lá, aí eles começam a falar alto, brincar, bater... aí eu entro em cena mesmo trabalhando na secretaria, [risos] aí entro em cena, né? porque aí não dá, mas é tranquilo. Eu acho que meu lidar com eles hoje eu encaro com muito mais facilidade do que antigamente, ne?

P: Você acha que foi por conta da experiência?

J: Ahh eu acho, acho que foi com o tempo, eu fui desmistificando mesmo certas coisas, me libertando de certos pensamentos também que, é a cabeça da gente também, muitas coisas, muitas limitações que a gente coloca na nossa vida vem da nossa cabeça...

P: E com a família deles, você se relaciona bastante?

J: Ah sim com os pais, até mais que com eles, porque os pais ligam na escola para saber se tem aula, se não tem, para várias coisas, histórico, transferência... A gente tem que ter muito jogo de cintura também, porque não é todo pai que tem, assim... Boa postura, né? têm pais que são grossos, depende do estado de humor, né? Também do nosso estado de humor, e o deles, porque também pega um dia que não estou bem, aí a gente tem que ter muita paciência. Então eu procuro sempre ter paciência porque, assim, a gente lida com várias pessoas, várias, desde pessoa que...tem pessoas que não tem grau de instrução nenhuma, tem muitas pessoas. Eu trabalho na escola pública eu falo, a realidade de um país você vê através da escola pública, porque infelizmente a maioria das pessoas eles não tem, são muito limitados, sabe, é como se é a realidade que eles vivem não tem nem certo nem errado, mas assim eles são, assim muitos procuram, por exemplo, muitos procuram, informações sobre o filho, por exemplo, se o filho não aparece na escola, a gente vai perguntar alguma coisa...

P: Vocês ligam para família? Depois de algum tempo?

J: É quando não aparecem, mas assim, eles não mantem um bom relacionamento com a escola, o interesse deles muitas vezes, eu não estou generalizando, não são todos os pais, depende muito da criação de cada um, cada um teve sua realidade, ne, mais eles vão muito para. Poxa, o filho não recebeu a bolsa família, aí eles vão lá na escola, ahh não recebeu o leite, que agora, é restrito porque o Dória tirou o leite, só está deixando para as crianças especiais até o 5º ano, mas assim poxa vida o que é importante? É um leite, um bolsa família ou a educação do seu filho? Sabe só que assim, isso não sou eu que tenho que falar, entendeu, a gente fica, a gente escuta e fala o motivo pelo qual ele não recebeu o leite, não recebeu a bolsa família, enfim, que é a frequência na escola, mas assim, até que ponto, né? que as pessoas não têm... É meio limitado, muitas pessoas, então a gente começa a reparar

que não muito. O que eu entendo pelo entendimento da educação é diferente do entendimento que ele tem sobre a educação, entendeu?

P: O valor que ele dá?

J: E não tem como eu obrigar ele pensar da mesma forma que eu? Porque é a realidade que ele vive, é a mesma coisa a mulher chega lá, eu tenho 32 anos não tenho nenhum filho, a mulher chega lá com 30 anos com 7...

P: É difícil, né?

J: Eu fico espantada né, falo Nossa Senhora! Aí você começa a pensar: “mas como ela consegue né? Você começa aquele autojulgamento, é um julgamento né! Mas, isso não é possível, a pessoa não percebe? Ela não consegue ter estrutura? Mas é a realidade dela”.

Tipo, está errado para mim, mas é a realidade dela. O que é certo para não sei se é errado para ela, se é certo, mas é a realidade que ela vive... E aí você vai fazer o quê? O máximo que eu posso fazer ali é dar uma orientação, né, mas limitada, minhas orientações têm que ser limitadas, porque você não pode invadir a vida da pessoa né? A privacidade das pessoas, o que ela faz, o que ela deixa de fazer, é complicado né! Um adolescente que chega que a gente tem ensino supletivo, se vê lá o menino desiste o tempo todo, aí eu viro para ele e falo: “e aí, você não vai? Sabe, não vai, o que está acontecendo com você que você sempre desiste?” Tipo, eu não deveria estar perguntando, mas as vezes eu não aguento, eu vejo as coisas e falo, poxa vida né, e agora vai, quando a pessoa está fazendo a matrícula, agora vai, [risos] eu até brinco com ele [risos]. Ele começa a dar risada, os adolescentes dão risada, mais os meninos dão risada, mas vai fazer o quê? A gente não tem como...

P: Mas você também é educadora, você se sente como educadora?

J: Sim eu me sinto, nesses momentos quando estou lá na secretaria e falo com um aluno, né, dou conselho, eu me sinto com uma educadora sim! Eu me sinto até bem, hoje tinha um menino esperando o pai e a mãe, e o menino... Eu comecei a falar para ele do caderno do menino, assim, claro ele ainda está em processo de alfabetização, mas está no 2º ano, está escrevendo um monte de palavra errada, que eu vi no caderno, eu falei... Eu peguei uma folha em branco, aí eu disse, escreve para mim janela, já escreveu errado, aí eu comecei a tentar a corrigir, mostrei o alfabeto no computador para ele. Ah assim, eu faço o que é possível dentro do setor que eu estou.

P: Ahh sim...

J: Em nenhum momento, as vezes, que nem quando estava fazendo estágio de pedagogia, tinha que sair, tinha que ir nas salas, ajudava a professora, tudo né, mas no meu serviço é difícil eu sair, eu estou até tentando, vou ver agora se der um alívio, aí eu dou uma fugidinha, agora no meio do ano mais ou menos, eu dou uma fugidinha na sala de aula para ver...

P: Ahh não, eu penso mesmo no seu papel de secretária.

J: Ah sim, nesses momentos só, não tem nada de como, como auxiliar da secretaria lá, só nesses momentos mesmo, são poucos né, a gente tenta conversar com os pais pelo telefone, quando a criança não está vindo, perguntar por qual motivo, a gente faz meio que as mediações, ahh então conversa com a coordenadora, conversa com a assistente, de acordo com os problemas que vão aparecendo, porque as vezes tem coisas que a gente não consegue, a gente não vai é, por exemplo, é... falar alguma coisa se não é competência nossa, que não é do nosso cargo, entendeu?

A gente ali na secretaria faz meio uma seleção, ahh fala com fulano de tal, com outra pessoa, coisas que é da secretaria referente a matrícula, inscrição, a vida escolar do aluno, o histórico, né? Aí é com a gente, a gente não passa nem para direção não passa nada, só se for alguma coisa de reclassificação, prova de reclassificação, aí é a coordenadora que faz tudo isso aí, esses trabalhos assim, mas fora isso a gente tenta resolver ali, a parte pedagógica mesmo, é neste pequenos momentos, as vezes o aluno está lá esperando o pai ou a mãe, as vezes

algum aluno vai fazer a matrícula, já grande já, chegou atrasado também, várias vezes eu já dei sermão...

P: Mas eles entram por ali [entrada que passa ao lado da secretaria]? Ou só quando estão atrasados?

J: Quando estão atrasados, várias vezes, tem um menino que todo dia ele chega atrasado, o mesmo menino! Eu falo, "Oh meu, quando você for trabalhar você vai chegar atrasado? Se você chegar atrasado você vai ser mandado embora, entendeu?" Então eu tento colocar para o aluno para ver se ele pensa lá na frente, não é porque eu sou chata, porque, fulano é chato ou a escola é chata, não... É porque a vida vai cobrar, a vida vai cobrar, entendeu!?

P: É, é verdade...

J: Aí a gente tenta, eu pelo menos, eu, tento expor desta forma.

P: E com os Professores? Vocês têm muita relação com eles? Ou não?

J: Muita, muita, ah eu tenho um ótimo relacionamento com os professores no geral, eu gosto né, deles, é a gente tem muito, eu cuido lá de uma parte de promoção, por merecimento, aí então, a gente, eu estou sempre conversando com os professores.

P: Certificados tudo, essas coisas eles levam para você?

J: E, na verdade eu não sou secretaria, eu sou auxiliar da secretaria, auxiliar técnico da educação, então eu posso trabalhar na secretaria. Eu sou, vamos dizer como auxiliar da secretaria que está lá.

P: Mas a secretária que está lá, ela fez concurso para secretária ou não? Também entrou como você?

J: Não, não, ela é ATE que nem eu, é auxiliar técnico de educação que nem eu. Na realidade a secretária, quem determina é a chefia imediata, a diretora, é um cargo de confiança

P: Ahh tá

J: É um cargo de confiança e essa secretária já está há anos

P: Mas ela pode mudar a qualquer momento ou não tem isso?

J: Se a diretora virar e falar oh não quero você mais como secretária, ela perde inclusive a lotação dela.

P: Nossa!

J: Aí vai para CONAI.

P: Nossa quanto poder né? A direção tem...

J: E aí o adicional dela como secretária, porque o padrão de secretária, o secretario ele ganha mais, para exercer a função, o ATE, ele ganha mais para exercer a função secretário.

P: Ah tá.

J: Se ele perde a função, se o diretor tira, aí ele vai para CONAI e volta como meu cargo.

P: Ahh.

J: ATE, só que ele perde a lotação, quando você assume um cargo de secretário você perde a lotação. Eu até acho errado né, mas é a prefeitura que é desse jeito, por isso que eu falo, eu preciso ter outras, fazer ou carreira na área da docência, ou seja, concurso para biólogo é mais restrito, a área de educação que hoje é melhor pra...

P: Verdade, para biólogo não tem muita coisa...

J: Nossa, muito restrito, muito restrito aí eu falo meu não dá porque na realidade a prefeitura ela investe no professor, no quadro de apoio não, o quadro de apoio sou eu, agente escolar então não tem muita perspectiva, aliás não tem muita não, não tem perspectiva!

P: Mas você não tem progressão?

J: Temos, mas por conta dos cursos, graduação né, mas é muito, coisa muito pequena.

P: Então a prefeitura já tem plano de carreira?

J: Mas o plano de carreira para professor.

P: Mas para vocês não?

J: Não.

P: Mas e aí como vocês fazem a progressão? Vocês têm um piso ou não?

J: Não, então, o plano de carreira, que você diz é de um cargo para outro, não é?

P: Não, nem de um cargo para o outro, mas de aumentar salário...

J: Sim evolução funcional, a gente pode evoluir, ou evoluir que eu falo ne, a gente pode aumentar o salário vamos dizer, ou por evolução funcional que é a mudança do QPE, que é padrão.

P: Que aí é sempre pela quantidade de tempo?

J: Aí é pela quantidade de tempo e de título, mas aí tem, evolução eu não entendo direito porque não sou eu quem faço que é a secretaria, mas eu sei que é por tempo e título.

P: Mas é aí que título?

J: Títulos, pôs graduação.

P: Mas é em qualquer área?

J: Não, na educação.

P: Então você como bióloga conta? Ou não?

J: Conta....

P: Conta porque é licenciatura?

J: Conta, porque é licenciatura e acaba contando.

P: Ah entendi.

J: Tem uma professora, agora que estou lembrando, que ela se formou em nutrição.

P: E contou ponto?

J: Contou e contou a graduação.

P: Mas deve contar com uma proporção menor será?

J: Não sei...

P: Porque no Instituto Federal a gente tem progressão também por título. Por exemplo, eu sou pedagoga, então se eu fizer na minha área de educação, é considerado linha direta, e aí é uma porcentagem, mas se eu fizer mestrado em outra área a porcentagem é menor.

J: Ahh não... Mas eu acredito que não tem essa seleção de se tem a ver ou não.

P: Mas aí conta tanto a graduação quanto cursos assim que vocês fazem? Por exemplo, curso técnico que vocês fizeram na secretaria escolar...

J: Não, a mesma pontuação não.

P: Não conta para a pontuação?

J: Não, conta, mas é...

P: Não é por título?

J: Não é a mesma pontuação, por exemplo, eu não tenha agora de cabeça as pontuações, mas por exemplo para técnico vale 2 e para outro vale 10/20 de graduação, entendeu?

P: Mas se você já tem graduação e faz um técnico, técnico conta alguma coisa ou não conta mais? Porque você já está na graduação? Porque você fez sua graduação primeiro, né?

J: Só conta, mas o técnico só conta se for assim, aí tem pontuação.

P: Mesmo que você já tenha feito graduação?

J: Sim.

P: Que bom!

J: Sim conta, mas na prefeitura é assim, tudo lento, a passos lentos, sabe principalmente para o quadro de apoio, o quadro de apoio não dá para ficar estagnado neste cargo, entendeu, eles não tem, por exemplo, um plano de carreira neste sentido, do ATE para o secretário, aí é diferente, porque antigamente tinha, eles estavam pretendendo transformar, transformar não, fazer isso, por exemplo a prova, o concurso de acesso do ATE para o secretário, você faz uma prova, só quem passa no concurso de secretário é quem assume como o secretário mas agora não é assim, nunca saiu do papel...

P: Ah nem chegou...

J: Não, eles estavam querendo, mas agora, acabaram, antigamente era ATE 1 e ATE 2, eu sou categoria 1, porque eu entrei no concurso de inspetoria. Eu estou como 2 porque depois de um tempo, logo depois que eu entrei eles igualaram os cargos, não vai ter mais categoria 1 e categoria 2, a categoria 1 era inspetoria e o categoria 2 era secretaria, antigamente tinha um concurso de acesso da inspetoria para secretaria e agora não tem mais isso é tudo igual.

P: É tudo igual e a direção que decide, entendi...

J: A direção que decide.

P: Muito poder!

J: Muito, muito, cheguei a ser ameaçada até de ser mandada para a cozinha [risos], mas acho que na cozinha ela não vai poder me colocar, [risos].

P: E na cozinha é terceirizado aqui?

J: A cozinha é terceirizada.

P: E quando não era terceirizado? Porque faz pouco tempo, né?

J: São os agentes, porque o quadro de apoio....

P: Então você também poderia ter ido para cozinha?

J: Não, porque é o agente escolar, é assim o quadro de apoio, fora os professores, há na prefeitura um quadro de apoio, o quadro de apoio é composto pelo agente escolar e o auxiliar técnico de educação, e tem o agente de apoio também, e o agente de apoio é um cargo que nem existe mais são os que tão sobrando, o que restaram...

P: E são os que ficam até se aposentar agora?

J: Sim, são os que menos ganham, né? porque se for pelo nível de hierarquia, é agente de apoio, agente escolar e auxiliar técnico da educação, depois vem os professores...

P: Ahh tá.

J: E o agente escolar, quando não eram terceirizados o agente escolar e o agente de apoio que faziam o serviço de limpeza e de cozinha.

P: Entendi.

J: O ATE sempre foi inspetoria e secretaria ou auxiliar técnico de educação.

P: Este agente de apoio ele podia entrar, também era a mesma coisa, entra sem saber se era para limpeza ou cozinha? Ou já entrava sabendo?

J: Sim, era a chefia que determinava, é o diretor que determina. E aí depois acabaram com os cargos, não vai ter mais concursos nem para agente de apoio e nem para agente escolar, o de ATE até teve no último, inclusive o menino chegou o ano passado, só que ele já foi embora porque estava com vaga precária e teve que escolher outra escola, foi embora da minha escola, mas eles querem terceirizar não sei se eles vão conseguir, na totalidade, terceirizar a educação.

P: Mas eles querem terceirizar a inspetoria?

J: O professor... Contratar, não sei se isso, se vai efetivamente acontecer não sei, se acontecer vai ser ruim para mim, aí perco minhas esperanças de entrar na prefeitura com um cargo concursado.

P: A gente precisa fazer alguma coisa!

J: É, então eles já terceirizaram a cozinha e a limpeza...

P: E quem era da cozinha e da limpeza?

J: Eu sabia que você ia perguntar isso, [risos].

P: [risos].

J: O agente escolar, que era o agente escolar? eles são inspetores.

P: Ahh tá.

J: Eles estão como inspetores da escola.

P: Aí aumentou a quantidade de inspetores?

J: Sim aumentou né, até eles se aposentarem.

P: Porque não vão repor, né?

J: Então né, porque quando eles se aposentarem vão ter que contratar mais ATE, porque quem vai ficar na inspetoria? Um ATE por período? Na minha escola se tirarem os agentes escolares só fica uma de manhã na inspetoria, uma! Como que vai ficar uma escola com 300 crianças?

P: Quantas salas?

J: Como vai ficar, uma de manhã, uma ATE que entrou agora e tem 1, 2 na minha escola de ATE, 2.

P: Vocês funcionam em 2 períodos ou 3?

J: 3

P: 3?

J: Manhã, tarde e noite.

P: A noite é EJA?

J: Na noite é EJA, é só tem 2 ATES para inspetoria. É, só tem 2 ATES então eles vão ter que fazer concurso, não sei se eles vão fazer novos concursos, se bem que já chamaram bastante ATE, mas aí vão se aposentando os agentes, eu não sei como eles vão fazer...

P: Talvez. Vão chamando da lista.

J: Sim, sim.

P: E quantos turmas vocês têm de... é uma de cada?

J: É uma de cada, na realidade varia muito, por exemplo, se tem 3 primeiros anos esse ano, não esse ano tem 2, o ano que vem vão ter 2 segundos, você vai fazer uma projeção para o ano que vem, tem que ter 10 salas de manhã e 10 à tarde, não pode ter mais que isso.

P: Então tem uma sala só que têm duas e as outras tem uma só?

J: Depende, depende muito, por exemplo, é de acordo com a projeção.

P: Porque se você tem 9 turmas teoricamente e só tem 10 salas só dá para 1 ser duplicada, né?

J: Sim, então, mas aí as vezes só tem um primeiro ano, depende, entendeu, eles fazem a projeção, o que sobrar vira primeiro ano.

P: Ahh entendi.

J: O que sobrar, aí fica primeiro ano, geralmente, quando dá para montar, por exemplo, destrinchar, às vezes, depende muito, na realidade é o pessoal da DRE que avalia para ver se é viável ou não fazer tal projeção, como que é, aprovar tal projeção, né?

P: Vocês mandam o plano...

J: É a projeção, e aí o supervisor que autoriza ou não.

P: E quem que monta? Vocês juntos?

J: A gente, depende, a secretária, depende muito da escola... a secretária, né!

P: Você participa de conselho? APM?

J: Então, cheguei a participar de APM, mas depois eu sai porque eles sempre faziam as reuniões de tarde, tarde não, de noite!

P: Ahh.

J: Aí eu não vou vir.

P: Mas é como que era a participação?

J: Tinham pais, alunos...

P: Mas e os funcionários, vocês funcionários? É participativo mesmo?

J: Sim, é só que teve uma época que não fazia reunião e todo mundo assinava, tinha momentos assim, mas fazia a ata né, porque você tem que ter a reunião, você tem que fazer a ata, né? Mas nas poucas vezes que participei, porque logo saí também.

P: Mas é os outros funcionários participam?

J: Sim, mas nem todo mundo.

P: Mas algum participa?

J: Sim.

P: Participam mesmo ou só de corpo presente?

J: Só de corpo presente, porque sempre sobra para uma pessoa só, uma ou duas no máximo. Por isso que ninguém quer a APM porque é dor de cabeça, é a maior dificuldade assim acho que na escola é lidar com estes órgãos assim, é a APM, conselho de escola ne, conselho de escola, nossa, porque é, causa muito polemica ne, das vezes você... Eu lembro quem era da APM, falava assim, poxa – Não do conselho – poxa, você reúne todo pessoal aí um fala uma coisa e outro fala outra, aí vira aquela confusão, aí fica com polêmica, entendeu! Ai você não consegue chegar num acordo por conta das divergências de opiniões, então fica difícil.

P: Aí a diretora que administra?

J: Geralmente sim, deveria né, deveria [risos], mas geralmente ela administrava sim, geralmente, agora eu não sei como está sendo, sinceramente eu não sei, porque... Mudou a APM passaram para uma outra professora e eu não sei, eu estou por fora da APM e do conselho da escola, deveria estar por dentro né, mas estou muito por fora.

P: Ahh deixo eu te perguntar uma coisa. Você falou da progressão, desde que você entrou sempre foi assim ou teve alguma mudança? Nos últimos anos?

J: Não, sempre foi assim, ou por evolução mudança do QPE ou por promoção, a promoção é mudança de letra, o QPE é o padrão, e a evolução é a mudança do QPE, do número do QPE e a promoção é a mudança de letra: do A, pra o B, do B para o C, do C para o D, e a promoção pode ser por 2 aspectos, ou por merecimento ou por antiguidade. Por merecimento é muito raro o pessoal conseguir, porque eles pedem umas pontuações que...

P: Muito altas?

J: É, então não dá, e a maioria é tudo por antiguidade.

P: Mas aí essa pontuação é com cursos que as pessoas conseguem?

J: Com curso? Com curso, sim.

P: E a prefeitura tem cursos para quem é funcionário da educação?

J: Tem mais para professor...

P: Só para professor?

J: A maioria só para professor, para ATE tem de educação especial que eu fiz inclusive quando eu estava na creche, eu fiz.

P: Mas agora que você está na secretaria, um curso específico para quem está na secretaria?

J: Não, eu estou lá desde 2013 e o único curso que eu participei foi para o EO e já faz muito tempo, acho que participei em 2014, acho que foi isso. 2014 no SGP, mas é foi lá na escola mesmo, que eles davam o curso, e lá na escola foi uma vez. Mas assim está vez nem foi de curso mesmo, acho que foi só para mostrar como mexia, como fazia, não sei, na realidade eu nunca fiz, não estou me recordando de curso que efetivamente eu fiz.

P: Mas os professores têm?

J: O professor tem.

P: E tem bastante até, né?

J: O professor tem, mas a gente não, a gente é um povo esquecido da escola, né?

P: É verdade...

J: E assim, se tirar o quadro de apoio como é que fica?

P: É verdade, não dá!

J: Todo tem a sua importância na escola.

P: Claro.

J: Só que não dão o devido valor, porque se tirar a secretária como que faz? Olha eu não sei, eu acho que é como se fosse o coração da escola e o cérebro os professores, porque não tem como, a escola só funciona se tiver a secretaria, na realidade é um conjunto, é um conjunto né, na verdade é um sistema, se você tira um a engrenagem deste sistema ele não funciona.

P: E você participa de algum sindicato? Você é sindicalizada?

J: APROFEM.

P: Que é dos professores, né?

J: Que eu utilizo muito pouco, antigamente eu estava fazendo mais cursos da APROFEM, aí então, os cursos que eu faço é da APROFEM, não é da Prefeitura, o curso que eu fiz da Prefeitura dá para contar nos dedos. Eu fiz um que era de direitos humanos, que eram 3 encontros, aí eu fiz.

P: Mas que era para todo mundo da escola?

J: Isso, para todo mundo.

P: Inclusive professor?

J: Isso, não foi específico, não. Específico para gente foi só foi para agente escolar que foi para agente escolar também, que eles aumentam o público alvo, eles não colocam só para ATE. É de deficiência e um que eu fiz, mas nem sei se contou ponto, até preciso ver se contou, mas foi um que a prefeitura abriu, mas eu que me candidatei não tem nada a ver com a minha área, que foi de observação de aves.

P: Observação de aves? que interessante.

J: É, eu fui fazer no Ibirapuera, porque meu estagio foi no centro de recuperação de animais silvestres, no parque ecológico do Tiete. Aí eu fiz meu estagio lá voluntário, na época da faculdade, do bacharel, e fui fazer esse estágio lá com animais silvestres.

P: Que bacana, sabe que eu adoro passarinho, mas não entendo nada, mas eu gosto de observar.

[conversa sobre passarinhos]

P: Agora, você respondeu aquele questionário, lembra? Já faz tempo que eu mandei, que era só de alternativa, e aí você colocou que você concordava com algumas afirmações, e aí vou falar para você o que você concordava...

J: Nossa, vamos ver se eu lembro, porque faz tempo! [risos].

P: [risos] não precisa lembrar.

J: [risos] eu nem sabia que tinha respondido este questionário, na verdade eu recebo tanta coisa, que aí recebi um de um curso técnico que tinha feito, que não tem nada a ver nem com educação nem com biologia, aí não respondi esse, mas do Instituto Federal, não lembrava.

P: Esse você respondeu, você colocou que o curso foi bom para você, para o seu crescimento pessoal, e que a sua forma de atuar na escola mudou.

J: Sim.

P: Aí eu gostaria que você falasse um pouquinho para mim, você já falou antes, mas se pudesse falar mais um pouco, de como você acha que ajudou a melhorar.

J: Eu acho que no lidar com as pessoas, a gente começa ahh.... Tendo uma base teórica, eu acho que a gente consegue não ver só o momento, entendeu? Como esse menininho de hoje, por exemplo, esse menininho que chegou lá na escola, e estava ensinando para ele como se escrevia janela, ele começou a falar da vida dele, e você começa a perceber que não é culpa dele, a dificuldade, ele repetiu, o 3º ano, está fazendo de novo o 3º ano, aí você pensa, poxa vida mas você não vem para aula, ele disse “ahh mas é que fico trabalhando até tarde com minha mãe, eu chego meia noite em casa”.

P: Ele estuda de manhã?

J: Um menino do segundo ano, aí eu pensei: está vendo a gente não pode julgar. Porque se você julga não “está levando em consideração a realidade que a pessoa vive, que aquele aluno vive, Entendeu?” E eu acho que tem questões que foram trabalhadas sim no curso, que a gente começa a perceber certas coisas, por exemplo, alguma coisa que a gente julga demais

a gente começa a enxergar com outros olhos, tentar enxergar com outros olhos, porque não é porque você vive desta forma que outra pessoa tem que viver da mesma forma. É a realidade de cada um, você não pode chegar na mãe dele e falar olha ele tem que dormir cedo, tem coisa que não dá para falar, é complicado.

P: E a escola tem que lhe dar com todas essas questões...

J: Sim, então você passa ter um olhar diferenciado para aquela criança, tem coisas que não tem como, você pode ajudar, de outras formas, até falei para ele... já que você não tem tempo durante a semana porque você não estuda um pouquinho no sábado e no domingo? Porque você não vai querer repetir de ano, né? Falei para ele, você não fica com vergonha dos seus amiguinhos ir para o quarto e você ficar né? Ele: ahhh eu não fico com vergonha... Eu: mas precisa pensar nisso, que é a realidade que ele vive.

P: Na escola tem algum trabalho de recuperação? Num horário...

J: Tinha o ano passado, mas este ano não percebi nenhum projeto de recuperação, este ano.

P: Porque tem que tentar recuperar já desde o começo do ano.

J: Sim, seria interessante.

P: Porque ficam aquelas recuperações no final do semestre...

J: Tem alunos que estão no 3º ano e não estão alfabetizados, não conseguem e tem criança que você percebe que já é problema psicológico, que aí no caso seria um psicopedagogo para estar trabalhando, com as crianças, mas o pais, não tem, foi isso que te falei, os pais não tem percepção, não tem consciência, sabe, é limitado, tipo, acho que está bom, mas não é assim, né! Não sei, para mim não é assim, mas para ele é a realidade que ele tem, é o que ele tem. O que é importante para a mãe desse menino, é o ter que comer, viver, ele falou assim hoje para mim, esse menino estava falando lá na secretaria, que a mãe dele vende bala no metro e o pai vende guarda-chuva.

P: Complicado, né? Mas se as pessoas não têm as necessidades básicas supridas, é difícil querer pensar em outra coisa.

J: Sim, então é complicado. Nosso país, está passando por uma crise muito grave eu acho, porque assim não tem emprego nem para quem tem faculdade, meus irmãos acabaram de se formar em arquitetura, eles não conseguem emprego, eles não estão conseguindo se encaixar no mercado de trabalho, porque não tem emprego, não tem!

P: Está difícil mesmo! E eles fizeram estágio?

J: Fizeram, e olha não é porque são meus irmãos, mas assim, eu não chego nem aos pés deles [risos].

P: Os dois fizeram arquitetura?

J: Os dois, eles são gêmeos.

P: Que legal!

J: Um menino e uma menina, eles se formaram o ano passado, mas não estão conseguindo, a menina está pensando em até ir para o exterior, tentar a vida lá fora, porque eles querem trabalhar na área, poxa eles estudaram, deram o sangue deles, num curso superior de cinco anos, que não é fácil, na São Judas, e eles não conseguem emprego. Eles tiveram bolsa integral, porque passaram no Prouni com bolsa integral.

P: Que bacana...

J: E eles não conseguem, mesmo tendo esse diferencial, tudo. Meu irmão foi para o concurso de finalista/ Porque eles são inteligentes, não é porque são meus irmãos, mas são esforçados, agora se eles não tão conseguindo, aí fico pensando, imagina os que não tem nem estudo, está difícil, não é?

P: Está difícil, é verdade.

J: Não é, então acredito, que o curso voltando para questão, acho que o curso interferiu de alguma forma. Formas de pensar, formas de agir... Porque você começa a não olhar só seu ponto de vista, mas você passa a olhar o outro também, a realidade do outro, entendeu, que é de acordo com o que as pessoas vivem, isso é um dos pontos, exemplos que acontecem.

P: Outra coisa que você colocou, você falou que sua relação com os alunos é boa, mas isso você já tinha respondido, acho. Você acha que melhorou? Não que melhorou... Porque acho que você já dizia que que era boa, mas posso acho que posso te fazer outra pergunta...

Talvez se você considerar, porque como você já tem formação, você tinha formação em licenciatura, você já fez pedagogia, você já tem uma formação diferenciada. Você acha, que por exemplo, que para alguém que não tinha formação, que faz este curso, você acha que ajuda a pensar melhor na educação, a melhorar a relação com o aluno?

J: Ah eu acredito que sim, sim, para quem não tem visão nenhuma, sobre o que é educação, ahh sim.

P: Porque você já tinha uma formação...

J: Sim, inclusive quando eu fiz a prova da prefeitura, eu fiz cursinho, eles dão uma bagagem violenta sobre todas essas ideias para o concurso você tem que responder do jeito que eles querem ouvir, eles descontrolam, no cursinho eles desconstruem as ideias que você tem na sua cabeça, é um trabalho constante de desconstrução, é como você tivesse a ideia que já tem pronta, e desconstruísse!

P: Mas dá um exemplo... Você lembra de alguma coisa?

J: Um desses exemplo é esse que te falei, as vezes você julga demais sem saber, uma vez o professor no cursinho uma vez falou, comentou de uma escola que o menino, a professora reclamava que o menino chegava com a mão suja, não tomava banho, alguma coisa assim, e aí foram falar com a mãe do menino e descobriram que eles não tinham água, não tinha água na casa do menino, como ele ia tomar banho? Entendeu.

P: Olha só, que coisa não?

J: É umas coisas que você começa a pensar, poxa; e verdade, como você pode exigir de uma pessoa que ela não tem condições de ter, não é acessível para o menino e como você vai cobrar uma coisa dessas? Claro a professora não sabia disso, claro quando você vai questionar o pai, você não imagina que ia ser essa a resposta, né! na hora você já desconstrói tal ideia na sua cabeça, né!

P: É verdade.

J: São várias situações e as vezes você não sabe, poxa mas a mãe faz isso, a mãe faz aquilo, mas claro a gente vê casos de pais que também são bem negligentes e porque querem, entendeu? é muito relativo, então você tem que primeiro - porque eles falam muito - na realidade ao trabalhar com determinada criança, eles falam muito no concurso, você precisa, na realidade você precisa conhecer a realidade pela qual a criança passa para poder aproximar essa criança, entendeu? Do que você tiver trabalhando na sala de aula, porque senão você não consegue...

P: Depois trabalhar para elevar o conhecimento que essa criança tem...

J: Isso, isso.

P: Você colocou que também considera que você é educadora. Você já se considerava antes? Já tinha pensado sobre ser educadora antes, no seu trabalho de secretaria

J: Se eu já pensava?

P: É.

J: Sim.

P: Você entende que o papel da secretaria, de alguém que trabalha na secretaria também é educativo?

J: Sim, ohh [risos]

P: E você já pensava antes do curso?

J: Antes do curso? Não. Eu acho que depois do curso me clareou mais, eu acho, eu acho que colaborou. Eu considero o curso como algo a agregar na minha atuação, na minha experiência, eu sempre vejo como um lado positivo, ainda mais na área que eu trabalho na escola, a secretaria, que nem, as vezes chega, eu tenho meus diplomas, tudo que eu, mas eu, não posso julgar, que é complicado, mas poxa eu ajo desta forma, mas a outra pessoa não age, mas não sei porque que ela não age, não teve orientação, não teve o cuidado, não sei, depende da criação de cada um, do que é importante ou não para cada um, não posso falar da outro a pessoa, porque ela não age.

Às vezes você vê alguma coisa que você fica nossa indignado com tal situação e a pessoa vira e fala você ficou chateada por causa daquilo? Sabe, mas são criações diferentes, mundos diferentes, porque na realidade a gente pode estar no mesmo mundo, mas o eixo familiar, ele é composto por cada eixo tem seus valores, sua forma de ver, de encarar, as dificuldades, entendeu? Então, que nem, o menino foi fazer a inscrição, quais são os documentos para inscrição? Histórico, comprovante de endereço e um documento. O menino outro dia chegou para mim – os meus históricos são todos, arrumadinho, bonitinhos, limpinhos, tudo guardadinho, nenhum amassadinho nada, até meu fundamental, ensino médio tudo! Ahh onde está seu histórico? Está aqui, na pastinha em casa – O menino chegou lá no guichê, cadê seu histórico, ele pegou o histórico, num quadradinho assim, todo amassado, aí ele tirou do bolso e me mostrou, quando eu vi, eu peguei assim o papel, peguei de proposito, fiz assim, esse é seu histórico? [risos]. Tudo horroroso, sabe, tudo amassado, falo meu Deus, e o RG tudo amassado, tudo molhado, tudo estropiado, ah poxa vida é seu documento, na hora já falo, não aguento, as meninas falam, aí Júlia qualquer hora você vai receber uma resposta [risos], mas eu não aguento! Sabe o aluno está vindo para estudar até a pessoa mais velha está vindo para estudar porque lá é EJA é a partir dos quinze anos, a pessoa me traz um papel todo rasurado, rasurado não digo, mas caindo aos pedaços.

P: É o cuidado.

J: Poxa é seu documento, é a tua vida, porque você não cuida. “É vou ter que tirar outro né?” Mas é, então, é difícil, este documento se perder, se rasgar como é que faz? Se a pessoa é nova até consegue outro, mas se é mais velha que estudou há *milianos* atrás...

P: É, a escola não encontra mais, né!

J: Então, a pessoa tem que cuidar ne, eu falo, até falo, porque sou bocuda, a pessoa escuta se quiser, mas para mim é errado, mas para ele pode ser certo deixar o documento assim todo embrulhado, amassado dentro do bolso.

P: Porque você acha que eles fazem isso?

J: Eu acho que é questão de valores, talvez por não dar tanta preocupação aos próprios pertences, eu ainda acho que é um, eu acho, não sei se procede o que vou falar, mas eu acho que é uma falta de... Respeito com si próprio, falta de amor a si próprio, não sei de respeito consigo mesmo, porque poxa vida, a pessoa fez até a 4a série, 5a serie, é um mérito seu, porque você estudou, foi produção sua! Porque você não vai cuidar? É a mesma coisa você faz um trabalho bonitinho, um potinho de cera, qualquer coisa, um trabalho artesanal... Porque não vai cuidar, você vai pegar simplesmente jogar, amassar e jogar fora? Você não fez, você não levou tempo, você não dispendeu tempo para fazer aquilo, porque você não vai dar valor ao que você fez? Porque não se dar valor?

P: Entendi.

J: Acho que vejo por esse lado, acho que é uma falta de respeito consigo mesmo, acho que essas pessoas não têm, talvez, não acham importantes, ou esta com a vida destrambelhada que não, perdeu a perspectiva, é como você vê uma pessoa na rua baixando as calças, meu Deus! O que você vai pensar, esta pessoa não tem mais perspectivas, ela perdeu a noção do que seria válido ou não, não sei, é como se nada tivesse prioridade, como se nada se importasse, não sei.

P: Entendi.

J: Não sei pra mim essas pessoas que não se cuidam assim, deixa a vida me levar, é uma falta de respeito com elas mesmas, porque quem está perdendo é ela, não é mais ninguém, várias vezes eu falo para os alunos que chegam lá, meninas de 16 anos, 18, quem está perdendo não é sua mãe, eu falo para elas, é você! Porque se está difícil para quem tem faculdade imagina para quem não tem, eu falo.

P: Bom, é isso Júlia! Muito obrigada! Você quer falar mais alguma coisa?

J: Não... Espero que tenha eu contribuído, eu falei bastante...

P: Contribuiu sim, e bastante!! Obrigada!!

Apêndice F – Transcrição da primeira entrevista com a Mirtes (04 de abril de 2018)

P: Pesquisadora

M: Mirtes

P: Então primeiro eu queria que você contasse um pouquinho, do seu tempo na educação, na escola...

M: Estou na educação aproximadamente cinco anos, pelo estado, e são cinco anos mais com desenvolvimento das crianças, basicamente é isso, tá? Não tem muito a acrescentar, nunca tive contato, quando eu comecei, tanto é que agora estou fazendo faculdade de matemática, para me aprimorar na área, eu gostei da área, bem legal!

P: Então você sempre trabalhou na inspetoria?

M: Sim, sempre!

P: E porque você fez o curso?

M: Na verdade, quando tomei conhecimento do curso, além de achar que iria dar um “UP” no meu curriculum, lógico eu queria conhecer as normas que regem a educação. E para isso eu fui fazer o curso, eu me candidatei, eu fui, realmente eu queria aprimorar o meu conhecimento.

P: Entendi, e o que você achou do curso?

M: Algumas partes muito boas, outras eu acho que ficou a desejar. É, acho que todos cursos são assim, a gente faz o curso, algumas partes você se identifica super bem outras nem tanto.

P: Mas aí você lembra o que você gostou mais, o que não gostou, o que podia melhorar?

M: Ah eu gostava muito do conhecimento de leis de normas do RH, que leis que regem o estatuto do funcionalismo público. Toda esta parte mais burocrática gostei bastante, né! E o que então gostava muito, eu achava que os encontros eram poucos, era uma vez por mês, era assim fazia a avaliação, e no final fiquei um pouco chateada, não chateada, talvez até um pouco frustrada, nossa, a palavra frustrada é péssima... [risos] com o TCC, porque eu esperava um pouco mais, eu esperava um pouco mais entendeu? Eu queria um retorno maior.

P: Ahh entendi, das tutoras?

M: É isso, exatamente.

P: E aí como que você acha que poderia ser uma nova oferta deste curso, como ele poderia ser melhorado?

M: Eu acho, que assim, além do curso ter um tutorial melhor, uma assistência maior, e ainda acho que mais encontros, além do estado oferecer este curso, para que e porque oferecer este curso? Se ele oferece este curso, mas este curso não tem uma finalidade, tipo se você fizer este curso, vai ter dentro da educação, vai ter um cargo que você possa ocupar, ou então uma promoção, você faz o curso e fica na inércia, para que que serve o curso? Você vai usar ele onde? Para que? No futuro você vai usar ele onde? Não tem serventia, é só um curso, não tem um uso prático da coisa, então eu achei que neste patamar o curso foi decepcionante. Porque assim, já fazem dois ou três anos que eu terminei e nada!!

P: E ele serve para alguma coisa para pontuação? Aumentar salário?

M: Não, não! Nada. Tipo assim, você tem um certificado, você fica de lindo, realmente é muito fofo, você tem um certificado é muito bonito, mas é só um certificado.

P: Mas para nenhum curso não tem nada de pontuação?

M: Não, não tem nada.

P: Mas tem plano de carreira?

M: O estado não, o estado tinha, hoje em dia já não tem mais, antigamente nós tínhamos, vamos supor você tem ensino superior, você tem uma pontuação maior, não, não tem mais, você é aquilo ou aquilo ou você faz prova de mérito ou você faz a prova para GOI, aí você tem uma promoção, mas aí você tem que fazer.

P: É sempre prova?

M: Sempre prova, é tipo assim eu tenho ensino superior só que assim ele não conta ponto nenhum, agora se eu quiser, vamos supor, se eu quiser ser removida para outra escola, aí eu apresentando meu certificado de ensino superior à minha pontuação passa na frente de quem está lá, mas é algo a parte.

P: Só na hora da entrada?

M: Exatamente, da remoção seu eu quiser ir para outra escola.

P: Ah entendi.

M: Aí eu passo na frente de outra pessoa.

P: Só isso?

M: Só isso.

P: Você já tem graduação em Matemática?

M: Não, eu tenho graduação em Marketing e estou fazendo Matemática.

P: Ah entendi.

M: Você já tinha se formado em Marketing quando você fez este curso?

P: Já, já.

M: Na verdade eu trabalhei muito tempo na área de Marketing, só que assim, eu estava muito cansada, e aí deu um tempo, e falei assim não quero mais voltar, estou saturada!!

P: Ahh entendi, mudou de área.

M: E assim, era longe, não tinha tempo, não tinha disponibilidade, daí eu disse: “quer saber, as vezes o pouco é mais, vou ficar mais perto de casa, tenho mais qualidade de vida, o salário é uma porcária, mas...”

P: E aí você acha que alguma coisa que você estudou no curso ajudou a pensar na educação? E no trabalho que você faz aqui?

M: Ah sim, você muda o foco, você vê que a educação, embora seja muito deficitária você pode agregar valor, tem muitas coisas que você vê na educação que você extrai do curso, esta prática da gestão democrática, acessibilidade dos pais, a APM, o trato com o aluno é diferente.

P: Você acha que mudou?

M: Muda, muda, tem muita coisa que agrega valor, é no lidar com as pessoas, o lidar com capital humano, acho que agregou muita coisa, você tem uma visão melhor, eu tive uma visão melhor, como funciona da escola, é...para que nós temos diretores, vice-diretores, inspetores, os colaboradores em si, os funcionários da escola, então você começa a ter uma visão mais ampla da coisa, e é bem legal, porque as vezes você vê os papéis passando e não sabe para que são os papéis, não é?

P: É.

M: Mas você tendo este suporte, você acaba tendo uma visão mais ampla da coisa.

P: No estado quando você presta concurso é para inspetor? Ou não?

M: Na verdade, é um geral, na verdade nos nem somos inspetores, na verdade nossa qualificação não é essa, é agente de organização operacional, agente de organização, entendeu?

P: Mas aí pode ir para a secretaria?

M: Eu trabalhei na secretaria um tempo, só que aí eu sou mais, eu lido muito melhor com pessoas, e adoro as criancinhas [risos]. E aí que acabei, eu falei assim, oh quero voltar, quero ficar com as criancinhas, aí levou um tempo ainda para me colocarem de volta, mas foi bem bacana. Mas eu trabalhei na secretaria nesta parte mais burocrática, mas para frente quem sabe...

P: Volta,

né? M: É.

P: O que você achou de o curso ser por EAD? Como foi essa experiência?

M: Foi uma experiência válida, porque você tem que focar, hoje em dia você tem que direcionar sua vida. Porque todos os cursos, até mesmo os cursos presenciais – eu estou fazendo Matemática em EAD – mesmo os presenciais hoje em dia tem atividades online então, né, foi um preparo, eu sei que tenho que disponibilizar tal tempo para estudar, tenho que disponibilizar tal tempo para fazer minhas atividades, e é isso, você tem que ter um método de estudo, e foi bom, porque te dá disciplina, te faz organizada, você começa a fazer, você faz seu tempo, mas você sabe que tem que fazer o tempo, você tem que gerar um tempo, mesmo que você não tenha, é corrido mas vale a pena. O EAD me ajudou a me sentir mais centrada, né!

P: É. E você percebeu alguma diferença na sua atuação na escola? Depois do curso?

M: Ah sim, eu particularmente me senti muito mais preparada, tem coisas que eu não sabia, as orientações que eu tinha que ter e nós nunca recebemos, depois da leitura, depois daquele monte de artigo, aquele monte de coisa, você acaba tendo uma visão, tua postura muda, a minha postura é bem diferente de quando eu entrei, totalmente diferente.

P: Com os alunos você diz?

M: Com os alunos, com os profissionais, com os professores, então tipo assim, é... há muito respeito, principalmente da parte deles junto comigo, e a minha com ele, porque eu sei até onde vai o limite dele, até onde o professor pode ir, até onde eu posso cobrar, entendeu? O que eu posso reclamar, o que não posso, quais são meus direitos, quais são meus deveres, então deu uma visão bem ampla disso, embora algumas coisas eu tenha esquecido, depois de tanto tempo já esqueci muita coisa.

P: Ah sim, é assim mesmo. E como é a relação entre você e os professores?

M: Ahh é ótima.

P: É.

M: Verdade, muito boa.

P: E você acha que mudou alguma coisa depois do curso?

M: Não, como eu sempre tive um bom relacionamento com eles, né, eu sempre tive um bom relacionamento com eles, então acho que não mudou muita coisa.

P: E com a direção? É a mesma pergunta.

M: Ah não, mudou bastante, eu tenho uma postura mais assim, eu sei quais são meus direitos, então não vem achar que eu não sei, entendeu, então assim eles sabem que eu sei, sou uma pessoa que batalho pelo meu conforto, pelos meus direitos dentro do trabalho.

P: Sim.

M: Assim que eu vou aceitar uma resolução que eu sei que está certa, entendeu, eu sou uma pessoa que, eu corro pelo certo.

P: Certo.

M: O que é meu é meu e o que é seu é seu, o que é de direito é meu e o que é de direito é seu.

P: E você acha que seu trabalho também é educativo?

M: Ah com certeza, com certeza, porque assim, tem muitas crianças aqui que falta suporte, falta família, e as vezes você, de educadora, de acolhedora, de psicóloga, de amiga, é de uma série de coisas que você não tem dimensão, do que é lidar com essas crianças, porque cada uma tem uma realidade diferente.

P: É ensino Fundamental?

M: É tem fundamental e tem médio, mas agora só fundamental, porque assim é muito desgastante, e as vezes você tem histórias que não tem explicação, sem explicação, então é de educadora, psicóloga, amiga, terapeuta.

P: Você conversa bastante com eles?

M: Muito, muito, eu converso demais, e você vê, é abraço, eles abraçam, beijam, é tia, porque as vezes é o único acolhimento que ele tem é aqui, entendeu, ahh eu gosto bastante.

P: Você participa do conselho da escola? Ou de algum outro?

M: Participei até o ano passado, esse ano eu sai.

P: E como que era?

M: Era bem emocionante! [risos].

P: É democrático?

M: É bem democrático, a gente discute, nós tínhamos reuniões periódicas, é bem democrático, a gente expõe nosso posicionamento, cobramos bastante assistência da direção em relação aos funcionários aos alunos, é bem legal!

P: Todo mundo fala? São ouvidos da mesma forma?

M: Sim exatamente, levanta a mão e, são dois professores, dois pais, dois alunos, direção, inspetores, todo mundo trabalhando para que a coisa flua.

P: Que bacana que funciona mesmo.

M: Então, e agora mudou a direção, agora é uma diretora efetiva, agora a coisa está mais democrática ainda.

P: Como assim?

M: Na verdade nós tínhamos uma diretora designada, e agora temos uma diretora que prestou concurso e efetivou, e agora ela é efetiva do cargo, e aí ela é bem legal, ela tem uma visão mais ampla da coisa.

P: Ah que bom. Eu já te perguntei sobre o plano de carreira, que você falou que não tem.

M: Não tem, é uma tristeza.

P: Você participa de algum sindicato?

M: Sou da AFUSE.

P: AFUSE é...

M: Associação funcionários públicos do estado de São Paulo.

P: Que aí junta com outros funcionários?

M: Não, só da educação.

P: E agora vou fazer umas perguntas que são referentes ao que você respondeu no questionário.

M: Sim.

P: Você concordou que o curso foi para seu crescimento pessoal, mas não para o crescimento profissional, e aí porque você acha que foi bom o crescimento pessoal, mas não p o profissional?

M: Porque assim, eu aprendi muita coisa que eu não sabia, realmente aprendi bastante, aprendi a lidar com pessoas, aprendi sobre gestão democrática, aprendi sobre a educação em si, só que assim, como evolução profissional não existe, você faz um curso que vai ficar na inercia, está lá, é só um certificado.

P: Entendi.

M: Que não vai agregar valor nenhum ao seu salário, a sua carreira, não vai ter promoção, não vai ter nada, então pessoalmente eu evolui bastante, profissionalmente lamento.

P: Entendi. E aí, ah você já falou que mudou o jeito de agir com os alunos depois que realizou o curso, mas você sabe explicar um pouquinho porquê? Como você mudou?

M: Eu acho, a minha visão sobre lidar com o aluno, eu acho que assim, quando eu entrei na escola nós tínhamos aquela visão repressora, que criança tem que ficar dentro da sala, mas as vezes você pensa assim, que o aluno vai ter 2, 3 aulas vagas e é entediante para as crianças ficar 2 ou 3 aulas sem professor, isso no estado acontece muito, e aí você começa a ver, você tem que ter uma outra dinâmica com eles, você tem que ter uma outra didática, uma outra abordagem. Você tem que começar abordar a criança de um jeito diferente, porque cada aluno, assim, nós temos uma sala com 30, 40 alunos, e cada criança é única, e se você for abordar todo mundo da mesma forma, tem criança que chora, tem criança que é agressiva, então você tem que ter essa visão, que lidar com pessoas é diferente, cada um tem um significado e aí é para você ter respeito você não precisa agredir, para você ter respeito você tem que ser parceira, mas assim você tem que ter autoridade, mas com respeito, autoridade respeitosa não é autoridade de gritar e berrar mas é autoridade de que o aluno veja em você alguém que ele possa confiar, que se ele não te respeitar e magoar ele está perdendo, então assim, ele tem que saber que está perdendo, entendeu? E o valor para ele, se ele te magoar, te machucar, se ele fizer algo para você ele vai perder, não vai ser você. Então é essa visão que eu acho, mudou muito a dinâmica de lidar com eles.

P: Você não concordou com essas afirmações: que é a forma de você trabalhar na escola mudou, que os outros funcionários te tratam diferente, aí você também colocou que a relação entre você e os alunos não é muito boa.

M: Eu coloquei isso, jura?

P: Colocou [risos].

M: Gente!

P: Então eu queria que você falasse um pouquinho como você vê essas questões, você acha que o outro jeito, que algum outro tipo de informação, poderia contribuir para melhorar?

M: Ah eu acho que assim, acho que deveria ter um curso menor, de menor tempo até, só para efeito, porque hoje eu acho assim, o governo acha que o agente de organização não faz nada, e muito pelo contrário ele ainda é a base da pirâmide né, e eles deveriam antes, vai ingressar, o agente vai ingressar vamos fazer um curso preparatório, falar o que vai acontecer, como é que vai ser, não precisa ser um curso de seis meses, um curso de um mês, pode ser ao sábados, olha vai ser o aluno, você vai lidar com o aluno, você vai lidar com o pai, preparar eles, as vezes vem agentes muito crus, principalmente, não estou generalizando, mas tem muitos homens que são meios ásperos meio grossos ou então dóceis demais e aí fica meio

complicado, eu acho que fica complicado, então eu acho que devia ter uma preparação, assim como o professor tem um curso preparatório online, eu acho que deveria ter uma preparação também um curso para o agente.

P: Mas prático para o trabalho?

M: Exatamente, porque assim você faz o concurso e está lá, as normas que regem o estatuto do agente, mas e aí? No dia a dia é totalmente diferente, é uma outra situação.

P: E quando vocês vêm para escola você podem ir tanto para secretaria, inspetoria, que outros lugares que o agente vai?

M: Só.

P: Só para estes lugares?

M: Só.

P: O pessoal de cozinha, de limpeza...

M: Pessoa de cozinha é tudo terceirizado.

P: Ahh tá, mas faz pouco tempo, né? Na Prefeitura faz pouco tempo não sei no estado.

M: No estado também, antigamente nós tínhamos os cozinheiros, a limpeza sempre foi terceirizada, a cozinha era da escola, mas o governo fez uma faxina, são poucas escolas que tem funcionários da cozinha, só tem funcionários da cozinha aqueles que ainda não se aposentaram, eles juntaram.

P: Mas era agente escolar também? Era o mesmo concurso?

M: Não. Era agente de serviços, era outro concurso.

P: Bom eu acho que é isso, ah é você também concordou.

M: Aqui é muito boa, muito boa mulher, a minha relação com os alunos.

P: Não, mas você não concordou...

M: Ah tá

P: Você falou que você participa de reunião que você já falou...

M: Sim.

P: Além dessa reunião de conselho, vocês têm reuniões de grupo?

M: Sim tem.

P: De formação, de algum tipo de formação?

M: De formação não tem.

P: Não? Que tipo de reuniões vocês têm?

M: Tem reuniões, reuniões com os próprios agentes, para reforçar algumas coisas que acontecem na escola, como prontuário, lidar com o aluno, quem fica designado a fazer o que, então são reuniões de trabalho mesmo, para resolver situações que acontecem no cotidiano.

P: Entendi.

M: Mas não são reuniões periódicas, 3 em 3 meses, 4 em 4 meses, quando a gente vê que a coisa está desembolando.

P: Ah tá, não é que tem uma periodicidade?

M: Isso, apesar...

P: Quando precisa ela chama?

M: Exatamente, até mesmo quando a gente pede, nós fazemos, é assim, tem uma visão bem aberta deles que, olha preciso falar sobre tal assunto, aí eles falam, a gente conversa, sempre tem aquele, tem um canal direto aberto, isso é muito bom.

P: Então, está bom, obrigada!

M: Acabou é só isso?

P: Sim! Obrigada!

P: Mas sabe o que estava pensando agora? Que você achou que tinha concordado, né?

M: É...

P: Mas no fim o que você acha mesmo? Agora repensando...

M: Não, eu acho assim, a minha visão sobre a educação, eu acho que o governo abandonou totalmente a educação, estou falando por mim, que ele abandonou a educação, que tem coisas que poderiam melhorar muito, tem coisas que eles fazem que é desnecessário. Aqui é uma região muito carente, carente de atividades relacionadas ao desenvolvimento humano para crianças, e é tudo muito abandonado, se você pega um professor com boa vontade, se você pega uma equipe com boa vontade, nossa, essas crianças deslancham, e assim tem muita coisa boa aqui, mas infelizmente está naquele, o governo poda muita coisa. Não chega material para a gente, tem alunos que precisam de auxílio, tem necessidades especiais, tem alunos que vem para gente sem ser alfabetizado, isso corta o coração, porque chegam alunos no 6º ano com 11anos que não sabem escrever o nome, então é muito triste, essa área de aprovação, aprovação, aprovação! É um déficit muito grande, aí vão aprovando, passa porque está na idade, passa, passa e passa, aí chega no 9º ano e não sabe escrever o nome dele, o que ele vai fazer da vida dele? Porque essa criança não sabe ler? Nunca foi dado? Aqui nós estudamos, estes anos nós começamos um projeto de reforço, desde o ano retrasado, né. É um projeto de aulas de reforço, para alfabetizar umas crianças e é muito bom, é muito bom quando você vê um aluno que nem sabia ler e escrever o nome, começar a ler, entendeu. E, no entanto, eles têm muita vergonha de ir para aula de reforço, mas depois que eles pegam gosto é prazeroso, é maravilhoso de se ver, e é assim, nós não temos recurso nenhum, não tem uma cartilha especial de alfabetização, é boa vontade do professor de chegar e fazer uma seletiva de quem não sabe ler.

P: E esses professores de reforço é como se fosse um projeto e aí eles ficam?

M: Então na verdade, teve uma professora que pegou esse projeto para si, ela abraçou e falou assim nas minhas horas vagas eu vou fazer. Agora não sei onde a professora que é readaptada está com este projeto dando andamento, entende? Para poder a criança, eu acho inconcebível, você vir, porque assim os 6º anos só vem para cá depois que eles vêm de outras escolas, a gente pega só os 6º anos.

P: Ah é a partir do 6º ano?

M: Isso a partir do 6º ano, e quando você chega aqui você faz uma peneira, você pega 20, 30 alunos que não são alfabetizados, isso é de cortar o coração.

P: Quantas salas?

M: 6º anos são 6.

P: Nossa, bastante.

M: Bastante, é que pegamos de três escolas aqui e nós temos os 6º anos aqui sim. E você não ter, eu acho assim, é um trabalho da comunidade como que o pai não observou que seu filho não sabe ler, como é que você chega na escola no 6º ano e seu filho não sabe ler? Você vai para escola, aí você convoca o pai aqui, para falar assim, olha senhora o seu filho não sabe ler, você nunca percebeu isso? Ele tem algum problema? Ele tem problema de visão,

ele tem problema de audição, ele tem algum problema, sabe motora, dislexia, a gente fica perguntando o porquê, entendeu, Ana Paula?

Então assim é frustrante, eu acho frustrante, eu acho que o governo peca muito nesta aprovação continuada, sabe, vai aprovando, aprovando, o importante para mim é que tenha se formado, se formado em que? Se não é formado para a vida, entendeu? E aí, é isso que me deixa chateada.

P: Mas é de ficar mesmo chateado.

M: Fica, porque é assim, educação é para isso, não é verdade?

P: Mas acho que a questão nem é a de aprovar, a questão é que tem que recuperar este aluno.

M: Exatamente.

P: De fazer alguma coisa antes, vai esperar acabar o ano?

M: Exatamente!

P: Não aprovar, acabou o ano agora a gente faz uma recuperação de uma semana.

M: Exatamente.

P: Vê que não está aprendendo tenta recuperar o aluno durante o ano.

M: Exatamente.

P: Se ele conseguir passar de fato né.

M: Mas não acontece isso, infelizmente. Mas está bom! Vai que você ainda tem uma viagem para fazer!

P: Obrigada, viu?

M: Imagina! É isso!

Apêndice G – Transcrição da segunda entrevista com a Júlia (04 de maio de 2018)

P: Pesquisadora

J: Júlia

P: Eu queria que você me contasse um pouquinho como é seu trabalho na secretaria, como é um dia da Júlia na secretaria?

J: Um dia como a Júlia? Serviço? Olha, eu faço muita coisa lá, muita coisa, assim parte administrativa bem pesada porque eu não vou para inspetoria, então só fico na secretaria, eu escaneio documentos, passo e-mail, atendo guichê é o que mais faço, telefone, todo tempo, o tempo todo, atendimento ao público, primordial, confecciono os históricos, cuido da parte de sistema de SED [Secretaria Escolar Digital], EOL [Escola Online], porque o SED é do estado e o EOL é da prefeitura.

P: Mas aí são as informações de nota, essas coisas, dos alunos ou não?

J: Então nota... O estado funciona de forma diferente da prefeitura, o estado só tem SED, as notas SED, professor SED, é tudo no SED. Na realidade o SED é o que manda, só que a prefeitura tem outro programa que é como se a prefeitura quisesse tem um programa só dela, só que um programa só dela depende das informações do SED da alimentação do SED também, porquê? Porque, por exemplo, quando eu vou ver um aluno, quero achar o RA de um aluno, ver o histórico escolar dele, em todas as escolas que ele já passou, é SED não é Prefeitura, então a prefeitura ela quer ter o programa dela para administrar só o âmbito dela.

P: Mas tem informações diferentes? Ou não? Tudo que tem na prefeitura vai ter no outro? Ou não?

J: Não, aí no estado é a parte, na realidade o estado é como se fosse o carro chefe, e a prefeitura como se fosse uma parte menor, mas é um programa a parte, por exemplo, as informações que a gente coloca como promoção, retenção, aí tem que ir para o SED, automaticamente o SED tem que está, eles na realidade os programas tem que estar conversando um com o outro, só que é difícil porque aí tem problema de sistema, erros de sistema sempre tem, sempre tem, eles implementaram um sistema agora, antigamente era a Prodesp e agora eles implementaram o SED, e a gente utiliza o SED para fazer consulta, para fazer inscrição do aluno, na realidade, eu acho, particularmente que o estado tem mais autonomia, porque, porque para colocar aluno na sala, o estado consegue colocar, o estado consegue puxar um aluno que está compatibilizado numa escola, ele já consegue pegar aquele aluno e puxar já para dentro da sala dele se ele quiser, se tiver vaga na escola dele dentro da turma.

P: Mas isso tem alguém que está fazendo? Da escola?

J: Sim, é uma pessoa que está mexendo no sistema, então o estado ele tem essa autonomia a gente não, por exemplo, se a criança está compatibilizada, compatibilizada que eu digo é quando está para nossa escola, certeza que é para nossa escola, no sistema já está resultado de compatibilização, aí se está, muitas vezes a gente vai colocar no sistema no EOL, é assim quando compatibiliza na Prodesp, no SED, uns dois três dias, deveria né! Cair no EOL, quando cai no EOL, só quando cai no EOL que a gente pode efetivar essa matrícula, enquanto não cair no EOL mesmo estando compatibilizado no SED a gente não consegue fazer a matrícula e muitas vezes a gente faz a matrícula no EOL mesmo que já tenha caído no EOL, faz a matrícula e no SED continua compatibilizado. Aí o que a gente tem que fazer? Porque aí a escola liga, por exemplo a criança não quer estudar na nossa escola, para ela poder fazer a inscrição, para a mãe poder, o responsável, poder fazer inscrição em uma outra escola a criança tem que estar dentro da sala de aula no SED, então o sistema não deixa, em estado de compatibilização, o sistema fica, é como se ele não conseguisse fazer, o é como se a criança não conseguisse fazer em nenhuma escola, fica parado é como se a situação ficasse pendente. E aí a gente tem que recorrer a diretoria de ensino, falar: “olha você poderia colocar

na sala para mim?”. Não é a gente que faz, então a gente fica meio, é complicado porque vão surgindo vários casos, várias situações diferentes, então a gente tem que, então no meu caso tem que ter atenção lá, na secretaria você pega documentação você tem que saber o que você está analisando porque vem documentos de vários lugares até documentos do exterior, crianças que estudaram em outros países. Na realidade o certo seria levar essa documentação no consulado e traduzir, nossa muitas vezes quando não tem documentação, que a gente não pode negar vaga, quando não tem documentação a gente tem que fazer de acordo idade e série, de acordo com a idade da criança a gente coloca na série que ela deveria estar. Infelizmente é assim, falo infelizmente porque não sei se a criança, está realmente nesta série, não sei, se a criança está vindo sem histórico nenhum, e aí é desta forma que são feitos os históricos. A gente analisa, tem a questão de ano que antigamente era só série, agora tem ano, então você tem que fazer tudo certinho, que o nono ano corresponde a oitava série e assim, mas...

P: Mas tem série ainda? Tem né? Os últimos anos?

J: Tem escolas que emitem o histórico com série ainda, e tanto é que, a gente na escola eu mesmo que faço, eu vou lá e faço uma declaraçãozinha, elaboro uma declaração, elaboro um histórico, o histórico que eles mandaram, que a DRE mandou... Claro a gente tem que seguir um padrão que eles mandam, mas assim, que nem, eu gosto muito de trabalhar no Excel, eles mandaram um histórico em Word, como que vou fazer um histórico em Word? Não dá, aí é muito limitado é horrível, aí eu peguei toda, tem um dia que eu peguei, acho fiquei um dia ou dois dias fazendo aquilo, eu peguei o histórico que eles mandaram em Word e remontei ele no Excel, aí eu remontei tudinho no Excel, porque eu prefiro mil vezes trabalhar com o Excel, é muito mais fácil, mais prático no dia a dia da escola, não tem como você ficar no Word quebrando a cabeça, para ver como que fica a linha da tabela que não fica direito, ah não dá!

P: Nossa, mas todo histórico dos alunos vocês precisam digitar tudo? Não sai do sistema?

J: Então, não! Eles estavam querendo implementar isso pelo EOL, porque na realidade o EOL, ele tem as informações, a parte dos alunos que eu cuido mais, que eu entendo muito da parte dos alunos, a parte de professor também tem, que eu entendo parcialmente não numa totalidade.

P: Por que quem faz mais a parte dos professores é a secretária?

J: É a secretária, como pagamento, é ela que aponta. Eu até estava ajudando como este ano está com muito serviço eu não tive tempo de falar “olha vou fazer a planilha” porque ela estava até me ensinando a parte do pagamento no papelzinho, colocar as bolinhas de presença, fazer todas as anotações, de desconto de jornada, todas essas coisas e porque a gente tem falta abonada, falta just. [justificada], injust. [injustificada], então tem uns apontamentos que a gente faz na folha individual de cada um no mês. E eu não tive tempo de tanta demanda no serviço eu não consegui parar de novo, porque eu já estava fazendo isso e ela só ia me orientando, mas aí não consegui, não tive tempo para isso. Algumas situações assim ela que resolve, mas eu, por exemplo, se ela não está, vem um e-mail lá falando para apontar no sistema, descontar jornada, hora/aula de uma servidora, ela não estava, eu fui lá eu sabia como fazer, e aí fui lá no sistema e apontei, tomei até a liberdade porque tinha que fazer, mas depois eu sempre falo tudo que eu faço que não é, que não costumo fazer eu comento e falo, mas assim tem bastante coisa! É TID, tramitação de documento, tramitação interna de documento que a gente faz, a maioria das coisas tem que ter TID, ou seja, você está fazendo um documento um memorando, para DRE lá eles têm um setor de expediente, então a partir do TID que está anotado, em caneta mesmo.

P: TID é um número? Um processo?

J: É um número, Tramitação Interna de Documentos, aí você coloca o número, primeiro você cadastra no sistema, para qual setor vai dar DRE, para qual setor, bem para qual setor que vai para DRE, lá mesmo no expediente vem um memorando para qual setor que está escrito

no memorando, aí eles encaminham, mas é para DRE. É porque têm várias secretarias, então lá a gente tem que especificar que é da educação, então vai para diretoria. Cada escola tem um código, e a cada diretoria também tem um código.

P: Tem várias diretorias de ensino também?

J: Tem diretoria da Penha, Jaçanã, tem várias, Itaquera, tem bastante diretoria da prefeitura, e aí tem as diretorias da prefeitura e as diretorias também do estado.

P: É verdade.

J: Entendeu? Então tem, a nossa fica na [nome do bairro]. [nome do bairro] não, a nossa é DRE [nome da DRE] que fica no [nome do bairro], nada a ver, mas é no [nome do bairro], na rua [nome da rua.] E assim, a gente vai fazendo bastante coisa. Eu aprendi muito, eu estou nesta escola desde 2013, antigamente eu era inspetora, eu continuo sendo ATE, mas eu só trabalhava na inspetoria, eu não tinha experiência na secretaria, desde 2013 para cá eu aprendi muita coisa, muita coisa mesmo. Então a gente faz tudo ali.

P: Bastante coisa, né! E tem algum documento que fale o que é o trabalho da secretaria ou não?

J: Tem as atribuições do cargo eu exatamente não sei aonde que está a portaria, qual portaria que é, mas tem as atribuições de cargo de ATE, do cargo de assistente do diretor, do quadro de apoio tem as atribuições sim.

P: E você acha que seu trabalho seria diferente se fosse num outro lugar, se fosse numa empresa, por exemplo?

J: Eu acho que não.

P: Você acha que não?

J: Diferente? Em relação a meu comprometimento não.

P: Mas eu digo porque é uma escola, o que você acha, você acha que o trabalho de uma empresa seria diferente de um trabalho de uma escola mesmo que ele seja na secretaria?

J: Então, eu acho que na empresa na iniciativa privada, na escola a gente sofre até uma certa pressão, mas não é uma coisa assim... É porque na empresa, na iniciativa privada ela visa muitas metas, então assim, eu acredito se eu tivesse numa empresa privada eu acredito que meu trabalho seria mais estressante, eu acho. Porque tem momentos de calma e momentos que acabam se tornando estressante porque as vezes ficam muitas pessoas num guichê então tem gente que não tem paciência, tem gente que é mal-educado com a gente, que acontece. Então assim, as vezes se torna estressante por conta disso e também pressão da diretora tem essa questão também. As vezes ela quer, porque tem diretor que quer tudo na hora, não importa o que você está fazendo, é na hora. Mas aí nem sempre dá para fazer na hora, vai correndo mesmo contra o tempo para atender as duas partes, vai fazendo, mas na iniciativa privada eu acredito que ia ser mais pressão por conta disso. A cobrança é muito maior, a cobrança é maior, eu acredito que o serviço público, eu não estou dizendo que não seja bom, mas assim questão de erros, por exemplo, em questão de erros aqui é tolerável, mas na iniciativa privada não. Então professor que fica faltando muito não ia ser assim na iniciativa privada eu tenho absoluta certeza, eu sempre falava assim “ai se a prefeitura fosse uma iniciativa privada, 50% não estaria trabalhando mais nela” porque não é possível, tem muita gente que deixa até a desejar nesses aspectos, a gente não pode generalizar porque os profissionais são bons eu acredito, tem muitos profissionais muito bons. Digo mais professores porque conseguem acumular, a gente não, se eu fosse para iniciativa privada eu teria que ir para um cargo de seis horas, não oito, porque eu já tenho um cargo de oito horas e meia, como é que vou, é complicado, é cansativo, e eu mesmo não posso acumular como professora, só se eu for professora de escola particular, aí eu poderia, mas aí é mais puxado na iniciativa privada, a cobrança é maior na iniciativa privada.

P: É... O que eu estava pensando era alguma coisa no sentido do porquê uma escola, sei lá, trabalhar numa escola ou – mesmo que seja num cargo público – mas trabalhar na secretaria, não sei, talvez na secretaria da saúde ou talvez de outra coisa.

J: Então da saúde, eu acho que é ali com educação, acho que a saúde deve ser estressante, deve ser estressante por conta também porque você está lidando com pessoas, o lidar com pessoas, não que seja bom, mas você acaba criando habilidades de conversar com o público, quando eu entrei aí, eu não era assim para conversar, eu comecei a adquirir certas habilidades com a prática, tudo é com a prática, mas que nem todo serviço que você tem que atender o público, exige muita, assim, você vai ter que aprender, vai aprendendo a lidar com muitas situações conflitantes, porque é são pessoas, você lidar com pessoas acaba sendo muito estressante em algumas situações então a área da saúde também é outro setor... Agora se for uma subprefeitura eu acredito que seja bem mais *light*, uma biblioteca, bem mais tranquilo, não sei, entendeu?! Mas eu suponho que a área da educação, que nem escola, a saúde mesmo, o posto de saúde não tem como ser, você está sujeito a determinadas situações que é do serviço, não tem como fugir.

P: É verdade. Agora vou te fazer uma pergunta do curso. Você acha que tem alguma coisa no curso que você lembre que te ajude neste trabalho da secretaria?

J: Que me auxiliou?

P: É.

J: Não sei, talvez essa questão mesmo de lidar com as pessoas eu acho que contribuiu neste sentido sim.

P: Entendi. E como que o trabalho de auxiliar de secretaria pode ser educativo? Como que você acha?

J: Como que pode ser educativo?

P: Mas pensando nessa função que é auxiliar de secretaria, é auxiliar de secretaria que chama, né?

J: É auxiliar técnico de educação, é que o nome...

P: Mas na secretaria, pensando na secretaria.

J: É, porque no caso da inspetoria acho que nessa questão da educação é mais forte, porque eu tenho pouco contato com o aluno, das poucas vezes que tenho eu tento fazer, mediar algumas coisas, mas assim porque eu estava ali naquele momento e aconteceu.

P: Mas é pensando no que você tem que fazer mesmo.

J: No meu serviço?

P: É.

J: Nossa! [risos]. Que atinja o aluno?

P: Não, que seja educativo que você entenda que a educação esteja envolvida.

J: Ah o setor administrativo está indiretamente, né? Na realidade é que ele não está diretamente, ele está indiretamente. Na realidade ele vai administrar tudo, no final das contas ele administra tudo, né? A situação de vida dos alunos escolar, mas acredito que é neste sentido porque efetivamente no aluno não existe o serviço em si. As vezes como educador que você está dentro da escola aí acontece algumas situações que aí você pode até entrar nesta parte mais educativa que é referente ao aluno. Que nem um aluno segunda feira pegou e quebrou um vidro numa sala de aula. A assistente de diretor estava brava para caramba aí eu perguntei o que aconteceu, e o menino era do oitavo ano, aí eu virei, aí ela virou para mim e falou assim: “olha o que ele fez, ele quebrou o vidro”, aí eu virei e falei assim: “mas porque você fez isso? Você está maluco? Como é que você vai quebrar um vidro?”. “Aí não sei, é

porque fulano de tal falou para eu bater no vidro” e falei para ele: “Ahh, então se o menino falar se joga do sétimo andar, você vai se jogar, né?”. Daí ele “não”, “Como não? Porque você não vai se jogar? Ele está mandando você se jogar”. Entendeu? Aí você começa o que? Provocar uma certa reflexão para ver se né!! Se o adolescente entende o que ele fez, aí essas questões a gente até, mas é só isso. Diretamente não tem, diretamente não, só quando, por exemplo, hoje a menina ligou, a menina foi lá, porque quando eles tão passando mal, eles vão lá, “aí você pode ligar para meu pai? Você pode ligar não sei para quem porque eu estou passando mal”. Eu falo: “Nossa, mas você acabou de entrar o que está acontecendo?”. “Ai eu estou me sentindo enjoada”, aí eu pergunto: Você comeu? São esses diálogos que a gente fala. Precisa comer para vim na aula, se não vai passar mal, até quando estão com o tênis desamarrado eu não aguento, “olha o tênis desamarrado, vai lá e amarra”, essas coisas aí eu vou falando.

P: Entendi. E você gosta do seu trabalho?

J: Eu gosto, eu gosto. Eu queria assumir como professora, mas infelizmente ainda não tive oportunidade, até por conta de carreira, que nossa carreira na realidade não tem carreira, de auxiliar técnico de educação, infelizmente não tem na prefeitura, tem o cargo mas não tem carreira, então eu acho que é um...Eu gosto muito do que eu faço, muito e se eu ganhasse melhor, nesse cargo, não sei, talvez nem iria pra uma sala de aula nem sentiria muita vontade até porque na sala de aula tem muitos desafios também, não é só entrar numa sala de aula e você acha que vai estar, nossa perfeitamente bem, porque você está lidando com uma sociedade, os alunos, assim os alunos estão com uma, é, eu na minha visão os alunos estão com uma pobreza de estrutura familiar, não é a família só, o pai e a mãe, o filho, é a família mesmo, não tem muitas vezes e isso se torna muito complicado para o professor, porque assim, a escola ela tem que educar, o professor educa, mas desde que a família também, é uma coisa no paralelo, não é uma obrigação só da escola, é complicado também, né! Esses dias eu recebi uma charge eu até te mando é de 1800, 1900 e pouco bem para trás, aí estava lá [risos] a professora na mesa aí o menino, menina, sei lá com nota baixa e os pais brigando com a menina porque ela tirou nota baixa e aí em baixo está 2018 a menina com a prova, nota baixa e os pais brigando com a professora porque ela tirou nota baixa, entendeu? Então não dá ne, a escola a educação, claro é importante? É, e agora a educação está em casa, a base familiar é também muito importante, a base acho que é fundamental, a escola, claro é importante, é, mas é como se fosse uma complementação, né?

P: Entendi. E porque você escolheu fazer o concurso para ATE?

J: Porque na época eu estava desempregada, eu não estava trabalhando em nada assim, eu não via muita perspectiva, porque antigamente eu era muito, eu me formei em técnica de artes gráficas! Aí eu fui trabalhar no Diário de São Paulo, quando eu me formei, eu não tinha muita visão, quando a gente é mais nova, a gente acha que tudo é lindo e maravilhoso, que a escola nunca vai acabar e eu estudava num período integral todos os anos da minha vida eu estudei no período integral.

P: Ah você fez técnico?

J: Então, sim eu fiz técnico, mas no ensino médio, mas desde a creche só estudei período integral, todos os anos da minha vida.

P: Você estudava em escola particular?

J: Escola particular, mas bolsista porque eu estudava naquela escola da [nome da empresa] não sei se você já ouviu falar.

P: Não.

J: É uma escola da Fundação [nome da fundação] muito boa a escola e meus pais trabalhavam na [nome da empresa], então...

P: Seus pais são professores?

J: Não, e na época, só os filhos dos funcionários da [nome da empresa] que estudavam nesta escola, eu estudei lá, todos os anos da minha vida, todos os anos da minha vida. Então eu não tinha muita, eu fui acostumada meio que, estava confortável para mim, porque, eu nunca mudei de escola, nunca, aí quando, no ensino médio eu estava... Porque na minha escola, na época que eu estudava ofereciam várias cursos, aí aconteceu o baque da [nome da empresa], muita gente foi mandada embora e aí o que me pegou, na época os alunos só tinham duas salas e aí eles... Chegaram ao ponto que iam fechar a escola só que na época a gente não ficou sabendo disso, depois que a gente ficou sabendo e só os melhores alunos que iam para o primeiro ano do ensino médio, então na época eu fiquei desesperada porque eu não consegui, fiquei em quarto lugar na lista de espera e minha mãe ficava gritando comigo, falando: “está vendo você não estudou, era para você ter conseguido ter se encaixado nas vagas dos melhores alunos” pronto, era o fim.

P: Mas que coisa terrível para eles fazerem, gente!

J: Foi o fim, nossa!! E eu sempre estava acostumada com aquela escola, imagina eu ia para a escola [nome da escola], eu vi um menino lá xingando a moça e começava a chorar porque eu não queria ir para a escola do estado de jeito nenhum, porque eu estava acostumada com o conforto é lógico, entendeu? Era bonitinha aquela escola, ninguém gritava com ninguém, entendeu? Não que nós, os adolescentes fossem santos não, era diferente era uma outra realidade, então na hora que eu terminei o ensino, só sobrou o curso de artes gráficas, na época...

P: Em escola técnica?

J: É escola técnica [nome da escola], hoje não é mais escola técnica [nome da escola] porque acabou, depois, o nosso curso foi o último que é de artes gráficas, como eu consegui a vaga? Porque tinha caído fora, eu não estava mais...

P: Ah isso era na [nome da empresa] também?

J: Isso na [nome da empresa] na escola [nome da escola] como eu consegui? Pela sorte que teve gente que desistiu, os alunos desistiram, uns quatro da minha turma desistiram porque eles moravam mais longe aí não queriam fazer o curso técnico porque só sobrou este curso técnico de artes gráficas, quem não queria sair da escola teve que ser obrigado a fazer o curso técnico de artes gráficas.

P: Ahh entendi, achei que você tinha feito o curso técnico em outra escola.

J: Não podia, você tinha que fazer junto.

P: Entendi.

J: Eles ofereceram o ensino médio desde que fizesse o técnico que eles ofereciam, muita gente não quis e foi embora, foi a minha sorte porque eu estava lá no comecinho da lista de espera e fui, fiquei no ensino médio lá e fiz lá. Só que assim eu não tinha visão, eu fiz o ensino técnico de artes gráficas e fui trabalhar no Diário de São Paulo, passei por uma entrevista e fui selecionada para fazer estágio, fiquei um ano lá, só que assim eu não tinha visão do que eu queria, até tinha só que eu ganhava muito pouco lá do estágio e a faculdade que eu queria, era designer gráfico na época, mas só que era no Morumbi e a outra era caríssima que era na Belas Artes que é lá na Vila Mariana.

P: Bem cara mesmo.

J: Então, e na época já era cara e meu salário era o que? Na época acho que era uns quatrocentos reais o meu salário, aí eu não falava para o meu pai: “paga faculdade para mim” não, não tinha bolsa nem nada, aí fui levando, na realidade eu perdi tempo, se eu pudesse voltar atrás eu teria feito um intercâmbio depois que eu sai da escola, feito um ano de intercâmbio para voltar para o Brasil, aí eu teria talvez feito uma faculdade com a cabeça um pouco melhor.

P: Mas você fez faculdade? Você fez biologia não foi?

J: Sim, aí fiquei um ano no Diário, fui mandada embora, não fui mandada embora não, terminou o contrato, terminou o contrato só que eles não renovaram eu fiquei um ano lá, foi por um ano o contrato, e aí como não fiz faculdade eu não gostava, eu deixava claro isso, porque eu não gostava de produção, entendeu? eu não gostava, era produção no KM 16.5 da Anhanguera que é no parque gráfico. Mas assim foi bom pela experiência que eu tive, eu era muito imatura também e aí depois que eu sai eu fiquei parada eu ia nas entrevistas e achava um absurdo ter que passar por entrevistas de dinâmica em grupo. Porque eu achava assim na minha cabeça, de certo modo ainda acho, que tem pessoas que são tímidas, mas não é porque a pessoa é tímida que ela não saberia lidar com algumas situações, porque na realidade quando você está em grupo você não conhece as pessoas então você fica com receio você fica tímido lógico você não conhece, então assim, paraquem é muito novo e tem timidez para mim era terrível, passava na entrevista, uma vez fui fazer uma entrevista na editora Ática lá na Liberdade aí a psicóloga, acho que era psicóloga, ela falou assim: “Se você não fosse você quem você gostaria de ser?” “Não sei, eu lá vou saber quem eu gostaria de ser” entendeu? “Eu gostaria de ser eu mesma, eu falei, eu acho que na hora eu reprovei, [risos] eu não sei o que era para ter respondido, você nunca sabe o que é para responder.

P: E o que eles estão esperando...

J: Então eu detestava, eu achava a iniciativa privada... A dinâmica em grupo terrível, eu não sei se agora eles fazem essa metodologia, eu não sei.

P: Eu também não sei.

J: Eu não sei, porque depois eu fiquei, aí fui fazer cursinho também, totalmente desfocada porque eu nem sabia o que queria fazer de faculdade, só sei que passou quatro anos eu vi o pessoal tudo indo para faculdade aí eu falei “meu o que eu vou fazer?”, fui prestei o vestibular, eu prestei o ENEM, eu tinha feito o Enem, aí eu fiquei sabendo do Pro Uni e fiz pelo Pro Uni, só que até na época eu não sabia, eu gostava muito de administração, coloquei administração em primeiro lugar e biologia em segundo lugar, é que eu não consegui me encaixar na administração e eu fui para biologia.

P: Nossa, bem diferente, né?!

J: Então nada a ver, porque eu também gosto da área administrativa, eu gosto, entendeu? E como na escola eu sempre tive afinidade em biologia também eu sempre tive facilidade, aí eu acabei escolhendo o curso, mas as minhas opções de curso foram totalmente diferentes, e eu fiz também um curso técnico de, na época, eu prestei um concurso que a vizinha falou para minha mãe: “aí porque você não presta o concurso, você está desempregada”.

P: Foi antes de você entrar na faculdade, ou não?

J: Foi antes de eu entrar na faculdade, só que eu já estava, eu fiz tudo na mesma época, eu fiz o concurso da prefeitura e fiz o processo, a inscrição do Pro Uni na faculdade e na época eu também fazia um curso técnico de administração...

P: Ahh você estudou muito!

J: Que eu consegui passar. Que nossa, eu lembro que chorei eu não queria abandonar aquele curso, eu tinha vinte e um anos, eu acho, e chorei porque eu não queria abandonar aquele curso de administração que eu gostava.

P: Você abandonou por conta da faculdade?

J: É. Aí eu falei o que tem um peso maior a faculdade ou o curso técnico? A faculdade né, vou desistir da faculdade?! Aí eu fui, fiquei falando a faculdade toda que ia desistir, mas conclui o curso, acabei concluindo o curso, mas é porque na realidade eu não sabia o que queria fazer, entendeu? Eu fiz biologia foi mais por afinidade, porque, então é o problema da indecisão

atrapalha a vida da gente né! E aí até que depois entrei na área da educação e um monte de professor ficou me incentivando, “ah faz licenciatura”, “depois faz a pedagogia”, aí foi indo.

P: Ah é, depois você ainda fez pedagogia quando você acabou?

J: Sim, porque, as professoras me incentivam, né! Não, não dá aula para Fund. 2 não, vai para os pequeninhos, escuta o que estou te falando [risos] vai para os pequeninhos [risos], aí todo mundo falava: “nossa você tem certeza? ”, bom, o dia que eu fui fazer a prova são coisas tudo nossa cabeça, porque o dia que eu fui fazer, olha em 2012 eu reprovei na dissertativa, aí em 2016 o dia que eu fui...

P: Ah isso foi para a prova do concurso?

J: É, o dia que eu fui prestar a prova eu encontrei o professor na feira, era o caminho da prova, o professor virou para mim, o professor que trabalha comigo, virou e falou: “Você tem certeza que você quer da aula? Que você quer ser professora?”. Nossa aquilo acabou comigo!

P: Nossa gente que desanimador!!

J: [risos]. Eu estou indo para o concurso para prestar o concurso e encontra a pessoa para me falar isso! Eu cheguei naquela prova chorando! Foi aqui inclusive a prova em 2016.

P: Não acredito!

J: Eu cheguei chorando na sala, aí eu falei meu, não sei se é isso o que eu quero, porque a gente fica com medo, mas eu vejo o pessoal tudo aí vai de boa, tem gente que vira para mim e fala: “bobagem Julia, depois você tira de letra” porque não é assim do jeito que o pessoal fala, e não é realmente! Quando eu entrei na secretaria, para mim era um bicho de 7 cabeças atender o público, né! E agora eu tiro de letra, tudo é prática na vida da pessoa, tem gente que fala: Julia você não gosta de dar aula? Mas aí: Eu nunca dei aula, como é que vou saber se a gente nunca passar pela experiência como é que a gente vai saber?! Eu acho que a gente é muito... Nós, quando a gente está com 17 anos, 16, 17 a gente não tem maturidade para saber de nada do que a gente quer para nossa vida, é não tem. Tem gente que é mais determinado, fala: “é isso o que eu quero e pronto acabou”. Mas depende muito de criação, do seu ambiente, das experiências que cada um teve ao longa da vida, não é? Não tem como falar, ah não tem que escolher um curso entendeu? É muito relativo, as pessoas amadurecem em tempos diferentes tem tudo isso também, não é?

P: Tem gente que escolhe, parece que mais fácil, né?

J: Aliás os aprendizados, eles falam muito isso, que os aprendizados eles são meio contra seriação por causa disso, porque na realidade cada criança tem um ritmo de aprendizagem não tem como você padronizar todo mundo, não dá para falar que todo mundo tem que aprender em determinado tempo, por isso que tem muitos autores que são contra a seriação.

P: Todo mundo junto, né?

J: Sim.

P: E o que você acha que poderia ser melhorado no trabalho de auxiliar de secretaria?

J: O que poderia ser melhorado?

P: É.

J: Eu acho que poderiam, eu acho que a prefeitura tinha que oferecer mais cursos para o pessoal que está entrando na secretaria, porque o pessoal muitas vezes, assim, não sabe como lidar com certas situações acaba cometendo alguns erros que poderiam ser evitados... E isso é muito importante a formação, é o que te falei se não tem caráter não tem carreira, então é muito vago, não tem um respaldo forte né, uma orientação forte, eu acho que isso peca muito no serviço.

P: Mas aí o que um curso poderia ter para ajudar?

J: Um curso?

P: Uma formação...

J: Eu acho uma formação, porque na realidade eu aprendi com a secretária as coisas que eu sei, muitas coisas eu aprendi com a secretária. Outras coisas eu aprendi por conta, porque aparecem as situações eu não vou ficar esperando, ah eu vou deixar para outra resolver, eu sou do tipo da pessoa que assim, se eu consigo resolver eu vou lá pego o telefone e ligo, e falo olha: “está acontecendo isso, isso e isso”, entendeu? Aí eu gosto de resolver as coisas. Só quando eu não sei do serviço, aí tudo bem.

P: Entendi, mas que tipo de conteúdo você acha que poderia ter? Uma formação?

J: Então na parte de sistema, administração de sistema é muito importante, você entender como funciona, por exemplo, se fizesse um curso, talvez trabalhando até com legislação seria muito interessante, porquê? Porque tem escolas eu pego cada declaração errada, que eu falo meu deus do céu, é um documento de aluno! históricos errados, como que a pessoa confundiu oitavo ano com oitava série? A pessoa trabalha numa secretaria tem que saber, o que ela está escrevendo numa declaração, ela tem que saber o que ela está lendo num histórico, se o histórico está errado não aceita! Fala olha tem que refazer, ou se a pessoa tem condições na própria secretaria liga para escola que emitiu o histórico e pergunta, porque é complicado, aí você faz a matrícula na série errada, aí como vai fazer? Ai lá na frente que vai ver que o erro foi feito lá atrás, como vai fazer?

P: Mas e o que faz? Já aconteceu na escola? Aí o aluno frequenta a série errada?

J: Então aí, eu nem sei...

P: Mas é porque é tudo manual também, né? A chance de errar é maior...

J: Também acho, só que assim, chance de errar... Eu peguei um histórico a pouco tempo atrás de uma escola particular, nossa era uma escola aqui nas proximidades, nem vou falar o nome da escola, mas dava para ir a pé, eu falei assim: “ah, olha esse histórico eu recebi estava assim, quinto ano, sexta série, como estava o histórico? Quinto ano, sexta série! O quinto ano é a quarta série como que a pessoa coloca na coluna quinto ano sexta série?

P: Aí você não sabe se é um que está certo ou é o outro?

J: Aí sexta série, quinto ano... Estava totalmente estranho aquele histórico, aí eu virei liguei lá para a moça ela falou, “então, mas está certo”, não está errado, não aí eu peguei e falei assim: “mas é um histórico de um aluno que eu gostaria que você visse para mim, mas qual que é o problema? Como que eu vou explicar pelo telefone se a pessoa não está nem com o histórico na mão? Ai ela “aí então, acho que é melhor”, se você quiser eu vou aí, eu falei, como a escola é perto eu falei eu vou aí, então ela, ah então pode vir, aí eu fui, fiz questão de ir, porque o histórico estava totalmente errado, aí eu mostrei e ela ainda falando que estava certo, aí quando eu olhei ela foi fazendo lá, o programa faz tudo bonitinho, é um programa que ela só joga os dados, tudo.

P: Nossa o programa que faz e saiu errado?

J: Histórico, eu nunca tinha visto escola particular tem, só que adianta? Se você alimentar com informações errada o sistema ele é burro ele não vai entender, entendeu? Então você tem que ter uma lógica, aí eu fui falando, não deu certo do jeito que ela estava fazendo, aí eu peguei e falei faz isso aqui, você põe aqui, aqui e aqui aí ela fez exatamente do jeito que eu falei que era para fazer e deu certo, aí ela falando “está vendo, duas cabeças funcionam melhor que uma”, pois é né! [Risos], mas ela não dá o braço a torcer [risos]. Então escola particular!

P: Mas escola particular não é sinônimo de qualidade, né?

J: Sim e o histórico todo errado, e foi feito em sistema tudo bonitinho lindo e maravilhoso agora não adianta.

P: Ah não, porque tem alguns, se eu não me engano é que eu não sei bem como funciona o sistema de onde eu trabalho. Mas se eu não me engano, ele puxa as informações automaticamente, você fala assim “ eu quero o histórico do Joãozinho”, então ele pega qual série que ele está, que já está no sistema, e aí ele imprime, então você não precisa fazer nada manual, você só escolhe de quem você quer tirar. Então, acredito eu, que a chance de erro é menor a não ser que as informações todas, de nota, do ano que ele está...

J: Mas o que acontece? Tem que ter, mesmo tendo esses programas tem que ter, um certo, vamos dizer, não sei se é a palavra é a certa, mas um controle de qualidade.

P: Ah sim.

J: Porque você tem que verificar se o que você está apontando para o programa, o programa está entendendo da forma correta que é para emissão correta.

P: Ah sim, precisa ter uma pessoa...

J: Um controle de qualidade, porque se você joga as informações e não sabe se exatamente está indo no lugar certinho que você está colocando...

P: Ah é esse programa depende que alguém tenha colocado as informações no lugar certo.

J: Que alimente no lugar certo, exatamente isso! É o programa, o que estava acontecendo, entendeu? E a gente faz tudo manual isso é ruim? É, eu acho ruim porque é passível de erros e aconteceram vários tipos de erros já e a pessoa volta com o histórico e fala olha aqui “está errado” você fica com que cara? Sendo que a diretora assinou e a secretaria assinou. Ah tudo bem a gente refaz, mas vai fazer o que?

P: É! No final do curso de secretaria, voltando de novo, tiveram algumas disciplinas que eram próprias da secretaria escolar, eu marquei aqui quais são para a gente lembrar.

J: [risos] vamos ver se eu lembro.

P: Na verdade é só para você... Eu vou falar quais são, para você falar o que achou dessas disciplinas, se você lembrar delas, se não lembrar tudo bem também.

J: É porque faz tempo, né?

P: É, faz tempo. Vou te falar quais são: Contabilidade na Escola, Administração de Materiais, Gestão Democrática no Sistema e na Escola, Legislação Escolar, Técnicas de Redação e Arquivo, Trabalho Escolar e Teorias Administrativas. Aí eu queria saber se você lembra alguma coisa e o que você achou delas e se você acha que deveria ter outras disciplinas ou conteúdos mais específicos para função de trabalhar na secretaria. Você já falou de saber mexer no sistema e tal.

J: Isso, é porque são coisas específicas é complicado, para você ver essa escola que eu fui era um sistema diferente, a prefeitura trabalha com outro sistema, o estado trabalha com outro sistema e assim por diante, cada empresa vai ter seu sistema, sua forma de administrar que ela acha, não sei, o gestor acha que é a melhor forma de administrar. Para o meu serviço, você vai até repetindo as disciplinas, mas a primeira que você comentou é contabilidade, contabilidade eu não mexo com isso, não mexo, contabilidade sabe quem é que mexe? Uma professora readaptada, readaptada não, desculpa, ela é uma professora de sala de recursos multifuncionais que é o antigo SAAI (Salas de Apoio e Acompanhamento À Inclusão), que é para crianças com necessidades especiais que ela é da APM, e a assistente de direção, elas mexem com a contabilidade essas questões da APM, então eu não mexo com contabilidade, eu não mexo, quem está na secretaria efetivamente fazendo a gestão dos documentos de alunos essas coisas, contabilidade é a parte.

P: Assistente de direção pode ser um ATE também?

J: Não, assistente de direção é... na realidade é carreira.

P: A pessoa prestou concurso para ser assistente de direção?

J: Não, o secretário e o assistente de direção são cargos de confiança.

P: Ahh, designado?

J: Designado, mas tem que ser docente.

P: Ah tem que ser docente?

J: Tem que ser docente para você acessar um cargo de, na realidade na prefeitura não existe cargo de CP que é de Coordenador Pedagógico que é de diretor, o concurso mesmo é acesso não existe ingresso é acesso, quem já está na rede.

P: Quem já está.

J: Quem já está como professor tem que ter três anos na função no cargo de, não é função, porque a função é quando você exerce. Por exemplo, tem uma coordenadora, as duas coordenadoras alias que estão lá, elas são designadas, mas a coordenação já é diferente porque não depende da diretora escolher.

P: Eles fizeram prova para isso?

J: Não prova, foi conselho.

P: Ahh.

J: Conselho de escola. Foi determinado.

P: Entendi.

J: Abre para escola se tem essa vaga e a pessoa é designada ao cargo de, a função de, na realidade não é o cargo.

P: Cargo é professor?

J: Isso, mas ela recebe como se fosse coordenadora, claro, já o secretário e o assistente é cargo de confiança, o diretor que escolhe.

P: Entendi.

J: Pode ser de outra escola? Pode e até de outra escola acho que o CP pode, o coordenador, só que o coordenador ele é diferente primeiro abre para o pessoal da escola.

P: Interno.

J: Interno, então depois não tendo interesse aí abre o externo, mas o cargo de confiança que é o secretário e o assistente de diretor é o diretor que escolhe, independente se é interno ou externo e é a função de, exerce a função de, não tem carreira, por exemplo, concurso para AD, entendeu porque é um cargo de confiança.

P: Entendi. Então falando das outras disciplinas para você ver se lembra: Administração de Materiais.

J: Também não, essa parte de APM a gente não lida com essa parte de compra pelo menos eu não lido, talvez se eu fizesse parte da APM, essa compra de materiais talvez sim, nesta parte de APM porque não é um todo da escola é uma parte de. É uma parte da escola que participa da APM, então a verba, porque tem uma verba, na realidade tem várias verbas do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) se eu não me engano PTRF tem umas 3 ou 4 verbas, tem a verba de acessibilidade, PPDE, PTRF e APM e quem mexe com isso nesta parte de reforma, de dinheiro, verbas, quem mexe com verbas, aí sim contabilidade, administração de materiais, aí mexe.

P: Mas aí é a assistente de direção. É isso que você tinha falado?

J: Geralmente sim ou alguma professora, quem nem essa professora que está na presidência da APM.

P: Ah tá.

J: Então ela acaba mexendo, tem que se inteirar e não tem como, inclusive ela é a presidente ela tem que está por dentro então ela mexe com isso, talvez se eu pertencesse eu até mexeria, não sei, mais ah não dá! Nunca pertenceu, eu já tenho tanta coisa para fazer, imagina se pertencesse APM [risos] eu não ia fazer mais nada só cuidar da APM porque é muita coisa!

P: É, é muita coisa?

J: É, e na realidade quem faz a contabilidade, vou te dizer quem na verdade mexe com contabilidade não são elas, na realidade eles pagam a contabilidade, tem a contabilidade que faz, é uma empresa.

P: Entendi!

J: É terceirizado! Quem faz a contabilidade, e isso acho que em todas as escolas.

P: Ah entendi.

J: Não tem um setor, não são elas que vão mexer com cálculo, elas fazem, vamos dizer, mexem com o grosso, agora a parte mais delicada, mexer com os números essas coisas assim é tudo a parte de contabilidade que faz.

P: Ahh entendi. É uma empresa que faz isso.

J: É uma empresa.

P: Que não é a prefeitura?

J: Não, que inclusive eu que mandei até hoje um serviço da diretora, diretora porque ela que está substituindo a diretora que está de férias, mas hoje ela virou para mim, a assistente de direção virou e falou assim “escaneia todas essas coisas para mim e manda no e-mail da contabilidade” [risos]. Aí escanei todos os documentos mandei no corpo de e-mail, seguem documentos e mandei para o e-mail da contabilidade.

P: Ahh entendi.

J: Entendeu, elas fazem a parte de administração destes documentos, entendeu? Mas quem faz cálculos, é contabilidade, a empresa.

P: Ok. A outra é gestão democrática nos sistemas e na escola.

J: Gestão democrática, então a gente, não sei se é na nossa escola a gente fica muito a parte disso... Então eu não participo, são poucas pessoas, é como se fosse um grupo fechado, não que a gente não possa participar, a gente pode, mas tem eleição, para você poder participar de um conselho de classe ou participar da APM tem eleição.

P: E vocês precisam se candidatar?

J: Sim, se candidatar e sermos eleitos, por exemplo, eu preciso ser eleita para poder participar, uma vez eu até me candidatei, mas eu não fui por um voto, eu acho, eleita, e aí também não fico sofrendo, então porque até tenho muito serviço. E aí geralmente as reuniões de conselho, de APM eu não sei como está agora porque a supervisora andou dando um sermãozinho lá, mas era só de noite, eu saio 15h30 você acha que eu ia ficar até 18h30, 19h00 da noite ou ia para casa e voltava para ir para a reunião de conselho da escola? Eu não, [risos] eu não ia fazer isso, o meu horário é das 7h00 às 15h30 você chega em casa você não vai ter pique para ir em reunião, depois voltar da escola, aí eu acabava não fazendo, então assim, a parte de gestão democrática ela fica muito, eu acho que alguém do serviço em si da secretaria, agora um JEIF [Jornada Especial Integrada de Formação], uma formação... Os professores participam... Eu, inclusive, apesar de trabalhar na secretaria eu tinha muita vontade de até me preparar para um concurso de participar da JEIF, mas não dá, o meu serviço lá é complicado, só se eu viesse mais tarde, fizesse esse esquema de vir mais tarde, para participar de JEIF, porque no meu horário não dá para dar nenhuma fugidinha porque é horário de pico e eu não tenho tempo para sair da secretaria nem para assistir dez minutos de JEIF, então acaba ficando meio a desejar, né, porque eles falam, comentam muito sobre a gestão democrática,

isso é falado na escola, isso abrange praticamente a escola, é mais os professores porque os professores que participam da formação, mas é muito, na realidade é um tema muito forte.

P: técnicas de redação e arquivo, você lembra?

J: técnicas de redação e arquivo... Eu vou mais ou menos pelo título.

P: Ah não, mas tudo bem!

J: É como se fosse memorando ofício?

P: Acho que sim.

J: Deve ser, a gente faz, isso já tem a ver com o serviço porque as vezes tem que escrever um memorando, um ofício, até no corpo de um e-mail, tem que escrever, as vezes até surge duvidas, eu falo: “ahh como se escreve assim”, aí a pessoa vem, a gente vai aprendendo lá, é como se trocasse experiência, mais isso tem muito a ver a parte de redação eu acho muito importante, muito importante mesmo.

P: É vocês escrevem bastante, né?

J: Não muito, eu não. Quem mais faz memorando é a secretária, mas eu ainda acho que quem faz mais, quem escreve mais assim, de uma forma mais elaborada que tem que escrever mesmo de uma forma mais, até, mais elaborada né, é a diretora. As vezes ela escreve e tem que ser uma coisa mais, né, eu olho e falo “nossa” [risos] está bom o texto, né! Porque ela que está respondendo, quando ela responde às vezes, aí é bem elaborado, assim, mas quando é uma coisa simples, um memorando a gente, faz ofício.

P: Entendi. Ai as outras duas uma é trabalho escolar e teorias administrativas e a outra legislação escolar.

J: Trabalho escolar...

P: E teorias administrativas.

J: Olha, se essas teorias administrativas forem a respeito de Taylor, Fayol, eu não sei, não lembro.

P: Acho que tinha sim.

J: Se tinha eu acho que não sei, porque na realidade essas teorias administrativas, sempre que ouço teorias administrativas eu lembro de iniciativa privada, empresa, então como a gente está na área da educação, assim, claro que tem escolas, né, mas...

P: É bem diferente.

J: Mas é diferente o ritmo, né? O ritmo de trabalho é totalmente diferente porque na realidade prioriza meta da empresa privada então não que a escola particular não tenha metas, a meta da escola particular é o que? É querer que os alunos que se formarem nela passem em ótimos vestibulares, não sei, essa é a meta? Então é totalmente, na realidade não é uma produção, é uma produção de conhecimento, mas é uma forma já diferente, o alcance de metas deles, tem a parte financeira, mas para você conquistar a parte financeira na realidade você está vendendo seu conhecimento, né? Então não é um produto, é um serviço, mas eu acho que é uma forma diferente então, acho que essas teorias administrativas não têm muito, não sei, se fazem muito sentido para mim na secretaria, na escola, eu acho que, não é quantidade.

P: Eu dei uma lida no material faz pouco tempo, e aí o que vi, tenho a impressão que era assim, que eles mostravam as teorias administrativas e aí acho que depois falava um pouquinho como que era o trabalho da escola justamente por esse caminho mostrando que é diferente...

J: É não tem muito, na realidade a empresa é produção, envolve muita quantidade, economia de tempo, falam muito disse né, economia de materiais, economia de tempo aliado junto a

produtividade, bater meta, então é assim, a iniciativa privada é assim, esse foco, mas agora escola pública não ne é!

P: É verdade, bom eu acho que é isso, muito obrigada! Você tem mais alguma coisa que queira falar?

J: Não, espera que eu tenha ajudado.

P: Ajudou sim. Obrigada!

Apêndice H – Transcrição da segunda entrevista com a Mirtes (03 de maio de 2018)

P: Pesquisadora

M: Mirtes

P: Você tinha falado na outra entrevista que a gestão da escola é democrática, só que aí você falou que quando a outra diretora entrou ficou mais democrático ainda.

M: Ficou, realmente.

P: Porque você acha que mudou?

M: Eu achei que assim, além dela dar voz para as pessoas, ela escuta mais, ela aceita melhor as sugestões, ela está aberta ao diálogo, assim, hoje, faz 3 meses que ela assumiu, você vê que os canais de comunicação estão muito mais abertos, os comunicados são muito mais precisos, são mais detalhados, ela interage mais com as pessoas, ela dá mais ouvido. Como falei, existem mais canais, existem mais abertura de diálogo, existem mais possibilidades de você ser ouvido, então fica muito mais fácil.

P: Ela não decide as coisas sozinha?

M: Não, não, até a cor de tinta que você vai pintar, ela pergunta, gente X ou Y? Então é uma abertura muito grande.

P: Hum, bacana! Então o que é a gestão democrática? risos

M: Acho que gestão democrática é você abrir possibilidades, deixar as pessoas ouvirem, então acho que é assim, a gestão democrática é você abrir um leque para que as pessoas sejam escutadas, optar pelas melhores, porque assim, para a comunidade ter opções de... "ai meu DEUS" está difícil colocar para você, está difícil, espera, deixa eu realocar as minhas ideias...

P: É, pode pensar um pouquinho...

M: É fazer com que a comunidade seja ouvida, e as sugestões sejam analisadas para que dentro de um conjunto haja um trabalho para melhoria, porque assim, na verdade a escola é um patrimônio público e fazer com que tudo que aconteça na escola seja em benefício da comunidade, dos professores, dos funcionários, para que todo mundo se sinta acolhido na escola porque assim é um centro comunitário. Porque as pessoas precisam dar voz, escutar, negociar, perguntar, eu acho que assim, são meios de você melhorar, porque se você não escuta você está sempre naquela mesmice e você não vai melhorar se você não conhecer o outro lado, e acho que a gestão democrática é basicamente isso, a democracia de escutar, divulgar, aceitar críticas, porque crítica é construtiva também.

P: É verdade. E você pode contar um pouquinho como é seu trabalho na escola, como é um dia como a Maria na escola?

M: Meu dia, eu começo, meu horário das 14hs às 23hs, na verdade eu tomo conta de um corredor de crianças são nove salas, a tarde é o fundamental, a noite é regular do ensino médio e EJA. Na verdade, é mais organizacional, eu organizo, cuido das crianças, vejo os conflitos que têm em sala, levo para coordenação, eu organizo os professores, verifico as aulas vagas, brigo com os professores bastante, brigo porque são folgados, folgados assim, em termo porque gostam de enrolar. Eu participo bastante da vida da escola, eu faço os intervalos, conheço as crianças, você acaba conhecendo os pais, você conhece as histórias das crianças, na verdade você está lá como inspetor de aluno, mas você é amigo, é confiante, você é parceiro, você é pai, você é mãe, entendeu? Além de supervisionar todo trabalho, o corredor não funciona se você não tiver um professor para dar uma assistência, os alunos que ficam para lá e para cá, que gostam de passear, na verdade assim é toda essa área operacional que eu cuido, cuido dos intervalos. Eu prefiro, trabalhei um tempo na secretaria, mas prefiro mais lidar com gente.

P: E como era na secretaria?

M: Ah muito parado, muito assim, cuidava da vida do professor então era pagamento, faltas, babica, nota, essas coisas.

P: O que é babica?

M: Babica é um sistema que você coloca, ajuda o professor organizar as notas no final do bimestre, você faz fechamento, essas coisas todas, bem chatinho, então é um serviço muito burocrático, e você ficando preso, porque você não sai de lá para nada. E com as crianças não, você está sempre envolvida, você está sempre correndo, você está sempre ligando, você está sempre em movimento e lá na secretaria é sentada... Muito chato! Eu sou uma pessoa muito agitada, acho que basicamente é isso.

P: E tem alguma coisa no curso que você lembra que ajudou neste trabalho?

M: Ah teve bastante coisa, como gestão de pessoas, como documentação, tem coisa que eu não sabia, tem coisas que, normas, é mais a parte burocrática mesmo, direitos, deveres, o que fazer... É que assim, informática não foi muito a minha praia não, mesmo, fiz por fazer. Mas foi mais a parte de gestão mesmo, como lidar com o pessoal, o que são normas, para que que serve, a hierarquia, tem toda esta parte que eu lembro, mas já faz tempo que fiz esse curso.

P: Faz tempo mesmo, foi em 2014...

M: É 2014, são quatro anos já.

P: E o que você acha que podia ser melhorado no seu trabalho?

M: No meu trabalho? Além do salário, que lamento, é triste, é deprimente, assim eu acho que o agente organizacional, ele é visto como uma parte inferior de todo sistema, mas sendo que ele é a base, porque o agente, além de trabalhar na vida organizacional da escola, ele também cuida da vida profissional, entendeu? não estou falando assim, o agente ele é tanto o inspetor como o cara que trabalha na secretaria, então na verdade ele assim, ele é uma parte fundamental, e assim é muito pouco valorizado, não só pelo salário, mas pelas atribuições e não tem um respaldo, porque se você faz um trabalho bem feito ou não faz, porque como funcionário público as pessoas tipo assim, “ah sou funcionário público” “ ah está bom, se eu fizer trabalho meia boca”. Mas tem bons profissionais, tem profissionais que tão ali que dão o sangue, que lutam pelo bem-estar da unidade escolar. Não só, salário é principal porque é uma miséria que se paga, e é muito estresse, é uma situação muito estressante, tanto no corredor como na secretaria, porque as vezes o professor não entende porque ele não tem a licença dele, porque ele não aposentou ainda, só que assim é todo um trâmite, não depende só da unidade escolar, ai vai para a diretoria de ensino que volta, então é muita coisa e pouca valorização, é muita coisa mesmo.

P: Verdade. E porque você escolheu fazer este concurso?

M: Na verdade, eu vou falar para você porquê. Eu trabalhei durante 22 anos numa empresa de marketing, trabalhei, eu estava muito cansada, eu estava extremamente cansada, eu trabalhava muito de segunda a segunda, tinha poucas folgas com meu marido, eu ganhava três vezes mais do que ganho atualmente, mas em contrapartida, eu queria algo que fosse perto de casa, que eu tivesse um tempo disponível, ai resolvi fazer este concurso. Na verdade não tinha intenção nem de passar, eu fiz, ai nesse interim, eu sai do emprego, fui cuidar da minha vida, fiquei dois anos desempregada, dei um tempo na cabeça, ai me chamaram, ai fui lá ver, fiz todos os exames e tudo mais, passei, fui trabalhar, ai o que me satisfazia, realmente o que me dá, o que me seduziu mesmo, foi o tempo... Eu tenho tempo de trazer meu filho para o rúgbi, tenho tempo de mandar ele para escola, tenho tempo de conversar com a minha filha, porque antigamente eu não conversava, minha filha tem 19 anos, e eu não tinha tempo para essas coisas.

P: Você trabalhava muito, né?

M: Trabalhava muito. Trabalhava demais, então, assim, o salário não é compensador, mas eu tenho qualidade de vida, trabalho perto da escola, eu saio de casa faltando dez minutos para ir.

P: Ah que bom!

M: Antigamente eu gastava uma hora e meia para chegar no serviço, então eu trabalhava, eu ganhava bem, mas não tinha as compensações que eu tenho, aí eu tenho mais tempo para minha casa, tenho mais tempo para minha vida, tenho mais tempo para o meu marido, tenho mais tempo, realmente o que tenho para mim, é tempo.

P: Entendi.

M: Isso tempo é uma coisa...

P: Faz diferença...

M: Hoje para mim faz toda diferença.

P: Eu também demoro uma hora para chegar no trabalho...

M: Então, eu gastava uma hora e meia de carro, quando no dia de rodizio eu ia de ônibus eu demorava duas horas, duas horas e quinze minutos.

P: Nossa muito tempo!

M: Então.

P: E tem algum documento que diga o que é o trabalho na inspetoria e o que é o trabalho na secretaria?

M: Não.

P: Não tem?

M: Não tem.

P: Não? Risos

M: Risos. Não conheço, se tem não conheço...

P: E como que você acha que um trabalho de uma secretária ou de uma inspetora pode ser educativo?

M: Que o aluno na verdade ele tem o inspetor como seu líder, como seu... Não sei nem como te dizer, é uma referência, então a sua postura, tudo mais serve de exemplo, nós somos referência em comportamento, em educação, em como se tratar as pessoas, eu acho que tudo isso contribui para educar a criança. E as vezes tem muitas crianças, nós moramos numa região de baixa renda de carência realmente, né, e aí você vê que as vezes eles não tem assistência de pai, as vezes são criado por mãe, por vó, por tia, eles não tem referência de pai, e você acaba sendo a parte que educa, a parte que realmente eles têm como referência, como uma diretriz, então é muito importante que você tenha uma conduta, uma postura exemplar, que seja bom, que seja gentil, lógico que você vai dar os corretivos, corrigir a pessoa como tem que corrigir. Mas você vê, agora mesmo, muitas crianças daqui eu trabalhei com elas, e aí você encontra em qualquer lugar, "oh tia" é abraço, é beijo, por que? Porque eles têm aquele carinho e aquele respeito que você infringiu a eles, que você, não infringiu, mas que você cultivou neles. Isso é muito bom, é educacional, porque você é terapeuta, amigo, como falei, terapeuta, amigo, aquela coisa toda até aqueles que você pega muito no pé, quando você acaba: "Tia eu lembro de você, eu lembro mais de você do que a tia boazinha", acredito, porque eu não sou a tia boazinha, eu não sou, eu sou a tia que pega no pé.

P: E aí como que você acha que um curso de formação poderia contribuir para melhorar o trabalho, tanto na secretaria quanto na inspetoria?

M: Eu acho que assim, eu acho que o curso, antes de ser aberto um curso, eu acho que as pessoas deveriam ter vivência, porque assim foi feito um curso onde pessoas da área acadêmica acha que aquilo lá é bom, mas assim, em algum momento foi consultado quem vive realmente na área, para que que serve tal coisa, porque que vai tal coisa? O que nós podemos acrescentar? O que podemos tirar? Avaliar? Porque devemos colocar essa disciplina? Por que? Na verdade, foi feito o curso, tem muita coisa boa lógico, tem as normas, aquelas coisas todas, tem muita coisa boa, mas tem coisa que poderia ser subtraído ou acrescido, mas assim, para isso você precisa conhecer o cotidiano.

P: É verdade.

M: Porque assim, vamos lá, vou fazer um curso de informática, vou fazer um curso de TI, mas assim, ah eu vou colocar uma pessoa que seja professor de que? De língua portuguesa, não! Você tem que conhecer uma pessoa que trabalha na área, que saiba de softwares, não é verdade? Tem que conhecer primeiro, tem que consultar, para que serve? Olha o que vocês fazem? Como que é que se corrige? Como é que a coordenação trabalha com a equipe de agentes? Como que a diretora trabalha? O que precisa? O que não precisa? O que que faz falta? Qual assistência que vocês têm? Então na verdade assim, o curso faltou muito disso, porque é muito fácil você fazer a pílula ficar douradinha, só que realmente é o cotidiano? Não é só a parte burocrática, lógico a parte burocrática, mas também não tive muitas coisas de parte burocrática, entendeu? Eu também não tive muitas coisas, porque assim no cotidiano quando eu trabalhava na secretaria, tinha muitas coisas que eu vi que não tinha no curso. Tinha muita coisa que assim, por exemplo quando uma licença é negada, porque que é negada? O que que é feito depois, se essa licença for negada o que que o professor pode fazer, como que ele vai recorrer, entendeu? Então na verdade isso não tem, isso não tem no curso. Então essas lacunas que não são preenchidas, porque assim, quem planejou o curso não foi ver essas lacunas, entendeu?

P: Entendi. E aí as últimas disciplinas do curso eram disciplinas próprias para secretaria escolar, vou te falar quais são para você lembrar.

M: Vou tentar...

P: Risos. Olha teve contabilidade na escola, administração de materiais, gestão democrática no sistema e na escola, técnicas de redação e arquivo, trabalho escolar e teorias administrativas e legislação escolar. E aí eu queria que você falasse o que você achou dessas disciplinas, se você lembra de alguma coisa sobre elas...

M: Posso, licença só um pouquinho. (Para pegar a folha com a lista das disciplinas).

P: Ahh porque lembrar assim, né?

M: Contabilidade na escola na verdade eu passei passando, sabe? Administração de materiais até dei uma ênfase maior porque são coisas que você precisa, que quando chega, porque que chega, e a verba que foi usada nisso, então você acaba tendo um enfoque, apesar que não era uma área que eu mexia. Gestão democrática é o que te falei é o trabalho da equipe gestora com toda equipe isso aí foi bem legal, tanto é que... eu não sei falar para você com a pauta do curso!

P: Ah não, mas não precisa.

M: Mas me serviu muito, eu aprendi a lidar com as outras pessoas, não, que eu já trabalhava na área com pessoas então fica mais fácil. Técnicas de redação e arquivo é uma coisa que assim, vou falar para você, é tão obsoleta.

P: É?

M: Nossa, os arquivos aquele monte de pasta, aquele monte de negócio, tem escola que dependendo da idade dela, tem uma parte que é só de arquivo morto, que você vai para buscar um documento você tem que ir acessar os ratos. Trabalho escolar, legislação escolar,

é, foi o que falei, são as normas o que você tem que seguir e porque você tem que seguir, acho que assim, não agregou muita coisa não, mas ajudou.

P: Entendi. E aí uma última pergunta, você pode contar um pouquinho como foi sua vida profissional até chegar na escola. Onde você estudou? O que você trabalhou?

M: Vamos lá, eu fiz. Você quer de muito tempo? Porque eu sou uma pessoa velha! Risos.

P: Que velha imagina! [Risos] estou quase aí já, [risos].

M: Eu estudei em escola pública sempre, eu fiz um curso de contabilidade quando tinha vinte anos.

P: Ah então o curso de contabilidade foi fácil para você!

M: Eu fiz, fiz, [risos] foi fácil sim! Eu fiz contabilidade, depois fiz técnico em enfermagem, depois eu fiz Marketing faculdade, técnico de enfermagem foi curso técnico mesmo, aí não trabalhei na área, foi mais pra cuidar da minha mãe, aí eu trabalhava com vendas, aí eu fiz Marketing, aí na empresa mesmo eu passei de supervisora até gerente de Marketing, supervisionava uma equipe de vinte pessoas, trabalhei durante vinte anos na área.

P: Bastante!

M: Quase vinte e dois, aí tive uma estafa, um estresse, um colapso, aí eu sai, fiquei dois anos desempregada, e aí eu prestei este concurso sem muita ambição, acabei passando.

P: Faz quanto tempo que você está na escola?

M: Faz quatro anos e meio.

P: Sempre na mesma escola?

M: Não, a princípio quando eu passei fiquei seis meses em outra escola e pedi remoção para cá porque era perto de casa, aí faz 4 anos que eu estou aqui! E aí eu gosto bastante, não penso em sair, a não ser que seja para outra coisa, lógico eu estou sempre estudando, sempre fazendo alguma coisa, embora já esteja quase perto de aposentar.

P: Como assim tão nova? [risos]

M: Eu tenho vinte e três anos de empresa privada, mais quatro de empresa pública.

P: Ahh.

M: Estou velha já! [risos]

P: Não, é que você começou a trabalhar cedo.

M: Nova né, então e assim não vou me aposentar agora. Com as novas normas da aposentadoria eu não vou me aposentar agora.

P: É verdade.

M: Mas assim se fossem em tempos normais eu já estaria em vias de, mas assim eu gosto, estou sempre fazendo algum curso, agora mesmo, tranquei matemática, mas no próximo semestre quero voltar, justamente por causa disso, eu acho que sou uma pessoa muito inquieta, mesmo que eu me aposente eu quero estar fazendo alguma coisa.

P: É bom né?

M: Quero estar adquirindo conhecimento, porque assim o cérebro envelhece e eu quero o meu novinho! e aí estou sempre fazendo alguma coisa, sempre fazendo alguma coisa, se eu não fizer, quero fazer outra faculdade, quero...

P: Mas você pretende trabalhar na área de matemática?

M: Não, é mais para...

P: Conhecimento?

M: É satisfação mesmo, porque eu penso ainda em fazer um curso de gastronomia, então são coisas que me dão prazer, matemática é mais para conhecer porque tenho muita dificuldade, acho que você tem que testar seu cérebro em que você tem dificuldade, eu sou muita boa em língua portuguesa, essas coisas de humanas, mas em exatas eu sou uma negação, uma negação mesmo, sou horrível, e aí eu quero testar meu limite, ver se eu posso e quem sabe mais pra frente fazer um curso de gastronomia porque realmente eu gosto de cozinhar.

P: Que bacana!

M: Eu gosto, adoro, e é isso basicamente é isso, é um resumo básico, e eu gosto do que faço, gosto das crianças, gosto de lidar com o público, embora o salário seja uma porcaria, eu gosto muito deste convívio, lidar com pessoas é muito bom.

P: Eu gosto também!

M: Sabe são experiências e você mantém esse entusiasmo pelas pessoas, eu acho que assim, manter o entusiasmo, acreditar que as pessoas podem melhorar, que tudo pode melhorar e você constatar isso na vida é muito bom, porque assim eu tenho casos de aluno que eram terríveis e hoje em dia são pessoas maravilhosas, então é acreditar no humano, eu acho que é assim, você tem que acreditar, acreditar sempre!!

P: Muito bem, muito obrigada!

M: Imagina se precisar é só falar!

Apêndice I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Programa de Estudos de Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, portador/a do RG _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de pós-graduação stricto sensu intitulada “*Significações de funcionários da educação sobre as implicações da formação através do programa Profuncionário*”, desenvolvida pela discente Ana Paula Barbosa do Curso de Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estou ciente de que o trabalho é orientado pela Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar, a quem poderei contatar, se julgar necessário, através do telefone (11) 3670-8527 – Programa de Estudos de Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP.

Afirmo que aceitei participar por minha vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com o único objetivo de colaborar com a pesquisa. Fui informado/a do objetivo estritamente acadêmico do estudo, que é compreender se, e como a formação no curso técnico de Secretaria Escolar do programa Profuncionário, impactou a vida profissional e pessoal de funcionários da educação da escola básica pública, formados em uma turma ingressante de 2014, a qual fiz parte.

Estou ciente, também, que posso interromper a realização da entrevista caso não me sinta confortável em algum momento, sem que pese nenhuma restrição ou penalidade. Caso haja algum desconforto durante a entrevista a pesquisadora se compromete a me auxiliar e contatar o serviço apropriado, caso seja necessário.

Minha colaboração será anônima, minha privacidade estará preservada em qualquer divulgação da pesquisa. Os resultados desta pesquisa serão divulgados em congressos e revistas científicas, em mídia impressa (artigos, livro e/ou jornal). Autorizo a gravação e transcrição da entrevista com o fim especial do estudo em apreço. Terei também acesso às transcrições e gravações dos encontros.

Fui também esclarecido/a de que o uso das informações que ofereci está subordinado às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Caso tenha dúvida ou me sinta prejudicado/a, poderei contatar a pesquisadora através do telefone: (11) 97271-8007 e sua orientadora ou, ainda, o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP.

Este termo é composto de duas vias de igual conteúdo, sendo a primeira para arquivamento pelo pesquisador e a segunda para o entrevistado, conforme recomendações da CONEP. Fui avisado/a que posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

(local e data)

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Assinatura da orientadora: _____

Rua Ministro Godoy, 969, 4º andar - Sala 4E-07, CEP 05015-901 Perdizes, São Paulo/SP

E-mail: pedpos@pucsp.br